

Dani Atkins
Uma curva
no tempo



E se a vida lhe desse uma segunda chance?



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Uma curva
no tempo



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Dani Atkins
Uma curva
no tempo



Título original: *Fractured*

Copyright © 2009 por Dani Atkins
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Milena Vargas e Taís Monteiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: cabinlondon.co.uk

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão e Natali Nabekura

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A89u

Atkins, Dani

Uma curva no tempo [recurso eletrônico] / Dani Atkins [tradução de Raquel Zampil]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Fractured*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-414-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título.

15-21550

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Ralph. Para sempre.

E, é claro, para Luke, porque sim.

*E, principalmente, para Kimberley,
que contribuiu para que isso acontecesse.*

Minha primeira vida terminou às 22h37 de uma noite chuvosa de dezembro, em uma rua deserta ao lado da velha igreja.

Minha segunda vida começou umas dez horas depois, quando acordei sob o brilho ofuscante das luzes do hospital, com um grande ferimento na cabeça e uma existência da qual eu não tinha absolutamente nenhuma lembrança. Estava cercada pela família e por amigos, o que deveria ter tornado as coisas melhores. Mas isso não aconteceu, pois um deles estava morto havia um tempo considerável.



Eu quis escrever tudo o que havia acontecido para ver se, ao colocar as coisas no papel, elas fariam algum sentido. Ou talvez eu só precisasse provar a todos, até a mim mesma, que não estava enlouquecendo. Por muito tempo, achei que esta história deveria começar com o que me aconteceu na igreja, quando minha vida literalmente sofreu uma ruptura, mas agora percebo que, para compreender tudo, tenho de voltar a muito antes desse dia. Pois tudo começou de fato cinco anos mais cedo, na noite do jantar de despedida.

CAPÍTULO 1

Setembro de 2008

Muito depois de os gritos cessarem, quando o único som que se ouvia era o choro baixo dos meus amigos à espera da ambulância, eu me dei conta de que ainda apertava a moedinha da sorte na palma da mão. Meus dedos se recusavam a soltar o pequeno talismã de cobre, como se com a simples força de vontade eu pudesse voltar no tempo e apagar a tragédia à minha volta.

Fazia mesmo apenas meia hora que Jimmy apanhara a reluzente moeda do chão do estacionamento do restaurante?

– Para dar sorte – dissera ele com um sorriso, atirando a moeda no ar e agarrando-a habilmente com uma das mãos.

Retribuí seu sorriso e então vi o brilho de irritação atravessar depressa seus olhos de um azul pálido quando Matt brincou:

– Jimmy, meu amigo, você devia ter falado que estava sem dinheiro. Não precisava sair por aí rastejando à procura de moedinhas!

Então Matt rira e passara o braço pelo meu ombro, puxando-me para junto de si. Pensei que a expressão sombria no rosto de Jimmy fosse apenas uma reação natural ao comentário desnecessário de Matt, que realçava a diferença de origem dos dois. E talvez em parte fosse isso mesmo. Mas não só. Havia mais... embora eu ainda fosse levar muito tempo para entender.

Era uma tarde quente de setembro e nós três estávamos parados à luz do sol poente, aguardando o restante do grupo. Jimmy já estava no estacionamento quando Matt e eu chegamos de carro. Matt tinha se exibido um pouco circulando por ali, à procura da vaga certa para estacionar sua mais nova aquisição. Acho que ele ainda estava naquela estranha lua de mel por que passam os garotos quando estão apaixonados por seus carros. Eu só torcia para que ele tivesse o bom senso de não se exhibir demais diante do grupo.

O carro novo era reluzente, esportivo e caro. Isso é tudo o que sei sobre carros. Os pais dele tinham lhe dado o automóvel depois que o resultado das provas chegara. Isso já dizia o suficiente sobre a família de Matt para explicar por que comentários sobre dinheiro às vezes atingiam um ponto sensível no restante de nós. Matt quase sempre era um cara legal e não ostentava demais. Às vezes, porém, um comentário impensado escapava e acendia uma faísca. Eu esperava de verdade que ele não dissesse nada para arruinar aquela que provavelmente

seria uma das últimas noites que passaríamos todos juntos em um bom tempo.

– Você foi trabalhar hoje, Jimmy? – perguntei, sabendo muito bem que ele tinha ido, ansiosa para trazer as coisas de volta a um terreno neutro.

Jimmy se virou e me abriu um sorriso que eu juro que não havia mudado nada desde que ele tinha 4 anos.

– Fui. Esta é minha última semana ajudando meu tio. Depois disso, devolvo feliz o carrinho de mão e o ancinho. O mundo da jardinagem e eu estamos prestes a nos separar.

– Mas olhe pelo lado bom: você está com um bronzeado perfeito este verão. Coisa que não teria se ficasse arrumando prateleiras no supermercado.

E era verdade. A pele clara de Jimmy tinha um tom moreno dourado e seus braços definitivamente estavam mais musculosos e definidos graças aos meses de trabalho ao ar livre. É claro, Matt e eu também exibíamos um bronzeado respeitável depois de nossas férias na França, na casa de campo dos pais dele. Esse também fora um presente de formatura – nesse caso, para nós dois.

Na verdade, meu pai havia implicado com isso. Claro, ele gostava de Matt, uma presença frequente em nossa casa; afinal, estávamos namorando fazia quase *dois* anos. Mas ainda assim não fora fácil ele me deixar viajar por quinze dias com a família de Matt. Parte do problema tinha sido dinheiro, porque, claro, os pais de Matt haviam se recusado a aceitar qualquer contribuição para a viagem. A outra parte... a maior... fora a questão pai/filha/namorado. Acho que isso é universal entre os pais, mas parecia ainda mais sério para nós, sem uma mãe por perto para facilitar. Por fim, Matt e eu conseguimos convencê-lo; explicamos às claras como seria tudo, que os quartos seriam separados e que ficaríamos com os pais de Matt o tempo todo. Em resumo, havíamos simplesmente mentido.

Isso me fez pensar, e não pela primeira vez, como papai lidaria com minha ida para a universidade no fim do mês. Senti a testa começar a franzir e, com determinação, afastei o pensamento. Eu passara a maior parte do verão debatendo essa ideia e *não* iria arruinar a última noite que eu e meus amigos teríamos juntos me preocupando com coisas que eu não podia mudar.

Por sorte, nesse exato momento, dois carros, ambos consideravelmente mais antigos que o de Matt, porém não menos apreciados por seus donos, entraram no estacionamento. A porta traseira do pequeno automóvel azul, mais próximo de onde estávamos, se abriu e Sarah correu em nossa direção com os saltos muito altos fazendo barulho. Ela cambaleou de forma alarmante sobre a superfície irregular antes de me envolver em um abraço apertado.

– Rachel, minha linda, como você está?

Retribuí o abraço, por um momento me sentindo sufocada ao perceber que em breve só a veria nas férias da universidade, e não mais todos os dias, como havia acontecido durante os nossos últimos anos escolares. Depois de Jimmy, ela era minha amiga mais antiga. E, por mais íntimos que Jimmy e eu fôssemos, desde sempre, alguns assuntos eram reservados apenas às amigas.

– Desculpem o nosso atraso – disse Sarah.

Dei um sorriso irônico. Sarah estava *sempre* atrasada. Para uma garota tão naturalmente bonita como ela, Sarah precisava de uma quantidade incrível de tempo se arrumando para sair, com várias trocas de roupa e penteado antes que fosse persuadida a se afastar do espelho. E ela nunca parecia satisfeita com o efeito final, o que era ridículo, pois, com seu rosto em formato de coração, os sedosos cachos castanhos e a estrutura miúda, estava sempre perfeita e linda.

– Estão esperando há muito tempo? – perguntou, passando o braço pelo meu e me afastando de Matt para atravessar com ela o estacionamento em direção à entrada do restaurante.

Sua intenção devia ser garantir sua travessia do calçamento irregular inteira com aqueles saltos agulha, embora também pudesse ser não ver a reação instintiva de Trevor e Phil a Cathy, que descia do carro ao lado deles.

– Só o suficiente para Matt irritar Jimmy – respondi em voz baixa para que apenas ela ouvisse.

Sarah sorriu, compreendendo.

– Ah, então não esperaram nada!

A essa altura já havíamos alcançado a entrada nos fundos do restaurante e paramos para esperar enquanto os garotos em nosso grupo de amigos (Matt inclusive) tentavam fingir que não estavam notando o decote convidativo de Cathy. Com jeans colante e sandálias de salto alto – com as quais, para desgosto de Sarah, ela parecia não ter nenhuma dificuldade de andar –, Cathy parecia, em cada detalhe, pronta para uma sessão de fotos. Os longos cabelos louros caíam sobre seus ombros e tudo nela parecia combinado com tanta perfeição que imediatamente tive a sensação de que me vestira no escuro com o que sobrara de um bazar de caridade.

Cathy era mais ou menos nova em nosso círculo de amigos. Antes de sua chegada, o grupo era uma compacta unidade formada por Sarah, eu e os quatro garotos. Suponho que a relação menino-menina estivesse um pouco desequilibrada, mas éramos amigos havia tanto tempo que isso não chegava a ser um problema. Dito isso, a inclusão de Cathy no grupo fora muitíssimo bem recebida por quase todos os rapazes, por razões óbvias. E, deixando a aparência de lado, Cathy era uma companhia bem divertida. Sua família se mudara para Great Bishopsford, vinda de uma cidade muito maior, e ela era muito mais sofisticada e antenada que o restante de nós. Além disso, era aberta e simpática, com um senso de humor malicioso e, quando não estava flertando descaradamente com toda criatura do sexo masculino em um raio de 10 quilômetros, eu gostava dela de verdade.

Sarah, porém, tinha suas reservas e, em mais de uma ocasião, quando Cathy a havia exasperado ou pisado em seus calos, eu a ouvira murmurar em tom sombrio:

– Última a entrar, primeira a sair.

Quando Jimmy atravessou o estacionamento devagar e se juntou a nós, Sarah se afastou um

passo e começou a olhar o cardápio exibido em uma vitrine ao lado da porta. Os outros tinham ido admirar o carro de Matt, ou os peitos de Cathy, pensei, irritada, enquanto a observava se abaixar, supostamente para examinar as rodas de liga leve. Como se ela se interessasse por rodas!

– Você é muito mais bonita que ela – sussurrou Jimmy em meu ouvido, como se soubesse o que passava em minha mente.

– Sou tão fácil assim de interpretar? – perguntei, sorrindo para ele.

Ele retribuiu com o sorriso que eu conhecia tão bem, aquele que lhe franzia o canto dos olhos e iluminava todo o seu rosto.

– Como um livro – confirmou –, mas um livro bom.

– Uma brochura velha e desgastada, você quer dizer, e não uma revista de papel acetinado.

Ele acompanhou meu olhar e entendeu minha analogia enquanto olhávamos para onde Cathy se encontrava: parada ao lado de Matt, ouvindo-o, extasiada, enaltecer algum aspecto do carro.

– Você não tem com que se preocupar – assegurou-me Jimmy, dando um breve e amigável aperto no meu ombro. – Matt seria louco de olhar para ela quando tem você.

– Hum... – foi tudo o que consegui dizer em resposta, e fiquei surpresa ao sentir que o ardor de suas palavras havia provocado em mim um leve rubor. Virei-me depressa para que ele não visse.

Observando meu reflexo na vidraça do restaurante, não achei que meu velho amigo estivesse sendo cem por cento honesto. Ou, se estava, então ele deveria pensar seriamente em fazer um exame de vista. O que vi no vidro jamais despertaria nos homens o tipo de reação que Cathy provocava. Cabelos escuros longos, muito lisos, olhos grandes, que mal enxergavam sem as lentes de contato, e lábios um pouco grandes demais. Era um rosto agradável, sim, mas não estonteante, e eu era honesta o suficiente para saber que nunca pararia o trânsito. Para dizer a verdade, isso jamais me preocupara, mas, desde que eu tinha começado a namorar Matt, que, não se podia negar, era maravilhoso, eu parecia mais consciente do que nunca de algumas das imperfeições com que a Mãe Natureza havia me servido.

– E lembre-se: para mim você vai ser sempre a garota sardenta de dentes separados e orelhas de abano.

– Ei, eu tinha 10 anos quando era assim – protestei. – Agradeço a Deus pela ortodontia. Você precisa mesmo lembrar cada detalhe horrível da minha infância *geek*?

– Não consigo evitar – replicou Jimmy estranhamente.

E eu teria investigado seu comentário esquisito se naquele exato momento os outros não tivessem se juntado a nós.

– Vamos então – chamou Matt, segurando minha mão com firmeza. – Vamos antes que liberem a reserva da nossa mesa.

Passamos todos juntos pelas amplas portas duplas, os braços dados ou descansando

casualmente em um ombro vizinho, sem nem sequer imaginar que na meia hora seguinte nossas vidas se transformariam para sempre.

Fomos conduzidos à mesa, que ficava na parte da frente do restaurante, ao lado de uma grande janela de vidro, de onde tínhamos uma excelente vista da rua principal e da igreja empoleirada no topo da colina ali perto. Enquanto abríamos caminho entre as outras mesas, pude ver que Cathy atraía vários olhares de admiração dos clientes do sexo masculino e tive certeza de que Matt tampouco passava despercebido entre as mulheres. Tentei abafar aquela vozinha preocupada que havia vários meses vinha sussurrando em meu ouvido.

Matt era muito atraente; ele chamava naturalmente a atenção de outras garotas e, ainda que parte de mim saboreasse o fato de que era ao *meu* lado que ele estava, era a *minha* mão que segurava enquanto ziguezagueávamos entre as mesas muito próximas, havia um temor tácito que, mais cedo ou mais tarde, eu teria de enfrentar: o que aconteceria quando estivéssemos distantes e ele se visse diante das inevitáveis tentações? Seríamos um dos casais que sobreviviam à separação da universidade ou estávamos destinados a nos tornar vítimas da maldição do namoro a distância?

Fiquei feliz por essa linha de raciocínio ter sido interrompida pelo suave sotaque do garçom italiano, indicando que havíamos chegado à mesa que reserváramos. Carentes de espaço no restaurante lotado, eles haviam juntado duas mesas para acomodar nosso grupo, o que resultava em um corredor estreito ao lado de uma coluna de concreto, pela qual se tinha de passar a fim de alcançar a cadeira perto da janela.

Lamentei que Sarah não tivesse chegado ali primeiro, já que ela era muito menor que eu, mas consegui passar pelo pequeno espaço sem o constrangimento de ficar entalada. Matt sentou-se na cadeira ao lado da minha, e todos os outros escolheram um lugar e se acomodaram. Jimmy sentou-se na cadeira à janela, de frente para mim, com Sarah apossando-se da cadeira à direita dele. Eu me recusei a olhar a indigna disputa de quem iria se sentar ao lado de Cathy, que estava do outro lado de Matt. De qualquer forma, creio que a *pole position* era a cadeira diante dela, com a vista privilegiada do decote. Com discrição, por baixo da toalha da mesa, puxei minha camiseta, baixando o decote em uns 2 ou 3 centímetros, então corei como uma idiota ao ver os lábios de Jimmy tremendo ao perceber o que eu fizera.

– O que é tão engraçado, Jimmy? – perguntou Matt, e, de repente, por uma horrível coincidência, a mesa inteira ficou em silêncio para ouvir a resposta.

Eu sabia que meus olhos estavam enviando mensagens telegráficas frenéticas para que ele não dissesse nada, mas não precisava ter me preocupado. Jimmy pegou o cardápio com toda a calma e deu de ombros de um jeito casual.

– Nada, só me lembrei de uma coisa que meu tio disse mais cedo.

Enquanto todos seguiam a deixa de Jimmy e começavam a estudar os cardápios, olhei para ele e falei “obrigada”, mas sem emitir som. O sorriso que ele me devolveu era tão cheio de amizade e de um afeto caloroso que, por uma estranha razão, meu estômago se contraiu. Confusa, cortei o contato visual e fingi estar muito interessada na disputa entre lasanha e

canelone.

O braço de Matt envolveu minha cintura, puxando-me para si enquanto escolhíamos os pratos, e, quando tornei a olhar para Jimmy alguns minutos depois, ele estava concentrado em uma conversa com Sarah. Embora ele tenha captado meu olhar e me dirigido um breve sorriso, meu estômago continuou quietinho exatamente como deveria ficar.

Era impossível ignorar a nostalgia em torno da mesa, e a atmosfera de separação iminente era quase tão evidente quanto o aroma de tomate e alho que flutuava à nossa volta. Embora ainda faltassem algumas semanas até minha ida para a universidade em Brighton, Trevor e Phil partiriam depois do fim de semana, e Sarah apenas alguns dias mais tarde. Por alguma razão, eu não conseguia imaginar o restante do grupo – Cathy, Jimmy, Matt e eu – se reunindo nas semanas restantes.

A intensidade dessa súbita relutância em partir me surpreendia. Não que eu não quisesse ir para a universidade. É claro que queria. Eu me esforçara muito para conseguir as notas de que precisava para o curso de jornalismo. Só que parecia que, naquela noite, pela primeira vez estava caindo a ficha de que esse era mesmo o fim de um capítulo muito importante na minha vida.

E naquele momento eu não conseguia me concentrar nos novos começos, porque só pensava que estaria deixando para trás meu namorado e meus dois melhores amigos. Sentindo-me ridícula, percebi que meus olhos começavam a lacrimejar, e rapidamente olhei para fora, preferindo o brilho deslumbrante dos raios do sol se pondo à reação em torno da mesa se soubessem que eu estava chorando.

– Tudo bem com você? – perguntou Jimmy, inclinando-se para a frente de modo que só eu pudesse ouvi-lo.

Matt estava pedindo as bebidas, então me senti segura para responder baixinho:

– Ah, só estou um pouco emotiva, eu acho. As mudanças que estão prestes a acontecer, as despedidas, essas coisas...

Minha voz falhou e fiquei à espera de algum tipo de gozação, mas, em vez disso, fui pega de surpresa quando ele estendeu a mão sobre a mesa e segurou meus dedos, que mexiam inquietos nos talheres.

Seu toque parecia estranhamente diferente; não o contato com que eu estava familiarizada desde a pré-escola. Talvez fosse apenas a textura áspera de sua pele em consequência do verão cuidando de jardins... ou seria a maneira como minha mão parecia tão pequena, envolta pela dele com firmeza?

Mais do que vi, senti a lenta percepção de Matt do gesto de Jimmy, mas, em vez de tirar a mão depressa, ele apertou a minha uma última vez e depois recolheu a sua devagar. Em uma resposta instintiva, Matt aproximou mais seu corpo do meu, exigindo minha atenção e reivindicando seu território. Só após um instante ou dois percebi que, ao retirar a mão, Jimmy de alguma forma havia transferido para a minha a moedinha da sorte que ele pegara do lado de fora do restaurante.

Apertei a moeda com força na palma, impregnando o pequeno disco de cobre com mais significado do que ele talvez merecesse. Era típico de Jimmy dividir comigo até mesmo a possibilidade de boa sorte. Havíamos, afinal, partilhado tanta coisa durante tantos anos... Ele era mais um irmão que um amigo: na verdade, ao pensar nisso, percebi que toda a família dele era mais próxima a mim que muitos de meus próprios parentes.

A mãe de Jimmy e a minha haviam sido grandes amigas desde muito antes de nós dois nascermos, e, com a morte repentina de minha mãe quando eu mal começara a andar, a família de Jimmy acolhera a mim e papai em suas vidas e seus corações. Percebi com um choque que meu pai não era a única família que eu estaria deixando para trás ao partir; seria quase tão difícil dizer adeus aos pais de Jimmy e a seu irmão mais novo.

Quando as duas garrafas de vinho que Matt pediu foram servidas, todos pegaram uma taça para fazer um brinde.

- À partida...
- Ao sucesso na universidade...!
- A nossas novas vidas...
- ... e aos velhos amigos...

O último brinde foi repetido por todos à mesa, conforme as taças tilintavam, capturando um prisma brilhante da luz do sol de fim de tarde.

Enquanto os outros faziam piadas e brincavam alegremente, corri os olhos pela mesa por um instante, tentando registrar em minha mente uma fotografia do momento. Sabia que estávamos todos destinados a fazer novos amigos na universidade, mas naquele exato momento era difícil acreditar que os novos laços que formaríamos poderiam um dia ser mais fortes que aqueles tecidos entre nós sete.

À medida que meus olhos pousavam em cada amigo, uma lembrança ou emoção surgia em resposta. Tantas que era quase impossível separá-las, mas cada recordação era mais um tijolo na parede de nossa amizade, que eu tinha de acreditar que permaneceria sólida, não importava onde estivéssemos.

Quando olhei para Sarah, tive que reprimir um sorriso. Estranhamente, eu já sentia ciúmes dos novos amigos que ela fazia no curso de artes. Sarah era louca, leal, engraçada e muito carinhosa, e sua amizade era um de meus bens mais preciosos. Quem quer que fossem, esses novos amigos não sabiam a sorte que tinham.

E então foi a vez de Jimmy. Eu passara uma parte tão grande do verão preocupada com como seria ficar separada de Matt que, sempre que o pensamento de também dizer adeus a Jimmy se intrometia, eu logo o empurrava para o fundo da mente. Sei que isso soa estranho, mas pensar em não ver meu velho amigo com regularidade era algo tão imenso e tão difícil de absorver que eu não podia sequer me permitir contemplar essa possibilidade.

Percebi com certa decepção que não me encontrava nem perto de estar preparada como deveria para me separar de nenhum deles.

Enquanto esperávamos a comida, eu olhava de vez em quando pela janela ao meu lado,

vendo a igreja mais adiante. O sol começara sua descida vagarosa e o céu encontrava-se banhado em tons diluídos de vermelho e dourado, transformando a rua principal, em geral monótona, em um mágico caleidoscópio. Notei que havia poucos pedestres, mas as fileiras de carros estacionados de ambos os lados da rua indicavam que os pubs e restaurantes fariam bons negócios naquela noite. De algum lugar ao longe, podia-se ouvir o característico uivo de uma sirene.

– Rachel, você está ouvindo?

Com um sobressalto, desviei a atenção da cena lá fora e percebi que Jimmy falara alguma coisa.

– Desculpe, eu estava a quilômetros de distância... o que você disse?

Seus olhos cintilaram por um segundo na direção de Matt, que naquele momento conversava com Cathy. Jimmy não pareceu à vontade em ter de repetir o que quer que fosse que eu não tinha ouvido.

– Perguntei se você pode ir lá em casa amanhã à tarde, se não estiver muito ocupada...

O pedido hesitante não era típico dele, e fiquei confusa por um momento, tanto pelo seu tom de voz quanto pela formalidade do convite. Jimmy e eu em geral apenas aparecíamos na casa um do outro sem avisar; convites eram desnecessários.

– Claro, posso sim. Pretendia mesmo ir até lá ver de novo sua mãe e seu pai antes de partir.

– Na verdade, eles não vão estar em casa amanhã. – Mais uma vez aquele tom hesitante. – Ninguém vai estar lá, só eu. Eu... hã... eu só queria dar uma palavrinha com você em paz. Tudo bem?

Seria o reflexo da luz vermelha do sol ou ele estava mesmo corando?

Jimmy parecia ansioso em obter minha resposta antes que Matt se voltasse para nós, então o tranquilizei:

– Sim, tudo bem. Apareço lá por volta das duas, então?

Ele assentiu e suspirou, como se acabasse de concluir uma tarefa temida, o que só serviu para aumentar ainda mais minha curiosidade. Deduzi que teria de esperar até o dia seguinte para descobrir o que ele tinha em mente.

Os garçons tinham acabado de chegar com os pratos e começaram a servi-los. Endireitando-se em sua cadeira, Matt tirou o braço direito de onde estivera descansando em minha cintura, parando para dar um beijo inesperado em meus lábios antes de se afastar.

– Por favooooor... as pessoas estão tentando comer aqui! – gemeu Sarah, fingindo repulsa.

Sorri para Matt e mantive o rosto imóvel enquanto ele prendia um fio de cabelo rebelde atrás da minha orelha. Foi um gesto tranquilo e casual; mais tarde, porém, eu me perguntaria o que teria acontecido com todos nós se ele não tivesse se virado para mim e visto o carro.

– Caramba...! – gritou.

Girei o corpo para acompanhar seu olhar, a boca abrindo, perplexa, ao ver um carro vermelho pequeno, com as quatro rodas fora do asfalto, surgir no campo de visão acima da

crista do morro. Momentos depois um segundo carro apareceu, seguindo quase tão depressa e de forma apenas um pouco menos imprudente; suas luzes azuis piscavam e a sirene destoante acabava com a paz da noite de verão. Com horror, vi uma pequena van emergir de uma rua lateral e ter de pisar fundo no freio, cantando pneu, para evitar perder a maior parte de sua capota quando o carro vermelho passou zunindo, não a atingindo por questão de centímetros. O carro colidiu com a lateral de vários veículos estacionados, metal raspando em metal e envolvendo o carro da polícia que o perseguia em uma nuvem de faíscas vermelhas.

Foi o grito estridente de borracha provocado pelos freios da van que chamou a atenção do restante do grupo, mas Matt estava bem à frente de todos nós na avaliação do perigo iminente. O carro vermelho ainda se encontrava relativamente no alto do morro, mas, na velocidade em que estava, essa distância era engolida a cada segundo. Quando a viatura da polícia começou a diminuir o espaço entre os veículos, o carro vermelho deu uma guinada brusca, atravessando a rua, o motorista lutando para evitar a fileira de carros estacionados. Matt levantou-se de um salto.

– Ele perdeu o controle! Aquele carro vai bater! Saiam da janela! AGORA!

Pela primeira vez nós todos parecemos notar a vulnerabilidade de nossa posição, sentados ao lado de uma imensa janela na frente do restaurante. Separados da rua por apenas uma calçada estreita e baixa, na esquina de uma curva muito fechada no pé da colina, a inevitabilidade do perigo de repente pareceu óbvia.

Senti o aperto de Matt no meu ombro quando ele ficou de pé, gritando o aviso. O pânico começou a se espalhar à medida que as pessoas à nossa volta também começaram a gritar. Percebi, um tanto alheia, o garçom derrubar dois dos nossos pratos no chão antes de se afastar da mesa às pressas.

Puxa, que sujeira horrível, me peguei pensando estupidamente.

Não que eu não pudesse ver o que estava acontecendo, ou que não houvesse compreendido o grito de advertência do meu namorado. Só que tudo havia repentina e estranhamente passado a acontecer em câmera lenta. Parecia não haver nenhuma pressa; tínhamos tempo suficiente para nos afastar da mesa. Nenhuma necessidade de derrubar dois pratos perfeitos de comida.

À minha volta estabeleceu-se uma confusão. Jimmy e Sarah se levantaram e notei que corriam para onde Phil se encontrava de pé, berrando para que o restante de nós se mexesse. A mão de Matt permanecia cravada em meu ombro enquanto eu o sentia quase me arrastar da cadeira. Com a outra mão, vi que ele começava a puxar Cathy, que estava de pé ao lado dele, para longe da mesa.

O caos de cadeiras viradas e taças de vinho derrubadas só deve ter levado um ou dois segundos, mas nesse tempo fiz algo idiota: virei-me para olhar pela janela o carro se aproximando. Ainda em grande velocidade, com o motor rugindo como uma alma penada, o veículo vinha erratically pela linha central da rua, seguindo direto para a curva – e a frente do restaurante – sem dar nenhum sinal de que ia desacelerar.

E foi naquele momento estúpido, quando parei para verificar a aproximação do carro, que

Matt soltou meu ombro. Ao virar meu rosto horrorizado para o lado oposto à janela, vi que ele e Cathy já estavam distantes. Cambaleei adiante para segui-los, mas, de alguma forma, quando ele passou, sua cadeira foi derrubada, e agora se encontrava firmemente presa de encontro à coluna ao meu lado. Minha saída estava bloqueada.

Empurrei freneticamente o obstáculo de madeira caído, conseguindo apenas fixá-lo ainda mais entre a borda da mesa e a coluna.

– Rachel! – berrou Sarah. – Saia do caminho!

Arquejando de terror, percebi que de onde estavam eles deviam conseguir ver o carro vindo direto para a janela, ao lado da qual eu agora estava encurralada. Empurrei e chutei a cadeira com cada grama de força, medo e adrenalina que corria em meu corpo, até que os ruídos dentro do restaurante diminuíram e tudo o que eu podia ouvir era o rugido do sangue em meus ouvidos.

Em desespero, olhei para Matt e o vi começar a voltar em minha direção. Então, inacreditavelmente, Cathy o segurou pelo braço.

– Não, Matt, não! Não dá tempo! Você vai morrer.

Eu ouvi *aquilo* muito bem e, loucamente, parte do meu cérebro – a parte que não estava ocupada tentando não permitir que eu fosse morta – teve até tempo de absorver o que eu havia acabado de ver Cathy fazer. Se ela achava que eu ia deixar aquilo passar, estava muito enganada.

Mas então outro barulho veio da rua atrás de mim, quando enfim, pela primeira vez, o carro começou a usar os freios. Ainda forçando inutilmente a cadeira caída, olhei para trás pela última vez. Sim, o carro estava freando, mas já era tarde.

A imagem do veículo em disparada ia se tornando cada vez maior na janela, tão perto agora que eu podia distinguir o rosto assustado do jovem motorista, os olhos arregalados de pavor à medida que o inevitável se aproximava.

Eu não o vi chegar. Ele deve ter se movido a uma velocidade incrível para me alcançar. Num momento eu estava aprisionada naquele espaço minúsculo entre a cadeira caída e a janela e, no momento seguinte, dois braços fortes, vindos do outro lado da mesa, se prenderam aos meus como um torno.

Como ele encontrou força, eu nunca soube, mas Jimmy literalmente me puxou de onde eu estava presa para cima da mesa. Vi sua expressão enquanto ele me arrastava sobre a superfície coberta pela toalha, sem se importar com as garrafas e taças se espalhando enquanto eu abria caminho em meio a elas. Seus olhos estavam cheios de um medo indescritível e os tendões de seu pescoço saltavam com o esforço que ele estava fazendo para me puxar.

Agarrei-me a ele, tentando ajudar, meus pés se movendo, frenéticos, para me impelir à frente sobre a toalha. Então, atrás de nós dois, ouvi um baque sinistramente alto quando o carro deixou a estrada e subiu na calçada.

Jimmy me arremessou. Essa é a única maneira de descrever o que ele fez. Num segundo eu

estava na metade da mesa e, no seguinte, fui erguida e arremessada como uma boneca de pano, caindo e escorregando no chão alguns metros além da cabeceira. No entanto, aquele ato de força e bravura impossíveis havia consumido os últimos e preciosos milissegundos que o carro levava para sair da rua e chocar-se contra o restaurante.

Jimmy ainda estava parado exatamente no caminho do perigo quando a janela explodiu atrás dele.



A primeira coisa que senti foi o calor. Havia algo em cima das minhas pernas, prendendo-as sob um peso de dor que queimava como fogo. E parecia haver água por toda parte, espessa, salgada, correndo livremente da minha testa, pelo meu rosto, entrando nos meus olhos e na minha boca. Tentei gritar, mas não saiu nenhum som. Não restava em meus pulmões nada além de sussurros de vapor cheios de fumaça. Alguém atrás de mim gritava, outra pessoa chorava. Tentei virar a cabeça e percebi que não conseguia ver direito com a umidade pegajosa que bloqueava minha visão. Hesitante, ergui uma das mãos e a levei à cabeça, depois tentei esfregar os olhos. Quando afastei a mão, ela estava coberta com uma reluzente luva vermelha de sangue. À minha volta havia uma montanha de destroços, tão densa que eu não conseguia ver além dela, onde estavam as pessoas que choravam e gritavam. O carro também bloqueava minha visão, metade para dentro, metade para fora do que antes tinha sido a janela, e era impossível ver o que restava do veículo destroçado, pois o ar estava tomado por fumaça e poeira vindas do motor e da parede da frente destruída. Senti a mortalha de vidro que me envolvia e soube que devia estar caída entre os estilhaços da janela.

Atrás de mim ouvi as vozes que gritavam freneticamente enquanto a alvenaria e o entulho começavam a ser removidos, e percebi que havia gente tentando nos alcançar. Nós. Não era só eu; é claro que não era só eu. Jimmy estava lá quando o carro atravessara a janela. Jimmy, que deixara sua posição segura e voltara para me salvar.

Ignorando que o sangue começava a fluir ainda mais rápido quando eu virava a cabeça, consegui erguer o pescoço uns poucos centímetros do leito de vidro para procurá-lo. A névoa de poeira e fumaça ainda estava muito espessa, mas achei que podia distinguir uma forma a alguns metros de onde eu estava. Havia imensos blocos de alvenaria quebrados e alguns pedaços compridos de metal retorcido, que deduzi terem sido arrancados do carro, caídos num ângulo estranho no topo de uma prancha branca comprida. À medida que minha visão foi clareando, percebi que não se tratava de uma prancha; era o que restava de nossa mesa. E a razão para ela não estar caída no chão, mas inclinada naquele ângulo estranho, era que havia alguma coisa, ou alguém, embaixo dela.

Sem me importar com mais nada, ergui o braço, arranhando-o ao descrever um arco desesperado na direção da mesa esmagada e o que deveria estar sob ela. A princípio não senti nada, e então as pontas dos meus dedos roçaram, por um instante, em alguma coisa macia.

– Jimmy! – gritei, a voz rouca. – Jimmy, é você? Está me ouvindo?

Nenhuma resposta.

– Jimmy.

Comecei a chorar, as lágrimas abrindo pequenos riachos em meio à sujeira e ao sangue no meu rosto.

– Jimmy, não, Jimmy. Diga alguma coisa...

A poeira e os escombros haviam começado a se assentar e eu já podia enxergar o que havia conseguido alcançar. O antebraço de Jimmy se projetava em um ângulo estranho debaixo do que restava da mesa. Aquilo era tudo o que eu conseguia ver dele, apenas o antebraço. Ainda parecia forte e bronzeado, como havia poucos minutos, quando encontrara força para me puxar para longe do perigo. Só que agora ele não estava se mexendo. Muito antes de as ambulâncias chegarem até nós, eu me dei conta de que ele jamais voltaria a se mexer.

CAPÍTULO 2

Dezembro de 2013

Cinco anos depois...

O convite de casamento estava apoiado na parte superior da lareira, quase escondido por um montinho de contas e propagandas de lanchonetes delivery. Suponho que eu estivesse tentando enterrá-lo, ou algo assim. Talvez eu pensasse que, se não o visse, poderia alegar ter me esquecido dele e, de alguma forma, perdido a data. Como se isso fosse possível. Naturalmente, quando o convite chegara, alguns meses antes, eu tinha respondido com um cartão de aceitação, mas isso fora fácil. Na época, a ideia de voltar a Great Bishopsford parecera algo abstrato, que aconteceria muito no futuro, e eu não precisava pensar nisso de fato. Mas agora, faltando apenas dois dias, em meu minúsculo apartamento com a mala aberta diante de mim, eu não sabia por que acreditara que seria forte o bastante para fazer isso. Para voltar.

Deixando de lado a mala por um momento, fui buscar o cartãozinho na lareira. “*O Sr. e a Sra. Sam Johnson gostariam de ter o prazer de sua companhia no casamento de sua filha Sarah com David...*” Corri o dedo levemente sobre a caligrafia em alto-relevo do nome dela e então eu soube, como sempre soubera, que *tinha* de ir; que não podia inventar uma desculpa patética e não comparecer ao casamento da minha melhor amiga só porque ele iria acontecer na minha cidade natal. E era mesmo da cidade que eu tinha medo ou das lembranças que eu sabia que estariam à minha espera lá? Lembranças que eu aprendera a enterrar bem fundo e nunca permitir que viessem à tona.

Ainda segurando com força o grosso convite cor de creme, ergui a cabeça para olhar meu reflexo no espelho acima da lareira. Em meus olhos, vi a verdade; voltar à cidade era apenas metade do problema. O medo maior era como eu reagiria ao rever todos juntos em um só lugar pela primeira vez em anos. Bem, quase todos. Uma expressão assombrada cobriu o meu rosto, o que pareceu apropriado, pois eu sabia que não era a reunião com os vivos que seria tão difícil de enfrentar.

Arrumei a mala descuidadamente, sem me preocupar de verdade com o que estava levando. Seriam apenas três dias, e então eu estaria de volta ao meu apartamento, pronta para me perder outra vez no anonimato de uma cidade grande. Para muitos, eu sei, isso pode soar estranho, mas eu passara a gostar de verdade de viver em um lugar onde “*ninguém* sabe o seu nome”. Os únicos itens que tomei mais cuidado para embalar foram o meu traje para a

despedida de solteira e o vestido de veludo bordô-escuro que comprara para a cerimônia de casamento. Graças a Deus Sarah acabara cedendo e aceitando minha recusa em ser sua dama de honra.

– Mas você *tem* que aceitar – suplicara ela e, por um segundo, poderíamos estar nos velhos tempos de escola, com Sarah me implorando para participar de algum esquema maluco ou travessura que ela tinha inventado.

Só que dessa vez fui firme em minha recusa. É claro que me sentira mal por isso. Mas eu sabia o que ela ia me pedir, antes mesmo que as palavras saíssem de seus lábios.

Ela não me visitava com frequência em Londres, embora mantivéssemos contato por telefone a cada poucas semanas. Seu trabalho no norte a mantinha ocupada, e Dave, seu namorado – *noivo*, corriji mentalmente –, também morava lá e ocupava a maior parte do tempo livre dela, o que era muito justo. Imaginei o que estava por vir quando ela se convidou para o fim de semana, portanto negar não foi tão difícil quanto eu havia imaginado, pois tive tempo suficiente para ensaiar.

– Ah, Rachel, por favor, pense mais um pouco – implorou ela, parecendo tão triste que me senti vacilar. – Não tem ninguém no mundo que eu queira como dama de honra, só você. Por favor, diga que aceita. – Quando balancei a cabeça, sem confiar em mim mesma para falar, para que ela não percebesse a brecha de dúvida em minha determinação, Sarah inadvertidamente fizera a pergunta que me permitira abdicar do papel sem que ela insistisse mais: – Mas *por que* você não quer aceitar?

Então lancei mão de uma saída covarde: respondi à sua pergunta afastando do rosto a pesada faixa de cabelo que usava partido para o lado e revelando a cicatriz prateada em forma de relâmpago que ia da testa à bochecha. Ela apertou os lábios e suspirou, e naquele momento eu soube que ela admitia a derrota.

– Ah, então está usando a velha desculpa do rosto desfigurado, não é?

Sorri em resposta. Todas as outras pessoas que eu conhecia pisavam em ovos quando o assunto era esse, mas Sarah era a única que tinha coragem de nunca revestir suas palavras com nada menos transparente que a verdade.

– Bem, se é disso que preciso para me manter sentada em segurança em um banco nos fundos da igreja em vez de usar um modelo rosa esvoaçante lá na frente, perto do altar, então, sim.

Ela me olhou com obstinação por um segundo, e pensei que estava reorganizando os argumentos para outra tentativa, mas então ela pareceu reconsiderar e recuou, apenas murmurando em sua derrota:

– Eu não teria *obrigado* você usar rosa, sabe disso.

Então a abracei, sabendo que a decepcionara imensamente e amando-a ainda mais porque ela me permitira fazer isso.



Antes de fechar a mala, peguei o pequeno frasco marrom de comprimidos na mesa de cabeceira, pretendendo incluí-lo em meu nécessaire. Franzi a testa ao sentir o peso do frasco, erguendo-o para tentar avaliar o conteúdo à luz fraca do dia nublado de dezembro que entrava pela janela. Havia menos do que eu pensava, mal dava para os próximos dias. Isso não podia estar certo, não é? Verifiquei a data na frente do rótulo do medicamento manipulado. Só tinha dez dias. Eu sabia que as dores de cabeça estavam ficando piores, mas não havia me dado conta de que consumira tantos analgésicos. Um calafrio percorreu minha espinha. Isso não era bom. Embora eu pudesse mentir para meu pai quando ele perguntava como eu estava, e houvesse até tentado mentir para os médicos assim que as dores de cabeça começaram (uma estupidez), eu sabia que mais cedo ou mais tarde teria de encarar a verdade. Era esse o aviso ao qual nos disseram que ficássemos atentos tantos anos atrás. Essa era a razão pela qual todo telefonema do meu pai nos três anos desde que morávamos separados começava com o habitual: “Como você está? Nenhuma dor de cabeça, nem nada?” Nos primeiros dois anos e meio, eu tivera a sorte de dizer que estava bem, mas, nos últimos seis meses, vinha mentindo ao ainda falar isso. Por fim, marquei uma consulta com o especialista que eu não via desde os primeiros dias de minha recuperação do acidente. Ele pareceu preocupado quando lhe falei sobre as dores de cabeça e sua frequência, e eu fiquei preocupada porque, na verdade, havia minimizado consideravelmente sua gravidade. Os comprimidos que ele prescreveu não eram a solução, e ele insistiu em que eu marcasse uma consulta e voltasse ao hospital para outros exames. Aceitei o remédio, mas não seu conselho, e adiei a consulta que eu sabia que não podia mais evitar.

E escondi tudo isso do meu pai. Ele já tinha seus próprios problemas de saúde para cuidar. Precisava de tempo para se recuperar, sem se preocupar comigo de novo. Já fizera muito isso. Por mais sombrio que fosse o resultado de sua consulta com o oncologista, ele sempre terminava dizendo: “Mas pelo menos você está bem agora, graças a Deus.” Eu não tinha coragem de tirar isso dele.

Às vezes eu me perguntava quantos espelhos devíamos ter quebrado, ou quantas pragas de cigano haviam sido lançadas sobre nós para explicar a infeliz história de minha família. Primeiro, mamãe; depois, meu acidente; então a doença de papai e, agora, essas dores de cabeça. Tudo isso me levava a me perguntar se havia alguma família por aí abençoada com vinte e tantos anos de boa saúde e sorte, porque parecia que nós tínhamos ficado com outra cota de infortúnios, além da nossa. E não importava que papai dissesse que ninguém era culpado por sua doença, porque eu sabia que ele só tinha voltado a fumar depois do meu acidente. Fora sua maneira de lidar com o estresse. Mas, se não tivesse feito isso, provavelmente não estaria doente agora.

Muitas coisas terríveis estavam ligadas àquela noite medonha. Uma pontada de dor, ainda pior que a mais forte de minhas dores de cabeça, interrompeu meus pensamentos de repente antes que eles pudessem se aventurar por aquela avenida proibida.

Eu pretendia partir de manhã bem cedo e havia consultado o horário do primeiro trem

saindo de Londres. Tirara dois dias de folga do trabalho, pois, embora todos só fossem se encontrar na noite de quinta para o jantar de despedida de solteira de Sarah, eu não queria chegar no fim do dia. Na verdade, estava ciente de que precisaria daquele tempo para me preparar para a visita de três dias e não tinha como saber quanto aquilo seria difícil antes de estar lá de fato.

Recusara a oferta de Sarah de ficar na casa dos pais dela. Por mais que eu amasse sua família, eles sempre foram mais exuberantes e empolgados do que a minha, e eu não achava que estaria forte o bastante para enfrentar a loucura do corre-corre do casamento de sua única filha. Eles pareceram compreender e não ficaram ofendidos quando declinei do convite e reservei um quarto em um dos dois hotéis da cidade. Muitos dos convidados fariam o mesmo, imaginei, embora um número bem grande deles provavelmente já morasse na região.



Quando o trem deixou a estação e começou a viagem de duas horas, eu me permiti pensar nas pessoas que reencontraria naquela noite. Meus amigos do passado. Parecia estranho que os laços que eu pensara que nos uniriam para sempre não tivessem se provado tão resistentes quanto eu imaginara. E não fora o tempo que havia lentamente puído os fios até rompê-los. Não, eles tinham sido cortados por um momento de insanidade de um jovem que perdera o controle de um veículo roubado.

Sarah tinha sido muito cuidadosa ao me atualizar com notícias de nosso velho grupo de amigos. Nas visitas aos pais, pelas fofocas da cidade, ela soube que, depois da universidade, Trevor havia retornado a Great Bishopsford, estava morando com a namorada – que Sarah ainda não conhecia – e trabalhava como gerente na filial de um banco. Achei difícil imaginar o Trev guitarrista de banda de rock da minha adolescência num estilo de vida tão pacato e respeitável.

Ao que parecia, Phil ainda levava a vida de um nômade. Ele havia tirado um ano sabático depois da faculdade, que se estendera a um segundo ano durante o qual basicamente perambulava pelo mundo. Esse estilo de vida errante de alguma forma havia se transformado em uma carreira de fotógrafo freelancer e, embora sua família ainda morasse na área, Phil passava pouco tempo por ali nos intervalos entre os trabalhos, e com frequência aceitava compromissos que o mandavam para o exterior por meses consecutivos. Sarah disse que, ao esbarrar com Phil, sentira nele uma inquietação que parecia explicar seu estilo de vida e a relutância em se estabelecer em um lugar.

E então havia Matt... e Cathy, claro, pois agora suas histórias estavam ligadas. Eu sabia quanto tinha sido difícil para Sarah me contar sobre eles. O cuidado com que escolhera as palavras, tentando encontrar os termos certos, sem saber a extensão da dor que poderia estar infligindo. Devia ter um ano e meio que ela me contara que Cathy e meu ex-namorado tinham se tornado um casal. Quando as palavras se assentaram entre nós na ligação, esperei que a

notícia me trouxesse alguma dor. Mas não houve nenhuma; apenas surpresa. Não surpresa por aquelas duas pessoas incrivelmente bonitas estarem juntas, apenas por Cathy ter demorado tanto para alcançar seu objetivo.

Afastei esse pensamento, como fiz quando Sarah me dera a notícia sobre o relacionamento dos dois. Se eu me permitisse pensar em Matt, estaria abrindo a porta para nossa triste história e rompimento, e isso levaria às razões... que me conduziam a um lugar pelo qual eu nunca permitia que meus pensamentos se aventurassem.



À medida que os conjuntos de casas e áreas urbanizadas foram dando lugar a campos e espaços abertos, pude sentir uma tensão palpável começar a crescer dentro de mim. Eu a engoli com um gole grande do café amargo e repugnante comprado no vagão-restaurante e tentei me concentrar no propósito da visita. Era o fim de semana de *Sarah*; o grande dia de *Sarah*; eu não podia me permitir arruinar o momento dela me preocupando com a maneira como eu lidaria com essa volta para casa.

Esse pensamento me sobressaltou: *volta para casa*. Aquela era mesmo a minha casa? Era assim que eu ainda pensava nela? Fazia cinco anos que não morava lá, então, tecnicamente, não, não era. Mas, por outro lado, nenhum outro lugar parecia digno desse título. O endereço atual de meu pai em North Devon, para onde havíamos nos mudado nos longos e arrastados meses da minha convalescença, era a casa *dele*, não a minha, apesar de eu ter morado lá por quase dois anos. Suponho que meu pequeno apartamento em Londres seja minha casa, mas ele sempre me pareceu temporário e transitório, escolhido por sua proximidade com a linha de metrô conveniente e não por qualquer ligação emocional com o prédio. Além do mais, era difícil estabelecer uma ligação emocional profunda com uma propriedade alugada sobre uma lavanderia um tanto arruinada em uma das áreas menos salubres de Londres. Eu deveria ter me mudado quando recebi meu primeiro aumento de salário, sem dúvida deveria ter considerado isso no aumento seguinte, mas havia certo conforto no conhecido e familiar, por mais que carecesse de estilo. Em meus momentos mais alegres eu me referia ao apartamento como pobre-chique, mas sem o chique. Isso resumia quase tudo.



Quando o trem começou a desacelerar, eu me dei conta de que a viagem de duas horas havia passado muito mais depressa do que eu gostaria e, ao ouvir uma voz andrógina anunciar pelo sistema de alto-falantes “Próxima parada: Great Bishopsford”, fiquei alarmada ao descobrir que não estava nem um pouco mais preparada para enfrentar esse retorno do que estivera em qualquer momento nos últimos cinco anos. O trem estremeceu, parando, então me levantei para pegar a mala do compartimento acima do assento.

– Permita-me – ofereceu uma voz masculina atrás de mim e, antes que eu pudesse recusar a ajuda, braços fortes cobertos por couro ergueram-se e pegaram a pequena mala.

Ao erguer os olhos para agradecer ao estranho, notei a expressão de simpatia em seu rosto logo se anuviar quando levantei a cabeça e a cicatriz irregular ficou visível. Sorri agradecendo e baixei a cabeça, fazendo com que a densa cortina de cabelos cobrisse a maior parte de meu rosto marcado. Era um hábito que eu desenvolvera com o tempo. Era mais fácil esconder a cicatriz do que ter de lidar com a reação das pessoas a ela. Aqueles que não ficavam chocados a ponto de perder a fala podiam se sentir tentados a perguntar sobre sua origem, e havia muitos anos eu decidira nunca falar sobre o acidente, se fosse possível. Talvez fosse isso que me apavorasse tanto em estar de volta em casa. Afinal, como o antigo grupo de amigos passaria o fim de semana *sem* falar de algo tão cataclísmico que havia alterado de alguma forma a vida de cada um de nós?

Peguei um táxi na estação, embora fosse apenas uma curta caminhada até o hotel onde me hospedaria. Mas essa caminhada me faria passar pela antiga escola, e eu ainda não estava preparada para as lembranças que aquela rota poderia despertar. No banco de couro no interior do táxi, mantive o olhar fixo nos joelhos e no chão, tentando, por mais algum tempo, evitar o inevitável.

O quarto do hotel era limpo e impessoal. Não havia lembranças ali, pois eu nunca pusera os pés naquele prédio, então estava tudo bem. Levei três minutos para desfazer a pequena mala. Olhei para o rádio-relógio na mesa de cabeceira. Era quase hora do almoço e considerei descer até o bar do hotel e comer um sanduíche, mas no último instante perdi a coragem e liguei para o serviço de quarto.

– Um passo de cada vez – disse a mim mesma, num tom encorajador. – Dê um pequeno passo de cada vez e você ficará bem.

Do espelho da penteadeira, meu reflexo me olhou em dúvida. Se eu não podia convencer nem a mim mesma, como conseguiria sobreviver às próximas 72 horas?

Depois de comer, liguei para Sarah pelo celular para lhe dizer que já tinha chegado. Percebi o alívio em sua voz e fiquei consternada ao ver que ela não tinha certeza se eu viria mesmo. Isso reforçou minha decisão de ser forte, mesmo que só por causa dela.

– Venha para cá agora. Não quero esperar até de noite para ver você.

Seu entusiasmo me fez sorrir, mas isso sempre acontecia com Sarah. Eu só esperava que Dave soubesse quanta sorte ele tinha de poder passar o resto da vida com uma pessoa tão especial.

– Talvez daqui a pouco – prometi. – Você me terá à sua disposição o dia todo amanhã, e vamos ter tempo suficiente para conversar antes que se torne uma velha senhora casada.

Ela gemeu com as minhas palavras e, em resposta, soltou uma expressão nada apropriada a uma senhora.

– Na verdade – continuei –, acho que vou dar uma voltinha hoje à tarde. Ver se enfim consigo enfrentar algumas daquelas antigas lembranças.

– Quer companhia?

Sorri com sua oferta. Ela devia ter mil coisas para fazer, mas ainda assim eu sabia que abandonaria todas num piscar de olhos se eu pedisse.

– Não, está tudo bem – respondi. – Acho que é melhor eu fazer isso sozinha. De todo modo, estou com um pouquinho de dor de cabeça. – Levantei a mão distraidamente para esfregar a área entre as sobrancelhas, ao perceber que essa última frase era verdadeira. – O ar fresco vai me fazer bem.

– Bem, não vá longe demais para não ficar exausta para o meu jantar desta noite.

– Como se eu pudesse perder isso! Você preparou as lembrancinhas e fantasias?

– Não – respondeu ela depressa, fingindo indignação. – Eu já disse que não se trata de uma festinha brega só de mulheres. É um jantar misto, maduro e sofisticado, com todos os meus velhos amigos, para celebrar minha despedida de solteira. Por falar nisso, você providenciou um *stripper* para mim, não foi?

– Mas é claro – falei, e ainda estava sorrindo quando desliguei o telefone.



O ar do lado de fora estava muito mais frio do que eu tinha imaginado e fiquei feliz de estar com o grosso casaco de lã e o cachecol de tricô bem enrolado no pescoço. Sem qualquer pensamento ou instrução consciente, meus pés encontraram seu próprio ritmo e começaram a me conduzir pelas sinuosas ruas secundárias que me levariam à minha antiga casa. Eu não intervim. Essa era a primeira parada que eu precisava fazer e deveria ser a mais fácil. Não havia lembranças ruins ali, apenas recordações felizes da minha infância.

Alguém havia substituído a velha cerca de estacas por uma muito mais sofisticada feita de ferro forjado, e a porta da frente agora era de um verde berrante, mas, fora isso, tudo parecia igual. Eu me senti um pouco confortada ao ver que a casa não sofrera uma modificação drástica, embora tenha notado que o jardim estava mais bem cuidado, afinal papai nunca fora um jardineiro muito bom. Além disso, elegantes persianas de madeira substituíram as cortinas mais acolhedoras que preferíamos, mas basicamente aquela ainda era a minha velha casa.

Fiquei ali na calçada e permiti que uma onda de lembranças me carregasse, um caleidoscópio de imagens incluindo todos aqueles anos. Ainda assim, ali não havia sombras escuras. Até cinco anos antes, esse era o único lar que eu conhecera e aquela casa representava as sensações de segurança e refúgio que haviam me escapado em todas as moradias que vieram depois. De pé na calçada, sentindo que o meu lugar ainda era ali, ao mesmo tempo em que estranhamente sabia que não era mais, tive uma pontada de nostalgia. E me dei conta, com um choque, que era a primeira vez que via a casa desde a noite do acidente.

A decisão de mudar, a arrumação e a venda – tudo fora feito durante os longos meses de minha estada no hospital. Se tinha sido a decisão correta ou não, quem poderia dizer? Meu pai ficara desesperado o suficiente para fazer tudo o que pudesse para minimizar minha dor. Meio

ensandecida pelo sofrimento, da cama do hospital, eu me agarrara a ele desesperadamente e implorara que nos mudássemos para longe. Então nos mudamos.

De repente as lembranças que me vinham tornaram-se amargas como cianureto, então dei as costas à casa e comecei a me afastar depressa. Meus olhos começaram a lacrimejar furiosamente enquanto um vento frio e amargo açoitava meu rosto; pelo menos pensei que o responsável fosse o vento.

Eu caminhava de cabeça baixa, me protegendo das lufadas, quase correndo. No fim da rua, parei e hesitei. Encontrava-me em um cruzamento; tanto no sentido físico quanto espiritual. Se não fosse tão dolorosamente triste, teria sido quase engraçado. A dor de cabeça, que os analgésicos haviam entorpecido, transformando num latejar persistente, agora ameaçava entrar em rotação máxima. Eu *podia* usá-la como desculpa para não fazer a próxima parada. Mas pensei que vinha me escondendo havia tempo de mais.

Minha mão agarrou com força a aldrava, enquanto um brilho fugaz de esperança me percorria. Quem sabe eles também não teriam mudado? Sarah nunca disse nada, mas também não havíamos trocado uma palavra sequer sobre a família dele nos anos seguintes. Algumas feridas são profundas demais.

Se ela ficou chocada com minha aparição em sua porta depois de cinco anos de ausência, escondeu bem. Também escondeu a reação ao meu rosto marcado, que eu sabia que ela devia ter notado com o vento soprando longas mechas de cabelo castanho ao redor da cabeça. Torci para que eu fosse tão boa em disfarçar meu próprio choque ao ver quanto ela havia envelhecido nos últimos anos. Embora ela sorrisse e estendesse os braços para me envolver em um abraço acolhedor, o sofrimento estava tão profundamente marcado em seu rosto que me dei conta de que nenhuma nova emoção jamais seria forte o bastante para apagá-lo. A culpa me cortou como uma facada. Era *minha culpa* que ela estivesse assim. *Minha culpa* que tivesse perdido seu filho.



Não foi uma tarde fácil e, quando voltei para o hotel, a tensão e as emoções do dia haviam levado minha dor de cabeça a um nível de agonia que eu nunca tinha experimentado. Minha primeira atitude ao entrar no quarto foi tatear às cegas o nécessaire em busca do frasco. Ignorei as instruções de dosagem no rótulo e imediatamente engoli a seco dois comprimidos em vez de um. Enquanto esperava que o medicamento fizesse efeito, preparei a banheira para um banho quente no pequeno banheiro de azulejos brancos.

Ainda estava com dor de cabeça ao deslizar para dentro da água perfumada; ligeiramente melhor ao emergir, rosada e começando a enrugar, quase meia hora depois; e de volta a uma dor incômoda mas administrável quando percebi que já era hora de me preparar para a noite que eu tinha à frente.

Tentei manter a mente afastada de minha visita à mãe de Jimmy, sabendo que havia muita

coisa que eu precisava considerar sobre o que ela dissera e que aquela noite não era o momento para isso. Eu não podia me dar ao luxo de pensar naquilo agora. Primeiro, tínhamos de enfrentar a noite; um momento de reencontro e celebração, o tempo todo tentando ignorar o fato de que, pela primeira vez, estaríamos nos encontrando como seis, e não como sete.

– Um passo de cada vez – murmurei para mim mesma enquanto me acomodava diante da penteadeira e começava a aplicar a maquiagem.



Sarah escolhera bem a locação para o jantar. Tínhamos reserva em um elegante restaurante do outro lado da cidade. Um lugar caro e sofisticado demais para ter sido visitado por nós em nossos tempos de escola. Cheguei cedo de propósito, uns bons trinta minutos antes da hora de nossa reserva, na esperança de que isso me desse algum tipo de vantagem mental. Depois de dar o nome de Sarah ao maître, declinei a sugestão de esperar no bar e pedi para ser levada para a mesa logo.

Fui conduzida a uma grande mesa circular no canto mais distante do restaurante. Escolhi uma cadeira de frente para a porta, pela vantagem de poder ver quem chegava. No entanto, ficaria melhor sem a grande parede espelhada bem em frente à mesa. Eu já passara tempo de mais me preocupando com meu reflexo no quarto do hotel. Não precisava da extravagância de outra meia hora me perguntando se minha escolha do vestido azul-marinho com decote V profundo fora acertada. Como não tinha levado nenhuma alternativa para a noite, não havia muito que eu pudesse fazer nesse sentido. Nervosa, ficava verificando meu reflexo a todo instante, a cada vez puxando o cabelo para a frente, cuidando para que ele caísse diante da minha bochecha.

Phil foi o primeiro a chegar, bronzeado, muito mais musculoso e com ombros mais largos do que eu me lembrava. Ele me esmagou de encontro a seu peito num abraço de urso tão apertado que tive certeza de que algumas costelas iriam se quebrar.

– Ok, agora preciso respirar.

Ele riu e me soltou, deslizando para a cadeira ao meu lado.

– Você está ótima, Rachel – começou, e eu quase tive de me sentar em cima da mão para me impedir de verificar automaticamente se meu cabelo ainda estava escondendo meu rosto. Se ele percebeu, foi educado demais para dizer. – Faz muito tempo. Como você está? Ainda mora em Devon?

Preenchemos as lacunas em nossas histórias, mantendo o tom leve, e a história dele era interessante o suficiente para nos manter ocupados até a próxima chegada: Trevor e sua namorada, Kate. Eu não sabia que Sarah havia convidado as namoradas, mas, ao ser apresentada a ela, depois de receber um abraço de Trevor que me tirou do chão, percebi que Sarah tinha sido sábia ao incluir gente nova na reunião de nosso grupo. De alguma forma, rostos novos aliviariam a pressão.

Pela primeira vez contei os lugares à mesa e me perguntei de quem seria o lugar extra. Não tive que esperar muito para descobrir, pois Sarah entrou no restaurante como um furacão, com um sorriso contagiante, um punhado de balões de gás de *Casamento Próximo* e o noivo, Dave, a reboque.

– Quem traz o noivo para a despedida de solteira? – brincou Phil, levantando-se para apertar a mão de Dave calorosamente.

– O que eu posso fazer? Ele não suporta ficar longe de mim.

Dirigi a ela meu sorriso mais simpático e então apontei os balões com a cabeça.

– Elegante.

– Foi o que pensei.

– Bem, este lugar é muito bacana – comentou Dave, puxando uma cadeira para Sarah antes de se acomodar bem perto dela. – Muito elegante.

– Arrã – confirmou ela, e então fingiu sussurrar para mim: – Melhor telefonar e cancelar aquela *atração*, Rach.

A essa altura, o sommelier tinha se aproximado de Trevor e, enquanto se seguia uma discussão sobre o que pedir, Sarah aproveitou a oportunidade para se inclinar e sussurrar em meu ouvido:

– Como você está, querida? *De verdade*.

– Resistindo – sussurrei de volta, e, ao ver a preocupação nublar seu semblante, soube que precisava me esforçar mais. – Estou bem. Pare de se preocupar comigo.

Ela deu um rápido aperto em minha mão e recostou-se na cadeira.

O primeiro momento constrangedor aconteceu logo depois de nossas bebidas terem sido servidas.

– Então, quem está faltando? – perguntou Trevor, alegre, e um silêncio desconfortável ricocheteou entre nós quando o duplo sentido de seu inocente comentário nos atingiu.

– Matt e Cathy avisaram que talvez se atrasem um pouco – disse Sarah depressa, e Dave, que estava de fato em sintonia com a futura mulher, logo evitou qualquer momento embaraçoso ao iniciar uma longa e improvável história sobre uma recente experiência com um manobrista.

Ainda estávamos rindo quando notei algumas pessoas em mesas próximas erguerem os olhos admiradas, voltando-se para a entrada do restaurante. Mesmo sem levantar a cabeça, soube que eles haviam chegado. Individualmente, os dois sempre tiveram a capacidade de virar pescoços, e eu sabia muito bem disso pelo tempo que passara ao lado de Matt. Juntos, eram um fenômeno. Perfeitos, como foto de revista. Lindos, como estrelas de cinema. A combinação era quase de tirar o fôlego e, enquanto abriam caminho até nós, percebi que ambos pareciam ainda mais deslumbrantes do que cinco anos antes, se é que isso era possível. Nunca me senti tão sem graça em toda minha vida. E vazia. Porque eu sabia que, em outra vida, se os dados houvessem rolado de outra forma, haveria alguém sentado àquela mesa para me assegurar de que não era assim.

Cathy estava vestida para matar, isso era óbvio. O vestido preto colante de costas nuas

fazia exatamente o que se esperava dele – o decote e a fenda até a coxa permitiam vislumbres tanto de parte dos seios quanto das longas pernas bronzeadas. O cabelo era mais louro do que eu lembrava e penteado à perfeição em torno do rosto. Mas foi Matt quem atraiu meu olhar – quem sempre atraía meu olhar, admiti. Como Phil, ele também parecia mais alto e mais forte do que eu me lembrava. O terno escuro e a camisa branquíssima pareciam caros e, pelo caimento impecável, deduzi que haviam sido feitos sob medida. Seu rosto estava mais fino, mais esculpido que antes, embora os olhos ainda fossem os mesmos ao encontrar os meus e sorrir ao me cumprimentar. Tentei retribuir o sorriso de um jeito convincente, pensando de repente que a situação era exatamente igual à de mais cedo, quando parei diante da minha antiga casa; aquela estranha sensação de que ali estava alguma coisa que tinha sido minha, mas que agora já não era mais, tudo ao mesmo tempo.

Houve a habitual rodada de cumprimentos e fiquei feliz com a agitação de abraços, apertos de mãos e olás, pois, quando Matt se inclinou para me dar um beijo no rosto, eu já havia reprimido a reação puramente hormonal que tivera ao revê-lo. Cathy também se inclinou para me beijar, e notei algo indecifrável cintilar em seus olhos ao ver meu rosto marcado. Não que a cicatriz devesse ser um choque para nenhum deles. Todos haviam me visitado no hospital muitas vezes depois do acidente. Isto é, até eu afastá-los.

A noite foi ao mesmo tempo um sucesso e um fracasso. Superficialmente, todos parecíamos estar desempenhando nossos papéis muito bem. Lá estava o feliz casal de noivos, cercado por velhos amigos reunidos, vindos de longe para lhe desejar felicidades. Mas a sensação era de que éramos todos atores de segunda, em uma peça nem um pouco original. Dissemos as coisas certas, erguemos nossas taças para brindar nos momentos apropriados, mas, de alguma forma, o esforço para não falar nada sobre a última vez em que havíamos estado juntos em torno de uma mesa de jantar era tão imenso que sufocava qualquer prazer verdadeiro. Eu me perguntei como seria para Kate e Dave, se eles estavam conscientes disso também.

Eu presumira, de modo equivocado, que a maior parte do antigo grupo havia se reunido durante as férias, portanto foi uma surpresa descobrir que, embora tivessem se encontrado em grupos de dois ou três, não houvera uma só ocasião em que todos tivessem estado reunidos. Eu não sabia que a perda de Jimmy e o meu próprio afastamento haviam tão efetivamente diluído a cola que nos unia.

Pelo menos não houve silêncios embaraçosos na conversa. Havia tanto assunto, enquanto todos atualizavam sobre suas vidas, que o silêncio não foi um problema. Ficamos sabendo que Matt vinha trabalhando nos negócios da família desde que terminara a universidade e Cathy fazia alguma coisa ligada a relações públicas – ela explicou, mas, para ser honesta, não prestei atenção. Estava muito mais fascinada com sua linguagem corporal do que com as palavras que dizia. Desde o momento em que se sentara à mesa, cada gesto seu parecia gritar sua posse em relação a Matt. Ela estava quase enroscada nele enquanto esperávamos que a comida fosse servida. Na verdade, como a maior parte de seus membros parecia de alguma

forma enrolada nele, não pude deixar de me perguntar se ela teria um braço livre para comer. E o estranho era que eu sabia que essa exibição toda era para mim. Mas por quê? Fazia anos que Matt e eu tínhamos rompido. Na realidade, *nos* rompido seria uma maneira melhor de descrever. E, depois de várias tentativas dolorosas, ele enfim havia parado de tentar entrar em contato na esperança de eu mudar de ideia. Eu deixara bem claro que não o queria em minha vida. E isso era tão verdade hoje quanto fora naquela época, então qual era o problema com o surpreendente comportamento de Cathy?

Quando o último prato foi discretamente levado da mesa, o garçom surgiu ao meu lado para tornar a encher minha taça. Apressei-me em cobri-la com a mão.

– Não, para mim chega, obrigada.

– Você não está de carro, está? – perguntou Trevor, que claramente não tinha nenhuma intenção de se abster de qualquer bebida alcoólica.

– Não, vim de táxi – respondi. Eu vinha me perguntando quando alguém notaria que eu não dera mais de duas bicadas no vinho a noite toda. – Só acho que vou precisar da cabeça clara para lidar com Sarah amanhã. Se não, ela vai me enlouquecer.

Sarah fingiu-se de ofendida e os outros riram. Todos pareceram aceitar a mentira. Na verdade, eu receava beber qualquer bebida alcoólica depois da quantidade de analgésicos que tomara naquele dia. E então, como se, ao pensar nela, eu houvesse acordado o dragão adormecido, minha dor de cabeça voltou em uma súbita tocha ardente de agonia. Eu me levantei, esperando que ninguém houvesse percebido que precisara descansar as mãos na mesa para me firmar.

– Me deem licença por um momento – falei a ninguém em particular e, usando de toda a minha força, caminhei, no que esperava fosse uma linha reta, em direção ao banheiro.

Uma vez em segurança no banheiro bastante opulento, deixei escapar um longo e trêmulo suspiro de alívio e me sentei devagar em um pequeno banco forrado de veludo. A dor por trás dos olhos ainda era lancinante; tão intensa que minha visão estava começando a se desfocar nas bordas. Eu só tivera uma enxaqueca tão forte assim duas vezes antes e, em tais ocasiões, percebera muito mais sinais de aviso. Nunca a dor irrompera de repente como acabara de acontecer. Eu não duvidava nem por um minuto que a tensão sob a qual estivera o dia todo não ajudara em nada.

Levei os dedos estranhamente trêmulos à bolsa, à procura dos comprimidos. Eu me vi à beira das lágrimas de tanta frustração quando a tampa à prova de crianças quase me derrotou, fazendo-me quebrar a unha na pressa de abrir o frasco à força. Dois comprimidos de novo, mais uma vez sem água. Fechei os olhos no ambiente muito iluminado e esperei até me sentir um pouco mais no controle.

Agora eu sabia que não dava mais para adiar aqueles exames. Isso não iria passar sozinho. Por mais assustadores que os resultados pudessem ser, alguma coisa estava errada de verdade e não saber exatamente o que era não faria com que melhorasse. Havia, eu supunha, uma ironia sinistra em perceber que eu ainda sofria os efeitos de minhas lesões na primeira e única vez

em que voltava ao lugar onde tudo tinha acontecido.

Deixe-me só sobreviver a este fim de semana e a esse casamento e a primeira coisa que vou fazer na segunda é marcar a consulta, prometi a mim mesma.

A essa altura percebi que já devia ter excedido o tempo razoável que eu podia ficar no banheiro sem que Sarah viesse atrás de mim. Eu não queria que ela pensasse que a razão de eu me ausentar por tanto tempo tinha a ver com a exibição territorial de Cathy. Sem dúvida não queria que ela fosse até ali e descobrisse que a verdadeira razão era porque eu de repente me sentia apavorada com a possibilidade de haver alguma coisa gravemente errada comigo.

Então me levantei e fiquei satisfeita ao descobrir que não me sentia nem de perto tão trêmula quanto antes e minha visão não estava mais turva. Lavei as mãos na água fria e então, com cuidado, molhei e espremi uma das pequenas toalhas de flanela da cestinha ao lado das pias e pressionei o tecido amassado em minha testa. Estava prestes a deixar o banheiro e voltar para junto dos outros quando a porta se abriu e Cathy entrou.

– Está tudo bem? – perguntou e, embora tenha usado as palavras certas, o tom era totalmente errado.

Ou talvez fosse só o fato de seus olhos não demonstrarem nenhum interesse em minha resposta.

Quando Cathy havia se tornado tão dura? Claro, sempre houvera um lado abrasivo nela, mas ainda assim éramos amigas. O que eu fizera a ela para justificar essa atitude? No mínimo, ela devia se sentir grata. Estava claro que sempre estivera interessada em Matt; então, era de se imaginar que ficaria satisfeita por eu sair de cena por conta própria. Além do mais, isso acontecera havia anos. Coisa de adolescentes. Certamente àquela altura já tínhamos deixado isso para trás...

– Estou bem. Só um pouco cansada. Tive uma semana agitada no trabalho – inventei.

– Desculpe, o que você disse que faz mesmo?

Bom saber que ela estava prestando atenção quando eu falara sobre o assunto mais cedo.

– Sou secretária.

– Ah, sim. Então você nunca fez jornalismo? *Era* isso que você ia fazer, não era?

Vaca. Como ela podia ser tão insensível? Com certeza ela sabia muito bem como e por que meus planos haviam sido interrompidos e eu nunca conseguira ir para a universidade, como pretendia.

– Não. – Eu esperava que minha voz soasse menos venenosa do que de fato era em minha cabeça. – É óbvio que tudo mudou depois...

Ela assentiu, e talvez tenha demonstrado estar minimamente envergonhada pela forma torpe como forçou a conversa em uma direção difícil. Mas bem na hora em que eu pensava que ela pudesse estar demonstrando um pouquinho de compaixão, essa impressão foi destruída por completo quando, num gesto exagerado, ela jogou para trás os cabelos louros, afastando-os do rosto imaculado e aproximando-se do espelho, como se o examinasse em busca de imperfeições. Não havia nenhuma, isso eu poderia ter dito a ela. Não importa o que tenha

visto, fosse o próprio reflexo perfeito ou o meu, danificado pela cicatriz, a maldade pareceu se dissipar no mesmo instante. Sem dúvida concluindo que não havia nenhuma competição a ser temida ali, ela se virou e me dirigiu um sorriso ingênuo.

– Espero que não se ofenda, Rachel, mas você já pensou em consultar alguém para ver se algo pode ser feito em relação ao seu rosto? Você era tão bonita...

Não deixei de notar que ela usou o verbo no passado. Por um momento perverso considerei bancar a estúpida e perguntar, em tom inocente: “Meu rosto? Por quê? Tem alguma coisa errada com ele?” Mas não fiz isso. De todo modo, por mais que eu estivesse infeliz com minha aparência, não tinha a menor intenção de procurar o cirurgião plástico que ela estava prestes a me recomendar. E eu estaria louca se esperasse que a pessoa superficial e insensível que Cathy parecia ter se tornado compreendesse que o problema não era que nada *pudesse* ser feito, mas sim que eu não achava que *merecia* que as coisas melhorassem. Meu pai e Sarah, que haviam levantado essa questão anos antes (com muito mais tato e diplomacia), sem dúvida não conseguiram compreender o que consideravam minha lógica de mártir.

Por sorte a porta do banheiro se abriu naquele momento, anunciando a chegada de Sarah. Havia uma urgência quase cômica em sua entrada. Ela olhou para nós duas com uma expressão entendida e eu sabia que levava um instante para avaliar o que estava acontecendo. Reconheci em seu rosto o olhar de muitas discussões do passado, e balancei a cabeça num gesto quase imperceptível. Com relutância, o fogo em seus olhos se apagou. Percebi então que ela estivera ávida por dizer a Cathy algo que definitivamente não deveria ser dito.

– Então minha festa mudou para cá, meninas? – perguntou, em tom jovial, juntando-se a nós diante do espelho e passando o braço pelo meu, um gesto que mesmo a mais burra das pessoas não poderia deixar de perceber que era uma demonstração de solidariedade.

Cathy era insensível, mas não burra.

– Não, não. Rachel e eu estávamos apenas colocando o papo em dia. Vamos. – Mas então, sendo Cathy, ela não pôde resistir a uma última alfinetada venenosa. – Tenho certeza de que Matt já deve estar preocupado comigo.

Se ele *estava* preocupado, escondeu bem.

No entanto, quando me acomodei de volta em meu lugar, captei fragmentos da conversa que eu temera a noite toda. Senti o coração chocar-se em meu peito como uma bola de demolição.

Phil estava dizendo alguma coisa a Dave sobre Jimmy.

– ... uma perda tão trágica e estúpida... um cara tão bacana...

Dave murmurou uma resposta não comprometedor, e adivinhei que Sarah já o havia advertido a tentar desviar a conversa desse assunto caso ele surgisse.

– Nada mais foi igual depois daquela noite... para nenhum de nós.

O silêncio que seguiu essa observação serviu de confirmação. Senti cada par de olhos se voltar para mim. Creio que eles estavam certos ao pensar que eu tinha sido a mais afetada, pois as cicatrizes no meu rosto não eram nada comparadas àquelas que me marcavam por

dentro.

– Vamos lá, pessoal, esta noite não – implorou Sarah.

– Não, é claro – concordou Phil e, embora eu tivesse mantido os olhos fixos na toalha da mesa, sabia que olhares significativos estavam sendo dirigidos a mim.

A situação estava ficando tensa e fui tomada por um súbito e irresistível desejo pelo anonimato seguro do meu quarto de hotel.

– Odeio interromper a festa – comecei, e ouvi um coro de mãos culpadas ao redor da mesa –, e não é por causa de... Jimmy. – Minha voz hesitou antes que eu conseguisse pronunciar o nome dele. – Mas estou mesmo com uma dor de cabeça muito forte. Portanto, se não se importarem, acho que vou dar a noite por encerrada.

Sarah começou a protestar imediatamente, mas então a intuição que nossa estreita amizade proporcionava a fez recuar.

– Claro, querida. O dia foi agitado para todo mundo.

Quando percebi que ela pretendia encerrar a noite para todos, me senti envergonhada.

– Não, Sarah. Vocês ficam. Nem tomaram o café ainda. Eu pego um táxi. Por favor, não acabe com a festa por minha causa. *Por favor.*

Eu me levantei. Sarah ainda hesitou, mas então Dave intercedeu:

– Eu vou lá fora chamar um táxi – ofereceu. – Trevor, por que você não pede café e conhaque?

Eu lhe dirigi um sorriso agradecido. Não era de surpreender que Sarah o amasse. Concluí que ele era digno dela, afinal.

– Não há necessidade de chamar um táxi – uma voz grave e familiar interveio. – Estou com o carro aí fora. Eu levo a Rachel.

Fui pega de surpresa pela inesperada oferta de Matt, pois, exceto pelo cumprimento inicial, era a primeira vez que ele de fato se dirigia a mim naquela noite. Antes que eu tivesse tempo de esboçar qualquer reação, ele deu um beijo rápido na testa de Cathy.

– Não vou demorar – assegurou a ela, e então se voltou para mim. – Vamos?

Eu estava prestes a protestar, a insistir que a oferta dele não era necessária e que pegar um táxi era de longe a solução mais prática, quando vi o rosto de Cathy. Fúria, incredulidade e indignação total, todas essas emoções disputavam a *pole position*. Era perverso, eu sabia, mas foi o que me fez aceitar. Ela me devia essa pelo incidente no banheiro. Então me abaixei, peguei minha bolsa e lancei um sorriso ao grupo de amigos reunidos à mesa.

– Lamento ir embora tão cedo, mas vejo vocês todos sábado no casamento. Boa noite.

Ao me afastar, Matt colocou a mão na base das minhas costas para me desviar de um garçom que se aproximava da mesa com uma bandeja de cafés. Ouvi o coro de “Tchaus” enquanto nos afastávamos. A voz de Cathy não parecia estar entre as outras.

Assim que nos vimos do lado de fora, no revigorante ar de dezembro, afastei-me um passo de Matt, interrompendo deliberadamente o contato prolongado de sua mão com meu corpo.

– Por aqui – instruiu ele, erguendo o braço para estender a chave na direção de um veículo

baixo e escuro estacionado sob uma lâmpada brilhante.

Ele abriu a porta do passageiro e segurou meu cotovelo por um instante enquanto eu me abaixava para entrar e me sentar em um banco cor de creme, de um couro macio feito manteiga. Esperei até ele também ter entrado no carro para comentar:

– Bem, isto sem dúvida é bem mais luxuoso que um táxi. Brinquedo novo?

Ele deu de ombros.

– É um carro da empresa.

– Mas você é o dono da empresa.

Ele deu de ombros outra vez.

– E o que você quer dizer com isso?

Virou-se na minha direção e, embora o motor ainda estivesse desligado, havia claridade suficiente vindo das luzes de segurança do restaurante para iluminar o carro. Olhando o rosto dele, ciente da intimidade proporcionada pela proximidade no interior do automóvel, esqueci o que quisera dizer com aquilo, se é que quisera dizer alguma coisa. Droga, se ele me olhasse daquela maneira por mais um ou dois segundos, eu provavelmente esqueceria meu próprio nome. Optei por mudar de assunto:

– Cathy não pareceu muito feliz por você me oferecer essa carona.

– Ela vai superar.

Ok, estava claro que esse era outro assunto proibido. No entanto, ele não o abandonou por completo.

– Cathy e eu... você sabia, não sabia?... Quero dizer, antes desta noite...

Dei de ombros num gesto que eu esperava que parecesse indiferente.

– Claro, Sarah comentou... *en passant*... séculos atrás.

A voz dele de repente baixou de tom, soando menos seguro de si do que parecera a noite toda. Havia ali um eco do garoto que eu conhecera tão bem.

– E você ficou bem com isso?

Devo ter hesitado por um segundo a mais do que deveria antes de responder em um tom que se esforçava para ser jovial:

– Claro. Por que não ficaria?

Ele se endireitou no assento de repente, girou a chave na ignição, acendeu os faróis e, com a breve instrução de “Ponha o cinto”, deu ré e saiu depressa da vaga. Ao que parecia, aquela não era a resposta que ele esperava.

Quando deixávamos o estacionamento, ele apontou o carro na direção do meu hotel.

– Estou hospedada no...

– Sei onde está hospedada – interrompeu Matt.

Ah, maravilha. Agora eu o deixara irritado. Naquele momento eu teria dado qualquer coisa para trocar a carona pelo táxi mais acabado e fedorento que eu pudesse imaginar. Procurei um assunto inócuo para conversar. Havia minas terrestres demais em nossa história para tornar um bate-papo possível. Além disso, os analgésicos que eu tomara para a dor de cabeça ainda não

havam começado a fazer efeito, então, se tivéssemos de percorrer o trajeto de quinze minutos em silêncio total, melhor ainda.

Mas eu não teria essa sorte.

Quando paramos no primeiro sinal vermelho, Matt me pegou distraidamente esfregando o alto do nariz, entre os olhos, para tentar aliviar a dor.

– Você está *mesmo* com dor de cabeça? Não era só uma desculpa?

Ouvi a dúvida por trás da pergunta e isso me deixou mais irritada do que deveria.

– Sim, *estou mesmo*.

– Tem uma farmácia 24 horas mais à frente. Quer parar lá e comprar um remédio?

A gentileza inesperada me pegou de surpresa.

– Não, está tudo bem. Já tomei uns comprimidos.

Não que eles ainda pareçam eficazes, pensei.

Vários minutos se passaram e achei que tivéssemos escapado do constrangimento quando ele soltou uma bomba.

– Cathy e eu... não é nada sério, você sabe. É mais uma questão de conveniência... eu só queria que você soubesse disso.

Estupefata demais para saber como responder, acabei falando:

– Duvido muito que Cathy veja a coisa dessa forma. Ainda mais depois da expressão dela ao deixarmos a mesa juntos. E por que passaria pela sua cabeça que eu preciso dessa informação?

Ele suspirou, e pude ver que se esforçava para escolher as palavras.

– Foi difícil ver você de novo esta noite. Todos nós juntos outra vez.

Com uma única e notável exceção, pensei, mas deixei passar. Ele deu uma risada que estava longe de ter algum humor.

– É só que durante a noite toda não consegui me livrar da sensação de que estava sentado ao lado da pessoa errada.

Eu não sabia o que dizer. Devia me sentir lisonjeada pelo elogio ou ofendida por ele declarar tais sentimentos quando ainda estava em um relacionamento duradouro com outra pessoa?

– Matt, acho que você só está se deixando levar pela nostalgia do reencontro ou algo assim. Você está confundindo o passado e o presente de uma forma bastante dramática. Éramos apenas crianças naquela época. – Minha voz baixou e tremeu um pouco: – Algo terrível aconteceu e as coisas mudaram. *Nós* mudamos.

– Não somos crianças agora – declarou ele, e, sem nenhum aviso, sua mão deixou o volante e cobriu a minha em meu colo. Tirei-a depressa, como se tivesse sido queimada.

– Não. Não faça isso. Você está com outra pessoa, não está livre... – continuei rapidamente ao ver que ele estava prestes a fazer uma proposta: – ... e, mesmo que *estivesse*, não seria diferente. Ainda me sinto da mesma maneira que me sentia quando nos separamos.

Isso tirou de fato sua atenção da estrada e ele se virou para me fitar, incrédulo.

– Você ainda se culpa por causa do Jimmy? Meu Deus, me diga que isso não é verdade. Não depois de todos esses anos.

– Não importa quanto tempo passou – comecei, me perguntando para quantas outras pessoas na minha vida eu teria de ficar me justificando. – Se ele não tivesse tentado me resgatar, ainda estaria aqui agora.

– Mas você não.

Dei de ombros.

– Então é assim que você pretende pagar essa dívida? Isolando-se como uma solteirona velha e murcha para o resto da vida? Meu Deus, Rachel, você só tem 23 anos!

Percebi que a velocidade do carro havia aumentado bastante com a raiva dele.

– E acha que Jimmy ia querer isso, que você se impusesse uma vida solitária?

– Eu não sou solitária – refutei, minha irritação de repente parecendo um pouco demais com a de uma adolescente.

– Bom, você teve algum namorado?

O ataque dele doeu e, sem pensar, procurei atingi-lo de volta.

– Seria difícil. – Joguei o cabelo para trás, revelando a cicatriz à luz dos postes. – Não sou exatamente uma beleza agora, sou?

Minhas palavras pareceram deixá-lo ainda mais zangado do que qualquer coisa que eu tivesse dito antes, e ele xingou várias vezes.

– Não faça isso com você. Não reduza tudo a isso.

O carro virou de súbito em um estreito pátio coberto de cascalho e percebi com surpresa que havíamos chegado ao hotel. Ele freou bruscamente, levantando um pequeno turbilhão de pedrinhas. Sua raiva pareceu sumir com o ruído do motor e ele virou o corpo para mim, estendendo a mão para erguer meu queixo e inclinar meu rosto em sua direção.

– Esta cicatriz... – Seu dedo percorreu a linha branca em forma de raio, em alto-relevo, quase com reverência – ... não é nada. Você não é isso.

Recuei, fugindo ao seu toque, assustada com a intimidade. Eu estava cansada, disse a mim mesma, e com dor, caso contrário jamais teria permitido que ele chegasse tão perto. Tentei desesperadamente trazê-lo de volta à realidade:

– Sua namorada não acha que não seja nada. Ela acha que eu devia fazer uma cirurgia plástica.

– Cathy pode ser... um pouco insensível. Ela só disse isso porque tem medo de você. E ciúme.

Isso me fez me empertigar no banco.

– Ela tem *o quê*? Por quê?

As palavras que ele disse em seguida foram tão inesperadas que fiquei literalmente sem fala:

– Porque ela sabe que nunca esqueci você. Que não importa o que ela e eu possamos ter, nunca vai ser suficiente. Não existe futuro para nós.

As coisas haviam ido longe demais. Eu o empurrei para trás para que ele ficasse em seu banco.

– Tampouco entre nós dois, Matt – respondi com firmeza. – Por favor, não me diga essas coisas, não repita isso. Eu não quero magoá-lo, e, independentemente do que ela possa pensar, também não quero magoar Cathy. Se você não está feliz com ela... então a deixe. Mas não me use como desculpa. Não sou a solução para os seus problemas.

– Não é isso...

Eu não o deixei terminar:

– Olhe, Matt, não sei de onde veio isso tudo, mas o que quer que você pensou que poderia acontecer entre nós, bem... não vai. – Tentei abrandar a rejeição para que o resto do fim de semana fosse ao menos suportável. – Parte de mim vai sempre... – hesitei, ansiosa para não usar a palavra “amar” – ... ter carinho por você, que é uma parte importante do meu passado. Mas é só isso. Uma coisa horrível aconteceu, não só com Jimmy, mas com todos nós. E esta sensação de que não posso ficar com ninguém... por enquanto, pelo menos... bem, é assim que lido com isso.

– Isso é se esconder, não lidar!

Fiquei em silêncio. Esse argumento já tinha sido usado comigo antes. Mas suas próximas palavras não podiam ser tão facilmente ignoradas.

– Você acha mesmo que Jimmy ia querer isso para você? Vê-la sozinha? Pelo amor de Deus, Rachel, ele estava tão apaixonado por você que sacrificou a própria vida para salvar a sua!

Arquejei, atingida por uma dor que reduzia minha dor de cabeça ao menor dos incômodos. Ele viu minha reação e pareceu perplexo com ela.

– O quê? Você não sabia? Você não via isso escrito no rosto dele todas as vezes que olhava para você?

Era de mais. Ouvir isso de novo, pela segunda vez em um único dia, era mais do que eu podia suportar. Balancei a cabeça, negando, meus olhos turvando com as lágrimas.

– Você está enganado. Muito enganado. Nós éramos amigos... só amigos – murmurei baixinho.

– Para você, talvez. Mas não para ele. Todo mundo via. Era tão óbvio...

Eu estava tão confusa que meu cérebro dolorido mal funcionava.

– Isso não é verdade. Eu teria sabido. E ele nunca disse nada... nem uma única vez, em todos aqueles anos...

Alguma coisa remexeu-se no fundo da minha mente. Uma lembrança fugidia, fora do meu alcance.

– Por que você acha que ele me odiava tanto?

– Ele não *odiava* você.

Saí em defesa do meu amigo perdido, mas mesmo enquanto proferia essa negação tinha de reconhecer que sempre houvera um quê de antagonismo entre os dois.

Mais uma vez Matt estendeu os braços, segurando meu rosto entre suas mãos fortes.

– Eu tinha você, ele não tinha. Deve ter havido momentos em que ele achou isso insuportável.

Meu coração se contorceu ao pensar na dor que eu havia causado sem querer. Isso não melhorava em nada as coisas. Só piorava um milhão de vezes. Eu me esquivei antes que Matt pudesse me beijar, pois tinha certeza de que era o que ele pretendia.

– Não posso fazer isso, Matt. Não faça isso comigo. Não é justo.

A essa altura minha mão, tateando, havia enfim encontrado a maçaneta discretamente posicionada. Abri a porta com violência, permitindo que o ar frio de dezembro e, com alguma sorte, um pouco de sanidade entrassem no carro. Eu estava sem o cinto e saltei antes que Matt pudesse se juntar a mim no lado do passageiro.

Talvez ele visse a aflição que causara, ou talvez a iluminação mais clara do hotel lhe permitisse notar que eu estava mesmo me sentindo tão mal quanto afirmava, pois sua voz soou conciliatória:

– Me desculpe se aborreci você, Rachel.

Balancei a cabeça.

– Apenas vá embora. Volte para o restaurante. Para Cathy.

Ele assentiu, mas não parecia feliz.

– Você vai ficar bem? – Os olhos dele, examinando meu rosto, estavam claramente preocupados. – Não parece muito bem.

– Vou ficar bem. Só preciso dormir para essa dor de cabeça passar. Vou ficar bem.

Eu podia sentir sua relutância em me deixar ali, então abri um sorriso produzido por alguma força desconhecida.

– Vá.

Ele retribuiu o sorriso.

– Não vou desistir de você, fique sabendo – prometeu, voltando para o carro. – Você me mandou embora uma vez, mas agora não vou desistir com tanta facilidade.

– Vá – repeti, a súplica entrelaçada com uma nota de desespero.

E enfim ele se foi, o carro atravessando o pátio e desaparecendo na escuridão com um lampejo das luzes do freio ao entrar no fluxo do tráfego.

Enquanto subia, exausta, os três degraus de pedra para o saguão do hotel, não pude deixar de pensar que seu comentário de despedida soara mais como uma ameaça do que como uma promessa.



Quando finalmente passei o cartão na fechadura eletrônica e entrei em meu quarto, fiquei surpresa ao ver que passava apenas um pouco das dez. Parecia muito mais tarde. Chutei os sapatos para longe e afundei na cama, agradecida. Empilhando os travesseiros atrás de mim,

apaguei todas as lâmpadas, exceto a da cabeceira, e me recostei com os olhos fechados. A dor de cabeça ainda estava no auge, e eu temia que ela fosse permanecer a noite toda. Também sabia que era cedo demais para tomar mais remédios e, nesse ritmo, o frasco estaria vazio muito antes do casamento, então eu precisava começar a racionar.

Por quinze minutos, tentei clarear a mente, mas ela se recusava a esvaziar. O dia ficava se desenrolando, em câmera lenta, por minha cabeça torturada. Eu revia o olhar de Janet ao falar do filho morto e de quanto sempre signifiquei para ele. Ouvi mais uma vez minha própria negação, a mesma que repeti em vão para Matt quando ele fizera a mesma afirmação. Eu não podia acreditar que os dois estivessem certos. Que *todo mundo* estivera certo.

Seria mesmo possível eu ter sido tão cega e não ter percebido uma verdade tão vital em nosso relacionamento? Essas eram perguntas impossíveis de responder. E a tragédia de saber que eu nunca teria certeza estava fazendo desmoronar minha decisão de não permitir que meus pensamentos se voltassem para Jimmy. Eu precisava dele agora, nesse momento, mais do que nunca; ouvir sua voz, ver aquele sorriso que estava sempre em seus olhos ao se voltarem para mim.

Sem fazer uma pausa para tomar uma decisão consciente, deslizei as pernas para fora da cama e tateei ao redor à procura dos sapatos. A hora avançada não me preocupava. Eu sabia que só havia um lugar aonde eu podia ir para fazer essas perguntas, para dizer o que precisava ser dito.



A noite estava ainda mais fria quando passei de novo pelo confuso porteiro que me dera boa-noite ao me ver entrar, apenas vinte minutos antes. O vento frio entorpeceu meu rosto assim que comecei a andar depressa até o meu destino. Se questionada, eu sempre poderia dizer que tinha saído para dar uma caminhada em busca de alívio para a dor de cabeça, mas, na verdade, eu precisava de um tipo de conforto bem diferente. E a localização não guardava nenhum horror para mim. Como poderia? Não há nada a temer do fantasma de alguém que você ama.

As ruas escuras estavam quase desertas; era frio e tarde demais para um passeio noturno. Meus pés pisavam ruidosamente as calçadas, onde uma leve camada de gelo começava a se formar. Quando o vento mordeu meu rosto com suas presas geladas, enterrei ainda mais o queixo no cachecol e caminhei direto para suas mandíbulas ferozes com determinação de aço.

Meus pés vacilaram por um segundo ao dobrar a última esquina e ver a igreja surgir a minha frente. Ela se erguia sozinha no topo de uma colina, sem lojas ou casas por perto. Sua vizinha mais próxima era a estação ferroviária da cidade, que ficava a uns 3 quilômetros de distância. Mesmo em um dia claro, o edifício da estação, de tijolos vermelhos, era completamente ofuscado pelas altas grades de ferro do cemitério. Seu isolamento talvez tivesse a intenção de criar uma sensação de paz e tranquilidade, mas naquela noite escura de

dezembro nenhuma dessas emoções vinha à minha mente.

Enquanto me aproximava do grande portão em arco, eu me perguntei o que faria se estivesse trancado. Pularia? Ergui os olhos e examinei a altura da grade... não, isso não iria acontecer. Voltaria pela manhã, supus. No entanto, a urgência de fazer essa conexão real e física com Jimmy era tão forte que eu não acreditava que pudesse esperar até o dia seguinte.

O portão abriu, deslizando com dobradiças bem lubrificadas. Estranho! Eu tinha certeza de que ele iria ranger e tornar o clichê completo.

Uma vez dentro do cemitério, minha coragem vacilou por um instante. Seria esse um ato de loucura total, perambular por um cemitério deserto àquela hora da noite? Não era justamente esse o tipo de comportamento que eu sempre achara ridículo nas heroínas dos filmes?

O barulho de um carro se aproximando me assustou e, por instinto, me escondi atrás de um grande carvalho para evitar ser apanhada pelos faróis. Eu havia esquecido que podia ser vista pelos carros que passavam na rua. Além disso, não estava exatamente vestida para manobras secretas com meu longo casaco branco. Não tinha nem certeza se não estava cometendo um ato criminoso, ou de invasão, mas não pretendia terminar a noite em uma delegacia de polícia tentando justificar meu comportamento. O fato de ter sido quase descoberta me fez deixar a hesitação de lado e, assim que o carro estava fora do meu campo de visão, me afastei da árvore e comecei a caminhar com propósito renovado em direção aos fundos da igreja, onde ficava o pequeno cemitério.

Não havia muitos túmulos naquela área. A seção antiga e maior ficava do outro lado, e grande parte da nova área gramada ainda esperava a chegada de seus ocupantes. Eu supunha que o grande crematório na cidade vizinha explicasse o número reduzido de novas lápides que eu via naquele local de descanso mais tradicional. Instintivamente eu sabia que Janet teria escolhido um lugar por perto, onde ela pudesse visitar o filho perdido. E também sabia que o modo mais fácil de encontrá-lo seria procurar a sepultura mais bem cuidada.

Não precisei procurar muito. Só o tempo suficiente para ler meia dúzia de epitáfios de cortar o coração, enquanto andava em meio às lápides de granito. *Querido marido, Amada avó, Muito amado pai.* Era tanta dor, tantas lágrimas que o solo congelado devia estar saturado dessas emoções.

O túmulo de Jimmy ficava um pouco afastado, e era nitidamente mais novo que seus vizinhos. A lápide era de um mármore branco reluzente e parecia brilhar sob a iridescência da lua de inverno. Dei a volta e me preparei por um momento antes de ler a inscrição.

Jimmy Kendall.

Partiu cedo demais aos 18 anos.

Filho querido e amigo leal.

Nosso amor por você viverá para sempre.

Deixei escapar um soluço de dor tão brutal que parecia mais animal que humano em sua

agonia. Senti meus joelhos começarem a fraquejar e afundei na grama gelada ao lado do túmulo. Eu tinha ido até ali na esperança de dar voz a todos os meus sentimentos, mas nenhum deles conseguia atravessar a onda fervilhante de dor que me arrastou. Eu havia acreditado que, com o passar dos anos, alcançara um ponto de aceitação, mas percebia agora que tudo o que fizera fora passar uma fina camada de fingimento sobre uma ferida aberta. Naquele momento, eu era incapaz de proferir palavras; só conseguia me balançar lentamente para a frente e para trás, ajoelhada, repetindo o nome dele sem parar.

Era doloroso demais. Eu não estava forte o bastante, nem física, nem emocionalmente, para enfrentar tamanha dor naquela noite. Tinha sido loucura ir até ali. Com o corpo ainda sacudido por soluços, comecei a me levantar e cambaleei para a frente, só evitando a queda ao apoiar a mão na relva escorregadia por causa do gelo. Minha cabeça de repente parecia estranha, pesada demais para que meu pescoço a sustentasse. Então, deixei escapar um pequeno grito de impotência, e o braço que me apoiava cedeu e desabei à frente, no chão frio e duro ao lado da sepultura.

A dor de cabeça agora envolvia todo o meu pescoço e os ombros, e eu me perguntei se não havia batido em uma pedra ao cair. Mas a grama fria sob o meu rosto estava livre de obstáculos. Muito lentamente, tentando manter a cabeça imóvel, fui mexendo os braços para trás, centímetro por centímetro, até que as duas mãos estivessem espalmadas no chão de cada lado do meu corpo. Tentei me levantar, mas, apesar de usar de toda a minha força, meus antebraços trêmulos não obedeciam. Depois de várias tentativas inúteis, me dei conta de que não iria conseguir ficar de pé daquela maneira.

De repente o perigo em que eu me encontrava ficou assustadoramente óbvio. Eu estava caída, doente e imobilizada, em um cemitério deserto. Ninguém sabia que eu estava ali; ninguém sentiria a minha falta – pelo menos não até de manhã. Eu poderia *morrer* ali. O pensamento, tão aterrador, conseguiu trespassar a dor que parecia um torno apertando minha cabeça. Eu não tinha a menor ideia de em quanto tempo poderia morrer de hipotermia. Mas sabia que não iria desistir e ficar ali caída para morrer ao lado do garoto que perdera a vida ao salvar a minha.

Tentando ignorar a agonia em minha cabeça, comecei a tentar virar de lado pouco a pouco. Meu progresso era lento, cada movimento disparando um espasmo paralisante a partir do meu pescoço. Parei várias vezes para recuperar o fôlego, encontrando força para continuar não em meu desejo de viver, mas na consciência de que me perder, ainda mais nessas circunstâncias, arrasaria meu pai.

Por fim, quando recuperei um pouco do fôlego, ergui os joelhos com cuidado em direção ao peito. Pelo menos aquela área do meu corpo não estava dolorida, mas estranhamente entorpecida, o que supus que fosse o resultado de ficar deitada no solo congelado. Com as pernas posicionadas, percebi que não conseguiria realizar minha próxima manobra com tanta delicadeza. Não me restava muita força e parecia que seria uma tentativa do tipo ou tudo ou nada. Preparei meu braço para que suportasse meu peso, respirei fundo, preendi o ar, girei o

corpo e, com um esforço hercúleo, me apoiei nos joelhos.

Pontos brilhantes de luz rodopiavam atrás dos meus olhos. Senti a vertigem de um desmaio iminente e mordi com força o lábio inferior para lutar contra a fraqueza. Quando passou, abri os olhos com cautela. Eu ainda estava de quatro, e me sentia tão grata por não ter sucumbido à inconsciência que levei um momento ou dois para perceber que havia alguma coisa errada com meus olhos. Muito errada. Um grito involuntário de puro terror escapou de meus lábios congelados. Minha visão havia desaparecido no olho direito, e o esquerdo tinha apenas visão em túnel, a periférica sumindo em um nevoeiro. Eu sabia que isso não tinha nada a ver com a exposição a condições severas do clima, hipotermia ou sofrimento intenso. A perda da visão era o último e extremo elo de advertência na corrente de orientação médica que eu tão imprudentemente optara por ignorar.

Dizendo a mim mesma que não podia me dar ao luxo de entrar em pânico, tateei com a mão esquerda, encontrei a borda de mármore larga da lápide de Jimmy e me pus de pé, as pernas tão firmes quanto elásticos. Notei que estupidamente havia deixado meu celular no quarto do hotel, portanto minha única chance de conseguir ajuda era chegando à rua. Esperando que me perdoassem o desrespeito, usei as pedras ao redor do túmulo de apoio enquanto abria caminho, de modo lento e hesitante, pelo cemitério.

A visão em meu olho esquerdo parecia estar decaindo em um ritmo alarmante; o pequeno círculo de visão agora me dava a sensação de que olhava por um tubo estreito. Tentei ignorar meu pavor maior de que isso pudesse ser permanente. Eu não podia permitir que esse pensamento me dominasse ou que a exaustão vencesse meu corpo. Era difícil, sobretudo quando o que eu mais queria era deitar e fechar os olhos para me proteger desse pesadelo assolado pela dor. Até andar estava se mostrando difícil, e cada passo trêmulo que eu dava tinha a fluidez de um zumbi recém-despertado.

Ao deixar o apoio da última lápide, distingi vagamente um som distante. Seria só um trem na estação ou poderia ser um carro se aproximando? Ainda não deviam ser onze horas, então não era tarde demais para que um carro passasse por ali... A rua, embora quieta, talvez ainda tivesse um veículo passando vez por outra. Mas, de onde eu estava, nas sombras da igreja e das árvores que a cercavam, sabia que nunca seria vista. O barulho cresceu em intensidade. Era mesmo um carro.

– Socorro! – gritei, em vão. – Por favor, pare, me ajude!

Então me lancei para a frente, tentando correr e erguer os braços para acenar para o veículo. Foi minha última má ideia, numa noite cheia delas. Correr não é uma boa se você mal consegue ficar de pé. Ou enxergar. Eu já estava tombando de cabeça para o chão e para o esquecimento quando os faróis do carro descreveram um arco na direção do céu estrelado.

CAPÍTULO 3

A primeira coisa de que tive consciência foi a constante sensação de dor em minha cabeça, que parecia ter aumentado. Mexi a cabeça devagar, com movimentos mínimos, e ouvi o arranhar suave de atadura raspando em algodão. Tentei levantar um braço para investigar, mas me detive ao sentir o puxão doloroso de algo enfiado em meu antebraço. Parecia que eu estava ligada a uma máquina. Um bipe persistente vindo de um equipamento atrás de mim confirmava que eu devia estar conectada a algum dispositivo de monitoramento, assim como ao soro. Era óbvio que eu me encontrava em um hospital, mas por que não conseguia ver nada?

Pisquei várias vezes. Era estranho, mas minhas pálpebras pareciam ter dificuldade em responder. De todo modo, isso não fez nenhuma diferença, tudo ainda estava na escuridão. Por que eu não conseguia ver? O que acontecera comigo? Senti uma poderosa onda de pânico começar a me envolver. Por que não me lembrava? Qual era o problema com a minha cabeça – e com meus olhos? Esforcei-me para recordar. Tinha vislumbres fugazes do dia anterior. Podia me lembrar de ter visitado minha antiga casa, e em seguida veio a imagem acelerada de um restaurante. Depois eu voltara para o hotel. Tinha tomado um táxi? Não conseguia lembrar. Então chegara ao quarto... e depois... nada. Havia um abismo enorme no ponto em que deveria estar o restante de minhas memórias.

Lutei para me mover, para me sentar, mesmo com todos os fios e tubos presos a mim. O ruído dessa agitação inútil alertou alguém no quarto.

– Ora, olá. Bem-vinda de volta, Rachel. É bom ver você acordada. Deixe-me chamar o seu pai.

De repente veio o som de uma porta se abrindo e passos se afastando depressa, ecoando por um corredor. Eu me dei conta de que estava sozinha antes mesmo que pudesse ordenar a meus lábios entorpecidos que formulassem uma pergunta.

Será que ela tinha ido telefonar para o meu pai? Alguém já informara a ele que eu estava no hospital? O medo de como ele teria reagido àquela notícia percorreu meu corpo. Ele estava doente demais para lidar com outra preocupação nesse momento. Eu me perguntei se eles poderiam trazer o telefone até minha cama. Talvez apenas ouvir minha voz fosse suficiente para tranquilizá-lo sobre minha saúde. Mas como eu poderia me acalmar, e também a ele, quando nem eu mesma sabia qual era a situação? Deixei escapar um gemido zangado de pura e impotente frustração.

– Ei, ei... nada disso. Tudo vai ficar bem.

Passos rápidos e firmes se aproximaram da cama. Como isso era possível?

Comecei a levantar a cabeça do travesseiro, ignorando quaisquer agonias que isso pudesse provocar. De todo modo, minha cabeça já girava em choque.

– Pai? Pai, é você?

Uma mão quente, familiar e áspera envolveu a minha, que repousava nos rígidos lençóis do hospital.

– É claro que sou eu, meu amor.

Seu hálito aqueceu meu rosto quando ele se debruçou para me beijar, a barba arranhando a minha pele.

– Ah, papai... – comecei, e então, embora houvesse mil coisas que eu pudesse dizer, *devesse* dizer, nenhuma delas saiu, pois de repente estava me desmanchando em lágrimas, num choro ruidoso.

– Pronto, pronto, pronto – murmurou meu pai, aflito, dando tapinhas na minha mão.

Eu o conhecia bem o suficiente para, mesmo sem enxergá-lo, saber que expressão estaria em seu rosto. Ele sempre ficara perturbado com minhas lágrimas, fosse quando eu era criança ou em meus turbulentos anos de adolescente. Sabendo como era difícil para ele lidar com elas, fiz um esforço verdadeiro para conter o choro.

– Estou tão feliz por você estar aqui, papai... – falei, fungando, voltando à forma de tratamento infantil sem nem me dar conta.

– Estou tão feliz por vê-la acordada outra vez, meu amor. Você não pode imaginar o medo que senti quando cheguei aqui e vi você daquele jeito... toda cheia de fios e tudo mais. Isso me trouxe tantas lembranças horríveis...

Ouvi o tremor em sua voz. Naturalmente, ele não devia ter conseguido parar de pensar na noite do acidente.

Eu podia imaginar a angústia pela qual ele devia ter passado na época, sentado por dias a fio ao lado de uma cama de hospital igual a esta. Passaram-se muitos meses antes que ele me revelasse o verdadeiro terror que vivera enquanto eu permanecia lá, inconsciente e inerte. E, embora os médicos tivessem lhe assegurado que eu só precisava de tempo, que o atendimento de emergência me fizera voltar a respirar antes da ameaça de dano cerebral, que eu me recuperaria por completo, ainda assim ele devia ter ficado apavorado até o momento em que abri os olhos.

Aquele fora o instante de alívio de sua tormenta e o começo da minha. Pois eu não permitira que ele adiasse a hora de me dar a horrível notícia; havia recusado esperar até estar “*mais forte*”. E, sinceramente, quem em algum momento estaria forte o bastante para ouvir a notícia de que seu melhor amigo havia morrido ao salvar a sua vida?

Sem dúvida o acidente de cinco anos antes estava tanto na mente dele quanto estivera na minha.

– Lembranças do acidente – falei, em tom suave.

– Acidente? – Ele parecia perplexo. – Não, amor, lembranças da sua pobre mãe.

Fiquei confusa, pois ele quase nunca falava dela. Supus que a possibilidade de me perder houvesse despertado muitas lembranças dolorosas. Eu não sabia como responder, mas fui salva pelo som da porta se abrindo e de várias pessoas entrando no quarto.

– Olá, doutor – cumprimentou meu pai. Parecia conhecer o homem que acabara de entrar. Na verdade, dera a impressão de conhecê-lo bem.

Pela primeira vez me ocorreu perguntar:

– Há quanto tempo estou aqui?

– Um pouco mais de 36 horas, mocinha – disse o médico, numa voz que eu supus ter a intenção de ser tranquilizadora. Mas *não* me senti tranquilizada. Como se estivesse em uma corrida contra o tempo, minha mente tentava de modo frenético juntar as peças do quebra-cabeça do que havia me acontecido. Como um arco de eletricidade entre dois terminais, de repente eu lembrei: o cemitério; a dor de cabeça paralisante; minha súbita cegueira. Lembrei de tudo.

Ergui o braço que não estava restrito pela parafernália hospitalar até minha cabeça enfaixada.

– Vocês tiveram que me operar por causa das dores de cabeça? A cegueira?

O médico soltou uma gargalhada divertida. Que graça poderia haver no que eu tinha acabado de perguntar?

– Deus me livre, Rachel, você não está cega.

– Mas não consigo enxergar! – gemi.

A risada de novo e, dessa vez, papai juntou-se a ele.

– Seus olhos estão cobertos por ataduras. Eles sofreram pequenos arranhões... provavelmente no cascalho, quando você caiu. Você levou mesmo uma pancada muito forte na cabeça.

Virei-me na direção da voz da enfermeira. Do que ela estava falando? Com certeza ela não estava vendo, ou preferiu ignorar, a expressão no meu rosto que dizia claramente que ela era uma idiota, pois continuou:

– É por isso que o Dr. Tulloch está aqui agora, para tirar as ataduras e verificar as suturas.

– Mas eu *não* bati a cabeça – insisti, dirigindo-me a qualquer um disposto a ouvir.

Senti meu pai segurar minha mão mais uma vez.

– Quieta, Rachel, não fique nervosa. É normal as coisas ficarem um pouco nebulosas no início.

– Acho que eu lembraria se tivesse batido a cabeça – respondi em tom mais brusco do que pretendia. – Foi a dor de cabeça, sabe? – tentei explicar. – Foi absolutamente insuportável.

– Você está com dor de cabeça agora? – perguntou o médico, muito atento.

– Bem, não – respondi, percebendo pela primeira vez que, embora a cabeça doesse, a dor era diferente da agonia que eu vinha sentindo. – Só está um pouco dolorida...

– Tenho certeza de que sim. Vai passar em um ou dois dias. Como a enfermeira disse, foi uma queda muito feia.

Eu teria continuado a protestar, mas senti mãos tocando a parte posterior da minha cabeça e começando a me livrar das ataduras. A cada volta, a pressão diminuía e a ansiedade aumentava. Quando enfim me vi livre dos meus acessórios de múmia, a decepção me dominou.

– Ainda não consigo ver nada. Ainda estou cega!

A voz do médico tinha um tom ligeiramente mais impaciente. Era óbvio que agora ele havia me rotulado como uma pessoa dramática.

– Deixe-me tirar a gaze antes de você sair por aí de bengala branca, mocinha. Enfermeira, por favor, as persianas.

Concluindo que não gostava daquele homem, por mais que meu pai pudesse discordar, voltei o rosto na direção de sua voz e permiti que ele levantasse primeiro uma, depois a outra das coberturas circulares que protegiam minhas pálpebras. Pisquei pela primeira vez, desfrutando a liberdade do movimento. As persianas deixavam o quarto na penumbra, mas, pelas aletas semicerradas, ainda passava luz suficiente para que eu distinguísse as silhuetas vagas de quatro pessoas ao redor da minha cama: o médico, um jovem de jaleco branco parado ao lado dele, a enfermeira e, do outro lado, meu pai.

– Posso ver silhuetas – declarei, minha voz uma estranha mistura de alegria e incredulidade. – Está nebuloso, mas...

– Espere um momento. Enfermeira, podemos ter um pouco mais de luz agora, acho.

Ela obedeceu, girando outra vez o controle da persiana. De repente, as coisas começaram a clarear e eu vi o médico de cabelos brancos, o jovem residente de óculos, a enfermeira de meia-idade. Comecei a abrir um sorriso largo, uma reação que todos eles imitaram.

Voltei-me para meu pai, o sorriso aberto, e então fiquei imobilizada, com uma expressão indecifrável no rosto.

– Rachel, qual o problema? Doutor! Doutor, o que há de errado?

Em um instante o médico estava ao meu lado, dirigindo uma pequena lanterna para os meus olhos, verificando minhas reações, mas lutei contra ele para olhar novamente para meu pai.

– Rachel, pode me dizer qual é o problema? – perguntou o médico. – Você está com dor, sua visão está alterada de alguma forma?

Alterada? Bem, sim, eu deveria dizer. Mas não do modo a que ele se referia.

– Não, estou enxergando bem. Tudo está claro agora.

– Então o que há de errado?

– É o meu pai.

– Eu?

Meu pai parecia totalmente confuso. Então, bem-vindo ao clube. Eu me obriguei a olhá-lo devagar e com maior concentração. Mas o que via não fazia sentido. A voz do médico assumira um tom que eu imaginava que ele em geral reservava aos doentes mentais.

– O que tem o seu pai?

Não consegui encontrar minha voz.

– Rachel, meu bem, você está me assustando. Não pode nos dizer logo qual é o problema?

– Tem alguma coisa errada com seu pai, Rachel?

Eu me virei para o médico para responder à pergunta, e então voltei-me outra vez para o meu pai, a única família próxima que eu tinha. Minha visão recentemente habilitada abarcou suas bochechas roliças, os olhos brilhantes – embora agora anuviados de preocupação –, a barriguinha saliente que ele sempre planejava perder em uma academia. Não havia o menor sinal do homem desfigurado pelo câncer, abatido e envelhecido que eu vira três semanas antes.

– Não! Esse é o problema. Não tem absolutamente nada de errado com ele!

CAPÍTULO 4

Dezembro de 2013
Também cinco anos depois...

O homem devia estar me observando havia um tempo considerável antes de eu tomar consciência da presença dele. Poderia estar ali ao meu lado na plataforma lotada do metrô e eu não ter percebido: estávamos apertados como gado durante o costumeiro êxodo de Londres das noites de sexta-feira. Percorrendo as sinuosas passagens revestidas de azulejos ao trocar as linhas subterrâneas, eu não estava de fato ciente de nada, exceto do incômodo de ter que arrastar minha maleta atrás de mim em plena hora do rush. Parei de pedir desculpas depois de atropelar o quinto par de pés. Fora um grande erro sair tão tarde para aquela viagem: teria feito muito mais sentido ir de carro com Matt pela manhã, como ele sugerira, mas eu tinha um prazo inadiável para a entrega de um artigo no qual vinha trabalhando, e não pude ignorá-lo.

– Devo esperar você para irmos juntos quando tiver terminado?

Considerarei aquela ideia por um momento, mas em seguida a descartei:

– Não, não faz o menor sentido nós dois chegarmos tarde. Você vai primeiro, eu termino o trabalho e então pego o trem expresso.



Na hora, parecera uma ideia muito boa, mas agora... bem, tinha sido péssima. Entre minhas tentativas de abrir caminho com uma maleta em meio à multidão (o que me fez esmagar os cinco pares de pés), eu ficava consultando freneticamente o relógio em meu pulso, ciente de que o tempo estava se esgotando depressa para eu conseguir pegar o trem da linha principal, saindo de Londres com destino a Great Bishopsford. Nesse ritmo, eu teria sorte se chegasse ao restaurante antes que as sobremesas fossem servidas. A culpa por decepcionar Sarah deu energia aos meus passos, e passei voando entre dois executivos de terno, recebendo um comentário muito pouco cavalheiresco de um deles.

– Desculpe – murmurei, sem nem sequer olhar para trás para conferir se meu pedido de desculpa fora ouvido.

Olhei outra vez o relógio; eu tinha menos de doze minutos até o trem partir. Teria que correr. Ao baixar o braço, um súbito brilho me atingiu, refletindo momentaneamente uma lâmpada no teto. Droga! Isso mostrava quanto eu estava apressada, porque não conseguia

lembrar a última vez que esquecera de esconder meu anel antes de pegar o metrô para casa. Em um movimento rápido, girei o grande diamante em meu dedo anelar, de modo a aninhá-lo na palma da mão, deixando exposta apenas uma aliança de platina simples. Matt ficaria furioso se soubesse do meu esquecimento. Ele não gostava que eu o usasse para viajar, mas qual era o sentido de ter um anel de noivado tão fabuloso se eu tinha que mantê-lo trancado em um cofre o tempo todo?

Só Deus sabe como, consegui embarcar no trem faltando poucos segundos para a partida. Meu coração ainda batia furiosamente no peito, por causa da corrida pela plataforma, quando guardei a mala no compartimento superior do vagão e me sentei, as pernas tremendo por causa do esforço a que não estavam acostumadas. Prometi a mim mesma que este ano minha resolução de ano-novo seria passar a frequentar de verdade a academia na qual eu gastava tanto dinheiro e onde não aparecia havia três meses ou mais. Como em tantas áreas de minha vida, todas as minhas boas intenções logo tinham sido enterradas sob uma avalanche de trabalho.

Eu tinha sorte de Matt ser tão ocupado quanto eu e entender as exigências do meu trabalho; de outra maneira, nosso relacionamento jamais teria sobrevivido. Longas horas no escritório, planos cancelados no último minuto, trabalho até tarde da noite e nos fins de semana... essas eram coisas com as quais estávamos igualmente familiarizados. Quando eu pensava sobre isso – nos raros momentos em que tinha um segundo livre para pensar em qualquer coisa que não estivesse relacionada ao trabalho –, eu me perguntava como alguém conseguia encontrar o equilíbrio entre uma carreira bem-sucedida e um relacionamento. E se no fundo da minha mente havia uma voz irritante me dizendo que as coisas não deveriam ser como estavam, então eu a ignorava, dizendo a mim mesma que isso era apenas um problema temporário e que tudo se ajustaria em algum momento do ano seguinte, assim que Matt e eu enfim encontrássemos um lugar para morar juntos. Supondo que algum dia teríamos tempo suficiente em nossas agendas para sair à procura de um apartamento.

Se eu ainda não me sentisse tão “novata” na revista, talvez conseguisse relaxar mais. No entanto, toda vez que pensava em reduzir o ritmo, podia ouvir o eco das dúvidas manifestadas em minha entrevista enquanto meus potenciais empregadores liam meu currículo, detalhando meus dois anos de experiência provinciana em um jornal local. Mas, contra todas as probabilidades, eu conseguira o emprego, apesar de os outros candidatos serem, pelo menos no papel, muito mais qualificados e experientes que eu. Já tinham se passado oito meses, e eu ainda estava tentando provar a eles – e principalmente a mim mesma – que haviam tomado a decisão certa. E, se isso significava ser a primeira a chegar todos os dias e a última a sair à noite... bem, era o que eu tinha que fazer. Por enquanto.

Só quando percebi que estava vendo mais os faxineiros do turno da noite do escritório que meu noivo pensei que talvez devesse relaxar um pouco o regime de trabalho. E não era apenas Matt que eu vinha negligenciando. Não ia a Great Bishopsford ver meu pai fazia quase seis meses, e não era nem um pouco louvável da minha parte ter adiado a visita por saber que iria

de qualquer forma em dezembro, para o casamento de Sarah.

O trem passou chacoalhando por uma estação, os passageiros à espera parecendo um borrão multicolorido enquanto seguíamos depressa. Quando voltamos à escuridão, vi o reflexo do homem sentado do outro lado do corredor, num banco diagonal ao meu. A escuridão perfeita espelhada na minha janela mostrava um homem atarracado e calvo sentado ereto em seu assento, alheio aos costumeiros passatempos dos passageiros: jornais, iPod ou coisas semelhantes. Não, aquele homem parecia ter apenas uma distração: eu. Embora eu não tivesse feito nenhum movimento, ele deve ter percebido que eu o vi me encarando. Imperturbável, não desviou os olhos de imediato. Em vez disso, pareceu intensificar o escrutínio e então, lentamente, revelando dentes feios e tortos, me dirigiu um olhar lascivo. Um calafrio inexplicável percorreu minha espinha.

Tirei uma revista da bolsa e, numa pose instintivamente defensiva, coloquei-me de costas para o restante do vagão, voltada para a janela. Folheei dez ou vinte páginas antes de admitir que não tinha a menor ideia do que havia nelas. Podia sentir a intensidade do olhar dele sobre mim, e o que vi no reflexo da janela confirmou isso. Os cabelos em minha nuca se arrepiaram de um jeito desconfortável. Para minha infelicidade, durante uma dessas inspeções furtivas, ele me flagrou observando-o me olhar, e me dirigiu outra vez aquele sorriso feio e vagaroso, passando a língua nos lábios de um jeito quase imperceptível.

Isso bastou. Outro tipo de mulher talvez erguesse os olhos e o desafiasse, verbalmente ou com um olhar expressivo. Mas eu não era assim. Sentindo-me tola, mas agindo apenas por instinto, peguei o casaco no assento junto ao meu e mudei para um lugar vazio do outro lado do vagão, a alguma distância dali. Enquanto me apressava pela estreita passagem entre as fileiras de assentos, pensei ouvir uma risada baixa, maliciosa e arrogante vindo de um ponto atrás de mim.

Escolhi um lugar na frente de uma mulher de meia-idade absorta em um livro. Eu agora tinha as costas voltadas para o estranho e seu reflexo não era mais visível. No entanto, em vez de me sentir confortada, me arrependi da troca quase no mesmo instante, sentindo-me mais vulnerável que antes agora que não podia ver sua posição. Isso era ridículo. Por que eu estava tão perturbada? Não era a primeira vez que tinha de me esquivar de atenção masculina indesejada. E, embora eu sem dúvida não estivesse na mesma categoria de minha antiga colega de escola Cathy, qualquer jovem razoavelmente atraente era capaz de lidar com avanços masculinos indesejados sem nem pensar duas vezes. No entanto, eu não conseguia deixar de sentir que as intenções daquele estranho em relação a mim não se encaixavam nessa categoria familiar.

Foi uma das viagens de trem mais desconfortáveis de que me lembro, mas havia pelo menos uma segurança reconfortante no número de pessoas no vagão. Quando o guarda veio verificar os bilhetes, considerei por uma fração de segundo mencionar o homem. Mas então, com a mesma rapidez, descartei a ideia. Por mais ameaçador que tivesse sido o olhar dele para mim, eu realmente não tinha nenhum motivo para alertar o guarda. Quase podia imaginar

sua inevitável reação: “... Ele estava olhando para a senhorita de ‘um jeito estranho’, é isso?” Entretanto, mesmo ao engolir a queixa, devia haver alguma ansiedade reveladora em meus olhos que alertou o guarda; pois, ao me devolver o bilhete, ele parou e me examinou com cuidado antes de perguntar:

– Está tudo bem? A senhorita parece um pouco... – Sua voz falhou.

Em silêncio preenchi a lacuna: paranoica/maníaca/maluca. A mulher sentada à minha frente baixou o livro e ficou aguardando minha resposta. Uma pequena distração da monotonia da viagem de volta para casa. Fiquei feliz em desapontá-la:

– Não, estou bem, obrigada. Só preocupada por chegar atrasada a um jantar especial esta noite.

– Bem, estamos no horário previsto, portanto não pode culpar a British Rail desta vez – brincou ele, rindo.

Ri também, o que pareceu, até para os meus ouvidos, alegre e forçado demais.

Enquanto o guarda seguia para o grupo de assentos bem atrás de mim, arrisquei olhar sobre o ombro a tempo de vislumbrar uma figura volumosa vestida com uma jaqueta desalinhada de cor castanha deixando com alguma pressa o vagão, em direção ao vagão adjacente. Meu suspiro de alívio foi tão alto que a mulher sentada à minha frente mais uma vez baixou o livro e me lançou um olhar questionador. Sorri brevemente e voltei a atenção para a revista.

O ritmo do trem era soporífero e não demorou para que eu baixasse a revista, apoiasse a cabeça de um jeito mais confortável no descanso do assento e fechasse os olhos. Era uma sensação estranha voltar para casa; mais estranho ainda seria encontrar amigos que eu não via fazia anos. Era impossível não me sentir culpada ao pensar que os votos que todos havíamos feito de manter contato tinham sido promessas vazias, mais cheias de boas intenções que de determinação verdadeira.

Fora fácil manter contato nos tempos de estudante, voltando para casa ao fim de cada período. Porém, não era tão simples agora que estávamos espalhados pelos quatro cantos do país com apenas um ou dois de nós ainda morando perto de Great Bishopsford. Para a maioria, nossa velha cidade natal ficou pequena demais quando carreiras e relacionamentos começaram a nos levar para longe.

Lutar por minha carreira em jornalismo tornara a mudança para Londres inevitável. O mesmo se aplicava a Matt, que precisara se instalar na capital desde que assumira o controle dos negócios da família, após os pais se aposentarem e se mudarem para a Espanha. Eu ainda via Sarah sempre que podia, é claro; algumas amizades resistem a qualquer distância, separação ou negligência. Mas outras pessoas, que eu pensara que sempre estariam em minha vida, pessoas importantes, de alguma forma haviam desaparecido.

Eu tinha criado uma expectativa em relação àquela noite e sentia-me desapontada com o fato de que, por causa de meus compromissos de trabalho, chegaria algumas horas depois de a reunião ter começado. Mais que qualquer outra coisa, eu estava curiosa para ver se os laços

de nossa amizade ainda estavam lá, ou se a dissolução do antigo grupo era algo tristemente irreversível.

O homem cuja atenção indesejada havia perturbado tanto o começo da minha viagem não retornou mais ao vagão. Embora isso devesse ter aquietado meus temores, eu não podia evitar verificar entre os passageiros que desembarcavam a cada estação, meus olhos vasculhando a escuridão na esperança de avistar uma jaqueta castanha surrada. Não o vi. Saber que o mais provável era que ele continuasse no trem em nada ajudava para me acalmar. Numa das principais estações, o trem esvaziou consideravelmente e foi impossível procurá-lo em meio à multidão na plataforma. Agora restava apenas um punhado de estações até a Great Bishopsford, e menos ainda depois dela. Quais eram as chances de ele desembarcar na mesma estação que eu? Maiores agora que antes, eu suponha. O calafrio na minha espinha estava de volta.

Eu pretendia pegar um táxi na estação, e, atravessando a cidade, ir direto para o restaurante. Era uma pena que não houvesse tempo de ir ao hotel trocar de roupa antes, mas, mesmo indo direto, eu já chegaria muito atrasada. Agora eu me arrependia de não ter pedido a Matt para me buscar na estação, mas parecera egoísta tirá-lo do jantar no meio da noite. Pegar um táxi devia ser a melhor opção. Eu só esperava que houvesse um à disposição no ponto.

Faltando apenas dez minutos para a minha estação, peguei um espelhinho e um pente na grande bolsa que carregava. Como eu era, a essa altura, uma das únicas três pessoas que restavam no vagão, não parecia tão impróprio retocar a maquiagem no trem. E, embora a luz fluorescente no teto não fosse apropriada, pelo menos me permitia arrumar um pouco os estragos do dia. Apliquei o pó, retoquei a sombra e passei uma camada suave de gloss nos lábios. Infelizmente o tamanho do espelho não me permitia ver o efeito completo. Tentei posicioná-lo tanto no alto quanto embaixo, numa tentativa de ter uma visão melhor, o que não foi muito eficaz, e estava prestes a fechar o espelhinho quando, bem no canto, tive um vislumbre fugaz de castanho refletido no vidro.

Virei-me no assento, como se tivesse tomado um choque, imaginando o homem estranho de antes parado atrás de mim. Não havia ninguém ali. No vagão, estávamos apenas eu e outros dois ocupantes, ambos parecendo dormir. Com cuidado, afastei-me de meu lugar, apavorada com a possibilidade de que o homem calvo estivesse de alguma forma abaixado, à espreita, atrás de um dos bancos. Enquanto avançava pelo corredor, hesitante, mantive os olhos atentos à localização da corda de emergência mais próxima. Que se danassem as 250 libras pelo uso indevido, se alguém tivesse feito um “buuu” que fosse para mim naquele momento, eu estava pronta para fazer o trem parar em um instante.

Naturalmente, não havia ninguém lá. E, quando estava na metade do vagão, já tinha começado a me sentir mais do que um pouco ridícula. E conseguira me convencer de que o que eu pensara ter visto no espelho devia ser apenas um lampejo alaranjado de uma lâmpada de rua por que passamos. Era apenas minha imaginação hiperativa que dera um salto quântico para a conclusão errada. Não havia ninguém à espreita, e, a menos que eu pretendesse

procurar em todos os vagões – o que eu *sem dúvida* não pretendia –, só precisava me libertar da ideia do perseguidor enlouquecido.

Com alívio ouvi o alto-falante anunciar que a próxima parada seria Great Bishopsford, o que me dava apenas um minuto ou dois para pegar a mala no meu primeiro assento e meus outros pertences no segundo. Esperei com impaciência diante das portas automáticas e fui uma das primeiras a desembarcar quando o trem enfim desacelerou e parou na estação. Fiquei feliz ao ver três outras pessoas descerem de um vagão mais adiante na plataforma, e andei o mais rápido que minha mala permitia para acompanhá-las.

Subir o longo lance de escadas arrastando a mala me fez ficar para trás, de modo que já não via os outros passageiros quando ouvi, ou pensei ter ouvido, alguém na plataforma abaixo de mim, alguém fora do poço de luz da escada. Alguém havia desembarcado depois de mim.

Corri o restante do lance de escada, minha mala literalmente quicando sobre os degraus de concreto. Ao chegar à pequena bilheteria, olhei em volta, em busca dos outros passageiros ou de um guarda. Não havia ninguém à vista, mas eu podia ouvir um carro se afastando da entrada da estação, de modo que deduzi que todos haviam sido apanhados por alguém. Mas o guarda ainda estaria ali... Eram só dez horas; eles deixavam mesmo a estação deserta tão cedo?

– Olá! – chamei, a palavra um eco trêmulo no saguão vazio. – Tem alguém de serviço?

O silêncio foi a resposta. De repente consciente de minha vulnerabilidade no topo dos degraus, me afastei depressa da escada. Quem quer que tivesse desembarcado do trem depois de mim estaria na área da bilheteria em questão de instantes. Apurei os ouvidos para escutar o ruído de passos nos degraus, mas não pude distinguir nenhum som.

Havia duas opções: ou eu imaginara ouvir alguém na plataforma abaixo de mim ou quem quer que tivesse saltado do trem estava agora à espreita nos degraus escuros em vez de se revelar no saguão. Eu preferia a primeira opção – melhor ser paranoica do que entrar nas estatísticas de crime. Concluí que não havia nenhuma vantagem em ficar para provar que eu não estava ficando maluca e, quase correndo pela área da bilheteria, saí para a noite invernal.

O ponto de táxi ficava ao lado da estação e me senti grata pela brilhante iluminação que clareava meu caminho enquanto eu seguia para a lateral do prédio. Estava com sorte, pois havia apenas um táxi parado ali, o motor aquecendo, o sinal amarelo no teto brilhando no ar gelado. Ergui o braço para chamar a atenção do motorista no exato momento em que ele acelerou e se afastou do meio-fio.

– Espere! – gritei, impotente. – Por favor, espere!

Largando a mala no meio da calçada, comecei a correr atrás do táxi que partia, meus braços girando loucamente acima da cabeça numa tentativa de ser vista. Era impossível verificar se já havia um passageiro no interior escurecido do veículo ou se o motorista havia apenas decidido encerrar o dia e ir para casa. Continuei correndo por mais alguns metros, sabendo que era inútil, mas incapaz de me conter até que as luzes traseiras se tornaram meros pontinhos vermelhos ao longe.

Lágrimas de frustração ardiavam nos meus olhos enquanto eu voltava devagar para pegar a mala. Não havia outros táxis à vista, e até onde eu sabia não haveria nenhum até o dia seguinte. Eu não tinha escolha senão ligar para Matt e pedir que viesse me buscar. Mesmo enquanto tirava o celular da bolsa e começava a digitar o número dele, já me dava conta de que ele levaria quase meia hora para chegar. E não era a perspectiva de esperar meu noivo sozinha que fazia meus dedos tremerem; não, era a percepção mais aterradora de que talvez eu não estivesse sozinha.

Enquanto esperava a ligação se completar, virei-me de frente para a entrada da estação, querendo ter uma visão clara de qualquer um que saísse do edifício. Quando não ouvi o familiar som de discagem, afastei o aparelho do ouvido. Duas palavras. Inocentes o bastante em quase qualquer outro momento ou lugar, mas horripilantes agora. *Sem sinal.*

– Não, não faça isso comigo – implorei ao celular, como se argumentar com ele pudesse alterar a recepção.

Pressionei o botão de rediscagem, tamborilando com impaciência no aparelho, que pareceu levar um tempo interminável para me dizer exatamente a mesma coisa.

Esquecendo o medo de parecer tola, ergui o braço e segurei o pequeno telefone prateado acima da cabeça, descrevendo um arco pelo ar, tentando captar o sinal. Enquanto girava em minhas tentativas fúteis, pensei ter visto uma sombra escura e fugaz interromper o feixe de luz que vinha da entrada da estação. Fiquei paralisada. Como um coelho apanhado por faróis, meus olhos ficaram pregados na luz. Só quando eles começaram a lacrimejar com o esforço percebi que estava olhando tão fixamente que esquecera de piscar. Embora não tivesse visto mais nada na entrada da estação, sabia que não estava enganada; havia alguma coisa ou alguém dentro daquele prédio e, por razões que não deviam ser inocentes, ainda espreitava nas sombras, fora do campo de visão.

Sabendo que era inútil, mas compelida a tentar de qualquer forma, pressionei mais uma vez o botão de rediscagem. A frustração com o repetido fracasso do aparelho em executar sua função mais básica quase me fez arremessá-lo na calçada. Por sorte o bom senso prevaleceu. A ironia era que havia telefones públicos dentro da estação. Eu parara bem ao lado deles depois de subir a escada. Mas não podia me forçar a entrar de novo naquele prédio, não mais do que podia arrancar um sinal das ondas eletromagnéticas pela minha simples força de vontade. Eu tinha de encarar os fatos. Estava sozinha em uma área deserta, em uma noite escura de dezembro, sem nenhum meio de comunicação e nenhum modo de saber se o homem que tanto me aterrorizara mais cedo havia me seguido ao descer do trem.

Tentei acalmar meus pensamentos acelerados, que começavam a me escapar como pôneis em debandada. Tentei focar no problema diante de mim: o que era fato e não uma aterrorizante fantasia. Eu precisava me comunicar com alguém, fosse Matt, uma empresa de táxi ou a polícia, e não tinha como fazer isso. Bem, simplificando assim, a resposta era óbvia: encontre outro telefone. Ainda havia telefones públicos nas ruas inglesas, não havia? Os celulares não tinham dominado nossa civilização, certo? E, embora eu não lembrasse a última vez que havia

de fato usado uma cabine telefônica, sabia que deveria conseguir achar uma em algum lugar. Corri os olhos pelo estacionamento e a área do ponto de táxi. Bem, não encontraria nenhuma ali, pois havia telefones públicos a alguns metros de distância, dentro da estação. E eles seriam ideais – não fosse pelo maníaco homicida à espera bem ao lado deles. Uma risadinha, mais histérica que divertida, brotou quando minha imaginação hiperativa elevou o perseguidor que possivelmente nem estava lá ao status de criminoso letal.

E então lembrei. Havia um telefone público na calçada diante da velha igreja. Pelo menos sempre houve. E a igreja não ficava assim tão longe, uns dois ou três quilômetros no máximo, eu calculava. E, na pior das hipóteses, se a cabine telefônica *houvesse* sido removida, pelo menos eu estaria a meio caminho do centro da cidade, onde sem dúvida encontraria outra, ou até conseguiria pegar um táxi. Ter um plano funcionou como um antiácido para meu pânico.

Com exagerada lentidão, comecei a voltar na direção da rua que me levaria até a igreja. Embora eu não soubesse ao certo a que distância o som podia viajar na noite, queria ser o mais silenciosa possível ao sair apressada da estação. Portanto, não arrisquei arrastar a mala em seus rodízios e, em vez disso, a segurei pelas alças. Carregá-la talvez me retardasse um pouco, mas o som das rodas levaria qualquer um direto a mim, como um dispositivo de rastreamento. E, por mais que fosse complicado carregar tantas coisas ao mesmo tempo, eu ainda mantinha o celular aberto na mão, testando-o a cada vinte segundos mais ou menos, sempre esperançosa de que responderia.



Não consigo lembrar em que momento tive certeza de que ele estava atrás de mim.

Eu pensara que estava sendo silenciosa. Até me afastar um pouco da estação, havia colocado com todo cuidado cada pé na calçada, efetivamente abafando o som de meus passos. Apenas quando tive certeza de me encontrar a uma distância segura para não ser ouvida comecei a andar rápido. Arrisquei olhar para trás em várias ocasiões, sem nunca ver ninguém. Havia diversas ruas que saíam da estação. Se ele não tivesse visto eu me afastar, seria impossível saber qual delas eu seguira. Eu tinha começado a sentir o pânico relaxar os dedos que me apertavam o coração quando ouvi o barulho. Um leve tilintar, seguido por um ruído como se alguém houvesse chutado uma garrafa na rua sem querer.

Parando imóvel como uma estátua, apurei os olhos e os ouvidos. Não havia postes de iluminação pública nesse trecho da rua; eles só apareceriam agora perto da igreja. E a rua ladeada por árvores de troncos grossos podia oferecer uma centena de esconderijos, tendo como única luz a lua e as estrelas geladas.

Não era hora de agir com cautela. Então corri. E, com isso, ouvi o som de passos mais pesados fazerem o mesmo. Era impossível ter certeza, mas me senti grata por ouvir que o som não estava tão perto quanto eu pensara de início. Precisando saber quanto eu tinha de dianteira, olhei por sobre o ombro e, embora ainda pudesse ouvir o ruído pesado e rítmico no

calçamento, continuava não vendo ninguém. Exigi mais das minhas pernas e corri mais depressa.

Eu não estava em forma; já provara isso em minha corrida para pegar o trem, mas é impressionante o efeito que a adrenalina pode alcançar. Eu não corria tão rápido desde os tempos de escola, no entanto ainda podia ouvir o eco dos passos de meu perseguidor. Não estava ganhando dianteira, apenas mantendo a distância. Sabia que não poderia continuar nesse ritmo por muito tempo. Meus sapatos, desenhados para estar na moda e não para uma corrida de sobrevivência, escorregaram várias vezes no gelo que revestia a calçada. Em um trecho particularmente coberto de gelo, senti me faltarem os pés e escorreguei. Meus braços giraram, numa tentativa de recuperar o equilíbrio, e minha mala caiu com um baque surdo no chão. De alguma forma, consegui não cair também, mas deixei a mala onde estava. Menos de vinte segundos depois ouvi um barulho de queda, e um grito alto. Pelo menos agora sabia a que distância ele estava de mim. Seria demais esperar que ele tivesse quebrado o tornozelo na queda, mas mesmo a ideia de ele estar ferido me deu um jorro de energia extra para continuar.

Eu não estava longe do alto do morro. À luz do luar, eu podia distinguir a torre da igreja. Estava bem perto. Acho que já estava um pouco convencida de que não haveria nenhuma cabine telefônica quando eu chegasse lá. Tudo naquela noite parecia estar contra mim; assim, a euforia de ver a cabine mais ou menos 100 metros à frente fez com que, a princípio, ela parecesse uma linda miragem. Meu coração quase explodia no peito e a lateral do meu corpo parecia estar sendo rasgada de tanta dor, mas não diminuí a velocidade. Eu não ouvira mais nada atrás de mim, porém ainda precisava de tempo para chegar à cabine e discar o número da Emergência. Quanto tempo leva para a ligação se completar? Será que eu conseguiria pedir ajuda antes de ele me alcançar? Restaria ar suficiente em meus pulmões para falar? A única resposta a qualquer dessas perguntas era correr mais, e foi o que fiz, o polegar ainda pressionando sem parar o botão de rediscagem do celular, como vinha fazendo desde que deixara a estação.

Eu estava quase lá. Meus dedos estavam estendidos na direção da maçaneta da cabine telefônica quando meu casaco foi puxado por trás com violência, e eu caí. Dessa vez não houve braços para aparar minha queda e desabei no calçamento gelado com força, minha cabeça batendo dolorosamente no chão. Caí com tanta força que o derrubei comigo e ouvi o baque do corpanzil desabando atrás de mim. Não creio que tivesse consciência do fluxo quente e pegajoso de sangue que escorria de minha cabeça enquanto eu me punha de joelhos com dificuldade. Ao que parecia, não havia ossos quebrados, eu ainda podia me mexer e, embora devesse ter perdido camadas de pele tanto das mãos quanto dos joelhos, eu nem tinha consciência da dor.

No entanto, antes que eu, de gatinhas, pudesse me erguer ainda mais, senti algo apertar meu tornozelo como um torno e me derrubar outra vez. Por instinto comecei a escoicear e soube, pelo seu grito, que meu calcanhar o havia atingido. Sua mão afrouxou e tentei me afastar na mesma hora, arrastando-me pelos braços e cotovelos. Eu havia avançado cerca de um metro

quando ele se jogou sobre mim outra vez, o joelho pressionando com força o meio das minhas costas. Eu podia ouvi-lo grunhindo e xingando enquanto usava todo o peso de seu corpo para me manter imobilizada. Senti o ímpeto de lutar se esvaír de mim. Eu havia tentado e falhado. Minha visão estava quase obstruída pelo fluxo rápido de sangue que jorrava de minha cabeça, e senti que começava a deslizar para a inconsciência. Eu queria lutar contra isso, mas não havia reservas às quais recorrer. O homem agarrou com brutalidade a manga do meu casaco, o tecido branco já manchado com o meu sangue, e puxou meu braço para cima num ângulo forçado. Ele disse apenas uma palavra – “Cadela!” – quando seus dedos grossos encontraram minha mão e arrancaram meu anel de noivado. De repente, o peso em minhas costas desapareceu. E o homem também.

Então aquele tinha sido o motivo de tudo? O maldito anel de diamante? Tudo isso acontecera só porque eu usara o anel no trem? Eu nem seria capaz de identificar meu agressor, pois não chegara a ver seu rosto. Podia nem ser o homem do trem.

A escuridão à minha volta parecia estar se adensando e eu tive a sensação de estar oscilando à beira de um buraco escuro. Uma leve vibração soava em meus ouvidos, e a princípio achei que fosse o fluxo de sangue, até que a verdade penetrou minha consciência. Era um toque de telefone. De alguma forma, minha mão não soltara o aparelho e enfim minhas tentativas compulsivas haviam tido sucesso.

– Rachel, você está aí? – A voz soava metálica, baixa e muito distante.

– Me ajude... – gritei, e então a escuridão me sugou para dentro dela.

CAPÍTULO 5

Eles me sedaram. Suponho que tenha sido necessário, embora pareça loucura esperar quase dois dias até eu acordar, só para me apagar de novo. E quanto mais eu lutava e implorava que meu pai não os deixasse fazer isso, maior o pânico e a preocupação que eu via em seus olhos. Enquanto o médico passava instruções bruscas à enfermeira para que preparasse o sedativo, eu ainda suplicava a meu pai que me explicasse como tinha se recuperado tão rápido. Ele não respondia, apenas balançava a cabeça, impotente e confuso, então fui ficando mais angustiada. Foi um alívio e tanto quando a droga que injetaram no soro espalhou-se pelo meu corpo e minhas pálpebras se fecharam.

Meus olhos se abriram em algum momento mais tarde e, embora o quarto estivesse escuro, parecia cheio de gente. Eu podia ouvir sussurros de vozes sedutoramente familiares. Minhas pálpebras pareciam feitas de chumbo, pesadas demais para abrir mais do que uma minúscula fenda. Eu não conseguia identificar quem estava no quarto, apenas quatro ou mais silhuetas altas, todas vestidas com roupas escuras, pensei, ou talvez fossem apenas as sombras. O sono me venceu.

Acordei por um breve instante uma segunda vez ainda naquela noite. O grupo de pessoas, fossem quem fossem, já tinha ido. Eu não fazia a menor ideia de que horas eram, mas o quarto estava em completa escuridão, exceto pelo pequeno feixe de luz dirigido para uma cadeira colocada perto da cama, na qual meu pai estava sentado, dormindo. Havia um livro aberto em seu colo e uma bandeja de comida vazia ao lado da cama. Adivinhei que ele não saíra do meu lado o dia todo. De sua boca entreaberta escapava um ronco suave a cada inspiração. Ele estava cansado e desganhado... e, ainda assim, por mais incrível e impossível que isso fosse, parecia completamente bem. Eu precisava falar com ele; estava desesperada para descobrir o que estava acontecendo, pois nada fazia sentido, mas o esforço para me manter acordada era demais. O sono me dominou mais uma vez antes que eu pudesse chamar seu nome.



O estrépito de um carrinho de comida me acordou na manhã seguinte. Pisquei, em protesto, diante da luz matinal clara demais que entrava em meu quarto de hospital.

– Que bom, você acordou a tempo de tomar o café da manhã – anunciou meu pai em tom alegre.

Virei a cabeça para ele bem devagar, na esperança de que o estranho episódio do dia anterior tivesse sido apenas imaginação. Ele deve ter visto a expressão nos meus olhos quando mais uma vez observei sua óbvia boa saúde, pois seu sorriso vacilou. Senti uma pontada de absoluta mortificação. Eu tivera mesmo a esperança de ver meu pai ainda nos estertores de sua batalha contra uma doença terrível? Que tipo de pessoa isso me tornava?

Tentei sorrir para ele.

– Bom dia – murmurei.

Tive a sensação de que alguém enchera minha boca de algodão durante a noite.

– Como você está hoje? Pronta para comer alguma coisa?

Balancei a cabeça. A ideia de comer fez meu estômago se revirar.

– Chá – gemi, a garganta tão seca quanto a língua. Tentei outra vez, com mais esforço. – Só um pouco de chá, por favor, pai.

Seus olhos não me deixaram um só instante enquanto eu levava a xícara branca até os lábios. Não a baixei até que estivesse vazia. Ele pareceu satisfeito por me ver executando uma função tão mundana sem incidentes ou explosões. Ele estava medindo a minha sanidade? As pessoas loucas não tomam chá?

– Quer que eu veja se as enfermeiras podem trazer mais?

Assenti, e me senti grata quando ele saiu para buscar uma segunda xícara, pois isso me dava um minuto ou dois para organizar os pensamentos. Sua ausência não durou nem de perto tempo suficiente para que eu pudesse ao menos começar a resolver minha estupefação. Esvaziei a segunda xícara e me senti um pouco reanimada, pelo menos fisicamente.

– Então, como está sua cabeça hoje, querida?

– Melhor, eu acho. Pai, o que está acontecendo aqui?

Ele pareceu desconfortável, antes de me devolver a pergunta:

– Acontecendo aqui? O que quer dizer?

– Pare com isso, pai. Estou falando sério. O que aconteceu com você e por que não me contou? Eles experimentaram algum remédio milagroso ou algo assim? Você está em remissão?

A expressão no rosto dele era torturada; estava claro que ele procurava – e não conseguia encontrar – a resposta certa para me dar.

– Rachel, amor, acho que você ainda está um pouco confusa...

Eu o interrompi, lutando para me sentar mais ereta na cama, e me encolhi de dor por causa do que pareciam mil escoriações que eu não fazia ideia de como conseguira. Tentei falar muito devagar, articulando cada palavra em um tom razoável; a última coisa que eu queria era alguém pedindo que eu fosse sedada outra vez.

– Pai, não estou confusa; bem, estou, mas não como você pensa. Há três semanas você parecia... bem, você estava com um aspecto terrível. A química deixou você tão doente e fraco, e todo o peso que perdeu... bem, todas essas coisas. E agora... não faz o menor sentido, você parece totalmente bom.

Seu muitíssimo amado rosto parecia muito perturbado ao me examinar, seus olhos começando a se encher de lágrimas.

– Rachel, eu *estou* bom.

– Como você pode ter se curado tão rápido?

Aquilo era de mais para absorver. Meu pai começou a estender a mão para o botão da campainha acima da minha cama.

– Talvez fosse bom eu pedir ao médico para vir ver você outra vez.

– Não! – gritei, minha voz grossa com a frustração que eu sabia que meu rosto estampava.

Balançando a cabeça com tristeza, meu pai baixou o braço do botão de emergência e deixou a os dedos ásperos envolverem minha mão, dando-lhe tapinhas tranquilizadores.

– Eu não “fui curado”, Rachel, porque, para começar, nunca estive doente. Eu *não* tenho câncer e não posso imaginar por que você pensou que eu tivesse.



As enfermeiras vieram então, uma para recolher a bandeja do café da manhã e outra para me ajudar a ir ao banheiro. Na verdade, fiquei feliz em ser levada dali. Por alguma razão meu pai estava escondendo de mim o que havia acontecido com ele. Minha mente lenta, ainda confusa por causa do sedativo, não podia pensar em uma só razão para que ele mantivesse algo assim em segredo.

Senti-me grata pelo auxílio da enfermeira no minúsculo banheiro de azulejos brancos. Felizmente, o soro tinha sido removido em algum momento durante a noite, e, apesar de estar livre de ter que carregar comigo um suporte, eu ainda não teria conseguido fazer o curto trajeto pelo corredor ou tirar minha camisola de hospital sem ajuda. Com os laços desamarrados, a enfermeira abriu o chuveiro e, depois de se certificar que eu me sentia confiante o bastante de pé para ser deixada sozinha no banho, ela saiu.

Sob os jatos d’água muito fortes tentei clarear a mente de seu interminável questionamento, mas ela se recusava a parar. E até o ato inócuo de me lavar suscitou outros enigmas sem resposta. Uma barra branca sem perfume estava à minha espera na saboneteira, mas só quando comecei a revolvê-la entre as palmas das mãos notei os arranhões que havia nelas.

Lavei as camadas de espuma e virei as mãos, pensativa, de um lado para o outro sob o chuveiro. As duas estavam arranhadas, como se eu tivesse caído pesadamente e tentado me arrastar. Mas eu não conseguia lembrar, de jeito nenhum, quando ou como eu fizera isso. Lembrava, sim, de ter caído no chão ao lado do túmulo de Jimmy no cemitério, mas na grama, não no concreto. A única possibilidade que me ocorria era que eu devia tê-las arranhado em uma lápide ao desabar. A progressão desse pensamento me levou a me perguntar quem teria me encontrado no cemitério e me levado para o hospital. À luz de perguntas mais importantes e enigmáticas, fiquei feliz em deixar essa de lado.

Desejei que houvesse um espelho no pequeno banheiro, para que eu pudesse ver se minha

cabeça ou meu rosto exibiam sinais de ferimento, pois, ao ensaboar e enxaguar o restante do meu corpo, encontrei vários outros pontos que também estavam arranhados e machucados. As escoriações também pareciam ter sido adquiridas em uma queda bastante violenta. Eu estava mais do que perplexa. Ao que parecia estava coberta de machucados onde não deveria haver nenhum, ao passo que a doença de meu pai havia simplesmente desaparecido. Perguntei-me se Alice teria se sentido assim tão confusa ao cair pelo poço no País das Maravilhas.

Ainda tentando resolver o insolúvel, uma ideia de repente me ocorreu enquanto eu me enxugava energicamente na áspera toalha do hospital. Talvez a razão para meu pai não admitir sua doença fosse o fato de o tratamento ter sido ilegal. Quase descartei essa ideia como absurda. Meu pai era tão honesto que eu não conseguia lembrar de ele receber nem mesmo uma multa de estacionamento em toda sua vida. Porém, quanto mais eu pensava a respeito, mais sentido fazia – de uma maneira cem por cento ilógica. Talvez ele estivesse pagando em segredo por alguma medicação sem licença ou tratamento proibido no Reino Unido. E, se fosse esse o caso, então ele provavelmente *teria* que mentir a fim de proteger o teste secreto ou o médico que o ajudara.

Enquanto esperava que a enfermeira retornasse com uma camisola limpa, eu me sentia feliz por ter encontrado uma resposta viável para o mistério. Era provável que, longe do confinamento do hospital, quando fosse seguro revelar seu segredo sem que outros ouvissem, ele fosse confessar tudo. E, falando em segredos, bem, eu também vinha escondendo dele um bastante grande: as dores de cabeças recorrentes. Eu esperava ter uma chance de falar com o médico em particular sobre os sintomas que haviam precipitado meu colapso perto da igreja.

Ao me pegar pelo braço para me ajudar a voltar ao quarto, a enfermeira me forneceu outra informação surpreendente:

– É melhor eu avisá-la que tem um policial à sua espera no quarto para falar com você agora que está acordada.

Parei no meio de um passo e virei-me, consternada, para a jovem enfermeira.

– Um policial? Por quê?

Ela me dirigiu um olhar curioso, como se espantada com a minha pergunta.

– Bem, obviamente eles precisam de todos os detalhes sobre o que aconteceu perto da igreja na outra noite.

Fitei-a de volta, com ar estúpido. O que aconteceu perto da igreja? Será que a polícia nessa área tinha tão poucos crimes para solucionar que haviam mandado alguém me interrogar sobre a invasão ao cemitério tarde da noite? Será que isso chegava mesmo a ser crime? Afinal, eu não havia vandalizado túmulos. Sem dúvida eu não ia ser acusada por causa de um comportamento sem importância... Quantas outras coisas estranhas ainda iriam acontecer naquele dia?

Eu não poderia ter imaginado nem nos meus sonhos mais loucos.

O policial estava sentado meio oculto pela porta do quarto. Papai estivera claramente falando sobre mim, a julgar pela expressão de culpa ao fechar a boca como um marisco assim

que apareci à porta. Em minha visão periférica, notei um uniforme escuro quando o policial se pôs de pé.

– Rachel, meu bem, a polícia precisa colher algumas informações com você, mas não se preocupe... veja só quem eles mandaram.

Ele soava tão triunfante quanto um mágico tirando um coelho da cartola, e eu me virei pela primeira vez para olhar o policial.

O quarto oscilou; eu sabia que a cor devia ter sumido do meu rosto. Estendi a mão cegamente para o portal, sabendo que não ia adiantar nada. Ao desmoronar no chão, num desmaio digno de uma dama vitoriana, tive tempo de dizer uma única palavra:

– Jimmy!



A vantagem de desmaiar em um hospital é que eles sabem o que fazer com você imediatamente. Foi só um instante ou dois antes de eu recobrar a consciência de onde estava. Sentada na cadeira que meu pai ocupara na noite anterior, com a cabeça enfiada firmemente entre os joelhos, podia sentir a mão reconfortante da enfermeira segurando uma compressa fria junto à minha nuca. Fiz força para sentar ereta.

– Não se apresse em se levantar ainda, Rachel. Espere um pouco. – Então, dirigindo o próximo comentário ao meu pai: – Talvez ela tenha ficado debaixo do chuveiro quente um pouco mais do que deveria. Estará bem em um instante.

Eu duvidava muito disso. Fiz força contra sua mão e me sentei.

Não gritei, nem berrei, nem mesmo voltei a desmaiar. Apenas fiquei olhando, transfixada, o rosto que estivera ausente de minha vida por cinco anos terríveis. Ele sorriu, mas alguma coisa em meu escrutínio fez seu sorriso vacilar e a saudação foi reformulada, transformando-se em uma expressão de profunda preocupação.

– Rachel? – Sua voz era hesitante.

Fiz a única pergunta que me veio à mente:

– Estou no céu?

A enfermeira achou isso bastante divertido.

– Bem, não creio que já tenha ouvido alguém se referir a um hospital do Serviço Nacional de Saúde assim antes!

Eu a ignorei.

– Aqui é o céu? Estamos todos mortos?

Isso fez a enfermeira se calar. Vi o olhar que meu pai lançou a Jimmy. *Está vendo?*, ele dizia, tão claramente como se tivesse proferido as palavras em voz alta. *Eu lhe disse que ela estava agindo de forma estranha.*

A enfermeira havia recuperado a compostura o bastante para voltar a seu papel energicamente profissional.

– Venha, vamos voltar para a cama agora, Rachel. Acho que você precisa se deitar um pouco.

Agora ela estava me irritando. Desprezando-a mais uma vez, dirigi minha pergunta apenas a Jimmy:

– Eu morri no cemitério ao lado do túmulo?

Creio que seu treinamento como policial foi a razão de ele ter respondido a uma pergunta tão bizarra com tamanha calma:

– Não, Rachel, você não morreu no cemitério. E ao lado do túmulo de quem seria?

Minha próxima resposta, sem sombra de dúvida, acabou com o verniz de sua atitude profissional.

– Seu, é claro.

Não sei quem apertou o botão da emergência dessa vez. Poderia ter sido qualquer um dos três. Caramba, poderia até ter sido eu. Acho que a essa altura todos precisávamos de uma intervenção médica.

Um médico jovem que eu não vira antes entrou correndo no quarto. Houve uma rápida enxurrada de conversas. Captei as palavras “delirante”, “sedativo” e “exames”. Nenhuma delas significava nada. Eu só conseguia fitar Jimmy enquanto me deitavam na cama, limpavam meu braço e introduziam a agulha hipodérmica em minha veia.

Foi um sedativo muito mais suave que o do dia anterior. Acho que não podiam correr o risco de ministrar sedação excessiva a alguém com um trauma craniano. Embora meus membros estivessem relaxados como se eu estivesse em uma cama de penas flutuante, meu cérebro ainda estava funcionando. Meus olhos se encontravam fechados, mas eu ainda estava acordada. Era uma sensação agradável de embriaguez, sem o quarto girando.

– Ela quis *mesmo* dizer aquilo? Achou mesmo que eu estava morto?

A voz do meu pai soava alquebrada.

– Não sei, filho, quem sabe? Ela achou que *eu* estava morrendo de câncer.

Houve um longo silêncio.

– Ela deve ter batido a cabeça com mais força do que imaginamos. Não vai responder a nenhuma pergunta hoje. Nada do que disser vai ajudá-los a pegar o desgraçado que a assaltou.

– Eu percebi.

– Você não precisa ficar esperando aqui. Aquele médico pediu uma bateria de exames. Posso ligar para você quando ela estiver mais... alerta.

– Não vou a lugar nenhum.



Fui levada de departamento em departamento. Fiz uma ressonância magnética, mais dois raios X e vários outros testes com eletrodos fixados em minha cabeça. A essa altura, eu já estava acordada e alerta o bastante para fazer perguntas. Mas ninguém falava comigo, exceto

em tons suaves e conciliadores destinados a não evocar outro de meus “episódios”. Quando enfim fui transportada de volta ao quarto, ele estava vazio. A enfermeira que me ajudou a me deitar me avisou que meu pai e todo o restante das minhas visitas tinham ido para a cantina tomar uma xícara de chá. Quando perguntei a quem o “todo” se referia, ela não soube responder.

Então me sentei ereta na cama, olhando a porta, esperando ver quantos outros visitantes mortos eu receberia naquele dia.

Eles entraram em uma fila única: meu pai, então Jimmy, seguido por Matt, Cathy e Phil. Fitei cada um deles à medida que apareciam. Eu ainda os olhava um pouco surpresa por ver os últimos três quando Matt se afastou dos demais, foi depressa até minha cama e me deu um beijo carinhoso. Eu me encolhi com o roçar de seus lábios macios nos meus, imediatamente olhando sobre o ombro dele para ver como Cathy reagiria. Por incrível que pareça, seu rosto não revelou nem um pouco da fúria que devia estar sentindo.

– Matt – sibilei, meus olhos lançando um aviso em direção à sua namorada.

De repente me lembrei da promessa que ele fizera ao me deixar no hotel: que não permitiria que eu escapasse outra vez. Ele achava mesmo que aquele era o local apropriado para dar início a essa campanha?

Além disso, eu não conseguia me concentrar em ninguém senão na pessoa parada ao pé da minha cama. Deduzi que em algum momento do dia ele devia ter saído de serviço, pois agora estava sem uniforme, usando jeans e uma camisa escura. O mais impressionante, porém, era que ninguém mais no quarto parecia nem um pouquinho espantado que ele estivesse ali. Era como aquela velha história sobre ignorar o elefante na sala. Isso era tão enorme, ridículo e absurdamente “errado” – como era possível que ninguém estivesse reagindo como eu?

E então me veio a resposta. Como pude ter levado tanto tempo para entender? Principalmente depois de ter visto *O sexto sentido* tantas vezes a ponto de saber trechos do filme de cor.

– Alguém mais neste quarto pode ver Jimmy?

Não posso nem descrever a piedade em seus rostos enquanto trocavam olhares bastante significativos. Meu pai respondeu por todos eles:

– É claro que podemos, amor.

– Não, pai, não me trate com indulgência. Apenas seja honesto. Posso ver o fantasma de Jimmy bem ali, no pé da cama. Então, alguém mais pode vê-lo ou não?

A angústia de papai era óbvia ao tentar formular uma resposta, mas, antes que ele pudesse responder, o “fantasma” de Jimmy, de aspecto incrivelmente sólido, veio sentar-se na cama ao meu lado e pegou minha mão com gentileza. Senti o colchão afundar quando ele se sentou, senti também o calor de seus dedos em minha pele arranhada; a teoria do fantasma estava perdendo terreno depressa.

– Rachel, só me escute por um momento sem falar, está bem?

Abri a boca para protestar, mas ele pressionou o indicador delicadamente sobre meus

lábios.

– Sem interrupções, certo? – insistiu.

Deus, se ele *era* um fantasma, era um bem mandão. E aquele dedo sobre minha boca parecera tão forte... tão real.

– Você sofreu um golpe muito feio na cabeça – prosseguiu, como se eu fosse contradizê-lo.
– Você voltou aqui para o casamento de Sarah.

Finalmente, alguma coisa com que eu podia concordar.

– Sim, eu *sei* disso.

Houve um suspiro de alívio coletivo por eu ter compreendido pelo menos essa verdade.

– Então alguma coisa aconteceu. Acharmos que você foi assaltada depois de sair da estação de trem. E achamos que, de algum modo, ao ser atacada, você deve ter machucado a cabeça. E todos esses pensamentos e ideias... estranhos... que você está tendo agora são por causa dessa lesão.

Ele podia ter poupado a saliva.

– Então isso tudo deve ser um sonho – anunciei, agarrando a única outra solução que fazia sentido. Alguém, não sei quem, soltou um suspiro alto de desespero. Ignorei-o. – Isso tudo é apenas um sonho muito real e muito vívido, mas está tudo em meu subconsciente. Vou despertar a qualquer minuto.

Fez-se um longo silêncio que ninguém parecia ter as palavras certas para preencher. Era como se minha absoluta determinação em manter minhas convicções houvesse expulsado todos os protestos do quarto.

Em silêncio, Matt veio até o outro lado da cama e descansou a mão levemente atrás de meu pescoço. Alguma coisa tremulou nos olhos de Jimmy, que soltou minha mão na mesma hora e se levantou da cama. Esse sonho era *mesmo* peculiar; era como voltar à nossa adolescência. O momento de constrangimento foi interrompido por uma campainha suave que soou no posto de enfermagem.

– Acho que é o fim do horário de visita – anunciou meu pai com alívio. – Talvez vocês devessem ir agora. Acho que um pouco de descanso vai fazer bem a Rachel.

Na verdade, eu estava me sentindo muito mais calma agora que enfim entendera que nada disso estava acontecendo de verdade.

– Olhe, por que você não vai para casa e descansa também, Tony? – sugeriu Matt, de repente. – Você parece mesmo exausto. Eu fico com a Rachel.

Papai pareceu relutante, mas o Matt do Sonho insistiu.

– Ande, vá e durma algumas horas.

Mas meu pai ainda não parecia disposto a ir.

– Não sei, acho que eu deveria ficar. Não vou me sentir bem indo para casa e deixando-a aqui. – Acrescentou como justificativa final: – Ela é minha filha; precisa de mim.

A resposta de Matt foi firme:

– Entendo, mas acho que você não vai ser muito útil se estiver morto de cansaço. Vá para

casa. Vou tomar conta dela direitinho, Tony. Sei que ela é sua única filha, mas você não é o único que quer cuidar dela. Afinal, ela *também é* minha única noiva!

Tive um sobressalto de surpresa e instintivamente olhei para Cathy, que estava pegando o casaco e a bolsa e se preparando para sair. As palavras de Matt não pareceram tê-la afetado nem um pouco.

– Embora agora ela seja uma noiva sem anel – observou Jimmy em um tom insondável.

Olhei de modo estúpido para minha mão esquerda, como se buscasse confirmação. É claro que não havia nenhuma joia ali, embora, ao olhar mais de perto, eu pudesse ver uma leve marca branca onde o anel estivera. O nó do dedo também parecia estranhamente avermelhado e inchado, algo que eu percebera antes em meio aos outros cortes e hematomas. A impressão era de que o que quer que houvesse estado em meu dedo tinha sido arrancado com brutalidade.

Ergui os olhos, meu rosto registrando uma espécie de surpresa aturdida, e interrompi uma troca de olhares muito sombria entre Matt e Jimmy, que se encaravam, cada um de um lado de minha cama. O fino véu de amizade entre eles parecia esticado até o ponto da ruptura.

– Com ou sem anel, ela ainda é minha noiva, meu amigo.

Oohh... esse sonho estava ficando mais interessante a cada minuto.

CAPÍTULO 6

Em algum momento nas 24 horas seguintes, tudo deixou de ser engraçado.

Quando é que um sonho se torna pesadelo? Sempre achei que fosse no momento em que o que é familiar de súbito se torna estranho e ameaçador; ou quando você se perde em algum lugar que pensou conhecer bem; ou ao se sentir invadido por um sentimento de impotência – quando sabe que está falando com clareza, mas ninguém parece ouvir. E é verdade, um pesadelo é tudo isso junto. Mas *meu* verdadeiro pesadelo começou com o entendimento de que eu não ia acordar: que, de alguma forma, impossível e inacreditavelmente, aquilo *estava mesmo acontecendo*.

Essa consciência não veio de uma só vez, mas começou a espetar minha consciência devagar, com uma voz questionadora que se recusava a se calar. O primeiro indicador que me preocupou foi a nitidez contínua e detalhada do sonho. Não havia mudanças estranhas de tempo ou lugar; ele era contínuo, monótono até. Que sonho eu me lembrava de ter tido que incorporava os detalhes realmente mundanos da vida cotidiana? Nesse eu fazia as refeições pouco apetitosas do hospital, dormia (quem faz isso num sonho?) e até ia ao banheiro. Nada disso tinha lugar num sonho “real”.

É claro que, quando Matt e eu fomos deixados a sós em meu quarto, depois que os outros visitantes saíram, eu ainda estava alegremente abrigada numa bem-aventurada ignorância. Estava contente em apenas deixar que os acontecimentos ao meu redor se desenrolassem como numa peça de teatro. Era apenas um sonho, afinal; nada que eu fizesse ou dissesse teria grandes consequências.

Por isso, não protestei ao ver Matt puxar uma cadeira para perto da cama e entrelaçar seus dedos longos e bronzeados nos meus. Encolhi-me de leve ao sentir seu toque nas escoriações na palma das minhas mãos, sem parar para pensar como era estranho experimentar a sensação de dor num sonho. Deixei seus lábios cobrirem os meus quando ele se curvou para me beijar com ternura, sussurrando em voz baixa e suave entre os beijos quanto ficara preocupado comigo. Quando ele enfim se afastou, pude sentir meu coração palpitando como louco contra minhas costelas como um canário desvairado. Bem, aquilo não foi de fato uma surpresa; fazia muito tempo desde a última vez que eu fora beijada daquele jeito – em sonho ou acordada.

O que eu não esperava depois daquela demonstração de ternura era que ele se afastasse e que seu tom de voz mudasse tão rapidamente para o de censura.

– Rachel, tenho que perguntar: o que você estava pensando ao sair sozinha da estação e

descer aquela rua deserta? Não se deu conta dos riscos?

Olhei para ele, surpresa com a súbita mudança de atitude.

– Por que não me telefonou para que eu fosse buscá-la, pegou um táxi, ou esperou com os outros passageiros?

Ele me olhava com atenção. Era evidente que esperava uma resposta coerente. Eu não tinha uma para lhe dar.

– Sinto muito... – comecei, sem convicção. – Não me lembro de nada, exceto...

Exceto tudo que *realmente* aconteceu: o jantar, a carona de volta ao meu hotel e depois a desastrosa visita ao cemitério.

– Exceto...? – incentivou ele, esperançoso.

– Exceto acordar aqui.

Mesmo no meu sonho eu era esperta o suficiente para não insistir que a *minha* realidade era completamente diferente da de todos.

– E não é só a questão da perda do anel, não pense isso... embora, graças a Deus, estivesse no seguro.

O anel? Era essa a preocupação dele, o anel de noivado? Nossa, o Matt do Sonho só pensava mesmo em dinheiro.

– Você poderia ter se ferido seriamente, poderia ter sido muito pior do que apenas cortes e escoriações e um galo na cabeça. Quando penso no que aquele cara poderia ter feito a você...

Ele parecia esperar que eu dissesse alguma coisa, então assenti devagar, como se absorvesse o dilema que aquela personalidade alternativa tinha me trazido.

– Assim que recebemos o telefonema, quando você pediu socorro... bem, nunca me senti tão inútil em toda a minha vida. Graças a Deus Jimmy estava lá... E não é sempre que você vai me ouvir dizendo isso!

Respondi com um sorriso débil. Mas então a curiosidade falou mais alto:

– Por quê? O que ele fez?

– Tomou a frente de tudo. Acho que, como policial, foi treinado para agir assim numa emergência. Estávamos todos prestes a correr sabe Deus para onde para procurar você, e ele foi o único a manter a cabeça fria e ligou para a delegacia onde trabalha. Calculou que você devia estar na estação de trem ou em algum lugar próximo e mandou vários carros à sua procura antes mesmo que saíssemos do estacionamento. Uma patrulha encontrou você perto da igreja, apenas dez ou quinze minutos depois do telefonema e, antes que estivéssemos na metade do caminho, você já partia na ambulância. Acho que compensa ter um policial por perto num momento de crise.

Então, Jimmy me salvava outra vez. Acho que eu entendia por que, num sonho, eu o havia escalado de novo para o papel de herói. Foi assim, afinal, que ele morreria.

– Não que seu comportamento depois tenha sido muito profissional.

Redobrei a atenção ao escutar esse comentário.

– Por quê? O que aconteceu depois?

– Ele se desesperou enquanto estávamos no hospital aguardando que você fosse avaliada, quando não sabíamos a gravidade dos seus ferimentos. Começou a gritar comigo sobre como pude ser tão irresponsável, que eu nunca deveria ter deixado você viajar sozinha. Gostei particularmente da parte sobre eu não a merecer, já que não consigo cuidar direito de você. – Ele esfregou a mão com ar pesaroso em seu belo queixo. – E depois me deu um soco!

Sentei-me na cama bruscamente.

– Um soco?

Tomando meu completo assombro por preocupação carinhosa, ele acariciou meu braço para me tranquilizar.

– Não se preocupe, ele não causou nenhum estrago. Phil segurou o braço dele antes que me acertasse. Muito pouco profissional da parte dele, mesmo não estando de serviço. Eu *poderia* fazer uma reclamação oficial... – Ele viu meu olhar e continuou depressa: – Não vou fazer isso, claro. Sei que foi apenas uma reação no calor do momento. Não se preocupe, não vou criar problemas para nosso amigo policial. Acho que é compreensível, levando em conta o que ele sentia por você anos atrás.

E lá íamos nós outra vez. Mesmo no meu sonho eu não conseguia escapar de alguém tentando me convencer de que Jimmy tinha sido apaixonado por mim.

– Acho que ele esqueceu quanto você pode ser determinada. E independente. Afinal, você perdeu o contato com ele há bastante tempo, não é?

Tive vontade de dizer: *Bem, sim, especialmente sem a ajuda de um tabuleiro Ouija*. Mas em vez disso preferi algo menos controverso:

– É verdade... Perdemos o contato.

Fiquei feliz quando a enfermeira entrou, empurrando um carrinho cheio de remédios. De modo educado, ela lembrou a Matt que o horário de visita se encerrara havia muito tempo e ele pegou a deixa, beijando-me de leve na testa e partindo com a promessa de voltar no dia seguinte.

Deitada nos lençóis engomados do hospital, aguardando os comprimidos que engolira fazerem efeito, ponderei o cenário curiosamente complexo que meu subconsciente reunira. Todos os fatos e personagens estavam presentes, mas os detalhes e acontecimentos tinham sido torcidos numa estranha realidade paralela. Era a minha vida, mas não como eu a conhecia, porque ali ela era muito melhor: Jimmy ainda estava vivo, meu pai não estava doente – nem eu, ao que parecia – e Matt e eu estávamos noivos e íamos nos casar. Era quase uma pena acordar.

E não acordei. Quero dizer, dormi e, ao abrir os olhos, era um novo dia, mas o sonho continuava. Foi quando a voz surgiu pela primeira vez, dizendo-me que algo estava muito errado. Eles haviam marcado para mim sabe Deus quantos outros exames naquela manhã, e minha euforia prazerosa de viver dentro de um sonho aos poucos começou a se dissipar quando minha vida real não voltou. Cheguei a lançar mão do velho truque de me beliscar com força enquanto aguardava do lado de fora para fazer uma segunda ressonância magnética.

Nada aconteceu, exceto pelo fato de eu ter deixado uma marca branca e vermelha de aparência muito feia no antebraço. Mesmo assim, só parei de torcer minha carne ao ver o olhar de piedade da enfermeira que havia me levado na cadeira para o último exame. A notícia da nova paciente com alucinações sem dúvida havia se espalhado, e todos os comentários dirigidos a mim eram feitos naquele tom de voz baixo e cantarolado normalmente reservado aos menores de 5 anos ou aos imbecis.

Em algum ponto entre os exames de sangue, as ressonâncias e os raios X, comecei a ficar assustada de verdade. Sentia-me como uma prisioneira na Terra do Nunca. Aquele podia ser um lugar legal para visitar, mas eu queria muito, muito ir para “casa” agora, não importava quanto as coisas estivessem ruins por lá. Um dos piores momentos foi ver meu reflexo pela primeira vez no pequeno espelho quadrado posicionado acima da pia que havia no quarto. Uma enfermeira entrou correndo ao ouvir meu grito, e pude notar que ela ficou sem saber o que fazer ao me ver correr os dedos freneticamente pela pele imaculada e lisa do meu rosto. E quem poderia culpá-la? O que caberia à pobre mulher dizer quando avancei sobre ela, gritando:

– Minha cicatriz! Para onde foi? O que vocês fizeram com a minha cicatriz?

Só me recompus mais ou menos à tarde, na hora em que deveria me encontrar de novo com o médico. A enfermeira que veio me buscar com uma cadeira de rodas pareceu decepcionada ao ver que eu não tocara no almoço. Medo e confusão haviam tirado meu apetite – bem, isso e a desanimadora culinária do hospital.

Quando me levaram para o consultório do médico, fiquei contente de ver meu pai (recém-retornado à boa saúde) esperando por mim.

– Boa tarde, Rachel. Está se sentindo um pouco melhor hoje?

A voz do médico era gentil e solícita. Era claro que ele esperava uma resposta afirmativa.

Balancei a cabeça devagar, incapaz de falar enquanto lágrimas quentes começavam a escorrer pelo meu rosto. Meu pai, sentado em sua cadeira, estendeu o braço e segurou minha mão. Escolhendo ignorar minha angústia, o médico continuou:

– Tenho boas notícias, mocinha. Fizemos praticamente todos os exames imagináveis, e tenho o prazer de comunicar que não há danos graves nem permanentes resultantes de sua pequena aventura.

Ele se virou na cadeira para apontar o raio X iluminado de um crânio, o meu sem dúvida, num painel aceso atrás dele.

– Tudo parece completamente normal. Não há lesões no cérebro nem no crânio.

– Graças a Deus – suspirou meu pai, num alívio fervoroso.

– Mas isso está errado! – gritei, envergonhada com o tom patético da minha voz.

– Não, Rachel, posso garantir que os exames são todos conclusivos. Repetimos diversos deles, para ter certeza. Definitivamente, não estão errados.

– Não os exames – discordei, lutando para não perder o controle de novo e não ser sedada antes que pudesse fazê-los entender. – Se você diz que os exames estão certos, então tenho que

acreditar. Por que você mentiria para mim? Mas todo o resto está errado!

– Calma, calma, Rachel.

Pelo tom, eu podia dizer que eu estava assustando meu pai outra vez. Caramba, eu estava assustando a mim mesma novamente, mas tinha de fazê-los entender.

Dei um suspiro profundo, estremeando, e tentei continuar num tom menos histérico:

– Sei que parece loucura para vocês, mas, por favor, me escutem. Não sei o que está acontecendo aqui, mas nada disto é real, pelo menos não para mim. Na minha vida, na minha vida *real*, meu pai está muito doente, e acho que eu também estou.

O tom que o médico usou era suave e apaziguador:

– Então você acredita que também está com câncer, é isso?

Agora ele estava me deixando irritada de verdade. Eu não gostava mesmo daquele homem.

– Não, câncer não. Tem algo errado com a minha cabeça. – Estranhamente, esse comentário ninguém refutou. – É tudo por causa do acidente...

– Quando você foi assaltada? – perguntou meu pai.

– Não, o acidente de carro no restaurante, em que Jimmy morreu e eu fiquei gravemente ferida.

Confuso, o médico olhou para meu pai, que estava balançando a cabeça como se tentasse enxergar uma solução em meio à neblina.

– O senhor sabe de que acidente Rachel está falando?

– Bem, sim – respondeu meu pai, hesitante, e quase chorei de alívio porque ele não ia me dizer que eu tinha imaginado aquilo também. – Um carro *de fato* atravessou a janela de um restaurante em que Rachel e seus amigos estavam. Deve ter sido, hum, não sei, uns cinco anos atrás mais ou menos, pouco antes de todos eles partirem para a universidade.

– E as pessoas se feriram gravemente? Rachel ficou ferida?

– Acho que o motorista teve ferimentos graves, mas Rachel e os amigos conseguiram se afastar da janela a tempo. Rachel foi uma das que mais sofreu. Ela caiu enquanto corria para longe da janela e ficou inconsciente por um ou dois minutos, e Jimmy, claro, que sofreu um corte feio na cabeça.

– Mas ninguém morreu? – perguntou o médico.

– Ninguém morreu – confirmou meu pai.

– Mas Rachel bateu *mesmo* com a cabeça?

– Bateu. Teve uma concussão leve.

– E cinco anos depois ela é assaltada e sofre um segundo ferimento na cabeça...

O médico uniu a ponta dos dedos e fez uma pausa para assimilar o que havia escutado.

– Acho que tudo está começando a fazer sentido agora.

Estava? Não para mim.

O Dr. Tulloch inclinou-se sobre a mesa, com um sorriso benevolente no rosto. Inconscientemente, meu pai e eu nos inclinamos na direção dele para escutar suas conclusões.

– Rachel, acredito que agora entendo o que está causando seus problemas. Parece claro

para mim que você está sofrendo de um caso bem grave de amnésia.

Se ele esperava que seu diagnóstico fosse ser recebido com pulos de alegria, estava muito enganado.

Amnésia? Acho que não. Na verdade, eu sabia que não era isso. Para começar, amnésia não é quando você esquece as coisas? Bem, então sem dúvida *não era* isso que eu tinha. Meu problema era recordar coisas que aparentemente não eram reais – e não esquecê-las! Entretanto, quando o questionei sobre isso, ele tinha uma explicação médica:

– Existem muitos, muitos tipos de amnésia. Ela é muito mais complexa do que apenas aquela história de “levei uma pancada na cabeça e agora: quem sou eu?” que se vê nos filmes.

– Entendo – disse meu pai, e girei depressa a cadeira para olhar para ele. Ele estava mesmo acreditando naquilo? Aquela resposta fazia mesmo sentido para ele?

– E quanto tempo essa amnésia vai durar, doutor?

– Eu não tenho amnésia.

– Bem, depende, pode variar consideravelmente: um ou dois dias, algumas semanas. Em alguns casos, uma recuperação total da amnésia pode levar muitos meses.

– Eu não tenho amnésia.

– E com o tipo de amnésia da Rachel, em que ela acredita estar recordando algo que não aconteceu de fato... bem, isso é bastante... incomum. Então é difícil dizer quanto vai durar. Vou encaminhá-la para um especialista.

Meu pai então fez a pergunta que eu estava com o maior medo de ouvir em voz alta:

– Essa amnésia dela pode ser permanente?

Houve um longo silêncio. Eu não tinha me dado conta de que estava prendendo a respiração para escutar a resposta do Dr. Tulloch até começar a me sentir tonta pela falta de oxigênio.

– Existe essa possibilidade, embora ainda seja cedo demais para ter certeza – respondeu ele com voz branda. – O especialista estará capacitado a lhe dar uma ideia mais clara sobre isso.

Ele se levantou e apertou a mão de meu pai, claramente encerrando a nossa consulta. Enquanto meu pai empurrava a cadeira de rodas para fora da sala, virei-me para olhar uma última vez para o médico de cabeça branca, que já estava arrumando a pilha dos meus papéis e suas anotações sobre o caso. Seus olhos encontraram os meus.

– Eu não tenho amnésia.



Seguindo instruções do médico, eu deveria ter alta do hospital na manhã seguinte. A consulta com o especialista levaria algum tempo para ser marcada e concluíram que eu me recuperaria mais depressa em casa. Senti que aquilo era bastante improvável, pois da última vez que vira minha casa em Great Bishopsford havia outras pessoas morando ali. Entretanto,

eu *estava* ansiosa para sair do hospital, ao menos para provar a todos que eu não sofria de nenhuma doença estranhamente interessante e que estava, de fato, dizendo a verdade. E, claro, eu não ia conseguir provar nada numa cama de hospital.

– Quem sabe – disse papai, esperançoso –, depois que você estiver em casa, tudo não se encaixe de volta em seu lugar?

Ele parecia tão otimista que não tive coragem de apontar mais uma vez os fatos que sabia serem verdadeiros.

– Talvez – retruquei. – Embora mesmo no seu mundo eu não more mais com você, não é? Então não espere que tudo volte de uma vez, certo?

Ele pareceu angustiado, como se eu tivesse deliberadamente tentado magoá-lo com minhas palavras.

– Não existe “seu mundo” e “meu mundo”, Rachel. Isso são apenas seus ferimentos falando. Você vai ver quando voltar para casa.

Tentei sorrir, e fiquei contente ao ver que devia ser uma atriz melhor do que pensava.

– Tenho certeza de que está certo, pai.



Matt sem dúvida havia sido avisado sobre a consulta com o Dr. Tulloch e seu resultado, pois, quando veio me ver durante o horário de visita, escondido atrás do maior buquê de flores que eu já vira, ele logo se curvou para me beijar e disse num tom conciliatório, estranhamente irritante:

– Rachel, meu amor, pobrezinha. Amnésia. Não é surpresa que você venha agindo de modo tão estranho desde que recobrou a consciência. Você não se lembra de nada? Sabe quem eu sou?

Por um momento diabólico pensei em fingir, mas desisti no último instante. Seria cruel demais.

– Sim, Matt, claro que sei quem você é, nós nos conhecemos desde a adolescência. É só que... bem, de certa forma “esqueci” coisas que aconteceram recentemente.

Ele entregou as flores a uma enfermeira que havia entrado para medir minha pressão.

– Pode colocá-las na água, enfermeira?

Ela não pareceu muito contente de ser distraída de suas tarefas por um visitante, mas pegou o buquê de flores gigantesco e murmurei um pequeno pedido de desculpas a ela por sobre o ombro de Matt. Aquilo era algo que eu não havia esquecido: Matt estava habituado a fazer valer sua vontade e poderia parecer um tanto arrogante, se você não o conhecesse.

– Então, quando diz que não se lembra de acontecimentos recentes, a que período se refere? Os últimos dias?

Balancei a cabeça.

– A última semana?

Balancei a cabeça de novo.

– Mais do que isso?

Balançar a cabeça não ia adiantar dessa vez.

– Eu “perdi” os últimos cinco anos.

Ele se jogou pesadamente na cadeira.

– Que merda!

Fiquei em silêncio, deixando-o absorver o impacto das minhas palavras.

– Então você não se lembra de nada sobre nós? Nada desde que saímos da escola? Não se lembra nem do nosso noivado?

Mordi o lábio, ciente de que ele estava chocado, mas incapaz de partilhar de sua emoção. Afinal, eu havia terminado com Matt cinco anos antes. E o Matt que eu deixara para trás era um garoto de 18 anos, não o homem confuso que me fitava agora numa perplexidade impotente.

Ele ficou calado por alguns instantes e, embora não fizesse muito tempo que eu conhecia aquele novo Matt, poderia dizer que sua mente já estava tentando encontrar uma saída. Devia ser por pensar assim que ele era tão bem-sucedido nos negócios: se existe um problema, resolva-o. Simples assim.

– Bom, acho que é uma boa ideia você voltar para a casa de seu pai por algum tempo. Com certeza vai precisar de alguém para cuidar de você por enquanto.

– Eu não estou doente, Matt.

– Não, não, eu sei, Rachel. É só que eu não gostaria de vê-la de volta a Londres sozinha, e lembre-se de que amanhã viajo para aquela reunião importante em Hamburgo.

– Na verdade, eu não sabia disso. Amnésia, lembra?

Ah, aquilo foi quase cruel demais da minha parte, mas não resisti.

Ele pareceu confuso. Quando Matt perdera o senso de humor?

– Ah, sim, claro que você não sabia. Bem, está marcada há meses... Se houvesse algum modo de mudar essa data, você sabe que eu o faria, mas na última hora...

Estendi a mão e acariciei seu braço.

– Relaxe, Matt, não se preocupe. Vou ficar bem.

Ele saiu não muito depois disso, mas não antes de me pegar nos braços e me beijar de um jeito ao mesmo tempo estranhamente familiar e completamente novo. Tentei evitar, mas ele calou meus protestos com sua boca quente, e acabei retribuindo seu beijo com uma mal disfarçada avidez. Eu podia não ser mesmo a noiva dele, mas isso não significava que não pudesse ao menos tirar algo prazeroso de toda aquela loucura antes que conseguisse compreendê-la.

Nós dois estávamos um pouco sem fôlego quando enfim nos afastamos.

– Bem, pelo menos não esquecemos como fazer isso, não é? – Havia confiança agora em seus olhos e em sua voz. – Se você esqueceu todo o resto, vou ter que fazer com que se apaixone por mim de novo.

Ele foi embora, prometendo ligar da Alemanha para a casa do meu pai e assegurando-me que só ficaria fora pouco mais de uma semana. Estava perfeito. Isso deveria me dar tempo suficiente para tentar arrumar toda aquela bagunça. Eu não me importava que todo mundo estivesse contente em aceitar a teoria da amnésia. Eu *sabia* que não era verdade. Minha antiga e verdadeira vida se achava em algum lugar lá fora, e quanto antes eu conseguisse sair daquele hospital e provar isso a todos, melhor.

CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte, uma enfermeira me trouxe as roupas que eles disseram que eu estava vestindo ao dar entrada no hospital. Não as reconheci, mas, quando as vesti, pareceram me servir perfeitamente. E, embora eu não gostasse da sensação de usar as roupas de outra pessoa, eram aquelas ou sair com a camisola do hospital.

O que me surpreendeu de fato foi quando a enfermeira colocou uma grande bolsa de couro de aparência cara sobre a cama.

– De quem é isso?

Havia simpatia em sua voz ao responder:

– É sua.

Não sei por que ela falava como se estivesse com pena de mim. Aparentemente, eu era a dona de uma bolsa Gucci! Enquanto me atrapalhava para abrir o fecho desconhecido, eu me perguntava se teria sido presente de Matt; parecia o tipo de coisa que ele daria. Virei a bolsa aberta de cabeça para baixo e examinei seu conteúdo sobre o lençol desbotado do hospital. Não havia muito para me dar pistas: chaves, uma carteira, um pente, uma bolsinha de maquiagem. Abri a carteira: continha mais dinheiro do que eu costumava carregar por aí, e os espaços para cartões estavam preenchidos com uma série de cartões de crédito e de lojas, todos em meu nome. A carteira de que me lembrava costumava ter um cartão de débito solitário.

Mas foi o telefone celular que me interessou acima de tudo. Pequeno e fino, sua superfície espelhada e brilhante cintilava sob a luz do teto, faiscando como um tesouro. O que poderia mesmo ser. Eu o peguei e vi que meus dedos tremiam enquanto eu me esforçava para abri-lo. Foram necessários vários momentos exasperadores para eu adivinhar como exibir o menu. Quando consegui acessar a tela correta, fiquei um pouco decepcionada ao ver que a agenda de contatos não continha respostas imediatas.

Estava tão certa de que haveria alguma pista naquele aparelhinho... Rolei a lista de nomes: alguns eram familiares, mas a maioria, não. Estava prestes a fechar o telefone quando o último nome da lista chamou minha atenção. Dr. Whittaker. Aquele nome, iluminado pela pálida luz de fundo verde da tela, brilhou para mim como um farol na neblina. O Dr. Whittaker era o médico com quem eu me tratara depois do acidente. Ele que prescrevera a medicação que eu estava tomando para as dores de cabeça, e era com ele que eu pretendia me consultar em Londres para investigar por que elas haviam piorado tanto de repente.

Com os dedos trêmulos, pressionei a tecla de chamada e a espera pareceu interminável antes que o sinal familiar soasse em resposta. A ligação acabara de ser atendida quando a porta do meu quarto se abriu e uma enfermeira entrou apressada, carregando as flores que Matt me dera na noite anterior.

– Lamento, querida, não pode usar seu celular aqui.

Ignorei-a rudemente, virando o corpo para longe dela e colocando o dedo na minha orelha livre, a fim de ouvir melhor o que estava sendo dito do outro lado da linha.

– Tenho mesmo que pedir que desligue. Terá que esperar até chegar do lado de fora.

Olhei para ela e algo em meus olhos deve ter lhe dito que esquecesse o assunto.

– Você ligou para o consultório do Dr. James Whittaker – avisou uma voz metálica em meu ouvido. – No momento, não há ninguém para atender sua chamada. Nosso horário de funcionamento é...”

Atirei o telefone no colchão, frustrada.

A enfermeira me olhou desconfiada enquanto eu procurava freneticamente caneta e papel entre os objetos da bolsa da desconhecida sobre a cama.

– Olhe, preciso que você me faça um favor – falei em tom de urgência, arrancando uma página de uma agenda e rabiscando apressadamente nela. – Este é o nome e o número de um médico em Londres que vem me tratando por causa... bom, não importa. Mas ele vai saber quem eu sou. Pode pedir ao Dr. Tulloch que ligue para ele? Ele vai poder confirmar tudo sobre minhas dores de cabeça e... e, bem, todos os outros sintomas.

Estendi o papel para ela, que hesitou por um segundo antes de pegá-lo e guardá-lo no bolso do uniforme.

– Vai se lembrar, não vai? É muito, muito importante.

Sua expressão de desagrado ao me surpreender usando o celular fora substituída pela de triste compaixão. Acho que eu preferia a cara zangada.

– Peça-lhe que ligue para a casa do meu pai para falar comigo quando entrar em contato com o Dr. Whittaker. A qualquer hora do dia ou da noite, não importa. Aí tudo vai fazer sentido.

Ela ainda parecia lamentar muito por mim ao deixar as flores de Matt sobre a cama, como se as depositasse em um túmulo, e sair do quarto.

Um pouco mais tarde, quando meu pai chegou para me buscar, decidi não lhe contar que havia encontrado o número do médico no celular. Tudo faria sentido em breve, depois que o hospital confirmasse que eu havia contado a verdade. Não era preciso suportar outra explicação não solicitada de como “isso tudo era parte da amnésia”.

Claro que eu ainda não tinha pensado em como a confirmação do meu histórico médico poderia responder a qualquer das outras anomalias patentes que me cercavam. Pequenas coisas: pessoas retornando da morte, curadas de doenças graves, e não vamos esquecer o inesperado acréscimo de um noivo. Mentalmente, atirei esses problemas para o lado como se fossem uma chuva de confete. Eu não permitiria que meus pensamentos acelerados se

desviassem. Primeiro, o Dr. Whittaker: o resto se encaixaria depois.



Nossa velha casa parecia a mesma. Quero dizer, a mesma de cinco anos atrás, e não aquela diante da qual eu havia parado alguns dias antes. As grades de ferro e as venezianas de madeira haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido. A porta da frente e os caixilhos das janelas haviam recuperado seu ar descuidado e bem que agora podiam receber uma demão de tinta. Da mesma forma, o jardim sofrera uma decadência óbvia. Tudo parecia maravilhoso.

A primeira surpresa veio apenas segundos depois de aberta a porta da frente. Atravessei a soleira, seguindo meu pai de perto, e de repente dei um passo atrás quando algo comprido e escuro atravessou o hall em disparada rumo à sala.

– O que foi isso?

– Foi só a Kizzy. Acho que a assustamos.

Ela não fora a única a se assustar.

– E Kizzy seria...

– Nossa gata. Bem, *minha* gata agora, acho, desde que você saiu de casa.

Demorei um segundo para absorver aquela informação surpreendente. Minha infância havia sido privada de bichos de estimação, exceto por um peixinho dourado ou dois, e era estranho saber que meu pai agora tinha uma gata.

– Você a comprou para mim quando foi para a universidade. Para que eu não ficasse tão sozinho.

Bem, aquilo tinha sido muito legal da minha parte.

Então o segui sem pressa pelo corredor, digerindo essa nova revelação. *Eu tinha ido para a universidade*. E, ao entrar na sala envelhecida e familiar, ali estava, orgulhosamente exibida na parede, a prova disso. Meu rosto me olhava de uma grande fotografia com moldura dourada. Envoltos numa beca e usando um capelo, não havia como confundir o olhar cheio de orgulho enquanto segurava um rolo de pergaminho gravado de modo luxuoso. Senti meus olhos começarem a arder com as lágrimas. Eu tinha me formado. Eu cursei a faculdade, recebi um diploma e realizei meus sonhos. Pela primeira vez questioneei por que estava tão motivada a demolir um mundo que podia ser muito melhor do que aquele no qual eu vivia.

– Quer uma xícara de chá? – perguntou meu pai, já a meio caminho da cozinha para pôr a chaleira no fogo.

Ele vinha de uma geração em que nenhum problema era tão grande que não pudesse ser resolvido pelo simples ato de verter água quente sobre um saquinho de folhas de chá. Gritei para ele minha resposta, mas, em vez de me sentar para descansar em uma das cadeiras surradas de aparência confortável, me vi perambulando inquieta pelo cômodo, procurando... Não tenho certeza do que estava procurando: seria uma prova definitiva de que todo aquele

mundo ao meu redor era falso, ou evidências que provassem que, inacreditavelmente, tudo podia ser real?

Minha foto de formatura não era a única da sala, pois sobre a lareira havia diversas outras. Eu me aproximei para examiná-las melhor. Reconheci as duas primeiras: meus pais no dia de seu casamento, a moda e os penteados ultrapassados perdendo importância diante do brilho de seus sorrisos. Sempre adorei aquela fotografia. A seguinte era a única foto que ainda tínhamos de nós três. Havia sido tirada num passeio ao litoral, e eu estava de pé entre eles no píer, não me lembro onde exatamente, de mãos dadas com os dois. De repente a foto começou a borrar e oscilar, e fui dominada pela emoção, como não acontecia havia anos, de um poço de desespero e sentimento de perda da mãe que eu nem me lembrava de ter tido.

Havia mais duas imagens. A primeira me provocou uma risada ligeira, que era exatamente o antídoto que eu precisava naquele momento. Havia sido tirada num evento esportivo da escola, quando eu tinha uns 7 anos. Na foto, Jimmy e eu segurávamos entre nós uma pequena taça prateada por termos vencido a corrida das três pernas com ovo na colher. Acho que foi a única corrida que venci em toda a minha vida escolar. Bem, é claro que eu poderia ter me tornado uma decatleta na universidade, quem poderia dizer? Nossos olhos brilhavam na foto, uma feliz combinação de orgulho, amizade e pura felicidade intocada. Nós dois sorriamos de orelha a orelha, parecendo alheios ao fato de que a imensa falha que exibíamos nos dentes da frente não colaborava nem um pouco com a fotografia.

A última eu nunca tinha visto. Peguei-a da lareira e a levei até a janela para estudá-la melhor. Era evidente que havia sido tirada recentemente, porque eu não estava nem um pouco diferente de quando vi meu reflexo naquela manhã. O cabelo era o mesmo, assim como o rosto sem marcas. O lugar parecia um hotel ou restaurante sofisticado; havia presentes agrupados em pilhas sobre a mesa à nossa frente e no centro da foto estavam as figuras principais: Matt e eu. Seu braço envolvia com firmeza minha cintura, a mão esquerda segurando a minha, erguendo-a para permitir que a câmera capturasse o brilho ofuscante do imenso anel em meu dedo. O resplendor do diamante parecia quase excessivo para estar contido na pequena moldura de vidro.

Virei-me depressa, quase com culpa, quando o tilintar das xícaras de chá anunciou a volta do meu pai. Apressei-me em recolocar a fotografia no lugar de onde a tirara.

– Faz você se lembrar de alguma coisa?

Balancei a cabeça com tristeza.

– Lembro-me destas aqui – indiquei as fotos muito mais antigas –, mas esta eu nunca vi.

Meu pai sentou-se numa poltrona, com ar triste.

– É um belo anel – comentei, tentando provocar alguma espécie de sorriso no homem a quem eu estava causando tanta preocupação. – Aposto que ele não o ganhou de brinde num pacote de biscoitos.

Ali estava, o sorriso que eu esperava.

Tomamos nosso chá em silêncio, a bebida quente levando embora a necessidade de

conversar. Eu detestava perturbar a tranquilidade do momento, mas tinha que prepará-lo para algo importante.

– Pai, estou esperando uma ligação do Dr. Tulloch mais tarde. Avise-me quando ele ligar, por favor.

Meu pai ergueu os olhos, surpreso.

– E por que ele ligaria? Ele já não nos encaminhou para o especialista em amnésia?

Suspirei, tentando não demonstrar quanto “amnésia” era agora a palavra de que eu menos gostava.

– Sim, bem, deixei um recado e pedi que ele descobrisse algo para mim, e quando ele o fizer tenho certeza de que vai telefonar. Não se preocupe. Tudo vai fazer sentido.

Meu pai pareceu um pouco confuso, mas concordou em avisar quando o telefonema viesse.

Ele estava tentando me convencer de que eu devia me deitar um pouco enquanto ele preparava o almoço, quando de repente nos assustamos com um chiado zangado no momento em que a gata preta que eu vira mais cedo aterrissou no sofá ao meu lado, olhou para mim e atravessou a sala em disparada, com os pelos das costas eriçados formando uma crista alta.

– Caramba... – começou meu pai, e então a gata, quase saindo pela porta, parou, escavando o tapete com as garras, virou-se para olhar para mim e soltou um grunhido baixo e zangado.

– Kizzy! – gritou meu pai, repreendendo-a. – O que deu em você?

Recuei um pouco no sofá, sem saber se a felina enfurecida ia atacar. Ela continuou a me fitar ameaçadoramente do outro lado da sala, as garras expostas, os olhos como grandes esmeraldas verdes. Com um último grunhido zangado, virou-se e fugiu da sala num raio de pelos e fúria. Papai e eu nos olhamos espantados. Fui a primeira a quebrar o silêncio:

– Ela costuma fazer isso?

– Não. Nunca. Nunca a vi agir assim antes. Ela adora você.

– Que sorte, então. Não gostaria de ver o que ela faria se não gostasse de mim.

Ele deu um riso forçado, mas, enquanto recolhíamos nossas xícaras sujas e nos preparávamos para sair da sala, percebi que ele ainda estava intrigado com a inexplicável reação da gata.

Um pouco mais tarde, ele bateu à porta do meu antigo quarto com mais uma xícara de chá. De início, eu havia entrado ali para procurar algo mais quente para vestir do que o conjunto de seda que usara para sair do hospital, mas minha atenção fora totalmente desviada ao verificar o que havia no meu antigo armário e na cômoda. A meu lado, no chão, jaziam pilhas de revistas antigas, roupas e souvenirs.

Meu pai abriu um caminho precário por entre o entulho e colocou a caneca fumegante sobre a mesinha de cabeceira.

– Acho que não fui muito exigente ao jogar coisas fora quando saí de casa.

– Pode-se dizer que sim. Mas elas podem ser úteis agora. Para ativar um pouco sua memória.

Fiz um gesto largo com a mão sobre os diversos itens no chão.

– A maioria dessas coisas é de eras atrás. Eu já conhecia tudo.

E, embora eu soubesse que iria magoá-lo, tinha que dizer a ele como me sentia de verdade.

– Eu não mudei aquilo em que acredito, pai. Sei que você está esperando desesperadamente que eu tenha uma grande revelação e comece a me lembrar de tudo, mas não acredito que isso vá acontecer. Veja, eu não *esqueci* nada. Não há nenhuma lacuna na minha memória. Posso detalhar os últimos cinco anos para você, momento a momento. Só que são cinco anos *diferentes*.

Um misto de piedade e amor em seus olhos me forçou a parar. Eu não estava ajudando nem a mim nem a ele a entender melhor a situação.

– Vamos ver o que o especialista tem a dizer, Rachel. Que tal?

Assenti devagar. Eu precisava deixar que ele se agarrasse àquilo um pouco mais. Ele ainda acreditava na onipotência de um médico “especialista” quase tão piamente quanto nos poderes curativos do chá.

Antes de me deixar empacotando os resíduos da minha juventude, ele parou à porta.

– A propósito, acho que descobri o que deve ter assustado a gata antes.

Ergui os olhos da imensa pilha de revistas destinadas à lata de lixo.

– Sim, fiquei até agora pensando nisso porque foi muito estranho. Aí me dei conta de que deve ter sido seu cheiro.

– Ah, que gentil, pai.

– Não, não quis dizer nesse sentido. É que você deve estar com cheiro de hospital. Você sabe, antisséptico, produtos médicos. Deve ter sido isso que fez com que ela agisse feito louca. Ela vai ficar bem agora, você vai ver.

Queria muito acreditar nele, mas para mim parecia mais que a gata estava apenas defendendo seu território de alguém que ela nunca tinha visto.



Pela manhã, ninguém ligou do hospital. Na verdade, a única chamada havia sido de Matt, telefonando do hotel na Alemanha. Tentei esconder a decepção na minha voz ao perceber que não era o Dr. Tulloch na linha, mas meu recém-adquirido noivo. Felizmente, Matt não pareceu inclinado a conversar, e em menos de dez minutos o telefonema estava encerrado.

– Como está Matt? – perguntou meu pai quando desliguei, e algo em sua voz chamou minha atenção e me fez olhar para cima.

– Está bem. Ocupado com o trabalho, acho. – Agindo por puro instinto, saltei de pé, fazendo a pergunta seguinte: – Você não gosta muito de Matt, gosta?

Ele folheou o jornal que tinha nas mãos e acho que demorou uma fração de segundo a mais antes de responder:

– Claro que gosto. Que ideia. Por que pensa isso?

– Não sei, algo na sua voz, nos seus olhos...

Ele então respondeu:

– Mesmo que eu... tivesse dúvidas, nunca diria nada, quando é tão evidente que é com ele que você quer ficar. E vocês estão juntos há muito tempo.

– Bem, não no meu mundo. Nós terminamos pouco depois de sairmos da escola.

Minhas palavras pareceram acender um estranho olhar de curiosidade.

– Interessante, isso. Que sua amnésia tenha criado um mundo onde Matt não é seu noivo. Eu me pergunto o motivo. – E, claramente pensando que chegaria a algum lugar com essa linha de raciocínio, ele continuou: – E, diga-me, você e Jimmy formam um casal nessa sua “outra” vida?

Suspirei. Será que ninguém escutava o que eu dizia?

– Não, pai. Seria bem difícil com ele morto.

Fez-se um silêncio estranho e cheio de significado entre nós. Nossos olhos se encontraram por um longo momento antes que ambos decidíssemos que era melhor deixar o assunto de lado.



Entreí na cozinha na manhã seguinte, o cabelo ainda pingando do banho, usando um velho roupão diversos números menor. Papai estava ocupado formando uma pequena montanha amarela de ovos mexidos borrachudos num prato. De repente, a comida do hospital começou a parecer bastante boa.

– Pai, não precisava. Em geral só como torradas.

– Bobagem – retrucou ele com firmeza, e pude ver ali os preparativos de uma campanha. – Não vamos conseguir recuperar suas forças só com um pedaço de casca seca de pão no café da manhã.

Estava prestes a explicar que possivelmente meus problemas exigiriam mais do que um café da manhã para serem resolvidos, mas fui poupada pelo toque da campanha.

– Vá ver quem é, por favor, enquanto sirvo os pratos.

Fui até a porta da frente, ainda espremendo a água de meu cabelo ensopado. Por trás do painel de vidro translúcido, havia uma forma alta e escura. Meu coração deu um pequeno salto no peito quando abri o trinco para receber o visitante. Nada como a visita de um amigo morto para realmente lhe tirar o apetite.

Jimmy me seguiu pelo corredor até a cozinha, carregando uma enorme caixa de papelão.

– Bom dia, rapaz. Chegou bem na hora do café da manhã. Quer se juntar a nós?

Jimmy olhou a mistura amarela com o mesmo entusiasmo que eu.

– Desculpe, Tony, já comi. Só passei para dar um oi.

Sabia que ele estava mentindo sobre o café da manhã antes que seus olhos encontrassem os meus. Sempre conseguimos ler um ao outro como um livro. Ou talvez não. Senti um rubor

invadir meu rosto e de súbito me lembrei de como estava inadequadamente vestida para receber visitas, com o roupão minúsculo.

– O que tem na caixa?

Foi bom meu pai ter perguntado; eu estava tão preocupada com a estranheza de estar sentada na minha antiga cozinha com meu amigo há muito falecido que provavelmente não teria me ocorrido perguntar, mesmo que ele tivesse entrado rebocando um elefante.

– Não é minha – explicou Jimmy. – Uma van de entregas estava acabando de deixar aqui e me ofereci para trazer. É para Rachel.

Ergui os olhos da barra atalhada do roupão, que eu tentava desesperadamente esticar.

– Para mim? O que é?

Meu pai olhou sobre meu ombro.

– Deve ser a caixa com mais roupas suas. Matt disse que mandaria entregar aqui. Ele sabia que você não teria muito o que vestir.

– Ele acertou – concordei. – Foi muita consideração dele separar isso para mim.

Um pequeno som de desagrado veio da direção de Jimmy.

– Deve ter mandado a secretária fazer isso.

A resposta veio rápida como um reflexo quando saí em defesa de Matt.

– Você sabe que ele é muito ocupado. Teve que viajar para Hamburgo ontem à noite.

Um olhar especulativo cruzou os traços familiares de Jimmy, mas ele era esperto o bastante para não fazer outra crítica. Meu pai, que parecia completamente desligado da discussão em andamento, acrescentou:

– A propósito, Rachel, esqueci completamente de lhe dizer: Matt também queria que você soubesse que ele entrou em contato com a revista na segunda-feira e informou a eles o que aconteceu.

Perplexa, virei-me na cadeira para olhar para o meu pai.

– Revista? Que revista?

– A revista em que você trabalha.

Senti o conhecido embrulho no estômago com mais essa bomba.

– Não trabalho numa revista.

Lá vamos nós de novo. O olhar que os dois homens trocaram foi tão evidente que eles poderiam muito bem ter gritado as palavras: *Pobre Rachel, ainda com essa amnésia.*

De repente senti raiva e me levantei tão bruscamente que a cadeira de madeira quase virou de pernas para o ar.

– Não, não olhem para mim assim! Como se dissessem: “Oh-oh, Rachel ficou doida. Está na hora de tomar cuidado com o que diz de novo.” Vocês acham que eu não saberia algo tão básico como onde eu trabalho?

– Não faz muito tempo que está lá, deve se lembrar melhor do jornal. Trabalhou lá muito mais tempo.

– Trabalhei num jornal? Sou jornalista? – Havia admiração em minha voz ao ver que

atingira minhas metas. Mas então balancei a cabeça com irritação para dispersar a fantasia. – Eu *não* trabalho lá. Acho que teria me lembrado se trabalhasse, não concordam?

– Parece que você esqueceu muito mais do que apenas isso – murmurou meu pai, e pela primeira vez percebi em sua voz que ele estava começando a perder a paciência.

Jimmy, calmo e controlado como sempre, estendeu o braço e segurou minha mão.

– Sente-se, Rachel, por favor.

Como não obedeci, ele puxou meu braço de modo gentil, forçando-me a voltar para a mesa. Virando sua cadeira para mim e falando sem nenhuma agitação, ele perguntou lenta e claramente:

– Onde você trabalha, Rachel?

Seu olhar se mantinha firme no meu, e me perguntei se aquilo seria uma técnica que eles ensinavam aos policiais para interrogar suspeitos.

– Na Andersons Engineering, em Euston. Sou secretária do departamento de vendas. Estou lá há três anos e meio. O telefone é 020-7581-4387.

Se ficou surpreso com a naturalidade e rapidez da minha resposta, ele disfarçou melhor do que meu pai.

– Mas que...

Jimmy silenciou meu pai com um olhar de advertência e tornou a voltar toda sua atenção para mim. Isso sem dúvida era coisa de policial.

– E com quem podemos entrar em contato lá para confirmar... ou melhor, para avisá-los de que você vai se afastar por algum tempo?

– Sra. Jessica Scott, dos Recursos Humanos. O ramal dela é 203.

Vi o brilho nos olhos dele diante da minha resposta imediata, mas sua voz era suave e firme ao pedir a meu pai:

– Tony, você se importa se eu usar seu telefone e ligar para eles?

Em resposta, meu pai tirou o telefone sem fio da base e o entregou a Jimmy. Antes de discar o número ele se virou para mim.

– Prefere falar com eles você mesma?

Balancei a cabeça; provavelmente ambos pensariam que eu estava mentindo. Não, deixe que ele fale com os Recursos Humanos, assim todos veriam, de uma vez por todas, que eu estava dizendo a verdade.

Repeti o número e ele o digitou depressa. Uma eternidade pareceu se passar até a telefonista atender e ele pedir o ramal. Como ele se levantara para fazer a ligação, eu não podia ouvir nem a mais vaga das respostas do outro lado da linha. Tive de me contentar em reunir pedaços da conversa do lado de Jimmy.

– Poderia falar com a Sra. Jessica Scott?... Bom dia, Sra. Scott. Meu nome é Jimmy Boyd e sou amigo de Rachel Wiltshire. Estou telefonando para avisar que infelizmente ela sofreu um pequeno acidente e terá de ficar afastada do trabalho pelo menos até o fim da semana, talvez mais.

Houve a mais longa das pausas.

– No Departamento de Vendas... Sim... Sim... Tudo bem, eu entendo. Muito obrigado. Até logo.

Ele apertou a tecla vermelha para desligar e voltou-se devagar para olhar para nós. Eu me remexia na cadeira, impaciente como uma criança de 5 anos.

– E então? O que ela disse?

Ele hesitou, seu rosto indecifrável. Achei que não iria gostar do que viria a seguir. Estava certa.

– Rachel, ela disse que nunca ouviu falar de você. Você não trabalha lá.



OK, provavelmente não foi muito maduro da minha parte irromper em lágrimas, mas não pude evitar. Todas as vezes que um pequeno vislumbre de esperança surgia diante de mim, era logo tirado do meu alcance. Levantei-me da mesa de um salto, num ciclone de lágrimas e desespero, dessa vez conseguindo derrubar a cadeira, e subi correndo as escadas para o meu quarto, onde me joguei de bruços na cama.

E exatamente como a adolescente revoltada que eu parecia ter voltado a ser, ignorei seus pedidos para que abrisse a porta trancada, gritando “Vão embora”, até ficar rouca demais para continuar a gritar.

Estava começando a escurecer quando saí do quarto. Devo ter chorado até dormir, pois acordei várias horas mais tarde, a umidade do travesseiro colando em meu rosto. Meu pai estava na sala, fingindo assistir ao noticiário na TV.

Deslizei para o sofá ao lado dele, ignorando a gata, que me lançou um chiado mudo e saiu do seu colo, e deitei a cabeça em seu ombro.

– Desculpe, pai. – Ele apertou minha mão em resposta. – É muito difícil. Nada faz sentido. Está tudo fora do lugar. Talvez vocês estejam certos. Talvez eu *esteja* ficando louca.

Ele se virou para mim, com uma inesperada raiva nos olhos.

– Não diga isso! Ninguém falou que você está louca. Você sofreu uma pancada grave na cabeça e um choque terrível. Não é surpresa que esteja um pouco... confusa... Só isso, confusa. Tudo vai ficar bem logo, meu amor, você vai ver.

E dessa vez eu estava cansada demais para discutir.



Ele devia estar mesmo muito preocupado comigo, porque, diversas vezes durante a noite, no lusco-fusco entre o sono e a vigília, senti o característico aroma de sua loção pós-barba e soube que ele tinha entrado silenciosamente em meu quarto para ver como eu estava. Ele não disse uma só palavra, e nunca revelei que sabia que ele estava lá.



No dia seguinte, vasculhei a caixa de roupas que Matt mandara, tentando encontrar algo para vestir. Eu esperava achar um jeans e um suéter, mas parecia que meu novo estilo de vida não abrangia nada tão casual. Tive que me contentar com uma elegante calça preta e um pulôver verde-esmeralda. Olhei-me no espelho e não pude argumentar que a roupa não me servia e, se as etiquetas não eram exatamente de estilistas, sem dúvida pertenciam às melhores lojas. Ou meu novo trabalho pagava muito bem ou Matt havia sido responsável por mais do que apenas a bolsa Gucci. Ele sempre fora generoso quando éramos adolescentes. Deduzi que devia continuar a ser.

Pendurei as outras roupas no pequeno armário de cedro e depois peguei uma jaqueta de couro de carneiro e uma echarpe. Fazia dias que eu não saía de casa, e precisava testar minha resistência se quisesse que papai concordasse com o plano que eu tinha em mente. No entanto, todas as intenções de anunciar a ideia com calma foram jogadas para o alto quando descii a escada, no exato momento em que ele entrava pela porta da frente. Devia estar voltando de sua caminhada diária para buscar o jornal. Ele foi rápido, mas também fui, e ainda tive tempo de ver o pacotinho vermelho que ele tentou guardar às pressas na jaqueta. Mergulhando como um míssil em seu bolso, meus dedos envolveram o pequeno objeto e o trouxeram para fora.

– O que é isso?

Meu pai parecia envergonhado e nada disse; eu podia ver várias explicações passando em sua mente, mas nenhuma recebeu aprovação para ser apresentada.

– Por que, em nome de Deus, você está fumando de novo? Não sabe que isso vai matá-lo? Que isso *estava* matando você?

Se um de nós tivesse parado para analisar a incongruência da total inversão dos papéis de pai/filha, provavelmente teríamos caído na gargalhada na hora. Só que eu estava muito zangada para ver isso, e ele, constrangido demais.

Amassei o maço na mão, deixando pelo menos aquele imprestável, e com a quebra dos cigarros dentro dele minha raiva também começou a amainar.

– Pai, sei o que está fazendo e por quê, mas você tem que me prometer que vai parar.

Ele não se desculpou, mas pelo menos tentou explicar:

– Tenho estado tão preocupado com você, Rachel... Está tão perdida, e eu me sinto inútil por não ser capaz de ajudá-la. Era apenas algo para me ajudar a lidar com o estresse, só isso.

– Não, pai – falei, as lágrimas rolando pelo meu rosto ao ouvi-lo soar tão abatido pela preocupação. Limpei a torrente salgada com as costas da mão. – Deus, quando foi que me tornei um bebê chorão?

Segurei suas mãos nas minhas e tentei colocar nas minhas palavras e nos meus olhos tudo o que tinha sentido quando ele recebera o diagnóstico.

– Pai, se você me ama, se me ama *de verdade*, por favor, me prometa que nunca mais vai tocar nesse veneno.

Seus olhos também começaram a marejar. Agora eu tinha feito meu pai chorar, mas, se isso impedisse que tudo acontecesse de novo, então teria valido a pena.

– Você quase se matou com o cigarro por estar preocupado comigo antes. Não vou deixar que faça isso outra vez.



Caminhei durante horas e, embora não tivesse nenhum lugar específico para ir, ainda assim era gostoso estar ao ar livre novamente após a inatividade da semana anterior. Tinha dito a papai que não se preocupasse, e telefonei depois de algumas horas, só para ele saber que eu estava bem. Já era o meio da tarde e me dei conta de que não havia almoçado. Como não estava longe do centro da cidade, segui na direção do pequeno passeio, onde havia alguns restaurantes e cafés.

Hesitei, parada na calçada, tentando decidir qual deles escolher, quando uma voz suave atrás de mim falou no meu ouvido:

– O café no fim da rua tem o melhor *cheesecake*.

Virei-me, e meu coração acelerou. Eu devia estar realmente assustada.

– E se eu não gostar mais de *cheesecake*?

Ele parou, como se avaliasse aquele absurdo.

– Não. Isso nunca vai acontecer. Pode esquecer qualquer coisa, menos isso. Algumas coisas são profundas demais.

De algum modo, por acordo mútuo, entramos em um pequeno café, e Jimmy pediu café e duas fatias de torta. Havia uma mesa para dois no fundo, ao lado de uma lareira, e nos dirigimos para lá, ambos inconscientemente rejeitando diversas outras mesas vazias perto das janelas da frente.

– Por que não está trabalhando hoje, policial Boyd? Não me espanta que o crime reine nesta cidade. Os policiais nunca estão de serviço.

– Na verdade, é *inspetor* Boyd, e hoje estou de folga.

– Inspetor, hein? Parece importante. Você gosta do que faz? Nunca comentou nada quando era mais novo sobre querer ser policial.

A garçonete chegou com o pedido, e ele esperou que ela colocasse as xícaras e os pratos à nossa frente e se afastasse antes de responder:

– Gosto. Adoro meu trabalho. Entrar para a polícia foi a melhor decisão que já tomei. E, quanto a nunca ter dito nada sobre isso... Bem, eu guardava muitas coisas para mim naquele tempo; coisas que talvez eu devesse ter dito.

Meu estômago deu um salto. Tive a impressão de que ele estava prestes a me contar algo importante. Mas alguma coisa dentro de mim resistia. Sem saber como prosseguir naquele caminho que eu nem tinha certeza se queria mesmo seguir, escolhi uma mudança brusca de assunto.

– Jimmy, quero me desculpar com você pelo meu comportamento no outro dia. Meu pequeno descontrole.

Ele dispensou o pedido de desculpas com um movimento da mão, mas continuei:

– Não, de verdade. Sei que tudo parece extremamente... ah, não sei... inconsistente... instável... inacreditável...

– Praticamente qualquer palavra começando com “in”, não é?

Eu ri. Ele sempre fora capaz de me fazer rir.

– O problema é que a toda hora me provam que tudo o que tenho como verdade absoluta é falso. É muito perturbador.

Ele deu um longo gole em seu café antes de responder:

– Tenho certeza de que é. E frustrante também.

Havia algo em sua voz, algo que eu não ouvira de ninguém mais, que me fez soltar o garfo com um pedaço da torta a meio caminho da minha boca.

– Você *acredita* em mim?

Percebi que, em todos os meus protestos, eu nunca tinha feito essa exata pergunta a ninguém.

Seus olhos azuis penetrantes sustentaram os meus, num olhar em que uma pessoa poderia se afogar se não tomasse cuidado.

– Acredito que *you* acredita, honesta e completamente. E posso ver o que tentar convencer o restante de nós está fazendo com você. – Ele ficou em silêncio por um momento e eu quase falei, mas graças a Deus me contive, ou jamais o teria escutado terminar a frase num sussurro. – E me entristece muito ver você assim.

Eu não tinha me dado conta de que as palavras dele tinham me feito chorar, até que Jimmy levantou meu rosto delicadamente com o dedo e enxugou meus olhos com o guardanapo dobrado. Sua voz ainda era suave e grave:

– E sem dúvida nunca vi você chorar tanto, nem mesmo quando tinha 8 anos e caía toda hora da bicicleta.

Funguei de modo pouco feminino, mas suas palavras tinham surtido efeito: ele me fizera sorrir.

– Ah, eu chorei um bocado nos últimos cinco anos, mais do que você imagina.

– Por quê?

Ali estava. O momento de recuar ou mergulhar sem reservas.

– Por perder você. Quando salvou minha vida e perdeu a sua. Você não tem ideia do que isso fez comigo. Não tem ideia de como senti sua falta.

E ali estava a oportunidade dele de vir com a ladainha da *batida na cabeça-amnésia-logo tudo vai passar*. Mas ele não fez isso. Assim era Jimmy; o garoto que me amara quando éramos crianças e o homem que havia se tornado. Eu podia confiar nele com relação a tudo. Eu podia confiar nele com relação à verdade.

– Conte-me – pediu.

E assim, na luz minguante da tarde, junto às chamas trêmulas do fogo na lareira, comecei do início, da noite do acidente, e só parei ao chegar ao fim.

CAPÍTULO 8

Fomos os últimos clientes a sair do café. Percebemos que havíamos ficado tempo de mais quando o dono deixou a sutileza de lado e varreu o chão, virou as cadeiras sobre as mesas vazias e apagou quase todas as luzes.

Pedi desculpas por atrasá-los, enquanto Jimmy pegava meu casaco e o segurava para que eu o vestisse. Ajeitou a jaqueta sobre meus ombros e pareceu muito natural que seu braço permanecesse ali, guiando-me até a porta.

– Meu carro está logo na esquina, vou deixar você em casa antes que seu pai organize um grupo de busca.

O ar frio de dezembro nos atingiu com uma rajada de vento violenta enquanto caminhávamos pelas ruas silenciosas, mas eu não parecia sentir o frio, não com o corpo dele tão próximo, se movendo em sincronia com o meu. Eu sabia que estava em território perigoso. Uma porta se abrira naquela tarde e eu entrara por ela despreocupada, sem olhar para trás. Mas agora podia ver que, antes de acrescentar mais complicações à equação, eu precisava responder às milhares de perguntas em meu caminho. Apesar disso, droga, era tão bom, tão *certo* estar caminhando assim ao lado de Jimmy. Como eu não tinha percebido isso antes?

A volta para casa levou apenas cinco minutos e, quando encostamos no meio-fio, notei o movimento imediato da cortina da sala.

Ri, incrédula.

– Acredita que meu pai está me espiando entre as cortinas? É exatamente como voltar à adolescência.

Ele baixou a cabeça e se inclinou sobre mim para ver a frente da casa pela janela do passageiro. Senti o perfume leve de sua loção pós-barba e o cheiro de limpeza do xampu, antes que ele endireitasse o corpo. Inspirei mais profundamente aquela combinação provocante, querendo guardá-la na memória.

O que eu estava fazendo? Não tinha direito a ter esses pensamentos. Jimmy e eu nunca tivéramos um envolvimento romântico, nem uma vez sequer, porque sempre fomos grandes amigos. Além disso, sempre existiu Matt. E ainda *existia* Matt – eu precisava me lembrar disso. Eu não era livre para pensar daquele jeito.

– Acho melhor eu entrar.

– Antes que seu pai saia com uma espingarda?

Ri, imaginando a cena.

– Isso aí. Além do mais, Matt vai telefonar da Alemanha, então...

Minha voz falhou. Eu não podia ter dito nada pior. O clima afetuoso entre nós imediatamente gelou diante das minhas palavras, e a irritação que percorreu Jimmy era quase palpável.

– É claro.

E, com essas duas palavras, o que começava a ganhar vida e alçar voo entre nós tombou morto no chão.

Eu o convidei para se juntar a nós no jantar, mas não fiquei surpresa quando ele recusou. No entanto, me acompanhou até a porta, segurando meu braço, pois o gelo estava começando a cobrir o caminho de entrada. Aquela era a mão de apoio de um amigo, nada mais. Eu não conseguia acreditar numa mudança de humor tão instantânea, o que me fez questionar minha percepção do restante da tarde. Existira mesmo algo novo ou eu apenas imaginara que poderia sentir algo mais do que uma antiga e preciosa amizade?

Ele tirou a chave da porta da minha mão e a enfiou na fechadura, mas, antes que a girasse, pus a mão em seu braço para detê-lo.

– Ainda está tudo certo para amanhã? Porque posso ir sozinha. Sem problemas.

Seus olhos não revelaram nada.

– Claro que está certo. Por que não estaria?

Porque estraguei o momento, fazendo surgir entre nós o único obstáculo que sempre esteve em nosso caminho. O obstáculo do qual eu estava noiva.

– Por nada. É que... Bom, não parece uma boa maneira de você passar seu dia de folga: escoltando sua amiga recém-enlouquecida por Londres.

Ele me puxou para si e me envolveu num abraço forte e breve: tudo amizade – nada mais.

– Recém-enlouquecida, não – retrucou. E depois, incapaz de resistir, acrescentou: – Você é assim desde que a conheço!

Então ele me soltou e virou a chave na fechadura num único movimento suave. Dando-me um leve empurrão, me impeliu para dentro do hall aquecido.

– E, como eu disse antes, acho que é uma ótima ideia. Tenho certeza de que vai ajudar. Agora entre. Vejo você pela manhã.



Os argumentos que pensei que teria de apresentar a fim de convencer meu pai de que era uma boa ideia eu voltar a Londres no dia seguinte mostraram-se desnecessários quando ele soube que Jimmy me acompanharia. Aquilo me fez imaginar se ele teria a mesma opinião caso eu tivesse escolhido outro companheiro de viagem. Mesmo assim, na manhã seguinte, enquanto eu esperava Jimmy vir me buscar, meu pai ainda cacarejava como uma galinha protegendo seus pintos:

– Está levando seus remédios?

Bati de leve na bolsa Gucci pendurada em meu ombro.

– E vai me ligar caso se sinta mal ou... qualquer coisa? Está com seu telefone, não está? E dinheiro e...

– Relaxe, papai. Só vou passar uma noite. Estarei de volta amanhã e, espero, trazendo algumas respostas. – Ele ainda parecia em dúvida, então o abracei. – Não se preocupe tanto comigo.

Senti o cheiro de sua loção pós-barba, e isso de repente me fez lembrar de uma coisa:

– E não passe a noite inteira vendo se estou bem. Vai ficar exausto pela manhã. Perdi a conta do número de vezes que você entrou no meu quarto.

O carro de Jimmy encostou lá fora. Eu estava me abaixando para pegar a pequena sacola a meus pés, de modo que perdi a expressão inicial de confusão no rosto do meu pai.

– Rachel, não fui ao seu quarto à noite para ver se você estava bem. Nem uma vez sequer. Você deve ter sonhado.



A viagem a Londres confirmou que Jimmy também tomara uma decisão nas horas entre a noite anterior e aquela manhã. Ali estava de volta o amigo simpático, provocador e platônico que eu conhecera a vida toda – ou pelo menos até os 18 anos. O homem que segurara minha mão no café enquanto eu contava, aos tropeços, a história do que minha vida se tornara desde aquela época havia desaparecido completamente.

E, se eu estava decepcionada por ter deixado aquela pessoa escapar por entre os dedos, ao menos ainda tinha meu velho amigo Jimmy de volta e, comparado a uma semana antes, era uma melhora e tanto.

– E então, aonde você quer ir primeiro? Pensou nisso?

Puxei um papel dobrado da bolsa.

– Acho que é melhor irmos aqui. Todos os outros lugares ficam do outro lado da cidade.

O papel tremulou em minha mão com a leve brisa da janela aberta.

– Tenho o endereço, mas não tenho ideia de onde fica exatamente. Papai teve que escrever para mim.

Os olhos de Jimmy se desviaram por um instante da estrada e olharam de relance o pedaço de papel pautado.

– E isso seria...?

Dei um suspiro profundo e olhei na folha à minha frente as palavras que não significavam nada para mim.

– É onde eu moro – fiz uma pausa, como se estivesse no tribunal. – Supostamente.

Tentei parecer relaxada, mas, à medida que vencíamos quilômetro após quilômetro da autoestrada, comecei a ficar cada vez mais nervosa. Ir a Londres, onde eu morava e trabalhava, era a minha última esperança de ter minha vida real de volta. Mas só agora eu

parava para contemplar o que encontraria ao chegar lá. Havia chaves na minha bolsa que eu não reconhecia. Em tese, serviriam na porta do endereço que meu pai me dera naquela manhã. Mas e minha outra casa, o pequeno apartamento em que eu morava, em cima da lavanderia? O que todos diriam quando ficasse comprovado que também era meu? Cheio de pertences e parafernália de outra vida. Poderiam essas vidas coexistir? Como isso seria possível?

Uma palavra começou a ecoar em minha mente. Era muito mais assustadora e desconhecida do que a temida amnésia: *esquizofrenia*. Ela não poderia assumir a forma de personalidades múltiplas? De repente, eu soube que recentemente havia lido um artigo sobre o assunto. Poderia ser esse o meu problema? Será que eu estava sofrendo de uma doença mental?

Para silenciar aquela voz, agarrei-me a qualquer pensamento ao acaso para preencher o silêncio.

– Jimmy, não me ocorreu perguntar antes: você é casado?

O carro oscilou um pouco na pista, recebendo uma buzina furiosa do caminhão atrás de nós.

– Casado? Ah, não. Que pergunta é essa? Não acha que a esta altura você saberia se eu fosse?

Dei de ombros.

– Não necessariamente. Não sabia nem que *eu* estava noiva.

– Ok, ponto para você.

O odômetro marcou mais um quilômetro antes que eu continuasse:

– Então, existe alguém na área?

Ele deu uma risada quase inaudível, mas não disse nada, o que apenas aumentou minha curiosidade.

– Namorada? Amante? Namorado?

– Não, não e definitivamente não, obrigado.

– Por que não?

– O que você está me perguntando? Por que eu não sou gay?

Dei um empurrão de leve em seu braço.

– Sabe o que estou perguntando. Por que não existe ninguém? Você é um cara maravilhoso. Seria um companheiro fantástico. Por que está sozinho?

Pela primeira vez ele pareceu desconfortável e fiquei surpresa por ter me aventurado tão longe em território proibido. Houve um tempo em que não havia limites. Mas talvez tudo fosse diferente agora.

– O trabalho, para começar: longas horas, turnos malucos. Isso não ajuda um relacionamento. Ou talvez eu apenas prefira assim.

Senti que havia mais a ser investigado ali, coisas que ele não estava dizendo, mas talvez não fosse a hora, então deixei o assunto morrer, para seu evidente alívio.

Àquela altura, serpenteávamos pelas ruas secundárias de Londres, e levamos mais tempo

do que supúnhamos para localizar o endereço. Enfim, após diversas voltas, paramos na frente de uma construção vitoriana remodelada, que tinha um pórtico ornamentado.

– Aqui estamos – anunciou Jimmy, manobrando o carro para entrar numa vaga no pequeno pátio em frente ao prédio. – Em casa.

– Não a minha – murmurei sem ânimo, mas mesmo assim abri a porta e saí do automóvel.

Fiquei parada um instante no ar frio da manhã, olhando o prédio desconhecido. Não havia nada nele que parecesse remotamente familiar.

– Então venha, vamos verificar.

Ele estendeu a mão e, com óbvia relutância, deixei que me conduzisse para os degraus de pedra da construção.

Achei que seríamos vencidos pelo primeiro obstáculo, pois, ao nos aproximarmos da entrada, vimos que o prédio tinha uma porta de segurança com porteiro eletrônico. Parei a meio caminho dos três degraus baixos.

– Então é isso – declarei, sabendo que o alívio em minha voz era óbvio.

– Não tão depressa – retrucou Jimmy, continuando a me empurrar na direção da porta.

Nesse exato momento, uma enfermeira de uniforme azul apareceu do lado de dentro da entrada de vidro, visivelmente apressada para sair. Quando ela abriu a porta, Jimmy subiu correndo os degraus para segurá-la antes que se fechasse. A enfermeira olhou-o por um momento, desconfiada, mas depois me viu e decidiu não dificultar nossa entrada.

– Obrigado – disse ele ao passarmos.

Automaticamente, também expressei nossa gratidão.

– Sim, obrigada.

Ela já havia passado pela porta e descia os degraus de pedra quando respondeu, simpática, por sobre o ombro.

– De nada, Rachel.



Subimos no elevador em silêncio. E a tensão nos seguiu quando as portas se abriram no quinto andar. O corredor se estendia diante de nós, levando para a esquerda e a direita.

– Para que lado? – perguntou Jimmy.

– Como posso saber? – respondi em tom brusco.

Ele veio até mim, mais gentil e paciente do que eu merecia.

– Sei que é difícil, Rachel. De verdade. Mas sabíamos que você teria de encarar algo assim. Não desista ainda.

Ele tinha razão, claro. Mas eu queria *tanto* que aquilo tudo não fosse verdade...

Minha chave, claro, abriu a porta do apartamento. Andamos pelos cômodos como compradores potenciais, sem saber exatamente aonde ir. Quando abri o que pensei ser a porta do quarto e acabei entrando na área de serviço, ficamos gratos por reencontrar nosso senso de

humor perdido por um tempo. A área de serviço... Não costuma ser esse o último lugar que olhamos?

Senti-me um pouco como um ladrão, vasculhando gavetas e armários em busca de algo de valor. Reconheci muito pouco, mas de vez em quando deparava com uma peça de roupa, uma joia, e minha pulsação se acelerava ao reconhecê-los como meus. O passaporte e documentos do imposto de renda, todos bem organizados num arquivo de metal, apenas serviram para martelar mais fundo as evidências que eram pregos no caixão da minha esperança. Definitivamente, eu morava ali.

E não seria tragédia nenhuma aceitar esse fato em outras circunstâncias, pois o apartamento era muito bonito, decorado com bom gosto, e tinha cerca de quatro vezes o tamanho do meu em cima da lavanderia. Mesmo assim, a melhoria nas minhas acomodações não me proporcionava prazer algum. Se aquela *era* minha casa – e como eu poderia negar quando me via cercada por evidências tão sólidas –, então que razões possíveis isso me deixava para continuar a insistir que aquela vida não era minha?

Enquanto eu vasculhava o quarto, Jimmy foi até a cozinha, voltando alguns minutos depois com duas canecas fumegantes de café.

– Puro, lamento – desculpou-se, entregando-me uma das canecas. – Acabou o leite. Na verdade, acabou tudo; os armários estão bem vazios. Acho que você deve comer fora com frequência.

Aquilo soou lógico e certamente se encaixava no estilo de vida que imaginei que Matt teria.

Segurando a caneca com cuidado, sentei-me num sofá de couro cor de creme. Ajeitei-me, ansiosa para não espirrar a bebida quente na superfície de aparência tão cara. Eu era uma visita extremamente nervosa em minha própria casa.

– Como posso pagar tudo isso? – de repente me ocorreu perguntar. – Sei como são os preços em Londres. Este lugar deve custar uma fortuna. Meu novo emprego não pode pagar tão bem assim.

Os olhos de Jimmy escureceram por um instante e ele os desviou do meu rosto questionador antes de responder:

– Acho que o apartamento pertence à família de Matt. Vários neste prédio, aliás. Acho que você paga um aluguel mais baixo, por ser quase da família.

Sentindo-me ridícula, percebi que corava de constrangimento, embora não soubesse bem por quê. Eu não havia feito nada de que devesse me envergonhar.

– Ah... – foi minha única resposta.

Para uma jornalista, eu não era tão articulada assim.

Terminamos nossa inspeção do apartamento. Embora eu continuasse a procurar evidências de que aquela *não era* a minha casa, todas as pistas ao meu redor gritavam o contrário. Se a pilha de contas e propagandas em meu nome não era conclusiva o bastante, havia uma fotografia numa moldura de prata sobre uma mesinha lateral que parecia indiscutível.

Jimmy se aproximou de mim por trás, inclinando-se com o queixo sobre meu ombro para ver o que eu tinha nas mãos e fitava tão intensamente. A imagem mostrava Matt e eu junto à Torre Eiffel. Ele estava de pé atrás de mim, quase do mesmo jeito como Jimmy se colocara naquele exato momento. Matt e eu estávamos rindo para a câmera e, embora o dia devesse estar frio, pois estávamos embrulhados em casacos e cachecóis, a fotografia transmitia uma sensação tão calorosa que me senti sem fôlego, como se estivesse em choque.

Nós dois parecíamos tão felizes, despreocupados e tão... apaixonados. Pela primeira vez me dei conta de que, com tudo o que havia se passado desde que eu retornara a Great Bishopsford, eu tinha andado tão ocupada tentando desenterrar o passado que de algum modo conseguira enterrar todos os sentimentos por Matt sob a terra removida.

– Acredito que tenha sido aí que ele a pediu em casamento.

As palavras de Jimmy eram desprovidas de qualquer emoção reveladora.

Eu não conseguia tirar os olhos da foto, e um instante depois senti Jimmy se afastar.

– Sempre quis ir a Paris – falei, pensativa.

Jimmy não respondeu, apenas curvou-se para levar nossas canecas vazias de volta para a cozinha, então não sei se ele me ouviu terminar, num tom baixo porém enfático:

– ... *mas nunca estive lá.*



Não havia mais nada a fazer no apartamento. Recusei a sugestão de Jimmy de levar mais algumas coisas para a casa de meu pai. Eu me sentiria como se estivesse roubando.

De volta ao carro, achei que precisava dizer algo para quebrar a horrível nuvem que descera entre nós.

– Apesar de ter visto o que vi, nada disso parece real. – Fiz um gesto com a mão na direção da construção vitoriana. – É lógico, enxergo a prova diante dos meus olhos, tenho que aceitar isso, mas na minha mente, no meu coração, tudo ainda parece completa e absolutamente errado.

Jimmy também pareceu fazer um esforço deliberado para afastar a mortalha sufocante que havia entre nós.

– Não se preocupe. Não pode esperar que tudo volte de uma vez. Vamos comer alguma coisa e depois dar uma olhada na revista onde você trabalha. Talvez lá a gente encontre algumas respostas.

Ele não fazia ideia de quão proféticas suas palavras se mostrariam.



Por sorte, Jimmy sugerira que ligássemos para a revista antes, para avisar que iríamos até lá, pois o lugar era enorme e nunca teríamos chegado à seção em que eu trabalhava sem ajuda.

Atravessamos a área da recepção, cujo piso brilhava como um rinque de gelo, até um grande balcão curvo, atrás do qual estavam diversas recepcionistas. Todos à nossa volta pareciam incrivelmente elegantes e competentes e, embora as roupas que eu vestia não estivessem deslocadas, sem dúvida eu me sentia assim.

Perdi pontos importantes no quesito atitude quando esqueci o nome da pessoa que íamos encontrar e tive que procurar na bolsa o pedaço de papel em que o havia anotado.

– É a Srta. Rachel Wiltshire, para a Sra. Louise Kendall – informou Jimmy, enquanto eu ainda remexia com uma indecente falta de reverência o interior cavernoso da Gucci.

– Ela está nos esperando.

Fomos instruídos a nos sentar num sofá de couro vermelho muito baixo em frente aos elevadores. Eu me mexia nervosamente enquanto aguardávamos que viessem nos buscar, fazendo menção de levantar toda vez que as portas de um elevador se abriam e uma mulher saía dele. Aquilo era ridículo. O edifício era imenso e havia um fluxo constante de pessoas circulando por ali. Minha chefe podia ser qualquer uma delas.

Passaram-se ainda quinze minutos antes que uma mulher não mais do que dez anos mais velha que eu viesse rapidamente em nossa direção, vestida com um terninho de marca e saltos impraticáveis.

– Rachel! – exclamou ela ao chegar à metade do saguão.

Eu me ergui e estendi a mão. Ela ignorou e arremeteu como um falcão para beijar o ar ao lado da minha cabeça, envolvendo-me numa nuvem de perfume caro.

– Como você está, pobrezinha? Estávamos *tão* preocupados!

Algo em sua voz me fez duvidar daquilo. Ela não perdeu tempo com mais cumprimentos e já tinha girado sobre os saltos altíssimos, indo de volta para os elevadores. Como havia ignorado Jimmy totalmente até aquele momento, achei que seria educado da minha parte apresentá-lo.

– Sra. Kendall, este é um velho amigo, Jimmy Boyd. Ele me trouxe a Londres hoje para ver se alguma coisa aqui pode estimular minha memória.

Ela se virou e lançou o mais breve dos sorrisos para o homem a meu lado, mas foi apenas a boca que se moveu, seus olhos continuaram impassíveis. Notei como ela avaliou Jimmy da cabeça aos pés quando nos levantamos para cumprimentá-la. Esperava que ele não tivesse percebido também.

– *Sra. Kendall*, não, só Louise – corrigiu ela, enquanto pressionava o botão do elevador com um dedo de unha perfeita. – Seu querido noivo, Matt, telefonou na segunda-feira e explicou tudo sobre o assalto. Deve ter sido horrível. Levaram seu lindo anel? – Seus olhos baixaram para minha mão esquerda, como se para confirmar que ele se fora. – Que *tragédia*.

Ao segui-la para dentro do elevador, não pude deixar de notar que minha chefe considerava mais trágico o fato de eu ter perdido meu diamante do que qualquer perigo físico que eu pudesse ter corrido. Havia algo nela que lembrava Cathy, ou como Cathy poderia ficar dentro de mais ou menos dez anos.

Saímos do elevador no nono andar e Louise logo foi abordada por um jovem membro da equipe que veio apressado pelo corredor carregando uma pilha de papéis. Quando ela parou para esclarecer a crise, Jimmy e eu demos um passo educado para trás e observamos à nossa volta. Estávamos num grande escritório aberto, muito bem iluminado por longas lâmpadas de neon. Havia inúmeras mesas de ambos os lados do elevador, estações de trabalho com divisórias revestidas de feltro azul. Parecia uma daquelas coisas experimentais que se veem em laboratórios; aqueles em que ratos correm de um lado para outro.

– Muito simpática a sua chefe – comentou Jimmy, sussurrando em meu ouvido para não ser ouvido. – Muito sincera.

– Shh.

Eu ri, satisfeita por não estar só na minha avaliação.

Com o problema resolvido, Louise dispensou o rapaz e virou-se para nós, dizendo:

– Não sei o que você quer fazer. Gostaria simplesmente de andar por aí e dar oi para as pessoas ou prefere dar uma olhada em sua mesa?

– Ah, só a mesa, por favor, eu acho.

– Tudo bem, então. Boa sorte. Tenho certeza de que a verei de novo antes de você ir embora.

E com isso virou-se para nos deixar.

– Hum, Louise...

Ela se virou e demorou uma fração de segundo a mais para cobrir com um sorriso a expressão irritada em seu rosto. A expressão de *Sou-uma-mulher-ocupada-e-não-tenho-tempo-para-isso* transparecia por baixo do sorriso.

– *Qual* é a minha mesa?

Uma expressão de espanto quase deliciado encheu-lhe o rosto.

– Ah, meu Deus. Você está *mesmo* com amnésia. Que estranho! Matt me contou... Mas, bem, é só que é tão incomum!

Sua fascinação com meu problema durou todo o caminho até minha mesa, enquanto passávamos entre os cubículos de meus colegas. Alguns me despacharam com um olhar fugidio, mas muitos me fitavam e sorriam. Eu sorria para todos; para o caso de conhecê-los bem.

Ela parou diante de uma área em que as mesas ficavam frente a frente. Uma jovem ocupava uma delas, martelando furiosamente o teclado à sua frente.

– Dee, pode tirar um tempinho para mostrar algumas coisas a Rachel? – Então, como se compartilhando o mais delicioso dos segredos, sussurrou: – Ela está *mesmo* com amnésia!

Esperamos que ela se afastasse, e então a jovem se levantou da cadeira e estendeu a mão num cumprimento.

– Oi, sou Dee Ellis, e entramos para a revista mais ou menos na mesma época.

Assenti e sorri para ela, incapaz de pensar em algo para dizer.

– E nós duas não suportamos Louise.

Apertei calorosamente sua mão estendida. Eu não sabia quem ela era, mas senti que acabara de encontrar uma amiga.

Dee foi muito paciente, mas, pelos olhares disfarçados para o relógio na parede e para o seu computador, percebi que estávamos atrapalhando seu trabalho.

– Vejo que você está ocupada; por favor, não se sinta na obrigação de ser minha babá.

Ela sorriu, pesarosa.

– Desculpe-me – disse. – Tenho um prazo estourando. Você sabe como é.

Na verdade, eu não sabia.

– Existe qualquer coisa que Rachel possa pesquisar enquanto está aqui? Talvez algo em que estivesse trabalhando na última semana que possa ajudá-la a se lembrar de alguma coisa.

Dee olhou diretamente para Jimmy e, ao contrário de Louise, vi que ela simpatizou com ele no mesmo instante. Gostei ainda mais dela.

– Ela não estava no meio de nada. – Dee franziu o cenho como se buscasse uma chave para destrancar uma porta. – Você trabalhou feito uma louca para terminar tudo antes do casamento de sua amiga. A propósito, como foi?

– Eu perdi.

– Que droga... – Ela mordeu o lábio, concentrando-se. – Já sei. Seria útil se você desse uma olhada em alguns dos artigos em que trabalhou nos últimos meses? É esse o tipo de coisa que pode ajudar?

– Isso seria ótimo – afirmei.

Ela desapareceu, murmurando algo sobre “arquivos”, e, enquanto aguardávamos, ocupei a mesa vaga. Não havia nenhum objeto pessoal atravancando a superfície e nada nas duas gavetas, exceto o já esperado papel timbrado. Como se tivesse sido flagrada bisbilhotando, fechei as gavetas com uma batida culpada quando Dee voltou carregando uma pilha de revistas.

– Aqui está. Você pode ver os artigos em que trabalhou pelo índice. E acabo de verificar que a sala de reuniões está livre, então, se quiser, pode examinar o material lá, com mais conforto.

Embora fosse toda envidraçada, a sala de reuniões pelo menos nos dava um pouco mais de privacidade do que o escritório aberto. Jimmy espalhou sobre a mesa de carvalho encerada a pilha de revistas que eu tirara dos braços de Dee e puxou duas das cadeiras estofadas. Conferi as datas das edições e peguei a mais recente. Jimmy escolheu uma ao acaso e, quando ergui uma sobancelha, questionadora, ele deu de ombros, com ar travesso.

– Pensei em fazer as palavras cruzadas enquanto espero.

Ficamos em silêncio, lendo as revistas por várias horas. Por duas vezes Jimmy saiu e voltou com um copinho de isopor contendo uma bebida quente e escura da máquina que havia ali perto. Na sala só se ouvia o som de páginas virando.

– Sabe, alguns dos meus artigos são muito bons – observei, fechando outra revista e colocando-a na pilha já vista sobre a mesa.

– E ela é tão modesta... – provocou Jimmy.

Senti meu rosto ficar cor-de-rosa.

– Não estou sendo vaidosa – corriji –, estou apenas surpresa que fosse boa o bastante a ponto de ter realizado meu sonho.

Ele deu um aperto fraterno em minha mão.

– Nunca esperei nada menos do que isso.



Duas revistas mais tarde, minha percepção da realidade se estilhaçou diante do meu rosto.

A princípio, não havia notado o título do artigo. Minha atenção fora atraída para a pequena fotografia colorida que ocupava o canto superior direito da página.

– Ah, meu Deus! – ofeguei, sentindo a cor fugir do rosto.

– O que foi? Algo errado?! – exclamou Jimmy, levantando-se na mesma hora para ficar do meu lado.

Incapaz de encontrar palavras, aponteí a foto com um dedo trêmulo. Jimmy abaixou-se para ler a legenda em voz alta:

– Dr. James Whittaker, da Clínica Hallingford.

Ele se virou para mim, confuso.

– E daí?

– É o Dr. Whittaker – falei, meus pensamentos zumbindo em minha cabeça como abelhas zangadas. – O Dr. Whittaker é o *meu* médico – prossegui, ciente de que ficava cada vez mais irritada com sua falta de compreensão. – Ele é o especialista que estava me acompanhando depois do acidente. É a pessoa que vem tratando minhas dores de cabeça nos últimos seis meses!

Ambos lemos o artigo todo duas vezes. Só quando terminamos nossos olhos se encontraram e o silêncio foi quebrado.

– Aqui não menciona que ele trata casos de traumas na cabeça – arriscou Jimmy, em voz suave.

– Eu sei.

– Na verdade, pelo que li, ele não parece tratar mais nenhum paciente.

– Eu sei.

– Parece mais envolvido em estudos clínicos e pesquisa.

Permaneci calada.

– É um bom artigo – disse Jimmy, por fim, como se pudesse servir de consolo.

– Obrigada.

Virei a revista para mim, como se quisesse ler o título de novo, mas não precisava, já havia guardado na memória.

Transtorno Dissociativo de Identidade: fato médico ou ficção?

E, em letras menores, em itálico, estava o nome do jornalista:

Por Rachel Wiltshire.

CAPÍTULO 9

Não me lembro de ter saído do prédio. Jimmy tomou a frente, devolvendo as revistas para Dee e depois me guiando com gentileza até os elevadores. Dentro de um deles e descendo para o térreo, os outros ocupantes nos abriram um amplo espaço ao notar minha palidez mortal e o braço de apoio de Jimmy em minha cintura. Acho que eu parecia mesmo doente, mas não do modo como imaginavam.

O vento frio do lado de fora me fez perder o fôlego, e arquejei ao inspirar, como alguém que está se afogando e tenta subir para buscar ar.

– Respire devagar – disse Jimmy. – Não temos pressa, relaxe.

Automaticamente ele adotara sua postura profissional para lidar com alguém em choque. E acho que “choque” era uma descrição bastante precisa do meu estado naquele momento.

As peças do quebra-cabeça de repente começavam a se encaixar, mas, em vez do esclarecimento e da explicação que eu buscara, o enigma ia se resolvendo de maneira errada, e a imagem que ele começava a revelar me encheu de terror.

– É tudo verdade. Tudo verdade. Como pode tudo ser *verdade*?

Eu não havia me dado conta de que estava falando alto até ver os olhares desconfiados que os passantes lançavam em minha direção. Devo ter parecido mais do que um pouco desequilibrada.

– Vamos, querida, vamos sair daqui – recomendou Jimmy, e eu, entorpecida, deixei-me conduzir ao estacionamento subterrâneo onde havíamos parado o carro.

Ele me acomodou no assento como se eu fosse uma criança, antes de fechar a porta do passageiro e dar a volta até o lado do motorista. Observei-o pelo para-brisa, perguntando-me como podia parecer tão calmo. Não deveria estar ao telefone em contato com o hospital mais próximo para me internar? Mas ele de fato não parecia preocupado. Talvez fosse tão insano quanto eu. Deu partida no motor e já rodávamos pelas ruas movimentadas de Londres quando enfim falou:

– Bem, isso nos pegou um pouco de surpresa.

– E esse é o eufemismo do século.

Prosseguimos por mais dez minutos antes de ele voltar a falar:

– Estou rodando em círculos.

– Bem-vindo ao meu mundo – retruquei, abatida.

– Não, Rach, literalmente. Estou rodando em círculos. Demos a volta neste quarteirão

meia dúzia de vezes. Aonde você quer ir agora? Ainda quer procurar o outro apartamento e a firma de engenharia?

Virei-me para olhar pela janela, na esperança de esconder o desalento em meus olhos.

– Para quê? Nós dois sabemos o que vamos encontrar ao chegar lá. Não posso morar em dois lugares ao mesmo tempo nem manter dois empregos. Acho que está na hora de deixar de ser teimosa e começar a escutar o que todos vêm me dizendo.

Ele desviou o olhar da estrada por um instante para o relógio em seu pulso.

– Ainda não está tão tarde assim. Quer voltar para Great Bishopsford esta noite?

Dei um suspiro infeliz e analisei as opções por um momento. Nosso plano original era passar a noite em Londres, acreditando que precisaríamos de tempo para explorar os dois locais da cidade onde eu parecia morar e os dois empregos que eu tinha. Em meu tolo otimismo, imaginei que nossa busca terminaria conosco passando a noite em meu pequeno apartamento, talvez dividindo uma garrafa de vinho e uma refeição comprada pronta, resolvendo, enfim, o mistério de minhas lembranças fragmentadas. Agora o dia não terminaria assim, e a ideia de voltar e encarar meu pai com essa nova revelação parecia difícil demais de suportar.

– Não quero voltar esta noite – respondi, num tom baixo e determinado. – Preciso de tempo para pensar direito nisso tudo, para arrumar os fatos na minha cabeça, antes de estar pronta para lidar com o que vai acontecer em seguida.

Jimmy assentiu com a cabeça, compreensivo, e fiquei contente por ele não insistir em me levar logo de volta para a casa de meu pai.

– Acho que seria melhor ficar sozinha esta noite – arrisquei.

Ele manteve a atenção na estrada enquanto seguia por uma passagem estreita, antes de se virar para mim com um sorriso.

– Claro. Concordo com você. Desde que entenda que minha definição de “sozinha” me inclui ao seu lado. Não tenho a menor intenção de deixar você esta noite, Rachel.

No fim, chegamos a um acordo.

Sim, ficaríamos em Londres e não faríamos a viagem de volta enquanto ainda houvesse tanto para pensar.

E não passaríamos a noite na única acomodação em Londres que aparentemente me pertencia. Eu ainda não me sentia nem um pouco pronta para aceitar o apartamento vitoriano como minha casa, e acho que a associação que o lugar tinha com Matt fez com que fosse fácil para Jimmy rejeitar aquele lugar. Isso nos deixou apenas uma opção: encontrar um hotel.

Já passava das seis da tarde de uma movimentada sexta-feira no centro de Londres, e tivemos sorte de conseguir um quarto no primeiro lugar que tentamos. Deixamos o carro no estacionamento do hotel e Jimmy levou nossas malas para a recepção. Fiquei para trás, olhando – sem de fato ver – a vitrine da loja de presentes do hotel, enquanto ele ia verificar a disponibilidade.

Só quando ele voltou, vários minutos depois, vi que tinha conseguido fazer a reserva para

passarmos a noite. Pela primeira vez me ocorreu uma pergunta bastante óbvia, que eu tinha ignorado por completo até então: ele pedira um quarto ou dois? A resposta chegou antes que eu fizesse a pergunta: Jimmy pressionou um cartão plástico na palma da minha mão, retendo-o um segundo na dele.

– Quartos adjacentes – informou, enquanto eu virava o cartão.

Retribuí o sorriso, mas não consegui decidir se meu sentimento predominante era alívio ou decepção.

Por sugestão de Jimmy, concordamos em procurar um lugar para comer. Algum restaurante silencioso onde pudéssemos conversar sem sermos interrompidos. Ele disse que, quando estávamos chegando ao hotel, vira uma pequena cantina italiana, então combinamos que ele me daria quinze minutos antes de encontrá-lo no corredor.

Usei o tempo em que fiquei sozinha para jogar uma água fria reanimadora no rosto e tentei pentear meu cabelo embaraçado pelo vento. Eu não havia trazido muita maquiagem, então retoquei o que pude e depois me sentei na cama até se acabarem os quinze minutos. O quarto, embora agradável, era sem graça e havia muito pouco nele para evitar que meus pensamentos incoerentes corresse freneticamente para longe de mim.

Como o restaurante ficava a uma curta distância a pé, na esquina de uma rua lateral a apenas alguns minutos do hotel, fomos andando. Quando passamos pela grande fachada de vidro, olhei para o interior e não pude fugir da sensação de que o lugar parecia estranhamente familiar. De fato parecia que eu já o vira antes. A resposta me veio enquanto esperávamos o garçom confirmar se havia uma mesa para nos acomodar.

– *A dama e o vagabundo!*

Jimmy baixou os olhos para o jeans novo que tinha vestido e a camisa branca bem passada.

– Vagabundo? Que lisonjeiro! Não achei que estivesse tão malvestido assim!

– Você não, seu bobo. Este lugar. – Indiquei com a cabeça o salão ao nosso redor e, era verdade, o criador do desenho animado poderia ter usado o restaurante como inspiração para seus desenhos. Ali estavam as toalhas xadrez nas pequenas mesas intimamente agrupadas, cada uma com uma vela vermelha tremeluzente, a cera escorrendo por uma garrafa vazia de Chianti. O som alegre de violinos, tocado com discrição por alto-falantes ocultos, completava o quadro.

Jimmy viu o que eu queria dizer e sorriu, bem na hora em que o garçom chegava para nos acompanhar até a mesa.

– Se acha que vou dividir meu espaguete com você, esqueça. E, quanto à última almôndega... definitivamente, é minha. Eu não te amo *tanto* assim!

– Desde que você não comece a cantar “Bella Notte”, ficaremos bem – retruquei, lembrando-me de sua total incapacidade de sustentar uma nota.

E, embora nós dois ainda estivéssemos rindo da brincadeira ao nos dirigirmos para a mesa, não resisti a repetir em minha mente seu último comentário casual.

Mas o clima brincalhão entre nós era só uma máscara que tínhamos colocado para disfarçar a verdadeira finalidade da noite e, assim que os pedidos foram feitos, a realidade do que devíamos discutir não pôde mais ser ignorada.

– As coisas estão mais claras na sua cabeça? Agora que teve um pouco de tempo para pensar nelas?

Tomei um longo gole do meu vinho antes de responder do modo mais honesto que pude:

– “Claras” talvez não seja a palavra mais exata. Se você perguntar se de repente me lembro dos últimos cinco anos do modo como todos vocês dizem que eles se passaram, então, não, não me lembro. Para mim, a única realidade ainda é aquela que lhe expliquei no outro dia. A diferença é que agora eu sei que nada daquilo poderia ter realmente acontecido como eu achava.

Ele esticou o braço sobre a mesa e pegou minhas mãos nas suas.

– Só isso já é um passo enorme – encorajou-me. – Ao menos, quando se encontrar com o especialista em amnésia, estará mais receptiva a escutar como pode recuperar suas verdadeiras lembranças.

– Acho que sim.

Minha voz ainda soava pesada com um ceticismo que eu não conseguia disfarçar.

– Aliás, quando é a consulta?

– No fim da próxima semana.

Perguntei-me se ele iria se oferecer para me acompanhar, depois me dei conta de que Matt já estaria de volta e, como meu noivo, o natural seria ele ir comigo, não Jimmy. Fiquei surpresa de não estar certa de querer que fosse Matt. Se a escolha fosse só minha, qual homem eu preferiria ter a meu lado?

Jimmy soltou minhas mãos quando o garçom chegou com os pratos, e me senti estranhamente desolada com a perda de seu toque. Ao menos isso esclareceu a resposta à minha pergunta.

– Muitas coisas que você achou que tinham lhe acontecido estão começando a fazer sentido agora, quando você analisa tudo isso.

– Estão?

– Sem dúvida.

Era evidente que ele tinha pensado no assunto com seriedade. Ou talvez sua mente de policial tivesse se mostrado incapaz de evitar procurar o racional e o lógico numa situação que parecia desafiar ambos.

Enquanto devorávamos a salada verde fresca e uma deliciosa massa fumegante, sem mencionar a garrafa do vinho da casa surpreendentemente bom, Jimmy com frequência encontrava evidências para racionalizar e esclarecer as minúcias de minha realidade imaginada.

– Mas... e quanto aos detalhes explícitos que eu conhecia? Por exemplo, como eu sabia o nome e o telefone daquela mulher dos Recursos Humanos da Andersons Engineering?

– É simples. Você pode ter se candidatado a um emprego lá. Esses detalhes todos podem ter ficado guardados em algum lugar na sua cabeça. Certa vez ouvi que qualquer coisa que você saiba jamais é totalmente esquecida.

Achei que era possível, embora parecesse bastante improvável. Tentei uma via diferente:

– Ok, então, por que eu teria criado uma ideia tão terrível quanto a meu pai estar morrendo de câncer?

Ele pensou por um momento, antes que uma solução surgisse:

– Bem, você *realmente* o fez parar de fumar há muitos anos, quando éramos crianças. Depois de assistir a alguns anúncios de campanhas na TV, ou algo assim, ficou com pavor de que ele morresse. Talvez esse medo nunca tenha desaparecido, talvez estivesse apenas enterrado em algum lugar em sua mente.

Ele tinha razão. Sempre tive um ódio quase irracional de fumantes.

– E – Jimmy continuou, animado com sua teoria – a ideia de as pessoas terem uma segunda identidade, totalmente fictícia, já teria sido plantada em sua cabeça depois de entrevistar o Dr. Whittaker para o seu artigo.

Dei uma risada sem humor.

– Isso *de fato* explica por que eu tinha o número dele em meu celular.

Também explicava por que pensei ter lido um artigo sobre o assunto. Devia mesmo ser familiar – afinal, eu o havia escrito.

– Está vendo? – disse Jimmy, incentivando-me. – Quando você começa a vasculhar, detalhe por detalhe, quase tudo pode ser explicado.

Demorei um momento para absorver suas palavras, e até aquele ponto não encontrei furo em sua teoria. Mas uma pergunta persistia:

– Mas por que tudo o que criei é tão terrível? Tão lúgubre e trágico? Por que minha mente criou a doença do meu pai... e a minha também? Por que eu estava tão solitária? Por que não imaginei uma segunda vida perfeitamente feliz para mim? – Parei, sabendo que havia omitido a maior de todas as tragédias que eu criara em meu mundo imaginário de pesadelos. – Por que achei que você tivesse morrido?

Jimmy ficou em silêncio por um longo tempo. Tanto que cheguei a pensar que ele não responderia.

– Talvez sua vida real *fosse*, ou melhor, *seja* sua realidade perfeita. Você já a estava vivendo. Então fabricou algo que era o oposto. E quanto a eu estar... – ele hesitou antes de dizer a palavra – ... morto, talvez seja porque não faço parte da sua vida há bastante tempo. – A voz dele estava cheia de tristeza. – Nós nos afastamos; ficamos sem nos ver por um longo período. Talvez seja o simbolismo da morte da nossa amizade...

Ou talvez fosse mais do que isso, pensei. Talvez meu subconsciente tivesse percebido algo que o restante de mim se recusara a reconhecer. Que uma vida sem Jimmy era como uma morte em vida, e passar por isso era a pior espécie de inferno que eu poderia imaginar.



Os pratos haviam sido levados e o vinho tinha efetivamente amenizado a ansiedade que ameaçara tomar conta de mim quando saí da revista. Jimmy também parecia ter deixado o álcool baixar sua guarda. Eu não sabia se ele estava ciente de sua mão brincando distraída com a minha enquanto conversávamos. Mas a eletricidade que eu sentia enquanto seus dedos se entrelaçavam e rodeavam os meus era real e física. Nossas mãos deviam ter estado ligadas mil vezes antes em nossas vidas. Por que só agora o toque dele incendiava minha carne? Por que de repente eu me via engolida por esses sentimentos? Por que agora, que eu pertencia a outro homem?

– Diga-me, Rachel. Agora que achamos ter resolvido o mistério, que explicação *you* sugere para justificar seu passado duplo?

Peguei um grissini da cesta sobre a mesa e comecei a torcê-lo entre meus dedos, como se fosse um bastão.

– Na verdade, nenhuma. Nada que faça muito sentido.

Eu girava e rolava o grissini, sem tirar os olhos dele, ciente de que Jimmy iria mais fundo.

– Vamos lá, conte-me o que você imaginou.

Eu rolava o grissini para a frente e para trás entre o polegar e o indicador, tão depressa que sentia o calor gerado.

– É tudo um pouco bobo, de verdade.

– Prometo que não vou rir.

O grissini rolou mais depressa.

– Pensei que algo tinha *acontecido* na noite do acidente. Algo relacionado ao tempo. Pensei que a realidade tinha... – Hesitei. Dito em voz alta, aquilo parecia mesmo uma tolice. – Que a realidade havia de algum modo se dividido em duas.

Houve um estalo quando o frágil grissini se partiu naquele exato momento em dois pedaços. Não ousei olhar para Jimmy e ver sua reação. Ele passara a noite inteira me mostrando, cheio de paciência, que eu não estava louca, e eu tinha a sensação de que minha própria teoria sobre o que havia acontecido iria fazê-lo voltar a duvidar de mim.

– Se dividido em duas?

Pelo tom de sua voz, eu não saberia dizer se ele estava incrédulo ou horrorizado com a ideia.

– Sim, você sabe, como se minha vida, todas as nossas vidas, tivessem de algum modo... se fragmentado... no momento do acidente.

– Fragmentado?

– Arrã. Em uma vida estávamos todos bem, e tudo continuava como deveria ser. Mas na outra... era o oposto. Eu estava desfigurada, e tudo tinha sido arruinado daquele momento em diante. E você, bem, você...

– Eu morri.

Aquela frase entregou tudo. Ergui os olhos e vi a agonia em que ele se encontrava para prender o riso diante da minha teoria.

Atirei os dois pedaços do grissini em Jimmy quando ele soltou uma gargalhada tão alta que metade dos outros clientes se virou para nos olhar, espantados.

– Cale a boca – sibilei, constrangida pela atenção que ele estava atraindo para nós. – Era só uma teoria.

Por fim, depois que as lágrimas pararam de rolar pelo seu rosto, ele conseguiu se controlar tempo bastante para dizer, como se estivesse me dando um aviso sério:

– E é *isso* o que acontece quando alguém passa a juventude lendo todos os livros de Stephen King!



Deixamos o restaurante animados, o que era surpreendente, considerando-se os traumas do dia. Tinha acabado de começar a nevar quando começamos a curta caminhada de volta ao hotel, e os suaves flocos brancos polvilhados à nossa volta, combinados às luzes de Natal na avenida de árvores, fazia com que, de alguma forma, tudo parecesse mágico.

As calçadas já estavam começando a ficar cobertas por uma camada de gelo e, depois que escorreguei pela segunda vez e quase me tornei uma pilha amontoada à beira da rua, Jimmy pegou meu braço sem comentários.

– São esses sapatos – protestei, quando seu braço se estendeu com a velocidade do raio, me segurando e me firmando antes que eu conseguisse me envergonhar por completo. – Meu *outro* guarda-roupa era muito mais sensato.

Jimmy preferiu não me lembrar de que meu “outro guarda-roupa” era imaginário, e em vez disso comentou:

– Não são os sapatos. A questão é você. Você é um risco... precisa de cuidados constantes.

– Bem, não é isso que se espera dos policiais? Não é esse o seu lema: “proteger e servir”?

Jimmy riu.

– Acho que você vai descobrir que isso só vale para a polícia americana.

– Eu ando perfeitamente – murmurei no exato momento em que escorreguei e quase caí de novo.

– É mesmo? Pelo que estou vendo, parece que você mal consegue andar!

Ainda estávamos rindo quando entramos no saguão aquecido e bem iluminado do hotel.

No corredor diante de nossos quartos adjacentes, nos despedimos, mas, antes de dizer boa-noite, eu o abracei com força.

– Obrigada por ter ficado comigo hoje – sussurrei em seu ouvido. – Eu estava errada, não poderia ter feito isso sozinha. Estou muito contente de você ter vindo.

A resposta dele foi o mais terno dos sorrisos; então ele se inclinou e me deu um beijo suave nos lábios. Eu recuei um pouco, um tanto surpresa, mas, embora houvesse um afeto

imensurável em seus olhos, não havia nenhum fogo. Era um beijo que dizia *não há de quê; por nada; não se preocupe*. Era totalmente apropriado e inocente. Então por que, quando introduzimos os cartões nas fechaduras e entramos em nossos quartos, fiquei com a sensação de que queria que aquele beijo dissesse algo bem diferente?

Pensei que levaria séculos para dormir, que ficaria repassando o dia e todos os seus desfechos em minha cabeça em um carrossel interminável. No entanto, a combinação do vinho com a exaustão nervosa deve ter me vencido, pois mergulhei no esquecimento poucos minutos depois de minha cabeça se aninhar no travesseiro. E por várias horas dormi profundamente, imperturbável.

O sonho começou bastante agradável. Eu estava deitada em um lugar quente e relaxante, numa praia, pensei, e, embora eu não conseguisse distinguir suas palavras, podia ouvir meu pai conversando ali por perto. Em meu sonho, eu queria dizer alguma coisa, perguntar algo a ele, mas estava tão subjugada por uma deliciosa lassidão que me mover um centímetro que fosse na areia quente e envolvente era esforço de mais.

E então, de súbito, tudo mudou. Daquela maneira bizarra que acontece nos sonhos, a praia desapareceu e meu pai também. Eu tinha voltado no tempo, à noite do acidente, só que dessa vez não era Matt quem avistava o carro vindo em nossa direção, mas eu.

Eu sabia o que tinha que fazer, mas, quando abri a boca para dar o grito de aviso, não saiu nenhuma palavra, absolutamente nenhum som. Tentei em um frenesi chamar a atenção de todos, mas cada um deles se encontrava absorto em uma conversa com outra pessoa da mesa e, apesar de meus gestos histéricos, ainda não havia ninguém, além de mim, ciente do perigo iminente. Os garçons serviam nossa comida, completavam nossas taças de vinho, enquanto a morte se lançava em nossa direção a quase 100 quilômetros por hora.

Foi então que, incongruente, vi na parede atrás de mim um grande botão de emergência vermelho vivo. Bati nele com força e o alarme encheu o ar. Ainda assim, ninguém se mexeu. Tentei sair de minha cadeira, mas estava aprisionada pela mesa, como na noite do acidente real. Por que eles não conseguiam ouvir o alarme? Para mim, o alarme contínuo e penetrante era tão alto que chegava quase a ser ensurdecedor, mas meus amigos permaneciam alheios, sentados à mesa, esperando que a morte viesse juntar-se a eles.

Enquanto o carro se aproximava depressa, revivi o momento que havia assombrado tantos dos meus sonhos nos últimos cinco anos e então, finalmente, recuperei a voz. Gritei não uma, mas várias vezes, e só parei quando o ruído de vidro estilhaçando explodiu a minha volta.

Só que não era vidro, mas a base de porcelana do abajur da mesa de cabeceira que meu braço havia derrubado ao se debater.

Eu me sentei, ouvindo as batidas estrondosas do meu coração, à espera de que ele se acalmasse. Só que as batidas não estavam se acalmando; ao contrário, soavam mais altas e, enquanto eu nadava até a superfície da consciência, podia ouvir meu nome sendo chamado com urgência por Jimmy, que quase arrancava a porta das dobradiças com seu martelar frenético.

Ainda não inteiramente acordada, deslizei as pernas para fora da cama e me levantei, só para voltar a me sentar de modo brusco quando a sola do meu pé encontrou um dos cacos de porcelana do abajur quebrado. Praguejei em voz alta com o choque e a dor e passei por cima da cama para chegar à porta antes que Jimmy conseguisse acordar todos os ocupantes daquele andar.

Teríamos sido uma visão peculiar para qualquer um que por acaso estivesse passando pelo corredor às duas da manhã. Por sorte não havia ninguém por perto para ver Jimmy, descabelado e seminu, parado à porta do meu quarto. Pelo menos ele tivera tempo de vestir um jeans, mas notei que, como eu, também estava descalço.

Ele entrou com determinação.

– Está tudo bem? Ouvi você gritando.

Seus olhos vasculharam o quarto, procurando a causa de meus gritos de pavor, e não havia nenhum disfarce no alarme em sua voz, o que me pareceu estranho, afinal, os policiais não eram treinados para manter a calma em uma emergência?

– Pesadelo – falei, de modo sucinto, pulando para a única poltrona do quarto para evitar me apoiar no pé machucado.

O suspiro de alívio pareceu esvaziar seu corpo da tensão que obviamente estivera correndo por ele.

– Ah, Deus, só isso? Pensei que estivesse sendo assassinada. E então, quando ouvi aquele barulho de algo se quebrando...

– Tive uma pequena discussão com o abajur da cabeceira.

Só então ele notou como eu segurava meu pé esquerdo, enquanto um fio lento mas persistente de sangue vertia do corte profundo na sola.

– Rachel, você está machucada! O que aconteceu?

Não pela primeira vez me perguntei se ele estava mesmo na carreira certa. Seus poderes de dedução pareciam falhos, para dizer o mínimo.

– Pisei num dos cacos do abajur quebrado em minha pressa de chegar à porta antes que você a derrubasse.

Sabia que devia ter soado um pouco ingrata, mas o pesadelo ainda me tinha em seu poder e meu pé doía bastante. Em um instante ele estava ao lado da minha poltrona, afastando gentilmente minhas mãos do pé machucado.

– Deixe-me dar uma olhada.

Com cuidado, coloquei o pé esquerdo em sua mão estendida, já me preparando para me encolher de dor ao seu toque, mas ele foi muito delicado ao apoiar meu calcanhar na palma de sua mão, examinando o ferimento que ainda sangrava.

– Vamos limpar isso – anunciou, pondo-se de pé. – Não creio que haja nada no corte, mas precisamos de uma luz melhor do que esta para ter certeza.

Antes que eu me desse conta de sua intenção, ele já havia se inclinado e me tomado nos braços, e me carregava em direção ao banheiro.

– Eu posso andar – protestei. – Ou pular.

Ele ignorou meus comentários, abriu a porta do banheiro com o pé e acendeu a luz. Enquanto olhava ao redor à procura de algum lugar onde me colocar, eu tinha uma aguda consciência da sensação nada familiar, embora não desagradável, de ser mantida contra seu peito nu. Menos prazerosa foi a percepção de que minha camisola era muito curta e, como resultado de meu pesadelo, colava-se em meu corpo úmido de suor de modo revelador. Tentei puxar a barra, mas, ao fazer isso, só consegui mostrar ainda mais do decote. Felizmente, a atenção de Jimmy estava toda voltada para o meu pé.

Ele me baixou sobre a borda da banheira e usou o chuveirinho para jogar água sobre meu pé e tornozelo. Ardeu um pouco de início, mas não ousei me remexer demais, tentando manter o pouco de recato que me restava com uma perna levantada acima da borda da banheira. Eu nunca sentira uma necessidade tão desesperada de roupas de baixo.

Sob os reconfortantes filetes de água e as luzes fluorescentes do banheiro, Jimmy examinou o ferimento com cuidado e, depois de ter verificado que estava livre de objetos estranhos, ele pressionou com firmeza o corte para estancar o sangue. O banheiro era minúsculo, sem dúvida projetado apenas para uso individual, por isso estávamos muito próximos. Tanto que pude ouvir quando sua respiração, em vez de se abrandar agora que o pânico inicial havia passado, começou a se acelerar. Então eu soube que não era a única a ter consciência da intimidade do momento. Com o polegar ainda cobrindo o corte, seus dedos moviam em círculos lentos quase imperceptíveis sobre meu tornozelo. Eu não sabia se ele se dava conta do que estava fazendo, se a carícia era intencional ou não, mas suas ações não estavam ajudando meu coração a voltar ao ritmo normal.

Algo novo estava acontecendo ali, e o ar no pequeno recinto fechado parecia pulsar com uma emoção inebriante e incompreensível. Jimmy levantou a cabeça e em seus olhos havia algo que eu nunca vira antes; ele, porém, deve ter reconhecido essa emoção, pois ela se refletia em meu próprio rosto. O momento parecia infinito e permanecemos presos em sua intensidade, nem sequer ousando falar ou nos mover por medo de romper o frágil casulo à nossa volta.

– Jimmy – arfei, vacilante, estendendo a mão para tocar seu peito.

As pontas dos meus dedos descansaram ali por um momento, tempo suficiente para sentir a forte pulsação de seu coração, e então, com uma sacudida determinada da cabeça, como se negasse o que estava acontecendo, ele se levantou bruscamente. Levou vários segundos mais do que o necessário para devolver o chuveiro a seu suporte e fechar a água, mas, quando se voltou para me olhar outra vez, não havia nada em seu rosto que traísse suas emoções. O frágil interlúdio entre nós poderia nunca ter acontecido.

– Acho que já parou de sangrar, mas provavelmente é melhor você colocar um band-aid, se tiver um.

– Arrã.

Mudar da intimidade para a praticidade em uma questão de segundos não fizera nada para

melhorar minha capacidade de me articular.

Ele me deixou no banheiro para secar o pé e fazer um curativo, retornou ao quarto e se ocupou de limpar metodicamente a porcelana quebrada no carpete.

Eu o observava em silêncio da porta do banheiro, fascinada pela exibição de seus braços e costas musculosos quando ele se curvava em sua tarefa. Naquele momento eu soube que meus sentimentos por ele haviam se desviado do caminho da amizade, e queria tanto tocá-lo que a sensação chegava a ser dolorosa. Mas, com muita clareza, eu podia ver que Jimmy não correspondia a esses sentimentos. Qualquer que fosse aquele território por que havíamos quase nos aventurado alguns minutos antes, era claramente um lugar aonde Jimmy não queria ir. Se eu insistisse, poderia perdê-lo para sempre, e eu não poderia enfrentar isso de novo.

– Pronto – disse ele, apurando-se. – Acho que está tudo certo. Só tenha cuidado por onde anda.

– Obrigada. – Minha voz estava um pouco abafada, mas não sei se ele percebeu. O que ele notou, porém, foi meu súbito e involuntário estremecimento. A friagem do quarto. Ele se aproximou e passou um braço pelos meus ombros.

– Meu Deus, Rachel, você está congelando. Tem um roupão ou algo parecido?

Balancei a cabeça. Eu só trouxera o mínimo essencial e sem dúvida não me ocorrera a possibilidade de ter companhia no meio da noite.

– Bem, vamos levar você de volta para a cama antes que pegue um resfriado.

Ele se inclinou, na intenção de me carregar novamente, mas me abaixei, esquivando-me de seus braços, e atravessei, mancando, a pequena distância até a cama. Ele deu uma risadinha do que pensou ser teimosia minha, e fiquei feliz em deixá-lo acreditar que era isso. Muito melhor deixá-lo pensar que eu estava sendo birrenta do que ele perceber o efeito que sua proximidade estava exercendo em mim.

Enfiei-me depressa debaixo das cobertas, a proteção que elas me ofereciam sendo mais bem-vinda que seu calor. Para minha surpresa, Jimmy não parecia estar com a menor pressa de voltar para seu quarto e se acomodou, sentado sobre as cobertas, ao meu lado na cama.

– Então, sobre o que foi esse pesadelo que fez você decidir quebrar o quarto como uma estrela do rock?

Eu lhe dirigi um breve sorriso.

– Ah, não foi nada.

– Não me pareceu que fosse nada. Você me assustou, sabia?

Olhei seu rosto e soube que ele estava dizendo a verdade.

– Desculpe – falei, sem saber se me referia ao fato de tê-lo preocupado, ao que acontecera no banheiro ou a quaisquer outras futuras transgressões. – O sonho foi o costumeiro. Isto é, costumeiro para mim. Era sobre a noite do acidente.

– Isso acontece muito?

Assenti, com tristeza.

– Desde o acidente?

– Desde que você morreu – corriji.

Ficamos os dois em silêncio, temporariamente sem palavras diante da improbabilidade de minha afirmação.

– Mas por que ainda está tendo esse sonho agora? – perguntou Jimmy de repente, virando-se de lado, para ver meu rosto melhor. – Por que agora, que sabe que não aconteceu assim?

Balancei a cabeça, infeliz.

– Não sei.

Mas então um pensamento bastante óbvio me ocorreu. Pois a coisa que eu não sabia, em relação à qual eu estava *de fato* no escuro, era o que havia acontecido *de verdade* naquela noite fatídica. Porque fora ali que a realidade se dividira em duas esferas diferentes para mim. Talvez, quando eu compreendesse o que havia acontecido de verdade, a segunda vida imaginária perderia toda a substância e desapareceria como a miragem que todos diziam que era.

– Conte-me tudo. Conte-me o que você se lembra daquela noite, desde o momento em que nos sentamos à mesa.

Jimmy percebeu em minha voz a necessidade de entender e, como se para me proteger da verdade, no caso de esta vir a ser dolorosa, ele passou um braço pelos meus ombros antes de começar.

Sua história foi exatamente como eu me lembrava. Até a atmosfera de camaradagem e amizade ganhou vida outra vez com suas recordações. Eu não o interrompi até ele mencionar a moedinha que tinha me dado.

– Eu a guardei! – gritei involuntariamente, antes de me corrigir. – Ou melhor, em minha outra vida eu a guardei. Em meu porta-joias. Não consegui jogá-la fora; aquele parecia ser meu último elo com você.

Ele sorriu, mas não disse nada. E então outro pensamento me ocorreu:

– E tínhamos combinado algo para o dia seguinte. Lembro-me disso agora. Você me pediu para ir à sua casa e pareceu muito misterioso sobre isso. Durante anos, eu me perguntei o que era. O que você queria me dizer?

Era a luz ou suas bochechas haviam de fato ganhado uma cor mais intensa com minha pergunta?

– Ah, não sei. Não consigo lembrar depois de todo esse tempo.

Deixei passar sem comentar, não querendo distraí-lo de sua história. Mas eu não podia deixar de me perguntar por que ele tinha acabado de mentir para mim.

A história continuou fiel a minhas lembranças até chegarmos ao ponto em que todos havíamos começado a frenética corrida para longe da mesa, na tentativa de escapar do carro que se aproximava.

– ... e todos conseguimos nos afastar da janela antes de o cara atravessá-la com o carro.

– Mas eu estava presa. Não conseguia sair dali, uma cadeira bloqueava o meu caminho. Não foi assim que aconteceu?

Ele ficou em silêncio por um momento, parecendo quase pesar o que me dizer.

– Tudo aconteceu tão rápido, é difícil dizer. Talvez você *tenha sido* a última a se afastar.

Ele estava escondendo alguma coisa e eu não estava disposta a deixar a questão de lado.

– Não. Eu não fui a última. Meu pai disse que você se machucou, então obviamente você ainda estava perto da janela quando o carro se chocou contra ela. O que aconteceu?

Nesse momento me dei conta do que ele relutava em me dizer.

– Foi como eu lembro, não foi? Você voltou para me buscar. Você me puxou e me tirou dali.

Ele pareceu estranhamente constrangido em admitir.

– De certa forma, todos nós ajudamos uns aos outros a nos salvar.

Balancei a cabeça. Eu ainda podia ver tudo com muita clareza: todos haviam se afastado, todos já estavam em segurança, menos eu. Mas um deles voltara para me resgatar.

– Você salvou a minha vida.

Por um momento pareceu que ele ia continuar a negar, mas então ouviu a certeza em minha voz e recorreu ao humor.

– Eu não podia permitir que você morresse e levasse minha moedinha da sorte.

Mas eu não ia deixá-lo me desviar do assunto:

– Você salvou a minha vida.

Sua resposta dessa vez perdeu toda a irreverência, e, com uma franqueza desesperada, ele replicou:

– Como eu poderia agir de outra maneira?

Eu não sabia o que dizer. Não há palavras que expressem esse tipo de gratidão, que retribuam esse tipo de dívida.

– E você se machucou.

Ergui a mão e afastei o cabelo de sua testa, revelando uma pequena cicatriz branca e irregular que ia da linha do cabelo até o nível dos olhos.

– É tão parecida com a minha... – suspirei, espantada. – A que eu pensei que tinha – corrigi. – Só que a minha era mais profunda e mais longa. – Tracei com o dedo a linha da cicatriz dele. – A minha descia por aqui – meu dedo correu por seu rosto, arranhando ligeiramente na aspereza da barba por fazer – e vinha até aqui.

Meu dedo continuou a traçar o desenho da cicatriz de que me lembrava, mas, em vez de parar no ponto em que meu desfiguramento havia terminado, continuou a traçar um caminho até sua boca, indo descansar sobre seus lábios entreabertos.

A eletricidade crepitava entre nós. O momento no banheiro de repente empalideceu, tornando-se insignificante se comparado à atmosfera potencialmente carregada.

Com gentileza, ah, com muita gentileza, ele tomou meus dedos entre os lábios separados, passando a língua em suas pontas sensíveis. Meu corpo inteiro estremeceu com um frisson de excitação.

E então eu estava em seus braços. Sinceramente não sei dizer quem fez o primeiro

movimento, poderia ter sido qualquer um dos dois. Naquele momento, eu só tinha consciência da força da paixão em seu beijo e da sensação de seu corpo esguio e sólido pressionado contra o meu.

O tempo ficou suspenso enquanto nossos beijos se tornavam mais profundos; o calor da nossa paixão soldando meu corpo ao dele com uma intensidade que me chocou. Sua mão tremia ligeiramente quando ele deslizou a camisola pelos meus ombros, mas Jimmy não precisava hesitar. Eu queria que aquilo acontecesse tanto quanto ele, talvez até mais. E, numa inequívoca revelação, enfim reconheci que eu vinha esperando e querendo esse momento havia anos, mas fora cega demais para ver.

À medida que seus lábios e suas mãos viajavam sobre minha pele exposta ouvi um murmúrio rouco de prazer escapar de mim. Eu não podia acreditar quão desenfreada e prontamente eu respondia ao seu toque. Era diferente de tudo o que eu já experimentara.

As cobertas da cama foram jogadas de lado e eu não senti nenhum constrangimento em ficar nua diante dele. Devido a nossa longa amizade, eu teria esperado uma sensação de que isso era errado, talvez até um pouco incestuoso, mas nada do que me acontecera antes parecera tão certo. Nossa respiração irregular quebrava o silêncio do quarto e o tremor que percorria o corpo de Jimmy enquanto ele cobria o meu me sacudia com sua intensidade.

Não me lembro de quando ele começou a se afastar. Num minuto estávamos unidos, nossas bocas e mãos explorando e se deleitando, e então, de repente, era apenas eu. As mãos que seguravam meus ombros, me puxando mais para perto, agora, gentil mas insistentemente, me empurravam para longe.

Para meu constrangimento, levei vários segundos para perceber o que estava acontecendo. Meus dedos, atrapalhados, ainda lutavam com a fivela de seu jeans quando sua mão envolveu meu pulso e o afastou. A névoa vermelha da paixão começou a se erguer o suficiente para que eu visse o seu rosto. O fogo já havia desaparecido quase por completo e fora substituído por uma força de aço, sombriamente determinada. Estúpida, eu me recusava a reconhecer o que ele estava fazendo e tentei beijá-lo outra vez, abrindo meus lábios de encontro aos dele, certa de que poderia provocar sua resposta e reacender a chama.

No entanto, ela se fora. Afogada em sanidade, onde não deveria haver espaço para sanidade alguma. Eu não me importava com quais eram suas razões para parar, só sabia que eu não queria parar.

– Ah, Deus, não pare, por favor, não pare – implorei, abandonando todo o orgulho. Mantinha os olhos fixos nos dele e, na verdade, vi o momento em que a última brasa do desejo se extinguiu em suas profundezas azuis.

Ele se levantou de cima de mim em um movimento rápido e decidido, dando-me as costas parcialmente para se sentar na beira da cama.

– Eu tenho que parar, Rachel. Você não vê?

Claro que eu não via e, ainda me recusando a reconhecer seu recuo, despidoradamente estendi a mão para tentar puxá-lo de volta para mim, mas ele parecia uma rocha: fria, dura e

imóvel. Sem se virar para me olhar, pegou minha camisola descartada e a jogou em minha direção.

– Vista-se.

Essas palavras enfim atravessaram meu desejo, penetrando em meu âmago. Agarrei o traje de algodão e me enfiei nele depressa, sentindo-me humilhada e estranhamente suja ao mesmo tempo. Eu me atirara em cima dele, não havia outra maneira de descrever a situação; eu havia implorado a Jimmy que me aceitasse e ele me rejeitara. Quão mais claro ele precisava ser? Ah, certo, ele respondera a princípio, mas agora eu me dava conta de que fora apenas uma reação masculina natural a uma mulher que tentava seduzi-lo. Um reação física instintiva, nada mais.

Mas nem mesmo o desejo físico fora suficiente para permitir que ele chegasse ao fim. Era um fato claro e inegável: Jimmy nunca me quisera dessa forma; nem no passado nem agora, e eu tinha acabado de bancar a maior idiota de todos os tempos ao me lançar sobre ele como uma sedutora de terceira categoria em um romance piegas.

– Acho que você devia sair agora – falei em voz baixa e trêmula o suficiente para que eu percebesse que as lágrimas estavam prestes a chegar.

A rapidez com que ele assentiu me disse a verdade: ele estava louco para sair dali. Fez uma única pausa à porta, virando-se para me lançar um olhar demorado.

– Eu sinto muito, Rachel, por favor, me perdoe.

Sua voz soava verdadeiramente torturada, mas, antes que eu pudesse sequer pensar numa resposta, ele já havia aberto a porta e saído.

Sentia? *Ele* sentia muito? Por que teria que se desculpar? Era eu que devia me desculpar. Era eu a pessoa incapaz de controlar as próprias emoções e a quem tinham de dizer que o que estava fazendo era completamente errado.

De que Jimmy era culpado? Nada, exceto não me querer. E eu não poderia culpá-lo por isso; pois, naquele momento, eu me sentia a criatura mais repugnante e detestável que já existira na face da Terra.



Mais uma noite em que eu chorava até dormir. Isso estava se tornando um hábito. Se Jimmy notou meus olhos vermelhos na manhã seguinte, foi educado demais para comentar. Eu tinha de admitir que ele mesmo não parecia muito bem quando nos encontramos no corredor na hora em que havíamos combinado na noite anterior. Na parte civilizada da noite, claro; antes que a loucura tomasse conta de mim de madrugada e eu agisse de uma forma que provavelmente mataria nossa amizade para sempre.

Ao acordar eu até acalentei a patética esperança de que todo aquele episódio não tivesse passado de um sonho, que nada daquilo houvesse de fato acontecido e nada tivesse sido quebrado ou danificado de modo irreversível. Mas, quando virei a cabeça, pude ver os restos

do abajur estilhaçado e tive a certeza de que ele estava tão irremediavelmente danificado quanto meu relacionamento com Jimmy.

Quando o vi me esperando no corredor, hesitei à porta do quarto. Eu não tinha a menor ideia do que dizer. Felizmente parecia que ele também não.

– Quer tomar café ou voltar direto? – foram suas primeiras palavras.

– Eu gostaria de voltar logo – respondi depressa.

Uma resposta cintilou em seus olhos, mas ele apenas assentiu, como se fosse isso o que estivesse esperando. Então tirou a mala da minha mão e voltou-se na direção dos elevadores.

– Vamos então.



Deve ter havido outras viagens de carro desconfortáveis em minha vida, mas aquela estava entre as piores. Havia uma tensão que não podia ser ignorada. Ela sentou-se entre nós como um terceiro passageiro durante todo o caminho de Londres a Great Bishopsford. No fim, nós dois desistimos de conversar, preferindo fingir que o silêncio em que viajávamos era amistoso, e não tenso e embaraçoso. Mas estávamos apenas nos enganando. Pela primeira vez desde... bem, na verdade desde sempre... eu não conseguia falar livre ou abertamente com Jimmy. A tensão de não falar do assunto sobre o qual ambos não podíamos evitar pensar era monumental. E, no entanto, quilômetro após quilômetro, nenhum de nós ousava dar voz ao tema e, quando enfim passamos a placa que anunciava que estávamos em nossa cidade natal, não havia mais tempo.

Seguindo pelas familiares ruas secundárias e desvios, eu estava me coçando para sair do carro, torcendo desesperadamente para que, ao saltar, eu pudesse de alguma forma deixar para trás os destroços da noite anterior. E então, bem quando achava que o dia não poderia ficar pior, ele ficou.

Dobramos a última curva e lá, estacionado bem na frente da minha casa, estava um carro baixo e elegante.

– Maravilha – murmurou Jimmy, parando junto ao meio-fio, bem atrás dele.

Ergui os olhos, confusa com o veículo desconhecido, e então meus olhos bateram na placa: MR 10. O carro de Matt.

Jimmy desligou o motor, voltou-se e olhou para mim, diretamente, pela primeira vez desde a noite anterior.

– Rachel, eu queria dizer... explicar...

Balancei a cabeça.

– Por favor, não diga nada, não é necessário.

Ele estendeu a mão e pegou a minha, e parte de mim queria puxar a mão e me livrar de seu toque, mas uma parte ainda maior queria segurá-lo junto de mim para sempre. Ele viu minha mão tremer sob a dele e interpretou mal minha reação.

– Eu sei que neste momento você deve estar me odiando – continuou –, mas, por favor, me dê uma chance de...

Eu não cheguei a saber para que ele queria uma chance, pois naquele momento a porta do carona de repente foi aberta por Matt, que parecia muito impaciente.

Ele viu minha mão na de Jimmy, embora eu a tenha puxado depressa, como se tocasse em fogo. Para evitar qualquer comentário, saí do carro de imediato, meio atrapalhada.

– Matt, o que está fazendo aqui? Pensei que fosse ficar na Alemanha por mais três dias.

Matt me deu um abraço envolvente, creio que mais por causa de Jimmy do que de mim. Quando ele me soltou, Jimmy também já havia saltado do carro.

– Resolvi as coisas bem rápido; achei que você devia estar precisando de mim aqui. Mas vejo que tomou... medidas alternativas.

Deus, ali estava ela outra vez. Aquela velha rivalidade adolescente revisitada que tanto me fascinara no hospital, só que agora era apenas mesquinha e irritante.

– Jimmy muito gentilmente abriu mão de seu dia de folga para me levar até Londres. Eu precisava resolver muitas coisas e ele se ofereceu para me levar.

Matt ergueu o olhar até encontrar o de Jimmy sobre o teto do carro entre eles.

– E a noite, é claro. Ele abriu mão da noite também.

Eu podia ver aonde aquilo estava indo e não gostava nem um pouco disso. Até ali, Jimmy não havia mordido a isca, mas eu podia sentir a tensão infundida pela testosterona rodopiando à minha volta como um minitornado.

– Ficou muito tarde para voltarmos ontem à noite, então procuramos um hotel e ficamos na cidade. Papai sabia quais eram os nossos planos.

Matt assentiu, e eu me perguntei qual fora sua reação ao chegar aqui e saber por meu pai que Jimmy e eu passáramos a noite fora, juntos.

– Tivemos sorte de encontrar de primeira um lugar que tivesse dois quartos disponíveis – expliquei, meio atrapalhada, tentando dizer a Matt que não havia acontecido nada de errado.

Eu estava tagarelando, até meus próprios ouvidos percebiam isso. E também estava irritada com minha compulsão em explicar nossos movimentos, sabendo o tempo todo que, como meu noivo, Matt tinha todo o direito de perguntar onde eu estivera. Eu também estava constrangida com a necessidade de mentir.

– Foi tudo perfeitamente respeitável – assegurei a Matt, afastando-me do carro de Jimmy e me virando para me dirigir à entrada da casa.

– Tenho certeza que sim – replicou Matt, e embora suas palavras implicassem que ele não havia duvidado um só instante, o olhar que ele dirigiu a Jimmy dizia algo inteiramente diferente. – Você não vai entrar? – perguntou, enquanto Jimmy caminhava até ele, entregando minha pequena sacola.

Eu parei a meio caminho da porta; havia presumido que ambos estavam me seguindo para dentro de casa.

– Não, hoje não. Tenho algumas coisas para fazer. E tenho certeza de que quer ficar um

pouco sozinho com Rachel. Ela tem muita coisa para contar.

Senti o rubor traiçoeiro começar a esquentar minhas bochechas. Não core, não core, ah, por favor, Deus, não permita que eu core.

Matt olhou de Jimmy para mim, a desconfiança em seu rosto mal conseguindo se disfarçar como curiosidade.

– Sobre a revista – completou Jimmy, já entrando de novo no carro. – Até logo, Rachel.

Eu quis correr até ele, me atirar em seus braços e implorar para que não fosse. Ridículo. Completa e totalmente ridículo. E, é claro, não fiz nada disso. Meus pés continuaram plantados no caminho para a porta de casa, como se tivessem sido cimentados ali. Mas não gostei nem um pouco do tom definitivo da despedida de Jimmy.

Quando Matt deu a volta no carro e passou pela porta aberta do motorista para se juntar a mim, a mão de Jimmy se estendeu para detê-lo. Sua voz era baixa, e ele não devia querer que eu ouvisse o que ele tinha a dizer, mas a rua de repente ficou silenciosa e eu ouvi claramente seu pedido.

– Cuide bem dela, Matt. As últimas 24 horas foram muito duras.



Dizer que meu pai pareceu aliviado ao me ver entrar era um eufemismo. E, embora eu soubesse que grande parte disso se devesse ao seu instinto de se preocupar comigo, sabia também que uma parte ainda maior se devia ao fato de que o fardo de fazer sala para um Matt não muito bem-humorado agora podia ser transferido para mim. Adivinhei corretamente que várias e duras horas haviam transcorrido desde a chegada dele, durante as quais eles ficaram esperando nosso retorno.

– Ele está andando de um lado para outro da sala como um leão enjaulado – papai sussurrou quando estávamos sozinhos na cozinha aconchegante, fazendo uma nova rodada de chás e torradas.

Na verdade, eu não estava com fome, mas aquela era uma boa desculpa para escapar para a cozinha e descobrir exatamente o que havia acontecido quando Matt chegara e descobrira que eu tinha saído com Jimmy.

– Desculpe por você ter tido de lidar com isso. Não sei por que ele está tão agitado.

Meu pai parou de arrumar as canecas e colheres na bandeja e virou-se, me dirigindo um longo olhar avaliador. Nenhuma palavra, apenas um olhar.

– O que foi? – perguntei, me fazendo de boba. – O que foi?

Minha tentativa de me mostrar despreocupada foi arruinada pelo rubor quente que tomou conta do meu rosto. E quanto mais meu pai me olhava daquela maneira própria dos pais, mais quente eu ficava. Não sei o que exatamente ele sabia, ou adivinhava, mas não creio que estivesse muito longe da verdade.

– Só tenha cuidado, Rachel, ou alguém vai se machucar. – Então ele suavizou seu apelo me

abraçando com força. – E não quero que seja você.

Depois de consumidos o chá e as torradas, um pouco de bom humor parecia ter sido restaurado e, naturalmente, ambos quiseram saber de tudo o que havia acontecido em Londres. Levou um tempo razoável para que eu relatasse as últimas 24 horas, omitindo os acontecimentos da noite anterior, claro. Eu tinha certeza de que ninguém naquela sala iria querer ouvir aquela história lamentável – muito menos eu.

Fez-se uma longa pausa quando terminei, enquanto ambos absorviam o que eu contara.

– Então agora você se lembra de tudo? – perguntou Matt, esperançoso.

– Na verdade, não. Bem, absolutamente de nada, para ser honesta. Mas pelo menos agora acho que posso deduzir o que *não* aconteceu.

A decepção no rosto de Matt era óbvia, e não pude deixar de pensar que parte dela era dirigida a mim pessoalmente, e não à situação. Era quase como se ele desconfiasse que eu não estava me esforçando o bastante para lembrar: e que, se eu me empenhasse um pouco mais, tudo viria à tona.

– Não se preocupe, amor – disse papai, pegando minha mão e apertando-a para me tranquilizar. – Ainda é muito recente. Pelo menos agora você tem um ponto positivo de onde começar quando se consultar com o médico da amnésia esta semana.

– É, foi o que Jimmy disse.

O rosto de Matt endureceu, irritado, à menção de Jimmy, mas felizmente ele não disse nada.

– E, nesse meio-tempo, separei tudo o que pude encontrar aqui desses últimos cinco anos que possa ajudá-la a lembrar.

Ele parecia tão contente que foi difícil reprimir um gemido quando tirou vários álbuns de aspecto pesado e uma caixa de recordações selecionada do lado do sofá e colocou tudo na mesa de centro diante de mim.

– Bem, agora tenho que dar um pulo na cidade, então vocês dois podem dar uma olhada nisso aqui. Tenho certeza de que Matt poderá responder a quaisquer perguntas que você tenha... provavelmente muito melhor que eu. Não creio que você me conte nem metade das coisas que acontecem na sua vida!

Considerando-se os acontecimentos recentes, isso devia ser uma boa coisa.



Eu já havia avançado várias páginas no primeiro álbum quando a porta da frente se fechou com um clique com a partida de meu pai. Aproximando-se mais de mim no sofá, Matt tirou o álbum de minhas mãos com delicadeza e me abraçou, me puxando para si.

– Vamos esquecer as fotos antigas por ora, hein? Acho que posso encontrar uma forma muito melhor de ajudar você a lembrar.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa para detê-lo, ou mesmo pensar se queria

mesmo detê-lo, sua boca estava sobre a minha, poderosa e persuasiva, exigindo que eu respondesse. E, depois de um momento de imobilidade, respondi. Talvez fosse mesmo disso que eu precisava para sacudir minha memória, trazendo-a de volta. Talvez não fosse apenas nos contos de fadas que o príncipe pudesse beijar a princesa adormecida e trazê-la de volta à vida. E Matt, bonito, sexy e com uma magistral autoconfiança, era hábil o bastante para arrancar uma resposta de um manequim de loja – quanto mais da mulher que recebera aqueles beijos nos últimos sete anos.

À medida que seus lábios se moviam em sincronia com os meus e suas mãos deslizavam de modo possessivo para cima e para baixo em minhas costas, de repente eu lembrei, sim. Lembrei-me de como tinha sido apaixonada por ele na adolescência; quanto ele significara para mim então. Lembrei dele como as mulheres no mundo todo, que jamais se esquecem do primeiro amor. Mas também lembrei como eu o havia brutalmente cortado de minha vida quando Jimmy morreu, apagando todos os vestígios de nosso relacionamento. E o que lembrei, acima de tudo, foi que, embora terminar com Matt tenha me causado dor, isso fora insignificante diante da incomparável agonia do meu luto. E, se tais acontecimentos só tinham existido em minha imaginação – e as evidências disso eram agora bastante convincentes –, bem, não era preciso ter um diploma em psicologia para entender a mensagem que meu subconsciente estivera tentando passar.

Eu não o empurrei, afastando-o de mim, mas minha falta de resposta por fim foi notada.

– Rachel? – murmurou ele em meu ouvido, parando para morder meu pescoço, me fazendo estremecer involuntariamente.

Ele se afastou para examinar meu rosto, e o seu era um claro retrato de paixão e desejo.

– É demais por ora? Quer que eu pare?

Assenti em silêncio, e ele compreendeu. Pude ver o esforço que foi para ele se recompor e me senti muito culpada por tê-lo encorajado, sabendo todo o tempo que isso provavelmente era algo que eu não devia estar fazendo. Então me perguntei se Jimmy se sentira assim na noite anterior. O fio que tecia a trama de nossas vidas de repente parecia entrelaçado com ironia.

– Talvez pudéssemos apenas olhar as coisas que papai separou... – sugeri, sem convicção.

– Se é isso que você quer – concordou ele, mas garantiu em tom suave: – Não pense que vou desistir de você assim facilmente.

Tenho certeza de que essas palavras foram ditas com a intenção de uma promessa de coisas por vir, então por que eu não conseguia me livrar da sensação de que elas soavam mais como uma ameaça?

Três álbuns e várias horas depois, eu não estava nem um pouco mais próxima de me lembrar de nada, e totalmente entediada de olhar para fotografias minhas com pessoas que eu não conhecia, em lugares em que nunca estive. Embora Matt pudesse suprir uma grande proporção dos dados que me faltavam, toda uma série de fotos tiradas durante meus tempos na universidade permaneceram um mistério.

– Parece que eu me diverti – afirmei, apanhando na pilha uma fotografia que me mostrava

com os braços jogados sobre os ombros de vários amigos, garrafas de cerveja nas mãos, todos sorrindo para a câmera com ar um tanto ébrio.

– Os dias na universidade foram bons – disse Matt, e então abriu uma brecha em minhas defesas ao se inclinar e dar um beijo em meus lábios. – Mas agora é melhor.

Era impossível não admirar a inabalável confiança dele. Ainda assim, eu não queria que as coisas avançassem mais por aquela estrada, então tomei um desvio na conversa, seguindo por ele aos tropeços.

– Então conseguimos sobreviver a essa coisa de relacionamento a distância, não é?

Teria algo passado rapidamente por seus olhos, uma breve hesitação?

– Bem, ainda estamos juntos, então devemos ter feito alguma coisa certa.

Havia, sim, algo em sua voz que não parecia muito seguro disso, o que foi confirmado quando ele tentou me distrair.

– E agora estamos noivos – declarou, uma inegável satisfação na voz.

– E agora estamos noivos – ecoei, minha voz cheia de uma emoção completamente diferente.



– Tem certeza de que não quer nos acompanhar, Tony? Você é mais do que bem-vindo.

As palavras soaram bastante educadas, e eu me perguntei se meu pai podia perceber que não eram de todo sinceras. Vi o brilho nos olhos de meu pai e soube que ele compreendia perfeitamente.

– Não, não, vão vocês dois e se divirtam. Não vão querer que eu vá junto e estrague o jantar de vocês. Além disso, tenho que preparar o quarto de hóspedes para Matt.

Touché, pai, muitíssimo bem.

Matt não disse nada até estarmos em segurança no casulo de couro de seu carro.

– Então vou ser banido para o quarto de hóspedes outra vez, é?

Tentei não sorrir, mas podia sentir meus lábios trêmulos começando a me trair.

– Tenho certeza de que ele acha que ainda somos adolescentes – queixou-se ele, acelerando o motor com vigor desnecessário antes de se afastar do meio-fio. – Ele ainda segue aquela ideia ultrapassada de “não debaixo do meu teto”. O que ele acha que a gente faz em Londres?

Como eu na verdade não sabia o que nós fazíamos em Londres, pensei que era melhor não responder.

– Seja como for – continuou Matt, virando-se para mim com um sorriso e uma piscadela irreverentes –, ainda lembro quais tábuas do piso do corredor rangem, então basta você se lembrar de deixar a porta destrancada.

Eu ri, nervosa, sem saber se ele estava brincando, mas fiz uma anotação mental para trancar a porta quando voltássemos.

Tivemos uma noite surpreendentemente agradável, levando-se tudo em consideração. Longe de casa e do olhar atento de meu pai, Matt pareceu mais ele mesmo, ou pelo menos o Matt de anos atrás, de quem eu me lembrava. Ele foi atencioso e charmoso, e era impossível ignorar os olhares de inveja dirigidos a mim por várias mulheres no pub que escolhemos para jantar.

– Eis aí algo de que me esqueceria feliz – falei para ele, depois de mais uma muito óbvia avaliação do tipo “o que ele viu nela?”.

Matt devia ter visto o olhar que a mulher me dirigiu, mas desconsiderou-o dando de ombros.

– Não deixe que isso a perturbe.

– Não me perturba. É irritante, só isso. E grosseiro.

Ele se levantou então.

– Vou até lá ver o que fizeram com a conta. – Mas, antes de se afastar, ele deu um beijo leve em minha cabeça. – Lembre-se: eu só tenho olhos para você.

Menos de dois minutos depois aconteceu algo que me fez perguntar o quanto haveria de verdade naquela afirmação.

Eu ainda podia vê-lo cruzando o restaurante em direção ao bar quando um leve zumbido elevou-se da borda da mesa. O celular de Matt estava ao lado de nossos pratos vazios, sua forma esguia vibrando persistentemente contra a louça para indicar uma chamada entrando. Ergui os olhos para chamá-lo de volta, mas um instinto me fez verificar o telefone primeiro. Na pequena tela quadrada, a identidade de quem ligava estava exposta em um forte verde néon, como um outdoor. Eu podia ler com bastante clareza de cabeça para baixo, mas mesmo assim girei o fone com o dedo indicador até ele estar totalmente voltado para mim. Cathy. Cinco letras inofensivas, mas alguma coisa nelas disparou um alarme que nada tinha a ver com a chamada recebida.

Por que Cathy estava ligando para Matt? O telefone ainda tocava de modo insistente. Eu deveria atender? Em dúvida, permiti que minha mão se aproximasse furtivamente do pequeno aparelho, mas o instinto me impediu de atender à ligação. Várias pessoas nas mesas próximas haviam se virado na direção do toque, o som atrapalhando sua noite. Enfrentei seus olhares com um sorriso de desculpas, mas ainda assim não atendi.

Por fim, ele parou de tocar.

Um minuto ou dois depois Matt voltou, trazendo meu casaco. Agora era a hora de contar a ele sobre a ligação perdida. De perguntar por que Cathy, que ele afirmava não ter visto em anos até a noite do meu acidente, estava ligando para ele em seu celular, cujo número eu me lembrava de tê-lo ouvido dizer que só dava aos amigos mais íntimos e à família.

E tornou a tocar no caminho de casa. Estávamos parados em um sinal e ele pegou o aparelho no bolso para verificar o visor. Uma expressão indecifrável cruzou seu rosto enquanto seus dedos se moveram depressa para descartar a ligação sem atendê-la. A intuição me disse que era Cathy outra vez, mesmo antes de eu ouvir a mentira que ele me disse.

– Quem era?

– Era só alguém do trabalho. Pode esperar até amanhã.

As luzes ainda estavam acesas no térreo quando voltamos, então Matt se aproveitou de nossos últimos momentos de privacidade na soleira enquanto eu vasculhava a bolsa em busca da chave.

– A noite foi ótima, Srta. Wiltshire.

Tentei sorrir, mas só conseguia pensar na estranha expressão que vira em seu rosto quando o telefone tocou no carro.

– Você acha que seu pai virá atrás de mim com uma espingarda se eu tentar um beijo de boa-noite na soleira da porta?

E, sem esperar minha resposta, ele me puxou com firmeza e me deu o tipo de beijo que, em outras circunstâncias, talvez me deixasse de pernas bambas. Os olhos dele estavam escuros de desejo quando nos separamos, e Matt não pareceu perceber que minha mente estivera em outros lugares durante o abraço.

Levei a mão à bolsa e dessa vez tive sucesso na procura da chave. Seguindo-me de perto enquanto entrávamos no saguão para cumprimentar meu pai, Matt sussurrou com malícia em meu ouvido.

– Não se esqueça do que eu disse mais cedo sobre a porta do quarto.



Eu não havia me dado conta do enorme nó de tensão que eu vinha mantendo sob controle o dia todo até enfim me ver sozinha no quarto. Livrei-me dos sapatos e afundei na velha cama de solteiro. Então, sozinha pela primeira vez, pude sentir minha proteção começar a enfraquecer, e soube que os pensamentos e emoções que eu tentara enterrar bem no fundo da minha mente agora se recusavam a ser silenciados. Mas havia tanto com que lidar; tantas emoções conflitantes que eu me sentia oprimida por aquela enxurrada. Ter de passar direto da dor e humilhação da rejeição de Jimmy às estratégias para me esquivar de Matt, que compreensivelmente estava confuso com a resposta tépida de sua noiva, era demais para a cabeça de qualquer um. Quanto mais para a de alguém que, era preciso dizer, ainda acreditava que possuía um passado diferente. Não era nenhum espanto que eu não conseguisse lidar com o presente.

Para aquietar meus pensamentos caóticos, como se a fonte de todos os meus problemas fosse apenas a inatividade, comecei a arrumar freneticamente meu quarto e meus pertences, enfim me abaixando para pegar a mala que levava para Londres na noite anterior. Abri o zíper da bolsa de viagem e deixei o conteúdo cair em uma pilha desarrumada sobre as cobertas.

Foram necessários poucos instantes para guardar os itens menores, o que deixava apenas a camisola de algodão que eu usara no hotel. Estendi a mão para a peça de roupa, na intenção de usá-la novamente, mas, no momento em que toquei o tecido macio, um instantâneo vívido e

violento preencheu minha visão. Fui de repente transportada de volta para o hotel. Pude sentir o calor dos lábios de Jimmy nos meus, tão intenso quanto se ele estivesse ali ao meu lado. Eu nunca acreditara em psicomетria – na verdade, não acreditava em nada ligado a mediunidade –, mas a sensação de Jimmy tirando devagar a camisola de meu corpo foi reproduzida em detalhes dolorosamente minuciosos. Meus dedos se agarravam às dobras do algodão, revivendo o momento em que eu por fim abrira o coração para uma verdade que havia negado por tanto tempo, e também o momento que se seguira, quando toda a esperança me fora tirada.

Soltei um grito de raiva e atirei a camisola longe, do outro lado da cama. Ela caiu toda amassada, um monte de material inócuo, mas eu quase podia ver o calor das impressões digitais de Jimmy marcadas a fogo no tecido. Para mim, aquela peça de roupa estaria para sempre marcada e eu sabia que não poderia vesti-la aquela noite, não com meu noivo dormindo a menos de 5 metros, no mesmo corredor. Na verdade, eu não achava que um dia fosse conseguir voltar a usá-la.

Tive mais um sonho intenso, meu subconsciente ainda tão confuso quanto minha mente desperta. Em meu sonho eu estava estranhamente adormecida – não ali no meu quarto, mas em um lugar desconhecido. Deduzi que devia morar ali, porque meu pai também estava lá, perto o suficiente para que eu ouvisse sua voz, mas não tão perto que eu pudesse distinguir as palavras. E, em meu sonho, eu sabia que tinha um importante compromisso para cumprir. A natureza do encontro não era clara – talvez fosse com o especialista em amnésia, ou poderia ser qualquer outra coisa – tudo o que eu sabia era que em meu sonho havia um horrível presságio de que eu dormiria demais e perderia esse encontro importante.

Eu tivera sonhos assim antes, quando alguma data importante estava se aproximando, como provas ou um feriado, e, embora esse sonho fosse semelhante a outros do passado, dessa vez parecia muito mais urgente e imperativo que eu não dormisse demais. No sonho eu sabia que haveria consequências catastróficas se perdesse o compromisso; que não era algo que pudesse simplesmente ser remarcado. Era crucial que eu não perdesse a hora, e, como para ratificar isso, eu podia ouvir meu pai sussurrando para meu eu que sonhava.

– Hora de acordar, Rachel, agora é hora de acordar.

Eu queria responder a ele, fazê-lo saber que eu *estava* acordada, mas o sono me mantinha presa em suas garras e eu não conseguia me desvencilhar das algemas do torpor para responder. A impotência de não acordar e comparecer ao compromisso a tempo agora estava começando a me assustar, e eu podia sentir meu coração acelerar, em frustração.

O bipe começou devagar, filtrando-se no sonho como espetadelas de uma agulha. Penetrou o manto do sono, seu tom agudo e insistente exigindo que não fosse ignorado. Que som era aquele? No sonho eu podia ouvi-lo com clareza, e à medida que os tentáculos de sono começavam a relaxar o aperto, percebi que se tratava de um alarme. Enquanto piscava, despertando, ainda podia ouvir o bipe. Tonta, estendi a mão para a mesa de cabeceira. Devia ser o alarme de um relógio que eu inadvertidamente ajustara antes de dormir. No entanto, minha mão, tateando, não encontrou nenhum relógio ao lado da cama.

Ergui a cabeça dos travesseiros. O nevoeiro do sono levantou-se um pouco mais e percebi que o bipe estava ficando cada vez mais fraco, e um momento depois silenciou. Pisquei na escuridão, confusa pelo sonho, e então, como se levada por um pequeno redemoinho de brisa, senti o cheiro familiar da loção pós-barba favorita de meu pai. Isso me deixou mais desperta que o despertador imaginário. Não era a primeira vez que eu detectava essa fragrância à noite, e, como meu pai não estava em nenhum lugar visível, sem dúvida provava que ele não estivera me monitorando quando o mesmo acontecera antes. Mas o que isso significava? Era possível ter alucinações com um cheiro?

Meus pensamentos confusos foram repentinamente interrompidos por um leve ruído vindo do corredor. Fiquei imóvel, apurando os ouvidos para captar o som. Após um momento, eu o ouvi outra vez: o rangido débil de tábuas velhas no chão, denunciando a presença de um intruso. Meu primeiro e frenético pensamento foi “ladrão”. E só posso culpar o fato de que ainda estava meio adormecida por ter me levado a essa conclusão inicial.

Outro rangido, mais um passo nas tábuas traidoras e então, no luar que se filtrava pelas cortinas finas, vi a maçaneta em minha porta começar a baixar lentamente. Quando o pequeno arco havia sido completo, ouvi a porta gemer baixinho diante do peso suave aplicado para que ela se abrisse. A porta resistiu. A maçaneta foi solta e abaixada novamente, e dessa vez a força aplicada foi suficiente para fazer as dobradiças rangerem em protesto. A fechadura ainda resistiu.

Fiquei esperando, a respiração presa em meus pulmões. Com medo de me mexer no colchão, temendo que meus movimentos pudessem ser ouvidos do corredor, mordei o lábio nervosamente, perguntando-me quantas vezes ele tentaria e quão resistente seria a fechadura. Era loucura achar que talvez fosse preferível que fosse mesmo um ladrão invadindo a casa, em vez do meu noivo.

– Rachel? – A voz de Matt era um sussurro, soando perto da dobradiça da porta. – Rachel, está acordada? Rachel?

O tempo pareceu ficar suspenso para sempre. Eu não podia prender a respiração por muito mais tempo e, se ele não desistisse logo, certamente me ouviria inspirar ou desmaiar por falta de oxigênio. Por sorte, nenhuma dessas situações ocorreu, pois após outro minuto de ansiedade ouvi seus passos se afastando pelo corredor de volta ao quarto de hóspedes.



Ele já estava vestido e sentado à mesa da cozinha quando descí na manhã seguinte. Diante dele, uma xícara de café vazia e um jornal aberto.

– Bom dia – cumprimentei-o em tom leve, que eu esperava fosse apropriado para uma mulher que havia trancado o noivo do lado de fora do quarto na noite anterior.

Para completar a cena, inclinei-me e dei um beijo rápido em sua bochecha.

– Dormiu bem? – perguntou ele, educado.

Nesse momento, eu estava de costas para ele, servindo-me uma caneca de café. Fiquei feliz por Matt não poder ver meu rosto quando respondi.

– Sim. MUITÍSSIMO bem, na verdade. Apaguei; morri para o mundo no instante em que minha cabeça tocou o travesseiro.

Pare, Rachel, gritou uma voz dentro de mim; era ênfase de mais para parecer verossímil. Aparentemente ele pensava o mesmo.

– Então você não me ouviu à sua porta à noite?

Não o encarei e me concentrei na tarefa de misturar o café tão vigorosamente que corria o risco de remover a tinta da cerâmica.

– Não. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Matt ficou calado por tanto tempo que me forçou a olhar para ele.

– Fui até lá ficar com você.

– Ah. – E como ele pareceu esperar mais do que isso, acrescentei: – Pensei que estivesse brincando quando disse isso.

Estava claro que aquela não era a resposta certa. Seu olhar dizia tudo e seu silêncio me forçou a falar mais:

– Mas não podíamos fazer nada. Não aqui. Não com meu pai no quarto ao lado.

– Isso nunca nos impediu antes.

Ele tinha razão. Eu podia me lembrar de várias incursões adolescentes pelo corredor, os riscos e o medo de sermos apanhados contribuindo ainda mais para a excitação.

– Bem, é diferente agora. Estamos mais velhos. Além disso, você sabe que as coisas ainda estão muito confusas para mim. Você disse que entendia e que seria paciente.

Se ele tivesse se mostrado só um pouquinho envergonhado naquele momento, eu teria suavizado o tom. Afinal, ele não tinha certeza se eu estava acordada quando foi bater à minha porta. Ele pegou o jornal, dobrando-o perfeitamente ao meio antes de continuar:

– Eu acho que estou sendo muito paciente, Rachel. Mas sou humano. Num minuto temos um relacionamento adulto pleno e completo e no seguinte você não lembra nada sobre nós, e fica se escondendo de mim no escuro, atrás de uma porta trancada.

Droga. Ele *sabia* que eu estava acordada. E ainda assim me deixara cair nessa armadilha, permitindo que eu fizesse papel de boba. De repente, senti raiva.

– Bem, sinto muito que o fato de eu ter sido assaltada seja uma terrível inconveniência para os seus planos. Sem dúvida não foi a minha intenção. Você quer que eu aproveite e me desculpe pela amnésia também, ou devo dizer apenas que sinto muito por não querer fazer sexo com alguém que parece que reencontrei há poucos dias?

Então Matt se aproximou de mim e, embora eu ainda estivesse com raiva, deixei-o me abraçar, mas não relaxei em seus braços, e tenho certeza de que ele podia sentir a tensão percorrendo meu corpo em ondas.

– Desculpe – sussurrou ele em meu cabelo. – É que é muito difícil vê-la, amá-la, desejá-la e saber que você não sente a mesma coisa.

Suas palavras soaram tão genuínas que senti a maior parte da minha raiva se diluir em uma onda de remorso. Não me lembrava de amá-lo como uma mulher adulta, mas isso não era culpa dele. Espontaneamente, a imagem de nós dois tirada na Torre Eiffel me veio à lembrança. Eu podia não me lembrar do sentimento, mas não havia a menor dúvida de que no momento em que a fotografia fora tirada, eu estava completa e perdidamente apaixonada pelo homem em cujos braços eu me encontrava agora. Soltei um leve gemido e permiti que meu corpo relaxasse contra o dele, até mesmo envolvendo-lhe o torso de aço com meus braços e apertando-o.

– Me desculpe também, Matt. Vou me esforçar mais. De verdade. Só me dê mais um tempo. Só me dê tempo para... me recuperar.

Meu coração deu um salto. Eu quase dissera *para esquecer Jimmy!*

Os dedos dele ergueram meu queixo, segurando meu rosto voltado para o seu, de uma forma que me trazia lembranças antigas.

– Só não demore muito, está bem?

E então ele me beijou, demorada e apaixonadamente, como se para me mostrar o que eu estava perdendo. E eu retribuí o beijo, porque me sentia culpada; porque de fato antes eu o amava muito e porque... porque ele era Matt.

Alguns minutos depois de meu pai ter entrado na cozinha, anunciando sua chegada de modo nada sutil, ainda na soleira, com um leve “Hum-hum”, Matt jogou sua bomba:

– Sinto muito, Rachel, mas vou ter que voltar para Londres hoje, em vez de amanhã.

Eu ainda estava me sentindo culpada pela forma como reagira, então minhas palavras soaram genuinamente pesarosas quando respondi:

– Tem mesmo? Pensei que fôssemos passar o dia juntos.

Havia remorso em seu olhar, mas sua determinação não vacilou.

– Sinto muito, mas apareceu uma coisa importante no trabalho e tenho que resolver hoje.

– Num domingo?

– Você sabe que com frequência trabalho nos fins de semana.

– Na verdade, não sei. Amnésia. Lembra?

Eu poderia ter encerrado o assunto por ali, mas alguma coisa em seus olhos havia ativado minha intuição feminina.

– Tem alguma coisa a ver com aquela ligação que você recebeu do trabalho ontem à noite?

Por um momento ele ficou inexpressivo, mas logo algo passou pelo seu rosto bonito, seguido depressa por um olhar de arrependimento.

– Sim, na verdade, tem. Surgiu uma crise que tenho de contornar, e não dá para esperar até segunda. Tenha um dia relaxante com seu pai. Ligo para você à noite, ok?

Ele partiu uns dez minutos depois, me dando um beijo de despedida no corredor e apertando a mão de meu pai. Ficamos na entrada da casa, observando o carro se afastar do meio-fio em um brilho de cromo e um guincho de borracha.

– Que pena que ele teve que ir tão cedo – disse meu pai, por fim, quando o carro

desapareceu de nosso campo de visão.

Eu sabia que ele não lamentava nem um pouco e lhe lancei um olhar que dizia tudo. Mas isso fez com que eu me perguntasse quantas mentiras ainda me diriam nesse dia.



O restante do dia transcorreu sem eventos extraordinários. Passei uma hora mais ou menos tentando, e fracassando, fazer a gata do meu pai gostar de mim, outra hora me perguntando que crise urgente relacionada a Cathy seria essa que repentinamente exigira a presença de Matt em Londres, e o restante do tempo me esforçando muito, e também fracassando, para não pensar em Jimmy. O único ponto alto do dia foi um telefonema inesperado de Sarah, que havia acabado de voltar da lua de mel. Ela e David iam passar a noite com os pais dela, mas combinamos de nos encontrar para o almoço no dia seguinte antes que ela e o marido retornassem a Harrogate.

Adormeci aquela noite com uma expectativa agradável para o dia seguinte e, pelo menos dessa vez, não fui perturbada por sonhos.

CAPÍTULO 10

Tínhamos combinado de nos encontrar em um pequeno bistrô na rua principal e, como sempre, eu estava lá muito antes de Sarah chegar. O tempo esfriara ainda mais e, embora envolta em uma echarpe e com luvas quentes, eu podia sentir o ar de dezembro, pesado com a ameaça de neve, golpear cruelmente meu rosto e minhas pernas.

Então Sarah chegou, saindo do táxi em uma confusão de calor e sol que na mesma hora me transportaram às lembranças de nossa infância e adolescência. Ela me envolveu num abraço de quebrar costelas, um feito e tanto para alguém 15 centímetros menor que eu, e ficamos assim algum tempo, até que as duas se sentiram prontas para se separar.

Quando isso aconteceu, as lágrimas em meus olhos combinavam com as que cintilavam nos dela, e ambas irrompemos em uma gargalhada, a única maneira de escapar do choro.

– Rachel, minha linda, como você está?

Levei algum tempo para responder, pois o antigo cumprimento provocou um grande nó em minha garganta. Estávamos sendo alvo de alguns olhares bastante curiosos dos passantes, mas nenhuma das duas deu a mínima para isso.

– Ainda viva, mas ligeiramente insana.

Achei que esse fosse um resumo bastante acurado de minha situação.

– Então não mudou nada – respondeu ela, passando o braço pelo meu e me conduzindo em direção ao restaurante. – Vamos sair deste frio, e aí você me conta tudo. – Enquanto seguíamos, acrescentou, travessa: – Sabe, está mesmo muito mais frio aqui do que em Santa Lucia.

Esperamos até sermos conduzidas a uma mesa, onde pedimos bebidas antes de começarmos a conversa de fato. E então, quando começamos, falamos ao mesmo tempo:

– Como estão as coisas de verdade? Você já recuperou a memória?

– Me conte tudo sobre a lua de mel.

Rimos e esperamos que a outra recuasse.

– Desculpe – disse Sarah –, mas acredito que meu questionamento sobre o ferimento na sua cabeça e a amnésia supere a trivialidade sobre lua de mel.

– Ok – cedi com um sorriso. – O que você quer saber primeiro? Do assalto de que eu não lembro ou da história picante que veio em seguida?

O rosto bronzeado de Sarah se iluminou com um prazer óbvio.

– Da história picante, é claro. – Mas, antes que eu pudesse começar, ela mudou de ideia. –

Sabe de uma coisa? Quero saber de tudo, cada detalhe.

– Isso pode levar algum tempo – adverti. – Você e David não têm um trem para pegar hoje à tarde?

Ela deu de ombros, como se um detalhe tão insignificante não tivesse importância alguma.

– Se eu não estiver lá, ele vai ter que ir sem mim. Só estamos casados há cinco minutos... ele provavelmente nem vai sentir minha falta!

Eu duvidava muito disso, mas tomei um longo e encorajador gole de vinho e comecei a contar a ela o que me acontecera desde a noite de sua despedida de solteira.

Ela ouviu com atenção enquanto eu falava, absorvendo tudo, interrompendo às vezes, quando desejava algum esclarecimento. Também se mostrou muito mais fascinada que qualquer outra pessoa em relação à minha realidade alternativa.

– Então, como *eu* sou no seu outro passado? Por favor, diga que sou alta, magra e linda. Ah, não, melhor ainda: diga que Cathy ficou gorda e feia. Isso, sim, seria maravilhoso.

Ri.

– Sinto desapontá-la, mas Cathy ficou ainda mais linda do que quando éramos mais novas. Embora bem mais desagradável, tenho de dizer.

Sarah franziu os lábios com ironia.

– Não é nada difícil imaginar isso.

Olhei para ela com atenção. Sarah nunca fora de medir palavras no que dizia respeito a Cathy. Eu contava os fatos em ordem cronológica, portanto ainda não lhe dissera nada sobre o telefonema que eu interceptara no celular de Matt. Estava certa de que ela teria algo bem interessante para dizer a respeito.

– Então essa outra vida que você acreditava estar vivendo era um horror? É isso? Todo mundo estava doente, horrivelmente desfigurado ou morto? E todas as coisas boas que aconteceram em sua vida não existiam? Eu entendi bem?

– Em resumo, sim.

– E ainda assim você saiu por aí tentando provar a todos que precisava voltar para esse outro lugar?

– Bem, sim.

Eu podia ver aonde ela estava querendo chegar.

– Estão todos certos. Você é louca. Ninguém nunca lhe disse que, quando se cria um mundo de fantasia, ele deve ser melhor que o mundo real... e não mil vezes pior?

Só mesmo ela era capaz de me declarar insana como se isso fosse apenas um capricho.

– Entendo o que você está dizendo. Mas, mesmo assim, eu ainda queria “voltar”, se essa é a forma correta de dizer, ao que parecia minha própria realidade. Mas agora não quero. Bem, não desde ontem à noite.

– Oohh, aconteceu alguma coisa com Matt?

Fiz uma longa pausa antes de falar, sabendo que minha resposta iria bater recorde em termos de choque e perplexidade:

– Não, com Jimmy.

Juro que o bronzeado dela literalmente empalideceu por um instante enquanto seus olhos se arregalavam, incrédulos diante de minhas palavras.

– Por favor. – Sarah agarrou o braço de um garçom que passava. – Pode nos trazer outra garrafa disto? – Ela indicou nossa garrafa de vinho quase vazia. – Tenho a sensação de que vamos precisar.



Eu não sabia o que esperava que ela dissesse quando enfim terminei de contar sobre o incidente no hotel. Talvez eu esperasse choque, até mesmo decepção, ao saber a facilidade com que eu me dispusera a trair Matt. O que eu *não* estava esperando era sua inequívoca aprovação.

– Já não era sem tempo.

– O quê?

– Você me ouviu.

– Sim, ouvi. Mas *você* me ouviu? Ele me rejeitou. Simplesmente não estava interessado. E no dia seguinte mal suportava me olhar. Pode me chamar de louca, mas em qualquer uma de minhas vidas anteriores essa é uma mensagem bastante clara de desinteresse.

– Bobagem – rebateu Sarah. – Isso não significa nada. Para Jimmy, você é a única pessoa que existe no mundo. Sempre foi assim.

– Você não estava lá, Sarah. Não viu quanto ele parecia enojado. Mal podia esperar para ir embora e ficar longe de mim.

– E você falou com ele sobre isso no dia seguinte, quando estavam voltando para casa?

– Não – respondi, infeliz, lembrando da constrangedora viagem de carro. – Nenhum dos dois teve coragem de tocar no assunto. Era embaraçoso demais. Humilhante demais.

Sarah balançou a cabeça.

– Tem mais coisas aí do que você pensa. Tem de ter. Jimmy não agiria assim com ninguém, muito menos com *você*. Sei que você não soube muita coisa dele nos últimos anos, mas acredite em mim: ele continua tão apaixonado por você quanto no ensino médio.

– Você está enganada – corrija-a, com tristeza.

– Vamos ver.

Tínhamos chegado a um impasse. Não havia mais nada para dizer sobre aquela noite. Assim, enfim – e felizmente, para mim – passamos ao assunto muito menos complicado do casamento e da lua de mel de Sarah. A caminho do restaurante, ela havia buscado as provas das fotos do casamento, e, assim que nossos pratos foram retirados, ela abriu o álbum sobre a mesa.

Eu nunca tinha visto uma noiva mais linda, irradiando tanta felicidade quanto Sarah naquele dia. À medida que fui passando as pesadas páginas do álbum decoradas em alto-

relevo, não pude deixar de me sentir arrasada por não ter estado lá para partilhar aquele momento incrível com ela. Sarah deve ter percebido o que eu estava pensando e visto o pesar em meu sorriso, enquanto meus dedos pairavam ao lado de uma fotografia dela e David rindo felizes sob uma chuva de confete.

– Eu queria adiar o casamento, sabe? – disse ela em voz suave –, quando soubemos o que tinha acontecido com você, mas seu pai e Matt não quiseram nem ouvir falar nisso.

– Eles estavam certíssimos. Eu ficaria furiosa se você tivesse feito essa besteira.

Continuei virando página por página. Agora chegara às fotos da recepção, as mesas lindamente decoradas com arranjos de flores vermelho-escuras que combinavam com os laços carmim amarrados no espaldar das cadeiras.

– Tudo tão lindo... – murmurei.

Outra página, e ali estavam as fotografias dos convidados, tiradas aleatoriamente após o jantar. O rosto bonito de Matt me olhava de várias fotos de grupo. Jimmy também estava lá, sempre mais no fundo, não sorrindo para a câmera como meu noivo. Também não pude deixar de notar que, em muitas fotografias, Cathy estava presente, nunca longe de Matt. Parei para olhar seu rosto admirável e vi Sarah me observando.

– Ela estava incrível, é claro. Aquele vestido estava tão justo que deve ter sido costurado nela!

Ri. O vestido vermelho que Cathy usava parecia de fato ter sido moldado ao seu corpo, como uma segunda pele.

– Acho que ela estava tentando me ofuscar.

– Não conseguiu – garanti, mas, após virar mais uma página e ver Cathy novamente aconchegada a Matt, dessa vez na pista de dança, tive que perguntar: – Ela ficou grudada nele assim a noite toda?

Sarah deu de ombros, como se para dizer que não sabia, mas eu a conhecia bem.

– Meu Deus, ela não perde uma chance, não é?

– Você conhece Cathy – disse Sarah.

Fiquei em silêncio por um momento. Sim, eu conhecia Cathy. Talvez fosse Matt quem eu não conhecesse tão bem.

– E, de qualquer forma – disse Sarah, tirando o álbum das minhas mãos e fechando-o com firmeza –, não importa quanto ela pisque os olhinhos e mostre o decote, você ainda é a noiva dele; ainda é a garota com quem ele está desde sempre.

Assenti, mas não tinha certeza se um pequeno detalhe como esse seria capaz de deter Cathy, não se ela pusesse isso na cabeça.

– Sei que vocês dois estão passando por uma fase difícil nos últimos meses, mas você me garantiu diversas vezes que era só uma questão ligada ao trabalho... nada sério, não como aconteceu quando vocês estavam na universidade.

Empertiguei-me na cadeira.

– O quê? O que aconteceu quando estávamos na universidade? Do que você está falando?

Ela deu um pulo, com ar de culpa, e eu podia ver as engrenagens de seu raciocínio passando por seus olhos enquanto ela tentava encontrar uma saída para a gafe que acabara de cometer. Repeti a pergunta, tentando manter a voz calma e uniforme:

– O que aconteceu quando estávamos na universidade, Sarah? Me conte. Não é justo que eu não saiba.

A diversão havia desaparecido de sua voz, mas pude ver que minha súplica a tinha convencido a me contar.

– Você e Matt tiveram uma briga feia e ficaram separados por cerca de quatro meses no segundo ano.

Isso era novidade para mim. Sem dúvida Matt não havia pensado em mencionar esse fato, apesar de ter tido a oportunidade quando conversamos sobre nosso relacionamento.

– Nós rompemos? Por quê? O que aconteceu?

– Não posso dizer.

– Não seja boba, é claro que pode me dizer – tentei persuadi-la. – Não vou ficar aborrecida, nem nada assim, só quero saber.

– Não. Não é isso. O que quero dizer é que não sei.

Isso era de fato muito estranho. Como era possível que Sarah não soubesse os detalhes de algo que devia ter sido um acontecimento importante em minha vida? Nós sempre dividimos tudo. É claro que eu teria contado a ela... Mas não contei, pelo que ela informou. Ah, ela havia tentado arrancar a história de mim em muitas ocasiões, mas parecia que eu me recusara a contar.

– Eu fiquei muito chateada com o rompimento? – perguntei.

– Sim. Muito. Mas ainda assim não quis me dar os detalhes. E, acredite: eu tentei arrancá-los de você!

Então eu ri, imaginando as táticas de tortura que ela devia ter empregado. Tudo – aparentemente – sem sucesso.

Ela agitou o dedo em minha direção, num sinal de advertência.

– E esse é o motivo por que você nunca deve guardar segredos de sua melhor amiga. Porque nunca se sabe quando se vai ter amnésia e precisar que ela preencha as lacunas!

A essa altura, o restaurante estava começando a esvaziar à nossa volta. E, quando olhei pela janela, pude ver que o dia havia escurecido sob um céu cor de ardósia. Eu ainda queria conversar tanta coisa com Sarah, mas nosso tempo tinha se esgotado. Pagamos a conta, e, a fim de prolongar nossos últimos minutos juntas, disse que a acompanharia até o ponto de táxi.

Estávamos paradas em um cruzamento, esperando que o sinal abrisse, e foi então que aconteceu. O sinal para pedestres tinha acabado de ficar verde e Sarah já dera um passo para atravessar a rua quando ouvi a sirene. O estranho era que não começara soando distante, mas sim alto e estridente, como se a chegada do veículo fosse iminente. Levantei a cabeça de supetão, olhando para a esquerda e para a direita, à procura do veículo de emergência que se aproximava. Mas a rua comprida e cinzenta parecia livre em ambos os sentidos: nada vinha

em nossa direção. No entanto, o som estava em toda parte, a discordante buzina de dois tons reverberando nos edifícios e calçadas. Olhei em volta, confusa, à medida que outros pedestres começavam a atravessar a rua, entrando cegamente no caminho de um veículo em alta velocidade. Mais tarde me ocorreria quanto a situação era semelhante a meu sonho recente; aquele em que só eu podia ver que havia um perigo iminente enquanto todas as outras pessoas se mantinham alheias. Mas nesse momento eu tinha apenas um pensamento em mente: puxar Sarah, tirando-a do perigo. A sirene agora estava tão alta que eu mal pude ouvir meu próprio grito de advertência ao mesmo tempo que a agarrava pela manga do casaco, arrastando-a de volta para a calçada. Eu esperava que o estrondo do veículo cobrisse o espaço onde um momento antes minha amiga se encontrava, mas nada passou zunindo por nós em uma explosão de luzes piscantes. A rua continuava livre.

Os outros pedestres, aqueles que estavam atravessando a rua com Sarah, a essa altura tinham todos chegado em segurança ao outro lado, sem perceber nem uma única vez quão perto estiveram do desastre.

– Para onde ela foi? – perguntei a Sarah, alheia ao fato de que meu estranho comportamento era agora alvo de certa atenção do grupo de “sobreviventes” do outro lado.

Sarah, seja dito a seu favor, só pareceu um pouco abalada; como se ser arrancada do caminho de um perigo inexistente fosse algo com que ela lidasse regularmente.

– Para onde foi *o quê*?

– A sirene. – Quando ela continuou a me olhar sem entender, falei: – Você *deve* ter ouvido... Estava vindo em nossa direção!

Minha voz falhou quando lentamente começou a penetrar em meu pânico o fato de que eu não ouvia mais a sirene. Uma horrível sensação de *déjà-vu* me sobreveio.

– Você não ouviu, não foi?

Ela negou com a cabeça.

– Mas era tão ensurdecadora, como se estivesse quase em cima de nós.

Sarah balançou a cabeça outra vez.

Eu não precisava que ela me dissesse que ninguém, além de mim, tinha ouvido o som; eu podia ver isso em seus olhos.

– Isso já aconteceu antes? – perguntou ela em tom gentil.

Pensei no despertador que não estava lá, bipando durante a noite, e as inúmeras vezes em que a loção pós-barba do meu pai me envolvia como uma nuvem.

– Algumas – admiti. – Ouvi coisas, até senti o cheiro de outras...

Minhas palavras morreram.

– Você precisa contar isso ao médico quando for à consulta esta semana – instou ela, e eu sabia que estava certa, embora eu relutasse em acrescentar mais um sintoma inexplicável à minha coleção cada vez maior deles. – Deve ser algo bem comum em casos de amnésia – sugeriu Sarah, e então, vendo minha reação sombria, tentou um caminho diferente: – Ou talvez, como bateu a cabeça, você agora tenha os sentidos incrivelmente aguçados, e possa ouvir e

sentir o cheiro de coisas que o restante de nós não pode.

– Como um cachorro, você quer dizer?

Ela então riu e me abraçou.

– Sim, mas um bem bonitinho e com pedigree.



As palavras do médico desceram comigo a escadaria de mármore da clínica, percorreram toda a extensão da exclusiva rua de Londres reservada principalmente para consultórios e a movimentada rua comercial, lotada de consumidores fazendo compras de Natal. Teria sido demais antecipar uma solução simples para os meus problemas numa única consulta. Eu esperara no mínimo algumas respostas; só que acabara saindo de lá, na verdade, com mais uma centena de perguntas.

Nada em relação à consulta acontecera como eu havia imaginado, refleti, enquanto me permitia ser levada por uma onda de compradores e turistas, todos ocupados tentando aproveitar quaisquer pechinchas que houvesse nos dias que antecederiam o Natal. A clínica em si era muito mais elegante e exclusiva do que eu havia esperado, embora os consultórios dos médicos fossem bem menos intimidadores; nenhum apavorante sofá de couro para a consulta, nenhum homem de jaleco branco esperando nos bastidores para me acompanhar a alguma instalação de segurança se minha história parecesse extravagante demais para que eu continuasse vivendo entre pessoas “normais”.

Até o médico fora uma surpresa: uma mulher, quando eu esperava um homem, e muito mais maternal e calorosa que o tipo freudiano que eu vinha imaginando. Ela foi profissional o bastante para me levar a me abrir por completo em relação à minha bizarra e equivocada visão dos últimos cinco anos, e gentil o suficiente para me fazer sentir que nada do que eu disse era estranho a ponto de fazê-la pressionar o alarme de emergência, que certamente devia estar escondido em algum lugar do consultório.

O que eu não estava esperando era que aquela seria apenas a primeira de muitas sessões para desvendar meu passado perdido. Do ponto de vista médico, eu já fora submetida a todos os testes e procedimentos que eram necessários para diagnosticar qualquer problema fisiológico, mas ainda assim foi uma esmagadora decepção para mim o fato de que não haveria nenhuma solução rápida. Suponho que, em segredo, eu estivesse acalentando esperanças de que alguma medicação ou tratamento pudesse ser oferecida para dissipar minhas ilusões e fazer com que essa nova realidade parecesse... bem, real. A Dra. Andrews tinha sido gentil porém firme ao esclarecer essa ilusão em particular.

Quando enfim fiz a pergunta final, aquela cuja resposta me seguia agora como uma sombra pelas movimentadas calçadas de Londres, ela pelo menos foi honesta.

– Rachel, não posso lhe dizer quando sua memória vai voltar. Pode ser amanhã, na próxima semana, ou pode levar muito mais tempo. E, embora seja raro, tenho que ser honesta e

lhe dizer que, em alguns casos muito excepcionais, a memória perdida permanece perdida para sempre.

Perdida para sempre. Enquanto eu caminhava, as palavras me assombravam, ecoando, vazias, à medida que meus pés pisavam as ruas reluzentes da capital.

Não que a consulta inteira tenha sido só desgraças e melancolia. A Dra. Andrews havia pelo menos me feito sentir um pouco melhor em relação às estranhas sensações imaginadas que eu vinha experimentando. Aparentemente, alucinações auditivas e olfativas não eram nem um pouco incomuns para vítimas de trauma craniano e, quando questionei por que as coisas que eu ouvira e cujo cheiro sentira eram tão específicas, ela também tinha uma teoria razoável para isso. A fragrância da loção pós-barba do meu pai teria conotações de segurança e proteção para mim e, como o sentido do olfato é particularmente eficaz em nos levar de volta a um lugar do nosso passado, a médica deduziu que a alucinação devia espelhar sentimentos de segurança física que vivi quando criança, no colo dele. Seu raciocínio sobre as sirenes imaginadas era ainda mais prosaico – ela supôs que, ao ser levada para o hospital após o assalto, eu não estivesse de todo inconsciente e a sirene da ambulância de alguma forma se implantara em minha memória, e agora estava sendo repetida de forma aleatória enquanto minha mente confusa lutava para fincar um pé na realidade.

Ela pareceu um pouco menos segura do porquê de eu estar também ouvindo alarmes que não existiam, mas me assegurou de que com o tempo desvendariamos todos os mistérios. Com o tempo. Isso resumia tudo. Eu teria de ser paciente e deixar a verdade revelar-se em um fato de cada vez, e ela me garantiu que, com cada elemento que emergisse, eu poderia me desapegar de um pedaço equivalente de minha história imaginada, até que por fim somente o passado real restaria.

Para mim, parecia um processo muito lento, e eu ainda não conseguia deixar de pensar que teria sido bem melhor se ela tivesse me receitado algum tipo de tratamento breve – por mais horrível que fosse – para fazer com que tudo se passasse com mais rapidez.

A coisa de que mais gostei em relação à Dra. Andrews foi ela não ter rido quando respondi à sua pergunta de por que *eu* achava que tinha duas vidas passadas inteiramente diferentes. Sua reação nada teve a ver com a de Jimmy quando apresentei minha primeira teoria dos mundos paralelos. Pelo menos *ela* não gargalhou e atribuiu tudo a minhas escolhas literárias um tanto fantásticas. Fechei depressa a porta para essa linha de pensamento. A semana inteira eu não me permitira pensar em Jimmy, e ali, no consultório de uma psiquiatra que era hábil em sondar os segredos mais íntimos de uma pessoa, decididamente não era a hora de seguir outra vez por esse caminho.

Embora eu mesma não houvesse mais falado com Jimmy, sabia que ele vinha mantendo contato diário com meu pai, pois eu ouvira conversas sussurradas atrás de portas que não estavam tão bem fechadas quanto meu reservado pai pensara. Assim, apesar de ele claramente não estar ansioso para falar comigo, Jimmy ainda queria saber como eu estava, todos os dias. E por mais que parte de mim ficasse contente em saber que ele se importava o suficiente para

ligar, outra parte ia ficando cada vez mais furiosa por ser com meu pai que ele queria falar, e não comigo. Isso confirmava minhas piores suspeitas: que ele ainda estava tão desconfortável com o que acontecera entre nós no hotel que não podia me encarar nem me perdoar. Eu me perguntava se um dia ele conseguiria fazer as duas coisas.

Cansada de ser empurrada pelas pessoas que andavam com determinação fazendo suas compras de Natal, entrei em um pequeno café e encontrei uma mesa vazia. No último momento minha consulta fora remarçada do fim da tarde para o início da manhã. Eu não me importara em ter de pegar o primeiro expresso para Londres, mas agora restavam-me muitas horas para matar antes do encontro marcado com Matt para o jantar e uma carona de volta a Great Bishopsford. Ficara tarde demais para ligar para Matt no dia anterior e informá-lo sobre a mudança de planos, e, embora eu tivesse pensado que pudesse passar o tempo extra em Londres fazendo compras de Natal, a consulta havia me esgotado mentalmente mais do que eu esperara, e agora eu não tinha a menor vontade de empurrar e abrir caminho em meio a hordas de pessoas nas lojas de departamentos.

Olhei para o relógio em meu pulso. Era apenas o fim da manhã, mas havia uma possibilidade de que Matt estivesse livre para um almoço antecipado. Seria bom explicar para ele algumas das coisas que a Dra. Andrews dissera enquanto ainda estavam frescas em minha mente. Talvez o ajudasse a compreender por que eu achava tão difícil voltar para meu papel de sua noiva, como eu sabia que ele estava esperando que eu fizesse. Agindo num impulso, peguei meu celular e rolei para baixo a lista de contatos até chegar a *Matt (escritório)*.

A secretária dele atendeu a ligação no segundo toque, seu frio tom profissional aquecendo consideravelmente ao reconhecer minha voz.

– Ah, Rachel, sinto muito, mas ele acabou de sair. Faz um dez minutos que foi para o apartamento, mas você vai encontrá-lo lá para o almoço mesmo, não vai?

– Humm...

Não sei por que não corriji imediatamente sua suposição, mas uma vozinha de advertência me disse que não o fizesse. E eu a escutei.

– Ele deve chegar lá logo, logo, se o trânsito permitir. E você pode, por favor, dizer a ele que consegui cancelar as reuniões desta tarde, como ele pediu?

– Ah... ótimo. Vou dizer, sim.

– Foi um prazer falar com você de novo. Espero que aproveitem o almoço. Estamos todos muito felizes em saber que está melhorando.

– Obrigada... – Tentei lembrar seu nome, mas é claro que nada surgiu, então apenas repeti: – Obrigada.

Fiquei ali sentada olhando para o meu telefone por muito tempo antes de enfim fechar o aparelho e guardá-lo na bolsa. Não me lembro de ter terminado o café ou pagado a conta, mas, como ninguém correu atrás de mim gritando “ladra” quando deixei a cafeteria, creio que devo ter cuidado do assunto.

Havia uma centena de diferentes razões para que a secretária de Matt tivesse entendido

mal o que ele lhe dissera sobre seus planos. Afinal, tínhamos a intenção de nos encontrar para o jantar naquela noite e, quando ele pediu que ela cancelasse os compromissos da tarde, ela podia ter se confundido e acreditado que íamos nos encontrar no almoço e não no jantar. No entanto, ela soara tão certa de que ele estava a caminho de me encontrar no seu apartamento... Como poderia ter entendido isso errado?

Mas talvez eu estivesse ignorando a pergunta ainda maior. O que era tão urgente a ponto de fazer um workaholic como Matt cancelar toda a agenda no meio do dia? Porque certamente não era para almoçar com sua noiva.

Foi bem fácil pegar um táxi, embora eu tenha precisado consultar meu caderno de endereços em busca da localização do apartamento de Matt. À medida que o táxi rastejava pelo trânsito do meio-dia, tentei manter a mente vazia e me recusei a ouvir a voz em minha cabeça que berrava uma previsão do resultado daquela visita surpresa. Eu ficava me dizendo que sabia tão pouco sobre as práticas de trabalho de Matt que desaparecer assim no meio do dia talvez fosse um comportamento perfeitamente normal da parte dele. *Sei*, disse a voz.

Por fim, o táxi parou diante de um bloco de apartamentos de aspecto elegante.

– Chegamos, querida, Hanbury Mansions.

Tentei um sorriso que saiu um pouco rígido demais para ser natural e levei a mão à carteira para pegar uma cédula para o motorista. Vi então que minha mão estava tremendo um pouco. Isso é ridículo, censurei a mim mesma. Por que algo que sem dúvida teria uma explicação muito simples me perturbava tanto? Estava vendo mistérios onde não havia nenhum, e certamente eu já tinha drama suficiente na vida real e não precisava inventar um novo.

Eu quase disse ao taxista que havia mudado de ideia, mas isso foi antes de olhar pela janela manchada pela chuva e ver o carro de Matt discretamente estacionado a um lado do pátio, em uma vaga particular. Ok, então ele *estava* ali. Isso ainda não significava nada. No entanto, minha mão, que hesitara sobre a maçaneta da porta, pressionou-a para baixo e saltei do táxi.

Minha determinação vacilou ligeiramente ao olhar para cima, para o edifício alto de vidro e tijolos vermelhos. Quanto eu pareceria estúpida quando tudo isso se provasse nada mais que uma suspeita infundada? Para não dizer paranoica. Sem dúvida isso me daria mais material para trabalhar com a Dra. Andrews em nossa próxima sessão.

No entanto, meus pés continuaram a andar na direção do prédio. Mesmo sabendo que Matt podia ter uma centena de razões para voltar para casa no meio do dia, razões que ele optara por não partilhar com sua secretária, eu ainda não podia ignorar o impulso que havia me levado àquela jornada após o telefonema para o escritório dele.

Mas, pela primeira vez, me ocorreu me perguntar se eu queria mesmo levar isso adiante. Embora eu tivesse tentado não dar ouvidos à voz de advertência em minha cabeça, eu não era completamente estúpida. Sabia que o que quer que estivesse prestes a acontecer a partir daquele ponto poderia terminar muito mal. No entanto, as palavras da secretária haviam

plantado uma pergunta em minha cabeça, que agora clamava por uma resposta. O táxi acelerou atrás de mim e se afastou depressa do pátio, eliminando minha última chance de fuga. Respirei fundo, endireitei os ombros e me dirigi ao prédio.

A grande entrada na fachada de vidro do edifício era controlada por um porteiro uniformizado, que educadamente manteve abertas as portas para que eu entrasse. Só dentro do prédio me ocorreu que eu não tinha a menor ideia de qual era o apartamento de Matt. A única informação que eu tinha era o endereço do prédio. A bancada com as caixas de correio trancadas à esquerda do saguão mostrava que havia uns vinte apartamentos naquele bloco: Matt podia morar em qualquer um deles. A solução óbvia seria perguntar ao *concierge* uniformizado no balcão da recepção qual era o apartamento do Sr. Matt Randall. Mas, se eu fizesse isso, o protocolo mandaria que ele interfonasse e anunciasse o visitante. É lógico que não se estabelece esse tipo de segurança na entrada para deixar qualquer um subir. E, claro, se eu fosse anunciada, perderia o elemento surpresa, então a única solução seria passar por ele e descobrir qual era o apartamento de Matt.

Em um lampejo de inspiração, peguei um pedaço de papel em branco na minha bolsa e fingi consultá-lo, como se confirmasse a validade de minha presença ali àquela hora. Se eu simplesmente passasse pelo segurança com confiança, talvez isso desse certo. Por sorte, o telefone da recepção tocou naquele momento, e, enquanto ele se ocupava atendendo à ligação, aproveitei a oportunidade. Mantendo meus olhos fixos na série de elevadores nos fundos do saguão, passei resoluta pelo balcão. Fui rápida, mas não o bastante.

– Com licença.

Ignorei a voz. Caminhei com determinação, como se tivesse todo o direito de estar ali, falei a mim mesma, sem mostrar hesitação ao andar.

– Senhorita, com licença.

Dessa vez sua voz soou mais alta e eu hesitei. Não havia mais ninguém no saguão. Ele só podia estar se dirigindo a mim. Considerei prosseguir assim mesmo, mas era impossível ignorar a súbita e indesejada cena que imaginei, em que eu era arrastada do edifício entre dois seguranças corpulentos. Virei-me na direção do balcão com o que eu esperava ser um sorriso inocente. Um segundo segurança, que até então eu não havia notado, ergueu os olhos com interesse da pilha de papéis diante de si: a conversa que viria a seguir prometia ser mais interessante que sua presente tarefa.

O primeiro homem, o que havia me chamado, fez um pequeno movimento com o dedo para que eu me aproximasse do balcão. Ah, isso era mais do que constrangedor. Lancei um rápido olhar na direção da entrada, ainda protegida pelo porteiro número três. A possibilidade de fugir correndo por ali não era uma opção. Sentindo-me culpada, e esperando parecer qualquer coisa menos isso, tentei continuar sorrindo enquanto seguia até o balcão da recepção com pernas bambas. Quando fui me aproximando, percebi que o que supusera ser um olhar carrancudo era na verdade um sorriso bastante agradável.

– Pois não? – perguntei, esperando que ninguém além de mim pudesse perceber o tremor

em minha voz.

– Não esqueceu alguma coisa? – ofereceu o homem.

Olhei para ele, piscando, com ar de idiota. Esqueci exatamente o quê? De me apresentar na recepção? Que não moro neste prédio? Droga, eu era muito melhor que isso: na verdade, eu esquecera os últimos cinco anos.

– Sua chave? – prosseguiu o homem, como se extraísse a resposta de uma criança em aula.

– Hum, ah, é claro, minha chave – respondi, e abri a bolsa para fingir que procurava uma chave que eu não tinha.

O sorriso do guarda se abriu um pouco quando ele estendeu o braço sobre o balcão e me entregou a chave de uma porta, presa a um grande chaveiro de prata. Sua voz soou gentil ao continuar:

– A senhorita sempre nos pede para guardar a chave do apartamento do Sr. Randall aqui na recepção, Srta. Wiltshire – explicou ele, em tom gentil e paternal. – Assim não precisa carregá-la o tempo todo.

Estendi a mão para pegar a chave oferecida, notando, agradecida, que havia um número gravado no chaveiro.

O guarda hesitou, como se não soubesse se o comentário seguinte seria inteiramente apropriado.

– Todos esperamos que esteja se sentindo melhor agora, Srta. Wiltshire. Sentimos sua falta por aqui.

– Hum, obrigada. É muita gentileza sua.

Meus dedos se fecharam em torno da chave e sorri para os dois homens, percebendo pela primeira vez que o mais jovem deles parecia um tanto agitado. Seus olhos iam de mim para a chave e então voltavam para o colega mais velho. Alguma coisa no fato de eles me entregarem a chave o perturbava, mas eu não pretendia ficar ali tempo suficiente para que ele manifestasse sua preocupação.

Virei-me e comecei a me encaminhar na direção dos elevadores mais uma vez, ouvindo um comentário sussurrado às pressas e uma exclamação como resposta vindos dos homens no balcão.

Apertei o botão para chamar o elevador.

Mais sussurros em tom de urgência; eles visivelmente se encontravam em um dilema a respeito de alguma coisa. Uma instrução foi dada, logo seguida pelo som de um teclado de telefone sendo digitado com força. Mais uma exclamação e uma troca acalorada de murmúrios entre os dois.

Onde estava o maldito elevador? Ouvi tentarem o telefone outra vez no exato momento em que o elevador apitou, anunciando sua chegada. Captei apenas as palavras “ainda noivos” quando as portas se abriram e eu entrei.

– Srta. Wiltshire – chamou o homem mais velho, levantando-se de sua cadeira e começando a se afastar do balcão.

Mas ele não foi rápido o bastante e as portas deslizaram, fechando-se, antes que estivesse na metade do saguão.

O apartamento de Matt era na cobertura, e eu só podia torcer para que o interfone tivesse permanecido ocupado pelo tempo que levei para chegar até lá. Acho que a essa altura eu já sabia o que preocupava os seguranças na recepção e por que eles não queriam que eu chegasse ao apartamento sem alertá-lo primeiro.

A sorte claramente estava comigo, pois quando alcancei a porta de entrada não havia nenhum sinal de que minha visita tivesse sido anunciada. Do interior do apartamento eu podia ouvir vagos acordes de música, mas nenhuma conversa.

Respirei fundo para acalmar os nervos, ensurdecida por um momento pelas batidas fortes do meu coração, e enfiei a chave na fechadura. A porta se abriu para um amplo apartamento de piso de madeira, no estilo loft, decorado de modo elegante, em couro preto e branco. A fonte da música estava à minha esquerda; os lentos e sedutores acordes de jazz saindo de um sofisticado aparelho de som.

Em uma mesa de vidro retangular grande e baixa, via-se uma garrafa de vinho aberta, ao lado da qual havia duas taças meio vazias. A um lado do imenso sofá de couro estava o telefone, com o fone fora do gancho ao lado da base. *Boa sorte com aquela ligação, rapazes*, pensei com ironia, surpresa com o gosto amargo que de repente eu sentia na garganta. A sala estava vazia.

Durante vários minutos fiquei ali parada, plantada no lugar; então, vindo de um ponto distante nos fundos do apartamento, ouvi uma voz, seguida pelo que parecia uma risada suave. Não me mexi. Agora eu sabia a resposta à pergunta. Sabia pelas evidências à minha frente naquela sala. Para ser honesta, soubera mesmo antes de deixar a cafeteria e chamar o táxi. Eu precisava mesmo ir até o fim, até a conclusão feia e inevitável?

Meus pés começaram a me levar na direção das vozes. Ao que parecia, precisava, sim.

A porta estava aberta. Bem, por que não estaria? Eles acreditavam que tinham o lugar só para eles. Entrei no quarto sem fazer barulho, vendo mais do que queria de seus corpos entrelaçados, antes que algum sentido latente os alertasse de minha presença. Suas reações foram bem diferentes: Matt deu um salto para trás, como se tivesse sido eletrocutado, largando na mesma hora a mulher que estava em seus braços. Cathy, por sua vez, movia-se com deliberação, os olhos indecifráveis enquanto ela lentamente estendia o braço para puxar um lençol e cobrir os seios nus.

Permanecemos imóveis pelo que só pode ter sido um ou dois segundos, mas pareceu uma eternidade, congelados em um horrendo quadro de mau gosto.

Eu havia pensado que diria alguma coisa, mas a capacidade de falar foi roubada de mim por um momento. Para minha surpresa, foi Cathy quem quebrou o silêncio:

– Bem, isso é horrivelmente familiar.

Matt lançou um olhar furioso para ela antes de pegar a calça que ele havia descartado de modo negligente ao lado da cama. Seus olhos estavam fixos nos meus enquanto ele se

atrapalhava tentando vestir a roupa. Eu vira o suficiente.

Dei meia-volta, saindo do quarto, e comecei a atravessar o grande apartamento. Eu andava depressa, mas tudo tinha um estranho aspecto de sonho, como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Atrás de mim, pude ouvir Cathy dizer alguma coisa, que foi logo seguida por uma réplica furiosa de Matt. Eu já estava quase à porta quando o ouvi gritar:

– Rachel, espere! Por favor, espere!

Andando ainda mais rápido, alcancei a porta e a abri. Suas próximas palavras foram silenciadas quando fechei, ou melhor, *bati* a porta da frente.

Mais uma vez no corredor, com a cena patética e pavorosa fechada no apartamento atrás de mim, finalmente respirei. Eu nem tinha me dado conta de que esquecera de respirar desde o momento em que flagrara meu noivo na cama com outra mulher. A sensação de tontura que havia começado a turvar meus sentidos na mesma hora foi levada em uma onda de oxigênio, e com ela também veio a dor, e, ainda pior, a humilhação. Na verdade, a única emoção que não me assaltou foi a surpresa. Não era isso, afinal, exatamente o que eu esperara ver?

Não aguardei o elevador, mas segui as indicações para a escada de emergência, mal tendo passado pela porta corta-fogo quando Matt saiu de supetão no corredor, abotoando a camisa às pressas sobre um torso que ainda reluzia do suor de suas atividades.

Infelizmente, ele ouviu a porta se fechar ou adivinhou para onde eu tinha ido, pois não perdeu tempo chamando o elevador e disparou pelo corredor na direção da escada. Ouvi o barulho da porta se abrindo e meu nome sendo chamado e ricocheteando pela escada de concreto. O apartamento dele era no quinto andar: isso significava cinco lances de escada. Eu ainda tinha uma vantagem. Podia conseguir, se corresse.

Ele me alcançou antes que eu estivesse na metade do caminho, meu progresso retardado pelos saltos altos e pela visão embaçada. Estranhamente, só naquele momento percebi que estava chorando. Ainda assim, ele devia ter voado escada abaixo, os pés descalços ecoando nos degraus para me alcançar tão depressa. Matt estendeu a mão para me deter, com tanta força que quase caí, seus rápidos reflexos me puxando contra si para evitar que eu despencasse pelo restante dos degraus. Senti o calor e a umidade de seu corpo através do tecido fino da camisa e me encolhi, enojada. Era o calor dela.

– Rachel, por favor, pelo amor de Deus, ande mais devagar antes que você caia.

Virei-me para ele então, minha raiva felizmente tão quente que em um instante secara as lágrimas.

– Como se você se importasse! Como se essa não fosse a solução perfeita!

Estranhamente, uma expressão aflita contorceu seu rosto.

– É claro que me importo. Como você pode dizer uma coisa dessas?

Veneno, escuro e tóxico, percorria o meu corpo.

– Bem, não sei, deixe-me pensar... Seria o fato de que há menos de cinco minutos você estava ocupado transando com outra pessoa?

Minhas palavras provocaram espasmos em seu rosto e ele estendeu a mão para mim, mas

recuei, com repulsa.

– Por favor, Rachel, me deixe...

Eu o interrompi.

– O quê, Matt? O que você quer fazer? Explicar? É essa a palavra? Nem se dê ao trabalho. Vi o suficiente do seu filmezinho sujo para que nenhuma explicação seja necessária. Eu compreendo *perfeitamente* o que está acontecendo!

– Não está *acontecendo* nada! – gritou ele.

– É mesmo? – rebati. – Não era o que parecia de onde eu estava! E lembre-se: eu assisti de camarote. Posso estar com amnésia, mas até *eu* sou capaz de lembrar que o que você e Cathy estavam fazendo definitivamente não é *nada*!

Ele correu a mão pelo cabelo, frustrado.

– Não, eu não quis dizer isso. O que eu quis dizer é que isso não significa nada para mim. *Ela* não significa nada para mim. Era só sexo. Nada mais.

Fingi um olhar de esclarecimento antes de cair sobre ele, furiosa como um tigre:

– E isso deveria fazer com que eu me sentisse *melhor*? – Ele parecia impotente, procurando palavras, e aproveitei a vantagem do momento. – Sabe de uma coisa, Matt? Eu não ligo.

– Não, Rachel, não diga isso. Você tem que me deixar explicar. Tem que me deixar consertar isso.

Foi difícil não atacá-lo, não por causa de suas palavras, mas de sua incapacidade em compreender exatamente o que ele fizera.

– Não tem como “consertar isso”, Matt. Você não entende? Qualquer que tenha sido sua razão, não importa. Nada pode consertar de novo.

– Você não pode estar falando sério – suplicou ele, e havia angústia em sua voz. Não que eu fosse amolecer se ele não as tivesse dito, mas suas palavras seguintes selaram seu destino: – Na semana passada, quando você trancou a porta para mim...

Ele não pôde terminar. A fúria, como lava derretida, fluiu por minhas veias.

– O quê? Então é isso? Faz três semanas que sofri o acidente, e isso justifica você ir para a cama com outra pessoa? É isso que está me dizendo? É isso?

Ele pareceu preocupado, sabendo que, de todas as coisas que nunca poderiam ter sido ditas, essa era provavelmente a pior.

E foi nesse momento que as palavras de Cathy me vieram à cabeça. As palavras que ela disse quando os flagrei.

– E o que foi que Cathy quis dizer lá em cima ao falar que isso era “horridamente familiar”? – Um rubor lento invadiu suas bochechas, enquanto eu sentia que o sangue se esvaía das minhas. – O quê? Isso já aconteceu antes? Você está tendo um caso com ela pelas minhas costas? É isso?

– Não, não. É claro que não. Eu disse: foi uma única vez. Apenas... aconteceu.

Havia mais coisas ali do que ele estava admitindo, eu podia sentir.

– Mas você já ficou com ela antes, não foi?

Vi a expressão baça da confissão em seus olhos.

A inspiração me veio então, enquanto as pecinhas nojentas do quebra-cabeça se encaixavam.

– Ah, meu Deus! Eu peguei vocês dois antes, não foi? Quando estávamos na universidade?

Por um momento insano ele pareceu satisfeito por eu estar recuperando minha memória.

– Você se *lembra* disso?

– Não inteiramente – sibilei. – Mas *foi* o que aconteceu, não foi? Eu peguei vocês dois juntos e nós rompemos?

Ele assentiu, infeliz.

– Mas você me perdoou.

Então vi a súplica em seus olhos. E matei aquela esperança antes que ela pudesse sequer ganhar fôlego, esmagando-a com o pé para extinguir qualquer vida que ela pudesse ter.

– Não desta vez, Matt. Você não vai ter mais nenhuma chance de fazer isso comigo. Nunca mais.

CAPÍTULO 11

Andei por um bom tempo, até a raiva diminuir e a humilhação apenas me incomodar, em vez de me cortar como uma lança. Infelizmente, por mais longe que eu fosse, não conseguia apagar a imagem com que fora saudada no quarto do Matt: os dois corpos perfeitos entrelaçados como uma obra de arte exótica. Deduzi que nada me pouparia de ter essa imagem gravada em minha memória durante muito tempo. Era mesmo irônico o fato de que ela permaneceria comigo quando grande parte da minha vida naqueles dias se tratava de esquecimento.

Por fim, o frio e o cansaço detiveram meus pés inquietos. Olhei a esquina de um cruzamento movimentado, li o nome de uma rua da qual jamais ouvira falar e me dei conta de que não fazia ideia de onde estava. Havia passado horas andando desatenta e, pela primeira vez desde que deixara o prédio de Matt, obriguei-me a pensar no que faria em seguida. A resposta me ocorreu de modo surpreendentemente natural.

Poucos minutos depois, eu chamava um táxi e informava ao motorista o endereço do apartamento de Londres que eu havia visitado com Jimmy apenas uma semana antes. Pedi ao taxista que fizesse uma parada no caminho para que eu pudesse comprar algumas coisas de que precisaria. O celular não parava de tocar enquanto atravessávamos a cidade, mas eu o ignorei, como vinha fazendo desde que conseguira me desvencilhar de Matt na escada. Por fim, ele parou de telefonar, talvez se dando conta de que todas as palavras seriam supérfluas, porque na verdade não havia nada a dizer.

O taxista sem dúvida mereceu sua gorjeta, ajudando-me a levar ao prédio as caixas que eu havia comprado no caminho. Quando entrei no meu apartamento, embora não fosse ser meu por muito tempo, deixei as caixas de papelão junto à parede, com os rolos de fita adesiva, a tesoura e o cordão que também havia comprado.

O telefonema para meu pai foi complicado. Não havia uma maneira fácil de expor a situação, e, embora eu tentasse maquiagem o que havia acontecido, a intuição paterna o deixou alerta. Precisei usar todo o meu poder de persuasão para impedi-lo de entrar no próximo trem para Londres.

– Não gosto da ideia de você passar a noite sozinha aí. Vai ficar remoendo o que aconteceu.

– Não vou, não – garanti-lhe, na esperança de que não fosse mentira. – Vou estar ocupada demais embalando as coisas.

Por fim, algo na minha voz deve tê-lo convencido de que eu não estava nem terrivelmente

deprimida nem suicida, porque ele parou de tentar me fazer mudar de ideia e apenas me pediu que ligasse pela manhã. Desliguei o telefone, certa de que o fato de eu ter terminado o noivado e estar deixando o apartamento de Londres não era má notícia para ele. Era cedo demais para eu saber se era para mim.

Comecei a dispor as caixas, distribuindo-as pelos cômodos. Trabalhei metodicamente, esvaziando armários, gavetas e guarda-roupas de modo tão impessoal quanto o funcionário de uma empresa de mudança, embalando os pertences que eu não reconhecia, de um apartamento do qual não me lembrava.

Guardei pouquíssima coisa nas duas caixas que voltariam comigo para Great Bishopsford, enchendo-as de documentos importantes e objetos que eu reconhecia de muitos anos antes. As lojas de caridade e o depósito de lixo podiam ficar com o resto. Eu queria levar o mínimo possível daquele lugar que não fazia parte da minha memória.

Embalar os objetos foi estranhamente catártico, e, conforme caixa após caixa se enchia e era lacrada, era como se eu estivesse fazendo mais do que apenas me livrar deles. Ali, eu enfim descobria a única vantagem de ter amnésia: não havia sofrimento em embalar as coisas de uma vida da qual não nos lembrávamos, não havia arrependimento quando não estávamos deixando nenhuma recordação para trás.

Só hesitei uma vez, com minha fotografia com Matt em Paris. Ela parecia não pertencer a nenhuma caixa, por isso criei uma nova pilha de objetos que imaginei terem sido presentes dele: coisas caras demais para jogar fora. Elas podiam ser separadas e devolvidas num futuro próximo.

Quatro horas depois, eu havia terminado. Minhas costas doíam, e eu estava um tanto suja, mas, ainda assim, pela primeira vez senti que, apesar de suas revelações terríveis, aquele era o primeiro dia em que eu tomava medidas para o futuro, afastando-me do passado.

Recostei-me na lateral da cama, cansada demais para me levantar do chão. Só precisava fechar os olhos por um instante.



Batidas e gritos vinham de algum lugar próximo, mas não o bastante para me acordar por completo. Quando a porta se abriu, entretanto, com tanta força que entortou uma das dobradiças, *isso* me acordou. Da minha posição no chão, ergui os olhos, piscando como uma coruja míope na súbita claridade do quarto. Tentei focalizar o vulto grande que ocupava o vão da porta, recortado contra a gama de luzes do restante do apartamento: luzes que eu sabia não ter deixado acesas.

– Graças a Deus!

Meus ouvidos reconheceram a voz, embora meus olhos estivessem pesados demais de sono para reconhecer qualquer coisa.

– *Jimmy?* O que você está fazendo aqui?

Mas ele não respondeu à pergunta e, em vez disso, se virou para uma pessoa atrás dele que só agora eu via. O desconhecido baixinho e de meia-idade olhou para mim e para Jimmy antes de perguntar, hesitante:

– Está tudo bem, policial?

Consegui me levantar, esfregando os olhos como se aquilo fosse um sonho maluco do qual eu pudesse me livrar com um gesto. Baixei as mãos. Não, ambos continuavam ali.

Com a mão firme, Jimmy conduziu o homem pelo apartamento, até a porta da frente, durante todo o tempo agradecendo pela sua ajuda.

O homem se deixou ser levado, parecendo ao mesmo tempo admirado e um pouco decepcionado por ser tão prontamente excluído do possível desenrolar de um drama.

– Se o senhor precisar de mim para dar um testemunho ou qualquer coisa... – A voz se perdeu.

– Não vai ser necessário. Mas fico realmente grato pela sua ajuda.

Esperei Jimmy fechar a porta e voltar para a sala. Não falei nada enquanto ele guardava o distintivo policial no bolso do casaco, mas a inclinação da minha cabeça e minhas sobrelhas erguidas diziam tudo.

Ele se mostrou vagamente constrangido, mas não de todo arrependido.

– Isso está dentro da lei?

– *O que* está dentro da lei?

– Usar o seu distintivo para invadir a residência de alguém?

Os olhos dele se fixaram nos meus, mas não consegui decifrar sua fisionomia.

– Eu não invadi o apartamento – corrigiu-me ele. – Pedi ao zelador que abrisse a porta.

– Dizendo a ele o quê, exatamente? Que sou uma terrorista? Uma assaltante de bancos? Ou uma doida fugida?

Ele pareceu incomodado com a minha última sugestão. Cobriu a distância que nos separava com dois passos curtos e respondeu em voz baixa:

– Que ninguém estava conseguindo falar com você... Que você sofreu um trauma há pouco tempo e depois teve uma notícia muito ruim. E que você podia estar... mal.

Ele me abraçou, e senti o tremor de suas mãos quando me puxou para perto. Então consegui enxergar tudo por outros olhos, diferentes dos meus, entendendo por que a preocupação logo se tornara pânico.

– Você falou com meu pai? – perguntei contra a camisa dele, onde meu rosto ainda estava enterrado.

– Falei.

– Ele não disse que eu só queria ficar aqui para esvaziar o apartamento? Que voltaria para casa amanhã?

Ele suspirou, e sua voz parecia um pouco rouca ao responder:

– Eu precisava falar com você. Ter certeza de que estava bem. E quando tentei, só Deus sabe quantas vezes, telefonar...

– Eu estava ignorando as ligações. Achei que fosse Matt.

Ele se afastou e estudou meu rosto, como se tentasse ver o que me custara dizer o nome dele.

Evidentemente, meu rosto não revelava nada, porque ele disse, hesitante:

– Seu pai mencionou que vocês tiveram um desentendimento.

Soltei uma risada amarga, sem nenhum humor.

– É, pode-se dizer que sim. Ele achou que não tinha problema transar com Cathy no apartamento dele hoje e, por mais estranho que possa parecer, eu discordei.

Algumas emoções cruzaram o rosto de Jimmy, depressa demais para eu diferenciar umas das outras, mas achei ter visto ali uma raiva incontida, bem como algo mais suave, como esperança.

– Seu pai não disse nada disso!

– Conteí a ele a versão editada.

Segurando minha mão, Jimmy me conduziu ao sofá e se sentou ao meu lado. Pensei em recolher a mão, mas ele não demonstrava nenhuma pressa em soltá-la, por isso a deixei envolta na dele.

– Conte como foi – pediu.

Com voz suave e encorajadora, mais uma vez ele era meu amigo e confidente, mas havia algo em seus olhos, algo que eu mal reconhecia e que estava surtindo um efeito desconcertante no meu batimento cardíaco.

Ele se manteve em silêncio absoluto enquanto eu lhe contava sobre meu dia: desde a consulta médica até a descoberta da traição de Matt. Manteve-se tão imóvel me ouvindo falar que precisei observar seu rosto com extrema atenção para notar sua reação às minhas palavras. A contração do maxilar quando cheguei à parte em que deparei com Matt e Cathy foi a única indicação da raiva que eu sabia que ele estava tentando controlar.

Quando enfim terminei, ele virou minha mão dentro da sua, demorando-se para escolher as palavras certas.

– Sinto muito, Rachel. Sinto muito que ele tenha feito isso com você. Sinto muito que a tenha magoado. Sei quanto você... o... ama. Mas você merece mais do que isso.

O rosto dele estava muito perto do meu, apenas alguns centímetros de distância. Ergui os olhos, na esperança de que ele conseguisse enxergar neles tudo o que eu não havia conseguido dizer. Ví sua cabeça começar a baixar, e meus lábios se entreabriram quando fechei os olhos, em expectativa. Eles voltaram a se abrir instantes depois, ao sentir Jimmy roçar os lábios em minha testa no mais leve dos beijos.

Então ele se levantou, o clima mudando abruptamente, como se um interruptor tivesse sido acionado. Sem fitar meus olhos, que eu sabia que ainda revelavam confusão, ele consultou o relógio num gesto exagerado.

– Está ficando tarde. Vou sair para comprar o jantar para nós. Você não deve ter comido nada o dia inteiro, comeu?

Apenas balancei a cabeça, deduzindo que não conseguiria manter afastado da voz tudo o que estava sentindo.

– Então vou comprar alguma coisa para a gente comer. Não demoro.

A saída dele foi tão apressada que quase chegou a ser engraçada. Quantas vezes mais eu interpretaria erroneamente os sinais e teria que vê-lo quase fugir de mim, até aceitar que qualquer sentimento que eu tivesse por ele precisava ser deixado de lado? É claro que não havia chance de ser correspondida.

Ele não demorou muito para encontrar um restaurante próximo, e eu havia acabado de lavar o rosto e as mãos quando voltou, com diversas caixinhas de comida chinesa e duas garrafas de vinho.

– Estamos esperando companhia? – perguntei, ao ver a série de caixas que ele abria sobre a mesinha de centro, exalando um cheiro delicioso.

– Espero que não – respondeu ele, sério, e não era preciso ser nenhum gênio para entender quem ele achava que poderia aparecer.

Eu, por minha vez, pensava que isso não era uma possibilidade nem remota. Tinha certeza de que Matt chegara à conclusão de que bater à minha porta naquela noite não o favoreceria muito. Mas a ideia do que poderia acontecer entre eles se Matt *fosse* tolo o bastante para aparecer me deu um calafrio.

Surpreendentemente, eu estava com fome e consegui fazer uma justiça razoável ao nosso jantar improvisado. Enquanto caçava o último pedaço de comida em uma das caixas com o *hashi*, notei que Jimmy observava meu apetite saudável com mal disfarçada aprovação.

– Você não precisa fazer isso.

– Fazer o quê? – perguntou ele, sem saber que eu o surpreendera me observando.

– Conferir como estou. Ver se estou bem o tempo todo. Se não estou prestes a me esvaír em sofrimento ou de fome, ou se vou fazer alguma... bobagem... num ataque depressivo.

– Eu não faço isso – disse ele, a voz cheia de uma segurança que não me enganava.

Afinal, eu o conhecia havia muito, muito tempo.

– Então que história foi essa de hoje, e dessa sua entrada intempestiva?

Ele me encarou, mas não respondeu nada.

– Não preciso de mais um pai para cuidar de mim – afirmei. Eu corria o risco de parecer ingrata, mas precisava ter certeza de que ele compreendia. – Não é função sua ficar me salvando.

Seus olhos se mantinham indecifráveis, mas ele enfim respondeu, em voz baixa:

– Eu sei. Só que eu sinto...

Curiosamente, sua voz falhou.

– O quê? – instei, num murmúrio.

– Eu me sinto... em parte responsável pelo que aconteceu com você e Matt.

Isso estava longe de ser o que eu esperava ouvir.

– De onde você tirou essa ideia?

Ele suspirou e se sentou na poltrona de frente para mim, deixando o grande espaço da mesinha de centro entre nós.

– Matt e eu nunca nos demos muito bem...

– Isso não é nenhuma novidade.

Ele ignorou meu sarcasmo e prosseguiu:

– E acho que, desde que você foi atacada, você e eu passamos muito tempo juntos. Sem dúvida, pude ver mais de você do que Matt pôde.

A ambiguidade involuntária do que ele disse me trouxe à cabeça uma imagem que logo enterrei no fundo da mente.

– E isso pode ter piorado a situação entre vocês dois.

Fiz menção de interrompê-lo, mas ele levantou a mão para me deter.

– E o que aconteceu hoje, no apartamento dele... Acho que a culpa é um pouco minha também.

Fitei-o, incrédula.

– Só se você pagou Cathy para ela tirar a roupa e se deitar na cama do noivo de outra pessoa!

Ele passou a mão no cabelo, claramente irritado com alguma coisa que eu não estava conseguindo entender.

– Pelo amor de Deus, Rachel, não seja tão simplista! Você não acha que pelo menos parte da razão de ele ter feito isso hoje foi em retaliação ao que quase aconteceu entre nós?

Foi como se eu tivesse levado um soco no estômago.

– O quê? Você acha que contei isso a ele? Que comentei por acaso durante uma conversa? Por que acha que eu faria isso?

Ele buscou uma resposta no meu rosto, certamente decifrando os sentimentos que eu não tinha coragem de manifestar. Mas o que quer que ele tenha visto não suscitou a reação que eu esperava, pois havia tensão em sua voz quando ele respondeu:

– Nenhuma razão. Nenhuma razão mesmo.

Então recolhemos os restos da comida em silêncio, cada um perdido nos próprios pensamentos. Depois de esperar tanto tempo para ele enfim admitir nosso interlúdio no hotel, agora eu desejava que o assunto nunca tivesse sido levantado. Era óbvio para mim que Jimmy se arrependia profundamente de todo o episódio e, ao que tudo indicava, deduzia que eu sentia a mesma coisa. De repente, o peso do dia e de todas as suas muitas revelações foi de mais para mim, e meu bocejo exagerado não foi simulado quando anunciei:

– Estou exausta, vou me deitar. Tem certeza de que vai ficar bem no sofá com essas mantas?

Como ambos sabíamos que a única alternativa era dividirmos a cama, não houve surpresa quando ouvi sua confirmação apressada:

– Tenho. Está ótimo. – Eu estava quase junto à porta quando ouvi suas últimas palavras, murmuradas: – Durma bem, Rachel.

Por mais surpreendente que fosse, dormi muito bem. Sem sonhos. Sem alarmes misteriosos, sem estranhas loções pós-barba, nada. Jimmy claramente acordara e se vestira fazia algum tempo, pois havia café pronto e um prato de croissants dourados me esperando na bancada da cozinha. Peguei um e me pus a mordiscar a massa leve enquanto ele me servia café. Com leite.

– Estou vendo que você foi às compras.

Ele sorriu. Todo o constrangimento da noite anterior, felizmente, havia desaparecido. Deduzi que ficaria tudo bem, desde que nos ativésemos a um território neutro.

Ele puxou um dos bancos altos da cozinha e tentou não rir da minha dificuldade para subir.

– É mais fácil com salto alto – murmurei.

Antes que eu pudesse detê-lo, ele havia me segurado pela cintura e me sentado sem esforço no alto banco de madeira. Suas mãos demoraram-se um breve instante em mim enquanto eu me acomodava, mas mesmo esse rápido contato me fez estremecer.

– Você está com frio? – perguntou ele, reparando na blusa sem mangas e na calça de algodão com que eu tinha dormido.

Não era minha melhor produção, sobretudo com o rosto sem maquiagem e o cabelo preso num rabo de cavalo. Sem esperar que eu respondesse, ele tirou o casaco e o colocou sobre meus ombros, envolvendo-me tanto em calor quanto em seu cheiro irresistível.

Ele me fitou com seus olhos cálidos. De repente, eu não sentia frio algum. Seu olhar passeou da minha cabeça até os pés descalços, que balançavam a uns 25 centímetros do chão. Havia apreço em seu olhar, juro que não foi a minha imaginação, mas então seus lábios se abriram num sorriso que eu já tinha visto mil vezes.

– Qual é a graça? – perguntei, tomando um gole demorado do café para esconder o rubor que começava a sentir, por causa de seu olhar.

– Você. Sentada aí, como quando tinha 13 anos.

– Uau. Foi esse tipo de elogio que manteve você solteiro – respondi, pegando outro croissant.

Levamos mais de uma hora para carregar as caixas e colocá-las no porta-malas do carro de Jimmy. Estávamos no elevador, voltando ao apartamento para pegar a remessa seguinte, quando meu celular começou a tocar outra vez, como vinha tocando em intervalos regulares nas últimas horas. Tirei o aparelho do bolso da calça, conferi a identidade na tela e apertei o botão para silenciar a chamada.

– Era Matt de novo? – perguntou Jimmy.

Assenti, guardando o telefone no bolso.

– Uma hora ele desiste – afirmei.

– Você acha? – indagou Jimmy, ao chegarmos ao meu andar. Ele estava de costas para mim quando a porta se abriu, por isso não pude ver sua expressão ao acrescentar, em voz baixa: – Eu não desistiria.

Interessante. Bem interessante.



Pouco tempo depois, eu fechei a porta do apartamento pela última vez. Imaginei que teria de voltar ali em algum momento para resolver a questão do aluguel e das contas, mas, para todos os efeitos, não morava mais naquele endereço.

– Você está bem? – perguntou Jimmy, apertando meu ombro.

– Por incrível que pareça, estou – respondi.

– Que bom! – exclamou ele. – Porque, se você recuperar a memória e quiser trazer tudo isso de volta, vai ter que pedir a outra pessoa.

Soltei uma risada, mas algo do que ele disse permaneceu comigo enquanto andávamos até seu carro. E se, quando minha memória retornasse, eu me arrependesse das decisões que estava tomando? A imagem de Matt e Cathy ressurgiu em minha mente: levaria *mesmo* um tempo para eu me livrar daquilo. Não, algumas decisões se manteriam, não importava o que a Dra. Andrews me ajudasse a lembrar.

O trânsito estava bastante tranquilo, levando em consideração a proximidade do Natal. Talvez o céu escuro e o vento forte estivessem mantendo as pessoas afastadas de Londres. De qualquer modo, estava quente e seguro no carro de Jimmy, ou seria apenas a maneira como ele me fazia sentir quando estávamos juntos?

– Você já pensou no que vai fazer em relação ao seu trabalho na revista?

Franzi o rosto. Já havia pensado no assunto. Muito. Na verdade, a ideia de abrir mão do emprego era mais difícil do que quase tudo o mais. Aquele trabalho havia sido meu sonho por tantos anos que chegava a ser irônico que agora me parecesse vagamente errado que fosse meu sem que eu o tivesse merecido.

– Bobagem – decretou Jimmy, quando tentei lhe explicar minha hesitação em permanecer na revista. – Você viu os artigos que escreveu. Tem talento. Merece o emprego.

Deixei-me acalantar um pouco pelo elogio dele e suspirei.

– Talvez. Não sei. Acho que posso adiar essa decisão por mais algumas semanas.

– É claro – especulou Jimmy quando outra alternativa lhe ocorreu – que talvez você possa recuperar seu antigo emprego no jornal. Seu pai já disse que eles a aceitariam de volta sempre que quisesse.

Essa ideia nem havia me passado pela cabeça, e eu ainda estava considerando a sugestão quando ele acrescentou:

– Seria bom ter você mais perto de casa.

Virei-me para a janela molhada de chuva para que ele não pudesse ver o sorrisinho ridículo que suas palavras haviam colado em meu rosto.

Foi então que o eixo do meu mundo se deslocou novamente e a loucura voltou.

– Dobre à esquerda!

Jimmy despregou os olhos da rua, visivelmente sobressaltado com a urgência em minha voz.

– O que foi? Por quê? Não é o caminho certo.

Algo em meu rosto lhe disse que não perguntasse mais nada, e, numa guinada que decerto mereceu a buzina do táxi que ele cortou, Jimmy saiu de uma pista para a outra e dobrou à esquerda.

– Siga em frente depois do sinal – pedi.

Mais uma vez, ele me fitou, intrigado, mas limitei-me a balançar a cabeça, e ele não insistiu. Então nos aproximamos de um cruzamento movimentado.

– Para onde? – perguntou ele.

– Dobre à direita aqui e siga até o fim da rua. Ela vai virar para a esquerda.

Ele não objetou nem uma vez, não me pediu que parasse nem explicasse aonde eu o estava conduzindo. Nem sequer hesitava diante das secas instruções que eu lhe dava, à exceção de um único comentário em voz baixa:

– Sabe, a mulher do GPS é bem mais simpática.

Quase sorri, quase relaxei um pouco, o que teria sido um bem-vindo alívio, porque meu coração batia acelerado e meu estômago se revirava enquanto avançávamos pelas diversas ruas secundárias. Eu me sentia arrastada por uma força irresistível, irrefreável, que me puxava como um ímã ao nosso destino.

Aos poucos, deixamos para trás as residências mais desejáveis e chegamos afinal a uma rua de lojas um tanto velhas, numa das áreas menos invejáveis de Londres.

– Você pode estacionar ali? – Indiquei o local que acabava de vagar. – Atrás da caminhonete.

Ele fez o que pedi, estacionando com eficiência e desligando o motor antes de se virar para mim.

O pânico que eu havia sentido durante os quinze minutos do nosso desvio começara a ceder, mas em seu lugar havia um medo conhecido. O que eu estava prestes a dizer estragaria tudo: faria com que, mais uma vez, o mundo me olhasse como se eu fosse louca.

Jimmy segurou minhas mãos, que se contorciam no meu colo.

– Qual deles?

– Qual deles o quê? – perguntei, mantendo os olhos em suas mãos, que haviam suavemente acolhido as minhas, acalmando-as.

– Qual é o seu apartamento?

Ergui os olhos, mas não consegui vê-lo direito através das lágrimas que ameaçavam se derramar. De leve, indiquei com a cabeça o prédio do outro lado da rua.

– O último, acima da lavanderia.

Ele passou alguns instantes estudando o prédio antes de soltar o cinto de segurança.

– Vamos.

Fitei-o, perplexa.

– Precisamos dar uma olhada.

Ele contornou o carro e segurou meu braço, acomodando-o debaixo do seu. Minha palidez e meu rosto petrificado devem tê-lo preocupado, porque ele tentou diminuir a tensão do momento com humor:

– Aliás, lembre-me de nunca tê-la como parceira em um rali. Você é uma copilota mal-humorada demais.

Esperamos para atravessar a rua, que eu já havia atravessado mil vezes durante a época em que morara ali. Havia determinação nos passos de Jimmy ao me conduzir entre os automóveis. Eu sabia que ele provavelmente estava imaginando como lidar com minha reação quando eu descobrisse que o apartamento não era, e nunca havia sido, meu. Mas minha preocupação era outra. Virei-me para ele, desejando que minha voz soasse mais firme do que estava:

– O que vamos fazer se houver coisas minhas no apartamento?

Estávamos em frente à lavanderia e, alheio à plateia formada pelas pessoas que esperavam ali dentro, junto às máquinas, ele me puxou e me enlaçou com força, como se seu abraço apertado pudesse afastar todos os demônios.

– Vamos lidar com isso. Seja o que for.

Era um juramento, uma promessa. Isso me deu força para sair de seu abraço e conduzi-lo à minha outra casa.



A entrada do prédio ficava numa rua transversal. Detive-me antes de dobrar a esquina, deixando que Jimmy alcançasse a porta primeiro.

Ele me encarou, intrigado.

– Está vendo que tem um painel de interfone ao seu lado?

Ele olhou para o lado esquerdo da porta.

– Estou, mas a maioria dos prédios tem...

– Winter. Hunt. Webb. Freeman.

Observei o rosto dele se franzir à medida que eu listava os nomes que constavam diante de cada campainha. Nomes que eu não podia ler de onde estava.

– E o último é meu. Wiltshire.

Ele me encarou outra vez, olhou para o painel e de volta para mim.

– Quatro de cinco – anunciou. – O último não tem nenhum nome.

Aproximei-me e vi que ele tinha razão. Na última vez em que eu vira aquele painel, meu

nome estava escrito ao lado da última campanha. A dúvida começou a minar a certeza que havia me arrastado até aquele lugar.

– Esse apartamento podia ser de uma amiga sua. De alguém que você não lembra – sugeriu ele, com tato.

Era uma conclusão bastante razoável, exceto por uma coisa.

– E você decora o sobrenome dos vizinhos dos amigos?

Ele não tinha uma resposta para isso, mas dava para ver que sua cabeça de policial continuava avaliando a evidência de vários ângulos.

Apertei a segunda campanha do sistema de entrada, enquanto explicava:

– É a Sra. Hunt. Ela deixa todo mundo entrar, sem perguntar quem é. Um verdadeiro perigo.

De fato, o clique do mecanismo da porta veio quase imediatamente, em resposta à campanha, e a porta se abriu devagar.

Jimmy entrou no corredor escuro, que sempre tinha cheiro de detergente da lavanderia. O aroma conhecido me transmitiu mais segurança, e quase tropecei quando comecei a subir a escada velha. Jimmy estendeu a mão e, enquanto subíamos os degraus gastos, eu a segurei como a corda que se lança a um naufrago.

Passamos pelo primeiro e pelo segundo andares sem nenhum incidente, mas, quando virávamos para subir ao terceiro andar, uma mulher de meia-idade, gorda, de cabelo bem preto, passou por nós. Estava concentrada nos documentos que lia e se assustou quando a cumprimentei.

– Bom dia, Sra. Keyworth!

Ela se deteve, o sorriso automático vacilando ao estudar os dois desconhecidos diante dela.

– Bom dia – respondeu, também de modo automático, embora seus olhos se estreitassem, confusos. – Desculpe... Eu conheço vocês?

Era uma pergunta interessante. Permaneci em silêncio enquanto o olhar dela passeava pelo meu rosto, até ela voltar a atenção e o sorriso para Jimmy. Quase sorri ante a reação já famosa da minha senhoria. Ela *sempre* preferia os inquilinos homens, sobretudo os jovens.

– A senhora não deve se lembrar de nós – respondeu Jimmy. Isso evidentemente era verdade. – Somos amigos de uma pessoa que mora aqui.

E isso era mentira.

O sorriso da Sra. Keyworth ainda era um pouco hesitante quando ela disse:

– Ah, sim. Claro! É um prazer vê-los de novo.

Ela continuou descendo a escada, mas parou duas vezes para nos observar, intrigada, como se algo a incomodasse. Decerto, passaria o resto da manhã tentando se lembrar de onde e quando conhecera Jimmy. De mim, já havia se esquecido.

Quando estávamos sozinhos na escada outra vez, olhei para Jimmy a fim de ver como ele estava processando o último acontecimento.

– Essa era a minha senhoria, a Sra. Keyworth. É uma mulher simpática. Um pouco tagarela demais, às vezes. E tem uma quedinha por homens mais jovens.

Jimmy não disse nada, nem sorriu com meu último comentário. Parecia preocupado, como se algo ali começasse a corroer as bases de sua confiança.

– Acho que ela gostou de você – provoqueei.

Mais uma vez, ele não me deu nenhuma resposta despreocupada, apenas disse num tom ligeiramente distraído:

– Mas não reconheceu você.

Passamos o restante da subida em silêncio, até que enfim alcançamos o último andar. Eu não esperava o choque que senti ao reconhecer o apartamento no instante em que paramos diante da porta.

– E aqui estamos. Lar, doce lar.

Jimmy correu os olhos em volta: a porta com camadas de tinta se soltando, as paredes precisando de decoração, a janela encardida do corredor, suja demais para deixar entrar a luz de uma manhã cinzenta de dezembro.

– Para ser sincero, prefiro sua outra casa.

Dei de ombros.

– Bem... – disse ele, afastando-se um pouco para me dar passagem até a porta. – Você vai bater?

Dei um passo adiante, certa de que bater era desnecessário: quem quer que estivesse no meu apartamento provavelmente já ouvia as batidas do meu coração.

Entendi que o apartamento não era meu antes mesmo de levantar a mão para bater à porta de madeira. Havia uma reluzente tranca nova, que não existia quando eu era a moradora.

As batidas ecoaram no corredor vazio. Minutos se passaram antes de eu tentar de novo, batendo com mais força à porta conhecida.

– Parece que não tem ninguém em casa – deduziu Jimmy. – Talvez o apartamento nem esteja ocupado. Não tinha nenhum nome no painel do interfone, lá embaixo.

Fiquei surpresa com a decepção que senti com as palavras dele. Chegar tão longe sem poder entrar no apartamento era mais do que frustrante. Muito embora o que tínhamos visto até ali já me dissesse o que esperar, eu precisava ver o resto com meus próprios olhos. Para ter alguma paz de espírito, precisava entrar naquele apartamento e me certificar de que não havia ali vestígios ocultos da minha vida perdida.

Então me lembrei de uma coisa. Afastando-me da porta, dirigi-me à janela, um pouco mais à frente no corredor. Deslizei os dedos pelo peitoril de madeira desbotada, procurando um ponto de apoio. Segurando a madeira amarelada com ambas as mãos, comecei a puxar, empurrando o peitoril com o joelho quando ele resistiu ao meu esforço.

– O que você está fazendo? – perguntou Jimmy, indo depressa postar-se ao meu lado.

Soltei um grunhido com o esforço, mas apenas continuei tentando desprender o peitoril. Jimmy pôs as mãos sobre as minhas, impedindo minha tentativa de erguê-lo.

– Rachel, se não quer que eu a prenda por vandalismo, pode me explicar o que está fazendo?

Suspirei e endireitei o corpo.

– O cara que morava no apartamento antes de mim, um americano, me contou sobre esse peitoril quando eu me mudei para cá. Parece que ele sempre se trancava do lado de fora, aí descobriu esse lugar para guardar uma chave extra. Se ela ainda estiver aqui, podemos entrar no apartamento para dar uma olhada.

– Agora estamos falando de invasão de domicílio – respondeu Jimmy. – Não é exatamente o melhor passo para a minha carreira, concorda?

Encarei-o. Ele tinha razão. Aquilo podia lhe trazer sérios problemas com seus chefes. Eu não podia ser responsável por isso. Não podia prejudicar sua carreira.

– Tudo bem. Espere por mim no carro. Vou fazer isso sozinha. Não demoro.

Ele soltou um suspiro.

– Você está mesmo decidida a levar uma vida criminosa, não é?

Então, apesar de suas palavras, Jimmy me afastou e segurou o peitoril da janela. Ele se ergueu com facilidade, num movimento suave. Uma nuvem de poeira surgiu com a remoção da base de madeira, por um instante ocultando os tijolos sobre os quais ficava o peitoril. Quando a poeira baixou, ambos nos inclinamos para a frente. Mas não havia necessidade. A chave, guardada num saco plástico transparente, estava perfeitamente à vista, enfiada no intervalo entre dois tijolos. Jimmy soltou uma breve exclamação de surpresa.

Eu já estava quase pegando a chave quando ouvimos o ruído inconfundível de uma tranca se abrindo atrás de nós. Num gesto rápido, Jimmy reposicionou o peitoril sobre os tijolos, batendo com força na madeira para firmá-la no momento exato em que a porta do meu antigo apartamento se abria.

– Olá – souu a voz masculina. Esperando que meu rosto não traísse nenhuma culpa, dei meia-volta, deparando com um homem esguio, parado no vão da porta. – Desculpem não ter podido atender logo. Estava ao telefone. Posso ajudá-los?

Ele sorria, simpático, mas notei que se dirigia a Jimmy e não a mim. Jimmy estava fazendo sucesso.

– Bom dia, senhor – começou ele, adotando um tom de voz profissional. – Sinto muito por incomodá-lo, mas não vamos tomar muito seu tempo.

Enquanto falava, Jimmy tirou do bolso do casaco o distintivo, para apreciação do rapaz.

Sua reação foi interessante: o rosto empalideceu um pouco sob o caro bronzeamento artificial, e ele passou a mão nervosamente no cabelo com luzes. Fiquei imaginando no que ele poderia estar envolvido para ficar tão desconfortável com a presença de um policial à sua porta.

– Podemos entrar um instante? – perguntou Jimmy, ainda o protótipo do policial.

– Ah, claro, claro – respondeu o novo morador do apartamento. – Mas desculpem a bagunça. Eu não estava esperando visitas. A casa está uma zona!

Nós o seguimos pelo corredor que eu havia pintado de amarelo, a fim de iluminá-lo. Ele agora se achava coberto por um papel de parede listrado de azul e branco. A sala não estava nem de perto a bagunça que o rapaz havia sugerido, estilosa e mobiliada de modo minimalista em branco e azul-marinho. Na verdade, parecia bem maior sem todos os meus móveis.

– Por favor, sentem-se – disse ele. – Vocês aceitam alguma coisa para beber? Ou comer?

– Não, obrigado. Não vamos demorar mais do que alguns minutos.

O rapaz começava a se acalmar um pouco agora com o sorriso encorajador de Jimmy. Ele realmente era um bom policial. Se estivesse ali para interrogar o rapaz sobre alguma contravenção, acabaria lhe transmitindo uma falsa sensação de segurança.

– Posso saber o seu nome, por favor? – perguntou Jimmy, sacando um bloquinho para completar a ilusão de uma investigação.

Meu Deus, ele era bom mesmo!

– Maximilian MacRae – informou o rapaz, sentando-se na beira de um sofá branco que contrastava com sua calça de couro preta. Ele se inclinou na direção de Jimmy com uma piscadela. – Mas todo mundo me chama de Max.

Ele não podia ser mais óbvio. Mordi o lábio, que ameaçava tremer. Jimmy, por sua vez, parecia imune a qualquer impropriedade.

– Sr. MacRae – disse, deixando o interrogatório mais formal –, estamos investigando um desaparecimento. O senhor conhece uma mulher chamada Rachel Wiltshire?

Ergui a cabeça à menção do meu nome.

– Não. Por quê? Aconteceu alguma coisa com ela?

Havia uma curiosidade quase mórbida em seu tom de voz, o desejo de ouvir até o último detalhe terrível. Se eu estivesse de fato desaparecida, aquele homem estaria no alto da minha lista de suspeitos.

– Esperamos que não. Só estamos tentando descobrir seu paradeiro. Fomos informados de que este apartamento teria sido o último endereço dela.

Quase aplaudi a habilidade com que Jimmy havia manipulado a conversa para descobrir o que queríamos saber.

– Sério? Que estranho! Eu moro aqui há três anos, e antes de mim um americano ficou aqui por mais tempo ainda. Então, se essa Rachel morou mesmo no apartamento, deve ter sido bastante tempo atrás.

– Entendi – disse Jimmy.

Ele me fitou com uma pergunta nos olhos: *Já chega para você?*

Corri os olhos pela sala que era minha e que ao mesmo tempo não era nem um pouco minha. Eu estava por toda parte e em lugar nenhum. Assenti.

Jimmy se levantou, e fez o mesmo.

– Muito obrigado, Sr. MacRae. Desculpe o incômodo.

– Por favor, é só Max.

– Obrigado, Max – corrigiu-se Jimmy, já avançando para o corredor. – Você foi de grande

ajuda.

Max sorriu, desconfiado, ante as palavras de Jimmy.

– Espero que você encontre a mulher. E, se tiver mais alguma pergunta, qualquer pergunta, é só aparecer. Estou sempre aqui.

O convite era dirigido exclusivamente a Jimmy. Eu estava tão excluída que era como se fosse invisível. Desviei os olhos e fingi examinar meus sapatos, temendo que não fosse demorar muito para cair no riso. Olhei para Jimmy e vi um leve tremor em seus ombros.

Max nos acompanhou ao corredor e permaneceu junto à porta aberta enquanto nos afastávamos.

– Aliás... – disse Jimmy, virando-se para Max –, essa chave que você deixa escondida no peitoril da janela... Não é uma boa ideia.

Foi divertido ver a mudança na fisionomia de Max: de flerte coquete a completa perplexidade.

– Como você sabia... Ninguém... Como...?

– É o primeiro lugar em que os ladrões procuram – garantiu-lhe Jimmy, agarrando meu braço para me conduzir à escada. – Tenha um bom dia, senhor.

Conseguimos nos segurar até estarmos fora do alcance de seus ouvidos, então vieram as gargalhadas, uma bela fuga temporária de toda a tensão. Lágrimas escorriam pelo meu rosto quando abrimos a porta e saímos do prédio para aquele dia frio de dezembro.

– Você está arrasando hoje – comentei, quando minha capacidade de falar voltou.

Jimmy deu de ombros, modesto.

– O que posso dizer? A gente faz o que pode.

No carro, ele já estava mais sério.

– Sabe exatamente quantas leis acabei de infringir?

Mordi o lábio, culpada.

– Muitas? – perguntei.

– Muitas.

– Desculpe – murmurei.

Ele pegou minha mão e a manteve na sua. Olhei para seus dedos, entrelaçados aos meus, sabendo que não podia continuar interpretando erroneamente suas intenções, mas era difícil. Talvez fosse hora de enfrentar a realidade.

– Então me diga. Qual é a sua explicação para o que aconteceu aí dentro?

– Ah, Maximilian ficou naturalmente enfeitiçado com meus encantos nada desprezíveis e...

Dei a ele uma resposta bem imprópria a uma moça, antes de parar a brincadeira.

– Você sabe do que estou falando. Explique como eu sabia tudo o que sabia: como chegar lá, o nome da senhoria, dos inquilinos, passados e presentes, sem falar da chave escondida.

Ele se manteve em silêncio por tanto tempo que quase achei que não fosse mais responder. Quando falou, suas palavras vieram num longo suspiro:

– Não sei.

Virei-me no banco, para estudar melhor sua fisionomia. Não estava acostumada a vê-lo tão hesitante. Quase senti pena pela situação em que o estava colocando, sabendo quanto sua mente lógica de policial devia estar sofrendo com algo que não fazia sentido nenhum.

Ele ligou o motor do carro, enfim soltando minha mão.

– Pode me conduzir com um pouco menos de agressividade dessa vez?

– Conduzir você aonde?

Ele me encarou como se eu estivesse sendo deliberadamente tola.

– À Andersons Engineering. Não é esse o nome do lugar em que você trabalhava?

Assenti, sem conseguir evitar o sorriso de gratidão. Ele não apenas se lembrava do nome, como, ainda por cima, sabia e entendia que eu precisava de sua ajuda naquela busca impossível, sem que eu precisasse pedir. De repente, a jornada para procurar as respostas não parecia tão assustadora, agora que eu sabia que não estava sozinha.



Quarenta e cinco minutos depois, estávamos de volta ao centro de Londres.

– Tem um pequeno estacionamento neste lado da rua – avisei.

Jimmy seguiu minhas coordenadas e logo se surpreendeu com o fato de haver um estacionamento no local exato que eu dissera.

Eu estudava o rosto das pessoas ao cruzarmos a pequena distância até a empresa de engenharia, procurando algum dos meus colegas, mas não vi ninguém que eu reconhecesse. Mais que isso: ninguém me reconheceu.

O acesso ao prédio ficava no alto de uma escada larga de concreto, e, por um instante, hesitei na calçada, antes de me virar para Jimmy.

– Obrigada – murmurei, a palavra quase sendo levada pelo vento de dezembro.

O sorriso dele foi o incentivo de que eu precisava para subir a escada até a porta de vidro.

Quando chegamos ali em cima, Jimmy fez menção de apertar a campainha que ficava abaixo de uma placa que dizia: *Visitantes, favor tocar*.

– Espere – pedi, indicando com a cabeça o pequeno teclado prateado, disposto numa moldura de alumínio.

Meus dedos estavam gelados por causa do frio, mas ainda assim apertaram sem hesitação o código de oito dígitos para entrada dos funcionários.

Atrás de mim, ouvi a respiração surpresa de Jimmy quando a porta reagiu ao comando e se abriu.

Olhei para ele, sem conseguir esconder o ar de desafio que eu lançava diante de todas as explicações lógicas.

O rosto dele ainda trazia dúvidas quando entramos no prédio, mas, uma vez no saguão, fui eu que me detive, hesitante.

– Rachel? – disse ele. – Você está bem?

Corri os olhos pelo meu conhecido local de trabalho e soltei um suspiro.

– O que estamos fazendo aqui? O que vou fazer agora? Arrancar da minha mesa quem quer que esteja sentado lá? Ficar insistindo que meu lugar é aqui, até alguém chamar o segurança para nos botar para fora?

Foi como se minhas palavras o tivessem evocado, pois ambos nos surpreendemos com a chegada de um segurança, que se aproximara de nós com tanta rapidez que não o vimos surgir.

– Pois não? – disse o homem, num tom de voz que estava longe de parecer prestativo. Ele devia ter nos visto entrar no prédio e, como não havia nos reconhecido, não tardou em deixar seu posto para saber do que se tratava.

Tentei abrir um sorriso ingênuo, que não surtiu efeito algum sobre a frieza de seus olhos. Eu o reconhecia vagamente, mas não havia nenhuma reciprocidade em seu olhar hostil. Só esperava que ele já não tivesse apertado algum alarme.

– Ah, oi. Talvez o senhor possa nos ajudar. Nós viemos encontrar uma amiga para almoçar. Ela trabalha aqui. Estava um pouco frio para esperar lá fora. Tem algum problema a gente ter entrado?

O segurança relaxou um pouco. Evidentemente, agora achava que a minha “amiga” tinha me informado o código da empresa. Ocorreu-me que eu havia acabado de deixar minha amiga imaginária em apuros.

O segurança soltou um grunhido ambivalente, que podia ser uma resposta ou apenas sua maneira de pigarrear. Eu continuava sorrindo, ciente de que, se ele não parasse de nos estudar daquele jeito desconfiado, meu maxilar talvez se rompesse com o esforço. Felizmente, Jimmy interveio nesse momento, acrescentando plausibilidade à nossa farsa.

– Seria possível avisar à nossa amiga que chegamos?

Ele realmente mentia de maneira muito convincente para um policial, o que era um tanto alarmante. Mas sua intervenção pareceu atribuir tanto fundamento à nossa história que o segurança se virou para a recepção, pedindo que o acompanhássemos.

De novo atrás de seu balcão, com os visitantes separados pela barreira devida, ele claramente sentia que a ordem havia sido restaurada, porque foi bem mais gentil ao perguntar:

– Por favor, qual é o nome da sua amiga que trabalha aqui?

Sem nem pensar, respondi:

– Rachel Wiltshire.

Vi os olhos de Jimmy se fecharem, em desalento, quando o segurança começou a correr o dedo pela parte W da lista de funcionários, procurando um nome que já não estaria ali. Tarde demais, entendi a estupidez da minha resposta.

Com o indicador roliço chegando ao fim da lista, o segurança nos encarou, a desconfiança retornando de imediato.

– Você disse Rachel Wiltshire? Ninguém com esse nome trabalha aqui.

Olhei para Jimmy, para ver se ele me livraria da confusão que eu havia criado, mas ele apenas abriu um leve sorriso, que evidentemente dizia: “Você cavou esse buraco, agora saia

dele!”

Fulminei-o com os olhos e me resignei a ter de bancar a burra.

– Ah, desculpe, esse é o meu nome! – O olhar do segurança dizia tudo. – A minha amiga se chama Emily. Emily Frost. – Falei o primeiro nome de que me lembrei, de uma das minhas colegas. – Mas, na verdade, quer saber? Acho que vamos esperar lá fora, para... fazer uma surpresa a ela. Desculpe o incômodo.

Segurei a manga do casaco de Jimmy e me pus a arrastá-lo em direção à saída.

– Maravilha – decretou Jimmy, deixando-se conduzir à porta. – Ele não deve ter ficado nem um pouco desconfiado.

Eu ainda sentia o olhar do segurança nos acompanhando pelo saguão. Quando alcançamos a porta, ouvi-o falar e achei que nos chamaria, mas ele só estava se despedindo de um colega que saía para almoçar.

– Até logo, Joe.

Já com a mão na maçaneta, virei-me, deparando com o segundo segurança, que atravessava o saguão, também seguindo para a porta. Era um homem que tinha mais ou menos a idade do meu pai, cabelo grisalho e pele avermelhada. Automaticamente, minha boca se abriu num sorriso para cumprimentá-lo:

– Oi, Joe. Como você está?

Sua primeira reação foi de certo desconcerto, mas nem Jimmy nem eu esperávamos que se tornasse incredulidade quando fiz as perguntas seguintes:

– E como está sua mulher? Ela já saiu do hospital?

Joe ficou lívido, seu olhar perdido entre mim, Jimmy e seu colega. Passou às pressas pela porta, levando-nos junto. Só quando estávamos os três ali fora ele se virou para mim, dizendo de maneira quase agressiva:

– Desculpe. O que você me perguntou?

Eu não estava acostumada a vê-lo falando comigo daquele jeito, e por um instante esqueci que, para ele, eu era uma completa desconhecida.

– Só perguntei como está Muriel. A última fase da quimioterapia já deve ter acabado, não? Você disse que achava que, até o Natal, ela teria voltado para casa.

Jimmy havia se afastado um pouco, observando com curiosidade nossa estranha interação.

Joe, por sua vez, parecia totalmente abalado pelas minhas palavras.

– Não estou entendendo... Quem é você?

– Meu nome é Rachel. Rachel Wiltshire.

Se eu esperava alguma sombra de reconhecimento, era melhor esperar sentada.

– Não conheço você – anunciou Joe, balançando a cabeça.

Era um refrão conhecido: todos pareciam cantá-lo naqueles dias. Eu não conseguia pensar em nada para dizer que não parecesse totalmente louco.

– Mas o que eu quero saber mesmo – continuou Joe – é como você sabe sobre Muriel. Eu não contei a ninguém daqui sobre a doença dela. Nem uma só palavra.



Acho que Jimmy convenceu Joe a ir ao pub conosco valendo-se de uma mentira. Dizer que, se ele nos acompanhasse, explicaríamos tudo era distorcer um bocado os fatos. Mas, quando sugeri que nos protegêssemos do vento e continuássemos a conversa no King George, onde a maioria dos funcionários almoçava todos os dias, embora relutante, Joe concordou em ir conosco.

Era um pouco desconcertante ver a maneira como ele me lançava olhares de esguelha durante a caminhada de algumas centenas de metros até o famoso pub, como se eu fosse uma espécie de vidente estranha, ou pior.

O pub estava lotado, como em geral acontecia naquela hora do dia, e foi uma luta conseguir mesa para três. À nossa volta, havia pequenos grupos de meus colegas de trabalho, e eu precisava me conter para não cumprimentar todos por quem passava. Por fim, avistei uma mesa vaga nos fundos e me apressei naquela direção, com um Joe evidentemente relutante em meu encalço.

Sorri, vacilante, quando nos sentamos. Não houve nenhuma reação da parte dele, o que era triste, porque eu sempre havia gostado daquele homem, muito antes de saber que tínhamos tanto em comum. Por fim, Jimmy surgiu com nossas bebidas, informando-nos que havia pedido três refeições, que já chegariam. Eu duvidava de que alguém teria apetite até o fim daquela conversa.

– Então, quem contou a você sobre Muriel? – foi a primeira pergunta de Joe, à queimadura.

Balancei a cabeça, pensando que era melhor não responder a essa pergunta primeiro. Joe estava muito na defensiva, o que ficou evidente pelo seu comentário seguinte:

– Não sei qual é o seu jogo, mas não quero ninguém me trazendo problema no trabalho por causa disso.

Ele estava aturdido com o fato de alguém que ele não conhecia saber de seu grande segredo. Fiz menção de tocar sua mão e só me detive quando vi seu olhar de horror.

– Não queremos trazer nenhum problema para você, Joe – garantiu-lhe Jimmy, num tom de voz apaziguador.

– Eu não tenho dinheiro – avisou Joe.

– Eu sei disso – assenti. – Nem poderia, pagando a faculdade de dois filhos e mantendo a sua mãe naquela casa de repouso.

Metade da cerveja de Joe se derramou sobre a mesa, sua mão trêmula quase derrubando o copo.

– Já chega! Como você sabe de tudo isso? Quem são vocês?

Não havia uma maneira fácil de começar, mas o que eu podia fazer era dizer a verdade que eu sabia.

– Você pode achar meio inacreditável, mas, na verdade, Joe, eu sou sua amiga.

Joe me encarou durante um longo tempo. Então se virou para Jimmy.

– Não, não – corrigiu-o Jimmy. – Eu sou um completo desconhecido. É Rachel quem conhece você.

Mais uma vez, Joe voltou os olhos para mim, ainda tão confuso que senti pena por tê-lo arrastado para isso. Ele já tinha muito com que se preocupar.

– Se nós somos amigos, por que não conheço você? Eu tenho boa memória. É preciso, no meu trabalho. Sou bom fisionomista e, sem dúvida, lembraria se tivesse contado os detalhes da minha vida particular a uma desconhecida.

Sorri para suavizar minhas palavras, esperando que ele não interpretasse o sorriso como deboche.

– Sei que parece loucura. Mas nós somos amigos. Bons amigos. E o motivo por que sei tanto sobre você e sua família, principalmente sobre a doença de Muriel, é que estou passando por algo parecido com meu pai.

Pela primeira vez, a fisionomia de Joe abrandou, revelando aquele homem bondoso que havia sido um apoio tão grande para mim quando dividíamos nossas preocupações por entes queridos que enfrentavam a mesma doença.

– Sinto muito por isso – murmurou ele e, percebendo afinal que não tínhamos nenhuma má intenção, prosseguiu: – Mas ainda não entendo como você poderia saber os detalhes que você sabe. Tive muito cuidado para não deixar ninguém do trabalho descobrir. Houve tantas demissões há pouco tempo que eu não podia me arriscar a dar um motivo para me mandarem embora.

– Eu sei – respondi, num murmúrio.

Essa preocupação havia sido tema de muitas conversas nossas. Bem como o progresso de nossos familiares em sua luta pela vida. Nós tínhamos nos unido, e ambos tirávamos força disso. Era triste que, nessa nova versão do mundo, Joe não tivesse ninguém com quem dividir seu fardo.

– Mas *como* você sabe de tudo isso? – perguntou Joe, outra vez. – Quem contou a você?

Eu não podia fugir da pergunta pela segunda vez.

– Você.



Não sei se conseguimos convencer Joe de que estávamos sendo sinceros. Só sei que, quando lhe contei todos os detalhes sobre a luta de sua mulher, que tanto se parecia com a do meu pai, ele já não podia refutar o fato de que eu sabia coisas que ele achava que ninguém mais sabia. No fim, tentou encontrar uma solução que lhe fosse plausível, uma solução que não o deixasse acordado durante a noite por muito tempo.

– Deve ser o estresse que fez isso – disse, afinal.

– Que fez o quê? – perguntou Jimmy.

– Com que eu não me lembrasse de nada. É, foi isso. Toda essa preocupação me provocou uma espécie de... amnésia.

Houve um longo silêncio depois de suas palavras. Olhei para Jimmy de maneira sugestiva, antes de responder, séria:

– Isso tem acontecido muito.



Não passamos mais muito tempo no pub depois que a comida chegou. Jimmy parecia ser o único com apetite, embora eu achasse que Joe comeria mais à vontade depois que nos fôssemos.

Ainda tive um encontro estranho no toalete, quando saí de um reservado, deparando com Emily Frost diante do espelho.

– Oi – cumprimentei-a, sorrindo, cheia de simpatia, esquecendo-me de que ela não sabia nada sobre nosso suposto almoço e nem mesmo quem eu era.

Ela me fitou desconfiada pelo espelho. De repente, senti-me cansada de ser uma estranha entre pessoas que conhecia havia tanto tempo. Era hora de ir embora.



Jimmy estendeu a mão para Joe.

– Foi um prazer conhecê-lo.

Ninguém ficou totalmente surpreso quando Joe não retribuiu o comentário. Sua despedida de mim foi um pouco mais calorosa, depois que falei:

– Sinto muito se o aborrecemos hoje. Espero *mesmo* que fique tudo bem com Muriel. Estarei torcendo por vocês dois.

Demos meia-volta, a mão de Jimmy me conduzindo por entre mesas.

– Hum... Rachel? – chamou Joe, surpreendendo-nos.

Viramo-nos ao mesmo tempo para o homem que tanto havíamos perturbado.

– E seu pai? Como ele está?

Abri um sorriso para meu velho amigo.

– Ele ficou bom, Joe.

CAPÍTULO 12

—Joe parece ser um cara legal.

Não falei nada, apenas continuei a olhar pela janela, contemplando os subúrbios de Londres que iam desaparecendo.

Jimmy tentou de novo:

– Acho que acabamos por convencê-lo de que não somos loucos de pedra.

Mais uma vez, não respondi.

– Você está bem? – perguntou Jimmy com delicadeza, tirando a mão do volante para apertar a minha, num gesto tranquilizador.

– Ele não me conhecia.

Minha voz era monocórdia, mas Jimmy percebeu a mágoa nela.

– Eu sei.

Havia solidariedade e compreensão em sua maneira de falar.

– Não sei por que estou surpresa. Já devia esperar isso. Mas ele foi a primeira pessoa que encontrei que conheço bem, de quem gosto de verdade. Ele é meu amigo, droga, e não sabia quem eu era! – Lembrei-me do pub cheio de pessoas que não haviam me reconhecido. – Ninguém sabe.

Eu não podia culpar Jimmy por não me oferecer uma resposta apaziguadora. O que ele podia dizer?

– É quase como se não fosse *eu* que estivesse com amnésia, mas os outros! Fui literalmente apagada da memória deles.

– Você não vai entrar nessa de ficção científica de novo, vai?

Era claro que ele estava se referindo à teoria que eu havia levantado na última vez em que estávamos em Londres: sobre um mundo paralelo onde todos existíamos, levando uma vida parecida mas um pouco diferente desta.

– É uma teoria – defendi.

– Uma teoria maluca.

– Mas e se for real, maluca ou não? E se tiver acontecido alguma coisa comigo quando bati a cabeça durante o assalto? E se realmente troquei de lugar com alguma outra versão de mim?

Jimmy riu. Mas, como não o acompanhei, o tom divertido logo desapareceu.

– Rachel, você não pode estar falando sério – começou ele, com tato. – Sei que há um

monte de perguntas sem resposta, mas realmente acho que ninguém pode viajar no tempo e desembarcar em suas *outras vidas*.

– Não estou falando de viagem no tempo. Talvez tenha acontecido alguma coisa aquela noite, que criou... sei lá... algum tipo de irregularidade no continuum espaço-tempo.

– E você ao menos sabe o que é continuum espaço-tempo?

– Não. Mas podíamos achar um especialista, um cientista da área. Alguém que tivesse respostas.

Alguém que não me acharia totalmente louca, concluí, em pensamento.

– Rachel, essas coisas só acontecem na literatura e no cinema. Na vida real, ninguém acha o Cientista Esquisito nas páginas amarelas. Por onde nós começaríamos?

– Não sei – respondi, com teimosia.

Sabia que ele tinha razão. Só não queria ouvir aquilo.

– Quer saber o que eu acho?

Virei-me no banco para vê-lo melhor.

– Pode falar.

– Acho que aconteceu *mesmo* alguma coisa quando você bateu a cabeça. Uma coisa inusitada e única. Uma coisa que vem lhe permitindo... sei lá, ler o pensamento das pessoas, captar uma forma de energia psíquica e transformá-la em memória... Não sei.

– E por que esse dano neurológico não apareceu nos muitos exames que fizeram em mim?

Ele balançou a cabeça.

– Não sei. Como eu disse, acho que deve ser incrivelmente raro. Talvez esteja nos exames e os médicos nem saibam o que estão vendo. Você pode ser a única pessoa a quem isso já aconteceu.

A sugestão dele tinha alguma credibilidade racional, eu admitia. Mas não parecia se encaixar tão bem quanto a minha.

Eu podia seguir dois caminhos: continuar insistindo que havia ali algo sobrenatural – por falta de palavra melhor –, arriscando assim perder de vez o apoio dele; ou ser uma pessoa mais madura e abrir mão disso. Escolhi com sabedoria.

– Então eu sou única? – perguntei com um começo de sorriso. – Excepcional?

– Nunca na vida duvidei disso.

Não pude evitar: meu sorriso não parava de crescer, até eu correr o risco de parecer uma versão tresloucada do gato de Alice. Também não pude deixar de notar que ele ficou mais do que um pouco satisfeito com minha reação.

Percorridos mais alguns quilômetros, puxei o assunto outra vez:

– Mas e se nunca descobirmos o que de fato aconteceu? Se nunca encontrarmos as respostas? O que vamos fazer?

Jimmy se manteve em silêncio por um longo tempo.

– Bem – disse por fim –, você se lembra bem dos seus primeiros dezoito anos de vida, não é?

– Lembro. Até a noite do acidente.

– Então, no panorama geral, só estamos falando de termos inexplicavelmente... *perdido*... uma pequena parte do seu passado. Acho que o que você precisa se perguntar é quanto tempo e energia quer gastar olhando para trás. – A voz dele mudou, o timbre ficando mais suave e baixo: – A mim, pessoalmente, o seu passado interessa menos do que o seu futuro.

E foram essas palavras que fiquei repassando na cabeça durante o resto da viagem para casa.



Os olhos do meu pai se iluminaram quando surgiu à porta com as caixas e uma mala cheia dos meus pertences.

– Você não se importa se eu ficar aqui um pouco mais de tempo, não é? – perguntei, ao entrar em casa.

Na verdade, uma pergunta desnecessária, mas até eu fiquei surpresa de ver os olhos dele marejarem com o pedido.

– Você está se sentindo bem, pai?

Ele esfregou os olhos.

– Só estou meio resfriado, acho – murmurou, inclinando-se para pegar as caixas. – Vou levá-las para cima. Claro que não me importo. Fique o tempo que quiser.

Observei-o subir a escada, de repente tomada de amor pelo único genitor que eu havia conhecido, sentindo também uma imensa gratidão por ele estar tão bem de saúde. Talvez tivesse sido a conversa com Joe sobre a doença de sua mulher que de repente me fazia ver que a vida aqui era, em muitos sentidos, bem melhor do que aquela de que eu me lembrava. À exceção do infeliz incidente com Matt. Mas talvez nem isso acabasse sendo tão ruim. Melhor saber que ele não conseguiria ser fiel e dar o fora antes de cometer o erro de me casar com ele.



No dia seguinte, enfim atendi um de seus muitos telefonemas. Foi necessário: ele não parava de ligar para o meu celular e para o telefone de casa, portanto não tive muita escolha. Não foi uma conversa afável e falei coisas das quais não me orgulho muito. Não que ele não merecesse, só que eu esperava que pudéssemos pelo menos manter a educação. Mas qualquer conversa que termina com uma pessoa gritando para a outra “Tenha uma boa vida!” não pode ser considerada um êxito.

Os dias que se seguiram deveriam ter sido bem agradáveis. O Natal se aproximava e, embora eu não sentisse o entusiasmo de sempre pelas festas de fim de ano, procurei fingir pelo bem do meu pai. Não que eu ache que tenha conseguido enganá-lo, quando minha primeira

pergunta ao voltar para casa de uma caminhada ou uma ida ao supermercado era sempre: “Alguém passou aqui ou telefonou enquanto eu estava fora?”

Acho que ele imaginava que eu estava esperando notícias de Matt, e não me dei ao trabalho de desfazer o engano. Mas não era a falta de contato com meu ex-noivo que me incomodava: era não ter notícias de Jimmy. Pelas coisas que disséramos recentemente, eu achara... bem, na verdade, *esperara* que ele fosse uma visita frequente em nossa casa, mas não o via nem tinha notícias dele desde que voltáramos de Londres.

Claro que ele podia apenas estar ocupado, mas, *sério*, quanto tempo se leva para pegar o telefone e fazer uma ligação? Será que ele já estava se arrependendo de ter passado tanto de seu tempo livre comigo? Ou mais uma vez eu havia confundido as palavras e atitudes de um amigo próximo com algo bem diferente?

Para preencher as horas, eu me esforçava em me manter ocupada todos os dias, descobrindo que o cansaço físico me dava menos tempo de ficar remoendo os pensamentos. Assim, reorganizei meu antigo quarto. Duas vezes. E até limpei a casa a um nível de perfeição nunca visto. Também comecei a preparar pratos gastronômicos, uma ocupação ambígua, pois eu nunca havia cozinhado nada na vida. À medida que criava prato após prato de alimentos em graus variados de comestibilidade, eu via a pergunta nos olhos do meu pai, embora ele jamais lhe desse voz. Mas ele tinha razão. O que eu estava fazendo, preparando comida suficiente para alimentar um exército quando só seríamos nós dois no Natal?

Toda noite, eu caía na cama totalmente destruída, esperando estar exausta o bastante para poder ignorar tanto o silêncio de Jimmy quanto a recorrência dos sonhos estranhos e das alucinações noturnas que haviam voltado a me assombrar.



Algumas noites antes do Natal, meu pai surgiu na sala arrastando um pinheiro enorme.

Ergui os olhos de meu lugar junto à lareira, onde vinha fazendo progresso, lento porém constante, com a gata arredia de meu pai. Pelo menos agora ela tolerava que eu a tocasse cinco segundos por vez, antes de sair numa fuga desembestada.

– Pensei que não fôssemos ter árvore este ano...

– Eu sei – disse ele, esforçando-se para arrastar pelo tapete a aspirante a sequoia gigante.

– Mas achei que um pouco de animação por aqui não seria má ideia. Vai tornar a casa agradável e festiva.

Apressei-me em abrir espaço num canto, evitando os galhos, que pareciam afiados o bastante para arrancar um olho ou dois, se não tivéssemos cuidado. Na verdade, a árvore era tão grande que os galhos superiores se curvavam no teto, e era tão larga quanto alta.

– Você não conseguiu achar uma maior? – brinquei.

– Parecia bem menor no centro de jardinagem – explicou meu pai.

– Deixe o pobre do seu pai em paz. Você devia tê-lo visto arrastando a árvore morro

acima.

Virei-me tão depressa que estalei o pescoço. Ocupada em examinar a árvore, eu não vi Jimmy entrar na sala.

– Obrigado pela carona, rapaz – disse meu pai. – Eu devia ter ido de carro.

– De nada – respondeu Jimmy, as palavras dirigidas ao meu pai, mas os olhos grudados em mim.

Houve um longo instante de silêncio, que foi quase incômodo.

– Alguém aceita um chá? – ofereceu meu pai, já se afastando para prepará-lo.

Esperei ficarmos sozinhos antes de dizer:

– Olá, sumido. Eu já estava me perguntando se nos veríamos de novo.

Ele teve a elegância de parecer constrangido.

– Desculpe por eu não ter entrado em contato. Recebi suas mensagens. Queria telefonar, mas...

A voz dele falhou.

– Estava ocupado. Eu entendo.

– Não. Não é isso. É que...

Aquilo estava ficando cansativo. Algum dia ele terminaria suas frases?

– Bela árvore – comentou, estudando-a com injustificada concentração.

Se eu já não o conhecesse, acharia que ele estava nervoso. Mas não conseguia imaginar por quê.

Quando meu pai nos serviu o chá, aproveitei a oportunidade para analisar Jimmy. Parecia que eu não era a única que não vinha dormindo bem, a julgar pelas manchas escuras embaixo de seus olhos.

– Vocês têm enfeites para a árvore? – perguntou ele, depois de esvaziar a xícara.

– Você está se oferecendo para nos ajudar?

– Ah, não – interveio meu pai. – Já fiz a minha parte em relação a essa árvore. Vocês dois podem assumi-la a partir de agora.

Levantei-me.

– Vou pegar a caixa. Ainda está no sótão, não está?

Eu esperava que um deles, ou ambos, fosse se levantar e se oferecer para buscar a caixa de enfeites para mim, mas, estranhamente, quando parecia que meu pai estava prestes a fazer isso, Jimmy o deteve com um olhar sugestivo, que decerto não era para eu ter visto. Mas vi.

– Você consegue pegar sozinha, não é? – perguntou Jimmy.

– Claro – respondi, retirando-me da sala.

Não percebi que estava resmungando ao puxar a escada e começar a abri-la, até ver Kizzy me observando do alto da balaustrada.

– E você é igualmente terrível – falei para a gata desdenhosa, que saiu de onde estava numa corrida indignada.

Jimmy sem dúvida quisera se livrar de mim, para poder falar a sós com meu pai. Devia

estar contando a ele sobre a minha teoria ligeiramente excêntrica. Mostrando que Rachel ainda se achava longe de estar bem. Que ótimo. Meu pai havia acabado de voltar a me tratar de modo normal, acreditando que a minha “amnésia” talvez se curasse logo, mas, se Jimmy lhe contasse tudo o que eu dissera no carro aquele dia, seria um enorme retrocesso.

Fiquei furiosa e me senti traída. Embora nunca tivesse chegado a dizer a Jimmy que não queria que meu pai soubesse o que eu pensava, era de se imaginar que ele me conhecesse o bastante para entender que aquelas informações eram apenas para seus ouvidos.

Para variar, levei muito mais tempo do que deveria para encontrar a maldita caixa de enfeites e, quando enfim a localizei e guardei a escada, qualquer conversa que Jimmy e meu pai tivessem travado já havia chegado ao fim.

E, se eu precisasse de mais alguma prova de que algo estranho estava acontecendo, quando voltei para a sala os dois estavam absortos numa pseudoconversa sobre futebol, assunto que não interessava a nenhum deles.

Assim que comecei a arrancar a fita adesiva que mantinha a caixa fechada, meu pai se levantou e deu um bocejo exagerado.

– Acho que vou me deitar.

Perplexa, consultei o relógio sobre a lareira.

– Não são nem nove horas!

Aquilo era rubor em seu rosto, ou ele estava simplesmente com calor por causa do fogo da lareira?

– Não? Ah, não importa. Não faz mal nenhum dormir cedo de vez em quando. Boa noite, Rachel. Até logo, Jimmy.

Esperei até ouvir todos os estalos da escada antes de me virar, irritada, para Jimmy:

– Eu sei o que vocês conversaram quando saí da sala!

E foi então que tudo ficou estranho, porque, em vez de responder, Jimmy apenas se mostrou inusitadamente pouco à vontade, e seria aquilo... sim, era... a cor em seu rosto também estava mais intensa. Cheguei a voltar os olhos para o fogo que ardia na lareira. Ou estava *mesmo* quente ali dentro, ou estava acontecendo algo muito suspeito.

– Você contou a ele, não foi? – prossegui quando me pareceu pouco provável que Jimmy diria alguma coisa em defesa própria. – Você contou a ele o que eu acho que aconteceu comigo?

O alívio tomou conta de seu rosto com a mesma rapidez com que o rubor havia aparecido.

– É isso que você acha? Não, claro que não contei. Nunca faria isso.

Ele foi tão sério em sua negativa que logo entendi que estava dizendo a verdade.

– Então por que me mandou para fora da sala?

Os olhos dele oscilaram, traindo seu desconforto, mas a voz era tranquila ao responder:

– Ninguém mandou você para fora da sala. Você foi pegar os enfeites.

Lancei a ele meu olhar mais fulminante, que eu tinha certeza de que ele se lembrava do nosso passado. Era o olhar que eu lhe lançava sempre que ficava insatisfeita com alguma

coisa que ele dizia. Mas Jimmy não se deixaria dobrar:

– Vamos começar. A árvore é grande, e não temos a noite toda.

É impossível ficar de mau humor quando se está enfeitando uma árvore de Natal. Tem alguma coisa nas luzinhas piscando e no brilho dos frágeis enfeites de vidro, refletindo a luz do fogo, que simplesmente nos arranca qualquer sentimento negativo, por mais que tentemos nos agarrar a eles.

A pedido de Jimmy, eu havia até botado para tocar baixinho um CD de músicas natalinas da coleção do meu pai, enquanto trabalhávamos juntos, a maior parte do tempo em silêncio, decorando a árvore. Era uma cena gostosa, cheia de companheirismo: nossas cabeças inclinadas sobre a caixa de enfeites, às vezes os dedos se tocando quando ambos escolhíamos a mesma peça, na mesma hora. Ou tínhamos o mesmo gosto em enfeites espalhafatosos ou isso era mais uma mostra de como estávamos em sintonia.

A árvore estava começando a ficar bonita. Não havia nada de refinado ou sutil nela. Tratava-se de uma árvore ao estilo de Las Vegas! Só faltava o ouropel para terminá-la. Tendo cuidado com as agulhas do pinheiro, meti-me atrás do tronco e pedi a Jimmy que me passasse o comprido cordão decorativo, para eu entrelaçá-lo nos ramos. Estendi o braço por entre a folhagem, esperando receber o enfeite. Mas, em vez de me passar o ouropel, Jimmy roçou a ponta de seus dedos nos meus.

– Não aguento mais.

Sua voz parecia quase desesperada, como se as palavras tivessem sido arrancadas dele contra sua vontade.

Os galhos da árvore me impediam de vê-lo, por isso não dirigi a voz a nenhum lugar específico:

– Não tem problema. Já está quase acabado. Posso terminar sozinha.

– Não estou falando da droga da árvore!

Dessa vez, não tive dúvida: havia verdadeira angústia em sua voz.

Tentei sair de trás dos galhos que me aprisionavam, mas me detive quando ele acrescentou:

– Estou falando de nós. De você e de mim. Da nossa amizade.

Senti o coração gelar. Todo o medo que eu já havia sentido na vida se cristalizou naquele momento. Era tão devastador ouvir aquilo agora como aos 5 anos. Jimmy não queria mais ser meu amigo. De repente, eu já não tinha nenhuma pressa em deixar a proteção da árvore. Ele não deveria ver o efeito que suas palavras tiveram sobre mim. Eu havia provocado aquilo. Havia negligenciado algo precioso durante muito tempo, depois me apoiara nele mais do que deveria. Merecia o que quer que estivesse para acontecer.

– Eu entendo – respondi, numa voz que já começava a tremer. – Você não quer mais ser meu amigo, eu entendo.

Ele soltou um ruído que era quase um gemido.

– Não é isso. Quer dizer, talvez seja, em parte. Eu quero, *sim*, deixar de ser seu amigo... –

Era a coisa mais terrível que eu já tinha ouvido, até ele continuar: – ... mas só porque quero ser muito mais do que isso.

Ele segurou minha mão, que, distraída, eu ainda mantinha estendida entre os galhos.

– E você precisava esperar até eu estar presa atrás de uma árvore de Natal para me dizer isso? – perguntei, ainda aturdida demais para assimilar suas palavras.

De repente, os galhos se afastaram num movimento rápido, e fitei o homem que acabava de mudar toda a minha ideia do futuro.

– Eu precisava me certificar de que você não fugiria – disse ele, puxando-me com cuidado.

– É a última coisa que me passa pela cabeça – garanti-lhe. – Aliás...

Mas não cheguei a terminar a frase, porque a cabeça dele já se aproximava da minha, e suas mãos me puxavam contra seu corpo. Numa mistura perfeita, as curvas suaves do meu corpo se ajustaram à firmeza do corpo dele. Duas metades complementando-se: era como se nada no mundo jamais tivesse sido certo até aquele único instante perfeito. Trêmula, eu sentia o coração acelerado dele ecoando contra o meu. Olhei dentro de seus olhos e encontrei ali tudo o que vinha procurando e uma manifestação de amor tão patente que arrancou o que me restava de ar. Então sua boca encontrou a minha, e me apaixonei ainda mais pelo homem a quem sempre havia sido destinada.



O fogo abrandou bem antes da nossa paixão. Ficamos deitados no velho sofá desbotado, as pernas entrelaçadas, os corpos em contato onde era possível. Abaixo da minha cabeça, eu ouvia o reconfortante batimento do coração dele, enquanto seus dedos traçavam círculos na minha nuca. Nunca na vida eu tivera um momento de tanta satisfação.

Tentei me sentar, mas os braços fortes dele não me soltavam.

– Não se mexa – pediu Jimmy, cobrindo minha boca com a sua, para garantir que por mais alguns minutos qualquer outro movimento fosse impossível.

Eu estava um pouco arfante quando enfim nos afastamos.

– Jimmy, podemos conversar?

Os olhos azuis dele se ensombreceram por um instante.

– Prefiro fazer isso – sugeriu ele, puxando-me até eu estar totalmente deitada sobre seu corpo.

Minha nova posição não ajudava em nada minha concentração, e mais alguns minutos se passaram enquanto eu cedia à paixão desenfreada que corria em nossas veias.

– Chega! – falei, sentando-me tão abruptamente que teria caído do sofá se ele não tivesse me segurado.

Ele deve ter notado minha determinação, porque se ergueu, relutante, das almofadas e pôs os pés no chão, o que me permitiu me acomodar a seu lado. Era visível o esforço, tanto físico

quanto emocional, que lhe custara se separar de mim, e senti uma grande agitação interior por saber que ele me queria tanto assim.

– Você tem cinco minutos – avisou ele –, antes de eu começar a beijá-la de novo. Por isso é melhor falar rápido.

As palavras e a proximidade dele aceleravam meus batimentos cardíacos. Eu poderia muito bem levar todo o tempo que me fora concedido para conseguir dizer uma única frase. Mas havia de fato perguntas que eu precisava fazer.

– Isto... entre nós... Eu estou confusa... Achei que você não...

Ah, meu Deus, ele havia me roubado a arte da fala coerente.

– Achou que eu o quê? – perguntou ele, segurando minha mão, entrelaçando nossos dedos.

– Que você não me quisesse... bem, não *desse* jeito.

Minhas palavras deviam ser tão inusitadas que apagaram o sorriso amoroso em seu rosto, substituindo-o por uma expressão de incredulidade.

– Por que você pensaria uma coisa dessas?

– Bem, depois do que aconteceu no hotel...

Minha voz falhou.

Em seus olhos, vi que ele começava a compreender.

– Aquela noite, você deixou muito claro que não me queria.

Minha voz soava apressada, a lembrança e o constrangimento ainda recentes.

– Foi isso que você pensou? – Ele passou a mão distraidamente pelo cabelo. – Naquela noite, eu queria tanto você que mal conseguia respirar. Você não faz ideia de como foi difícil para mim sair do seu quarto.

– Então por que saiu?

Ele me puxou, aconchegando-me ao seu peito, minha cabeça contra seu pescoço. Sua respiração suave roçava minha testa enquanto ele falava:

– Porque teria sido errado eu me aproveitar de você. Provavelmente ainda é.

Comecei a objetar, mas ele me calou com um dedo sobre meus lábios.

– Você estava muito confusa naquela noite, nada fazia sentido, e você precisava de mim como amigo, não como amante. Além disso, você ainda estava noiva de Matt.

Minhas últimas incertezas começaram a ruir à medida que ele falava. A força do que ele sentia por mim ficava ainda mais evidente por ele ter deixado a minha cama naquela noite, em vez de permanecer. Sarah tinha razão: Jimmy jamais teria me rejeitado, a menos que realmente achasse que estava fazendo a coisa certa.

– Em relação a Matt... – comecei, e ele soltou um gemido baixo.

– A gente precisa falar dele?

Pousei os olhos nele, para que todo o amor que eu sentia brilhasse por eles como um farol, revelando que não havia nada que eu pudesse dizer que o magoaria.

– Só quero dizer que agora entendo por que você estava se refreando. E sei que você acha que ainda preciso de tempo para me recuperar do rompimento com ele, mas não preciso.

Ele se mostrava hesitante.

– Para mim, é como se Matt e eu tivéssemos terminado cinco anos atrás. O difícil foi me descobrir noiva dele agora, não perdê-lo.

Consultei o relógio na lareira.

– Tudo bem, meus cinco minutos se esgotaram.

Inclinei-me para beijar sua boca, mas dessa vez foi ele que se afastou.

– Antes de eu me perder definitivamente aqui, posso dizer uma coisa, Rachel?

Ele estava tão sério que de repente senti medo do que ouviria.

– Esta noite. Nós dois. Nada disso é irrefletido. Preciso que você saiba disso. O que eu sinto por você... Eu devia ter contado há muito tempo. Aliás, quase contei.

De repente, todas as peças se encaixavam.

– Eu sabia que você estava com Matt, mas prometi a mim mesmo que, antes de irmos para a universidade, eu contaria a você o que sentia, o que sempre senti. Até combinamos de nos encontrar, mas foi na noite...

– ... do acidente – concluí.

– E depois disso parecia que o momento certo para dizer nunca chegava. Então, depois da universidade, vocês dois ainda estavam juntos, e deduzi que tinha perdido minha chance.

Partiu meu coração pensar no sofrimento dele durante todos aqueles anos me vendo com outra pessoa, sem nunca poder dizer nada. Mesmo se eu vivesse cem anos, jamais conseguiria compensar o que havia feito.

– Obrigada por me esperar – murmurei.

O sorriso dele foi tudo de que eu precisava.

– Foi um prazer.

O fogo estalava baixo na lareira, as luzinhas piscavam na sala escura, mas não víamos nem ouvíamos nada. Apenas um ao outro.



Entendi que meu pai já devia imaginar o que havia se passado entre mim e Jimmy pelo sorriso bobo que ele trazia no rosto ao me cumprimentar na cozinha, na manhã seguinte.

– Você parece feliz – foi sua primeira observação.

Aparentemente, tínhamos o mesmo sorriso.

– A que horas Jimmy foi embora ontem?

Meu Deus, ele não era nem um pouco sutil.

– Tarde – respondi, aceitando a xícara de café que ele me estendia. – Você sabe, não sabe?

Ele assentiu.

– Jimmy me disse que queria contar a você o que ele sentia.

Então era sobre isso que os dois tinham conversado quando deixei a sala!

– Ele pediu mesmo sua *permissão*? – indaguei, pasma com o inusitado elemento do século

XIX da situação.

– Não. Minha permissão, não. Só queria saber se eu achava que você já estava pronta para ouvir o que ele tinha a dizer, se você já estava forte o bastante, ou se eu achava que você precisava de mais tempo.

– E o que você disse? – perguntei.

– Que ele já tinha desperdiçado os últimos vinte anos e que não deveria perder mais nem um segundo.

– Não sei se eu estaria pronta para ouvir isso aos 3 anos de idade.

– E agora está?

Ele precisava mesmo perguntar? Não estava escrito na minha cara?

– Agora está tudo perfeito.

Eu não sabia, mas as coisas ainda melhorariam.



Missa de Natal. Havia anos eu não comparecia, mas de repente me pareceu que eu tinha muito o que agradecer. Embora Jimmy estivesse trabalhando no turno da noite, terminaria a tempo de nos acompanhar.

Eu estava sentada à janela da sala, contemplando os macios flocos de neve que caíam na rua e na calçada, à espera dele. Diante dos meus olhos, a rua conhecida se transformava na cena idílica de um cartão natalino. Sorri ao notar que mesmo o que era comum ganhava um manto branco de beleza.

Eu vinha sorrindo muito nos últimos dias. Todo minuto passado com Jimmy me enchia de tanta alegria e felicidade que ele parecia ser mais necessário à minha existência do que o ar que eu respirava. Todo minuto em sua ausência eu passava pensando nele ou esperando sua familiar batida à porta.

Seria uma filha insuportável, toda sorrisos e olhares lânguidos, se meu pai não estivesse tão manifestamente satisfeito com os acontecimentos. Ele até persistia em sua missão de nos dar o máximo possível de tempo a sós, retirando-se para a cama cada vez mais cedo. Crianças de 6 anos ficavam acordadas até mais tarde do que ele naqueles dias.

Meu pai entrou na sala, já vestido para o frio, com sobretudo pesado e chapéu.

– Ele chegou?

– Deve estar chegando – respondi, sem notar a serenidade da minha voz, o que fez abrir um sorriso no rosto do meu pai.

Faróis iluminaram os flocos de neve que caíam na rua: o carro de Jimmy dobrou a curva e parou ao lado da casa. Peguei o casaco na cadeira e corri para a porta, o coração já acelerado. Era como ser adolescente de novo.

Enquanto ele saltava do carro, permaneci no vão da porta, alheia à neve que caía sobre mim. A intensidade do meu sentimento havia me tomado de surpresa. Como nos conhecíamos

desde sempre, eu tinha imaginado que nossa relação seria um fogo mais brando, não a combustão violenta pela qual ambos ansiávamos em nos deixar consumir.

– Você está parecendo uma rainha da neve – murmurou ele, ao se aproximar, tirando com um beijo os flocos de cristal do meu rosto. – E não botou o casaco! – repreendeu-me, notando que eu ainda o trazia na mão. – Vai ficar com frio.

– Com você aqui, não – garanti-lhe, mas enfiei os braços no casaco, que ele havia pegado e agora abria para mim. Gostei particularmente do jeito como enrolou o longo cachecol no meu pescoço, a fim de me puxar para um beijo demorado.

– Arrã... – ouvimos, atrás de nós. Separamo-nos, sem culpa, mas com evidente relutância. – Espero que vocês consigam se comportar na igreja – advertiu meu pai.

– Vamos fazer o possível, Tony – prometeu Jimmy.

– Não se preocupe, pai – tranquilizei-o, passando o braço por baixo do seu ao avançarmos para o carro de Jimmy. – Não vou envergonhá-lo na frente do vigário.

A entrada da igreja estava cheia de vidros com velas. A porta se achava aberta, e lá dentro o coro cantava uma cantiga conhecida para receber a grande congregação. Detive-me por um instante, assimilando aquilo tudo: a torre da igreja coberta de neve, o brilho das velas, a música e, evidentemente, o homem ao meu lado.

– Que coisa linda! – exclamei, maravilhada.

Os olhos de Jimmy ignoravam tudo à nossa volta, concentrados em mim.

– Que coisa linda – repetiu ele.

A missa foi muito emocionante. Até chorei durante a leitura feita pelas crianças da escola do bairro. E, quando fui sorrateiramente procurar um lenço de papel na bolsa, Jimmy já estendia um para mim. Enxuguei os olhos, sem nenhuma vergonha da emoção que não conseguia conter. Lágrimas de felicidade não são motivo de constrangimento.

Ao sairmos da igreja, Jimmy me puxou para o lado, me tirando do caminho da congregação, que voltava para seus carros, fugindo da neve. Meu pai havia encontrado um velho amigo dentro da igreja, e só nos demos conta de que não estava atrás de nós quando já estávamos lá fora.

A temperatura havia caído durante a missa e, apesar do casaco e do cachecol, eu tremia muito. Jimmy me abraçou, puxando-me contra seu corpo, sussurrando de maneira provocadora:

– Acho que isso não tem problema, desde que a gente diga que era só para manter você aquecida.

Não sei se foi a ausência de uma resposta ou o enrijecimento do meu corpo que o alertou de que algo estava errado. Da minha posição, eu agora via o cemitério. De repente, fui tomada pela lembrança terrível de estar parada ao lado da sepultura dele, uma lembrança tão forte e real que, por um instante, esqueci que ele estava ali, bastante vivo.

Jimmy me afastou, viu o sofrimento que havia em meu rosto e, intrigado, virou-se para procurar o que eu tinha visto que tanto me abalara.

Ele foi intuitivo o bastante para entender exatamente o que eu estava pensando, olhando de maneira fixa para o cemitério.

– Foi ali que...?

Assenti em silêncio.

Ele voltou os olhos para a porta da igreja e viu que meu pai ainda não havia saído. Pegou minha mão, apertando-a de leve.

– Venha.

Meus pés se mantiveram plantados onde estavam, o que o fez parar.

– Você está falando sério?

Havia amor e compreensão em seus olhos.

– Você precisa ver.

Estremeci.

– Já visitei a sua sepultura uma vez, não é algo que eu queira ver de novo.

Mas, como sempre, era difícil resistir à sua paciente insistência.

– Não tem nada lá, Rachel. Vamos ver.

Não era uma longa distância até o cemitério, mas o bastante para eu poder imaginar toda sorte de consequências terríveis. A pior de todas era a possibilidade de chegar ao local e encontrar de fato a sepultura. O homem ao meu lado desapareceria? Senti um calafrio que não tinha nada a ver com o clima. Não seria a perfeita história de horror natalina?

Era impossível ignorar que cada passo sobre o gramado do cemitério me levava mais para o perigo.

– Onde ficava? – perguntou Jimmy, possivelmente a única pessoa no mundo a pedir as coordenadas de sua própria sepultura.

– Ali – respondi, apontando com o dedo trêmulo. – Depois daquela série de lápides.

Ele me conduziu com cuidado, mas determinação, na direção que eu havia indicado. À medida que avançávamos, eu via as inscrições conhecidas das lápides à nossa volta. Não deveria saber o que diziam, mas me lembrava claramente de cada uma delas: *Querido marido, Amada avó, Muito amado pai.*

Meus pés se arrastavam quando me aproximei do local onde o homem que eu amava havia sido enterrado, depois de dar sua vida para salvar a minha.

A mão de Jimmy segurava a minha com firmeza, quando, hesitante, ergui os olhos. Por um instante, eu vi. A reluzente lápide de mármore branco foi, naquele momento, tão real que eu tive a sensação de quase poder tocá-la. Pisquei os olhos então e não vi nada além de uma área de gramado vazia.

– Então era aqui – disse Jimmy, a voz estranhamente humilde.

Assenti, mais próxima das lágrimas do que havia notado, quando, de repente, todo o sofrimento daquela noite ameaçou me dominar.

– O epitáfio era tão triste! – sussurrei. – *Partiu cedo demais aos 18 anos. Filho querido e amigo leal. Nosso amor por você viverá para sempre.*

Eu não tinha me dado conta de que as palavras haviam ficado gravadas em minha mente, tanto quanto no mármore.

– Foi horrível, parecia que o meu coração ia arrebentar, parada ali, sentindo sua falta, amando você... Eu desabei no chão, ao seu lado.

Ele se aproximou de mim depressa e, por um instante, achei que estivesse reconstituindo minha lembrança ao cair de joelhos, como eu havia caído antes. Então me dei conta de que ele não estava apoiado em *ambos* os joelhos... apenas em *um*.

Ele ainda segurava minha mão.

A neve flutuava à nossa volta, em redemoinhos mágicos. Jimmy mostrava no rosto uma expressão de que eu me lembraria para o resto da vida.

– Rachel – começou ele, a voz não totalmente firme.

– Ah, meu Deus – balbuciei.

– Quer se casar comigo?

A lembrança terrível daquele lugar se desintegrou sob o poder do amor dele, salvando-me outra vez.

– Eu não acredito – falei, minha voz um misto de riso e lágrimas – que um dia vou contar aos nossos netos que o avô deles me pediu em casamento num cemitério!

Se havia um átimo de incerteza em seus olhos, minhas palavras o afastaram no mesmo instante.

– Isso é um “sim”?

Ajoelhei-me no chão gelado e sussurrei contra seus lábios:

– Claro que sim!

CAPÍTULO 13

Seis semanas depois

Desci a escada devagar, com cuidado, segurando a bainha do longo vestido marfim.

Meu pai esperava no pé da escada, esforçando-se para manter o sorriso.

Quando estendeu a mão para mim, uma única lágrima lhe escapou e escorreu como um diamante perdido pelo seu rosto.

– Sua mãe devia estar aqui para ver isso. Ela ficaria tão orgulhosa de você...

Beijei-o, sentindo o perfume conhecido de sua loção pós-barba.

– Pare, papai. Senão você vai me fazer chorar e estragar todo o trabalho de Sarah.

Corri os olhos pela sala. Lá de cima, parecia que havia pelo menos cem pessoas ali.

– Todo mundo já foi?

Ele estudou a casa vazia.

– Já, querida. Só ficamos você e eu. O carro está nos esperando.

Respirei fundo. A hora havia chegado.

– Nervosa? – perguntou meu pai, me passando o buquê de rosas vermelhas naturais que o florista havia entregado.

Balancei a cabeça, com um sorriso.

– Só animada.

Ele segurou minha mão novamente e me conduziu para a porta.

– É hora de ir, Rachel.



O noivado de seis semanas havia sido engolido pelos preparativos do casamento. Imaginei que haveria olhares curiosos para a minha barriga, para ver se isso explicaria nossa pressa. As pessoas estariam enganadas, claro, mas essa seria uma explicação mais fácil do que a verdade. Como elas reagiriam se tivessem ouvido minha conversa com Jimmy sobre o assunto?

– Não quero esperar – ele havia admitido, apenas alguns dias depois do Natal. – Já esperei tempo de mais por você.

As palavras dele me encheram de alegria, mas eu ainda tinha uma preocupação.

– Sei que você acha bobagem – comecei –, mas preciso dizer isso e depois prometo que

não toco mais no assunto.

Ele assentiu. Imaginei que soubesse o que eu iria dizer.

– Isso que aconteceu comigo... o que quer que tenha sido... acho que começou quando machuquei a cabeça naquele acidente de carro e depois virou uma loucura completa, com o assalto e outro ferimento...

– Continue – pediu ele, quando franzi a testa, tentando formular o que queria dizer.

– E se acontecer alguma coisa comigo de novo? E se eu *voltar* de alguma maneira? E se acontecer alguma coisa e tudo mudar de novo?

Ele me puxou, beijando-me devagar, como se tentasse afastar aquela ideia ridícula.

– Nada assim vai acontecer – prometeu. – Você não vai a lugar nenhum, não sem mim. Não vou deixar.

Era uma bela declaração, mas ele via que eu ainda estava perturbada.

– Não existe garantia de nada na vida, Rachel. Acidentes e doenças acontecem, não podemos fazer nada em relação a isso. Meu trabalho pode ser perigoso às vezes, e Deus sabe que você pode se meter em encrenca só ao se levantar da cama! Mas não podemos deixar isso reger nossa vida.

Ele tinha razão. Então os últimos dois meses não haviam me ensinado a importância de agarrar qualquer chance de felicidade?

– Mas, para garantir, acho que vou lhe dar um capacete como presente de casamento.

– Vai ficar lindo com o véu!

– O que *me* preocupa mais – disse ele, num tom de voz diferente – é que, de repente, a sua memória volte e você descubra que se casou com o homem errado. E se você se der conta de que era Matt mesmo que você queria?

Havia nos olhos dele uma vulnerabilidade que acho que eu nunca tinha visto.

– Então posso ficar curada da amnésia, mas me tornar totalmente idiota?

Ele tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos seus olhos.

– Acho que estamos ambos nos preocupando com coisas absurdas, que nunca vão acontecer.



O comprido carro prateado, decorado com fitas brancas, estava à espera no meio-fio. Alguns vizinhos assistiam da entrada de suas casas e jardins quando meu pai e eu deixamos a casa. Em algum lugar ali perto uma criança gritou, encantada, e alguém começou a bater palmas, o que se repetiu pela rua.

No banco traseiro do carro, meu pai estendeu a mão para afastar um longo fio de cabelo que cruzava o meu rosto.

– Minha filha linda – disse ele com um sorriso, no momento em que o carro se afastava da casa e começava a curta jornada até a igreja.

~

A enfermeira quase não fez barulho ao entrar no pequeno quarto. Ainda assim, sua entrada assustou o homem sentado ao lado da cama. Ele ergueu os olhos, preocupado, mas, vendo que ela estava sozinha, relaxou um pouco.

– Posso trazer alguma coisa para o senhor? – perguntou com gentileza, as mãos ocupadas esticando os lençóis da cama que nunca precisavam ser arrumados.

– Não, obrigado – respondeu ele educadamente.

Ela o olhou com simpatia. Parecia tão frágil e fraco, como se fosse ele quem devesse estar ocupando aquela cama. Não faltara um só dia, mantendo vigília ao lado da cama dela. Diziam que nem mesmo estava comparecendo ao seu tratamento. Para a equipe de enfermagem, aquilo era muito doloroso de ver. Todos se sentiam absolutamente inúteis.

A enfermeira foi até a coluna de aparelhos localizada ao lado da cama e levou a mão até um mostrador.

– Vou desligar isso aqui para o senhor, está bem? Pode ser um tanto irritante.

– Não, por favor – suplicou o homem, trêmulo. – Gosto de ouvi-lo. Quanto mais alto, melhor. Para mim, é uma prova de que ela ainda está entre nós.

A enfermeira engoliu em seco, apesar do nó na garganta, mas fez como ele pediu e aumentou o volume em vez de abaixá-lo.

O bipe alto e persistente do equipamento de suporte à vida encheu o quarto.

~

O carro seguiu até a entrada da igreja. Esperando no pórtico estava Sarah, resplandecente em seu vestido de madrinha de um vermelho profundo. Meu pai me ofereceu a mão para sair do carro. Sarah imediatamente começou a alisar vincos inexistentes em meu vestido. Olhei para minha amiga, ocupada aos meus pés, uma pergunta nos olhos.

Ela pegou a minha mão e a apertou.

– É claro que ele está aqui.

Dei um breve sorriso de puro alívio.

– Ele esperou a vida toda por este momento, Rachel. Onde mais estaria?

~

A enfermeira os deixou sozinhos, compreendendo que o homem queria cada último e precioso momento de privacidade. Lançou um olhar amoroso para a filha adorada deitada imóvel em seu leito de hospital. Não viu os tubos que a ligavam à máquina que a mantinha viva. Viu apenas sua filha única, ali perdida em um sono tão profundo do qual não podia ser acordada.

– Papai está aqui – murmurou suavemente, as lágrimas rolando mais uma vez.

Ele estendeu a mão e tocou o seu rosto, mal notando a antiga cicatriz branca em forma de relâmpago que ia da testa até a bochecha. Com dedos trêmulos, estendeu a mão para afastar um longo fio de cabelo que caíra no rosto dela.

– Minha filha linda...

Ele chorou, a voz entrecortada.

Dessa vez, a enfermeira bateu discretamente na porta antes de entrar.

– Eu só queria avisá-lo de que o Dr. Whittaker acabou de chegar. Daqui a dez minutos mais ou menos estará aqui.

– Tão rápido? – perguntou o homem, em pânico.

Tudo estava acontecendo muito depressa; restava pouco tempo.

Sozinho no quarto mais uma vez, ele pegou o pequeno frasco que mantinha na gaveta da mesa de cabeceira. Seus dedos tremiam enquanto tentava abrir a tampa e várias gotas caíram no travesseiro ao lado dela. Ele esfregou um pouco da característica loção pós-barba nas maçãs do rosto encovadas.

Havia muito tempo tinham lhe dito que talvez ela ainda pudesse ouvir e sentir o cheiro das coisas, mesmo das profundezas do coma. Assim, ele a usava sempre que estava ali, na esperança de que, de alguma forma, a fragrância antiga e familiar pudesse penetrar o véu e fazê-la saber que ele estava ali com ela. Que ela não estava sozinha.

– Você tem sido tão corajosa, meu amor – sussurrou perto de seu rosto. – Sei que não quer me deixar sozinho. Mas eu vou ficar bem.

Ele foi interrompido quando as lágrimas sufocaram suas palavras.

– Tenho muito orgulho de você – continuou, no momento em que a maçaneta da porta girou e silenciosamente o pequeno quarto começou a se encher de gente.



Paramos no saguão da igreja. Por trás das portas de madeira, podíamos perceber que o interior estava em silêncio. Os convidados esperavam, o pescoço se esticando na direção da porta, aguardando nossa chegada. Sarah colocou-se em seu lugar atrás de mim enquanto meu pai pegava meu braço e o entrelaçava ao dele. Ele se inclinou e beijou meu rosto, sua loção pós-barba e a fragrância do meu buquê se misturando em um aroma inebriante.

– Tenho muito orgulho de você.

– Amo você, pai – falei para ele, baixando o véu diáfano sobre o meu rosto.

Lá dentro da igreja o órgão começou um acorde familiar. Era a nossa deixa. As portas se abriram e demos início à nossa procissão pelo corredor.

Eu sabia que todos os olhares estavam em mim enquanto caminhávamos, mas eu não via ninguém. Apenas ele. Ele, que se encontrava de pé no altar, o corpo voltado em minha direção, esperando, como fizera por tanto tempo, como um príncipe em um conto de fadas. Seus olhos

estavam tão cheios de amor que me tiraram o fôlego.

Eu queria ir voando até ele; senti-me quase impulsionada por uma onda de amor vinda da pequena assembleia de parentes e amigos. Claro, eu estava feliz por eles estarem ali para fazer parte daquele dia conosco, mas as únicas pessoas que importavam de verdade eram aquelas de pé ao meu lado e atrás de mim, quando parei perto do homem com o qual eu iria partilhar o resto dos meus dias.



O Dr. Whittaker entrou no quarto acompanhado por dois outros médicos que ele nunca vira antes. A enfermeira entrou atrás deles.

– Bom dia, Sr. Wiltshire.

O homem não tinha voz para responder; apenas olhou para o médico com olhos vermelhos, inundados pelo sofrimento.

O médico aproximou-se do homem e pousou a mão consoladora em seu ombro. Lá fora, a sirene de uma ambulância soou, um ruído contínuo que o homem agora quase não notava.

– O senhor compreende o que vamos fazer hoje, Sr. Wiltshire? Tony?

O homem ergueu os olhos para o médico em desespero.

– Vocês têm certeza absoluta? Não existe nenhum sinal? Nada?

O médico balançou a cabeça com tristeza. Ele voltou-se para um dos colegas e falou em voz baixa:

– Os papéis estão todos em ordem?

O outro médico assentiu uma única vez.

– É que às vezes acho que ela pode ouvir o que está acontecendo – disse o homem. – E de vez em quando tenho certeza de que ela sabe que estou aqui. Acho que ela pode sentir o cheiro da minha loção pós-barba...

O Dr. Whittaker tornou a balançar a cabeça com tristeza. Ele ouvira a mesma coisa de tantas outras famílias arrasadas, que tentavam desesperadamente se agarrar à esperança quando toda a esperança já se fora.

– Ela me dá um frasco desses todo Natal desde que tinha 13 anos – explicou o homem à enfermeira, cuja postura profissional estava começando a desmoronar com as palavras dele. – Era nossa brincadeira particular...

A voz dele morreu.



Não me lembro da cerimônia. Tenho certeza de que foi linda. Ouvi vagamente os hinos, e acho que devo ter dito *sim* na hora certa, mas na verdade tudo ficou perdido para mim em uma névoa de sonho. Tudo o que eu podia lembrar de fato era a expressão nos olhos de Jimmy ao

deslizar o estreito aro de ouro em meu dedo e erguer o véu de meu rosto com delicadeza. Uma breve onda de vivas veio dos bancos atrás de nós quando ele reivindicou minha boca em um beijo terno.



– O senhor já se despediu? – perguntou o médico, com gentileza.

O homem assentiu, sem conseguir falar.

– Tem alguém aqui com o senhor? – perguntou o Dr. Whittaker, preocupado não com a paciente, por quem ele não podia fazer nada, mas com o pai.

– Não, não tem ninguém – disse o homem por fim. – Somos só nós dois. Ela é tudo o que tenho no mundo.

Atrás dos médicos, a enfermeira começou a chorar em silêncio.

O Dr. Whittaker dirigiu-se até a unidade que estava respirando por Rachel. Que vinha fazendo isso a cada dia desde que ela fora levada para o hospital cerca de dois meses antes.

– Até breve, minha querida menina – sussurrou o homem no ouvido da filha, no momento em que o médico atrás dele desligou o interruptor.

– Vai levar um momento – disse o médico baixinho.

O pai tomou a mão da filha na sua e apertou com força para que ela soubesse que ele estava com ela.



Nós nos viramos para atravessar o corredor de volta. Enfim reunidos. Juntos para sempre. Quando passávamos pela extremidade do banco em que meu pai estava sentado, ele estendeu a mão e pegou a minha, apertando com força. Olhei para ele e sorri. Segurei sua mão mesmo quando começamos a nos afastar, mantendo o contato até que apenas as pontas de nossos dedos se tocassem.



– Ela se foi – disse o médico em voz baixa no ouvido do homem, enquanto a máquina atrás deles confirmava o diagnóstico com um tom contínuo, longo e lamentoso.



Uma nota longa e contínua veio do órgão da igreja atrás de nós, antes de cair nos acordes cadenciados de uma das minhas canções de amor favoritas.

Quando nos aproximamos da entrada, os recepcionistas abriram as portas. Um atípico sol brilhante em fevereiro atravessou o portal, deslumbrando-nos com sua intensidade após a escuridão fria da igreja.

Jimmy e eu trocamos um olhar profundo e significativo antes de seguirmos juntos para a luz.

SOBRE A AUTORA

Dani Atkins nasceu e foi criada em Cockfosters, Londres. Somente quando seus dois filhos estavam crescidos e saíram de casa, ela decidiu se dedicar ao sonho de ser escritora.

Uma curva no tempo é seu primeiro romance.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Mar da tranquilidade

Katja Millay

Nastya Kashnikov foi privada daquilo que mais amava e perdeu sua voz e sua própria identidade. Agora, dois anos e meio depois, ela se muda para uma nova cidade, determinada a manter seu passado em segredo e a não deixar ninguém se aproximar.

Mas seus planos vão por água abaixo quando encontra um garoto que parece tão antissocial quanto ela. É como se Josh Bennett tivesse um campo de força ao seu redor. Ninguém se aproxima dele, e isso faz com que Nastya fique intrigada, inexplicavelmente atraída por ele.

A história de Josh não é segredo para ninguém. Todas as pessoas que ele amou foram arrancadas prematuramente de sua vida. Agora, aos 17 anos, não restou ninguém. Quando o seu nome é sinônimo de morte, é natural que todos lhe deixem em paz. Todos menos seu melhor amigo e Nastya, que aos poucos vai se introduzindo em todos os aspectos de sua vida.

À medida que a inegável atração entre os dois fica mais forte, Josh começa a questionar se

algum dia conhecerá os segredos que ela esconde – ou se é isso mesmo o que ele quer.

Eleito um dos melhores livros de 2013 pelo School Library Journal, *Mar da tranquilidade* é uma história rica e intensa, construída de forma magistral. Seus personagens parecem saltar do papel e, assim como na vida, ninguém é o que aparenta à primeira vista. Um livro bonito e poético sobre companheirismo, amizade e o milagre das segundas chances.



Uma longa jornada

Nicholas Sparks

Aos 91 anos, com problemas de saúde e sozinho no mundo, Ira Levinson sofre um terrível acidente de carro. Enquanto luta para se manter consciente, a imagem de Ruth, sua amada esposa que morreu há nove anos, surge diante dele.

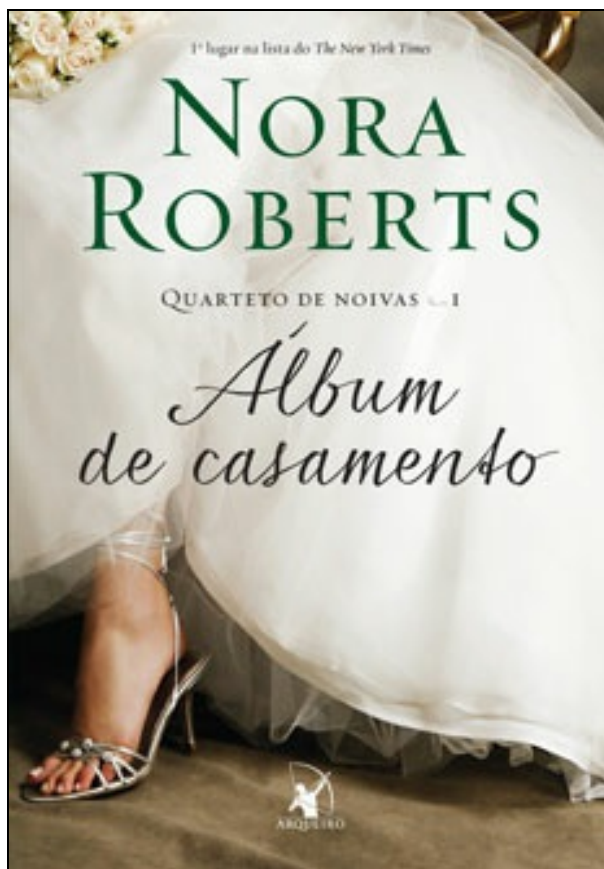
Mesmo sabendo que é impossível que ela esteja ali, Ira se agarra a isso e relembra diversos momentos de sua longa vida em comum: o dia em que se conheceram, o casamento, o amor dela pela arte, os dias sombrios da Segunda Guerra Mundial e seus efeitos sobre eles e suas famílias.

Perto dali, Sophia Danko, uma jovem estudante de história da arte, acompanha a melhor amiga a um rodeio. Lá, é assediada pelo ex-namorado e acaba sendo salva por Luke Collins, o caubói que acabou de vencer a competição.

Ele e Sophia começam a conversar e logo percebem como é fácil estarem juntos. Luke é completamente diferente dos rapazes privilegiados da faculdade. Ele não mede esforços para ajudar a mãe e salvar a fazenda da família. Aos poucos, Sophia começa a descobrir um novo mundo e percebe que Luke talvez tenha o poder de reescrever o futuro que ela havia planejado. Isso se o terrível segredo que ele guarda não puser tudo a perder.

Ira e Ruth. Luke e Sophia. Dois casais de gerações diferentes que o destino cuidará de

unir, mostrando que, para além do desespero, da dificuldade e da morte, a força do amor sempre nos guia nesta longa jornada que é a vida.



Álbum de casamento

Nora Roberts

Quarteto de Noivas - Livro 1

Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam fazer casamentos de mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a Votos, uma empresa de organização de casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma delas teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é especialista em captar os momentos de pura felicidade, mesmo que nunca os tenha experimentado em sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire, um colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz, ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de uma antiga quedinha por Mac, fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem como agir e o que falar. E mesmo assim ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é capaz de

criar suas próprias lembranças felizes.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)